

Itaytera

Número 31

Ano 1987

A Camões

Manoel Bandeira

Quando n' alma pesas do tua raça
A névoa da apagada e vil tristura,
Busque ela sempre a glória que não passa
Em teu poema de heroísmo e de belezura.

Gênio purificado na desgraça,
Tu resumiste em ti toda a grandura:
Poeta e soldado... Em ti biltou sem jaça
O amor da grande pátria portuguesa.

E enquanto o fero canto ocore na montã
Da estirpe que em perigos sublimados
Plantou a cruz em cada continente,

Não morrerá sem poetas nem soldados
A língua em que cantaste rudimento
As armas e os barões assinalados.

HERCILIO PEIXOTO & CIA.

Retífica de Motores Pe. Cícero

AV. LEÃO SAMPAIO, S/N – Km 3 – CEP : 63.180

T E L E F O N E : 5 1 1 - 0 8 8 0

JUAZEIRO DO NORTE – CEARÁ



**VENDAS DE PEÇAS
ASSISTÊNCIA TÉCNICA
ATENDIMENTO DE GARANTIA**

E M C R A T O :

RUA TRISTÃO GONÇALVES Nº 43

T E L E F O N E : 5 2 1 - 2 4 2 1

ITAYTERA

Órgão do Instituto Cultural do Cariri

Presidente do ICC:

JOÃO LINDEMBERG DE AQUINO

Diretor de ITAYTERA:

JOÃO LINDEMBERG DE AQUINO

Redação:

Praça Juarez Távora Nº 950

CEP: 63.100 — CRATO - CEARÁ

Os artigos, estudos e conceitos aqui publicados são de responsabilidade dos autores.

Aceita-se permuta com publicações congêneres.

Os originais não serão devolvidos.

Diretoria do ICC

Período de Dezembro de 1985
a dezembro de 1987

Presidente:

JOÃO LINDEMBERG DE AQUINO

Vice Presidente:

JOSÉ HUBERTO TAVARES DE OLIVEIRA

Secretário Geral:

FRANCISCO HUBERTO E. CABRAL

Secretário:

JURANDY TEMÓTEO DE SOUZA

Tesoureiro:

ANTONIO CORREIA COELHO

Comissão da Revista ITAYTERA

JOÃO LINDEMBERG DE AQUINO
JOSÉ HUBERTO TAVARES DE OLIVEIRA
FRANCISCO HUBERTO E. CABRAL
JOSÉ PEIXOTO DE ALENCAR CORTÉZ

Comissão de Ciências, Letras e Artes
JÉFFERSON DE ALBUQUERQUE E SOUZA
PLÁCIDO CIDADE NUVEIS
FRANCISCO DE ASSIS BRITO
RAIMUNDO DE OLIVEIRA BORGES

Comissão de Sindicâncias

ELOI TELES DE MORAIS
JÓLIO DE ALENCAR ARARIPE
ANTÔNIO NIRSON MONTEIRO
PE. ANTÔNIO TEODÓSIO NUNES

Cadeiras do Instituto Cultural do Cariri

SECÇÃO DE LETRAS

- 1 - PATRONO - Pe. Dr. José Antonio Maria Ibiapina
OCUPANTE: João Lindemberg de Aquino
- 2 - PATRONO - Bruno de Menezes
OCUPANTE: Dr. Raimundo de Oliveira Borges
- 3 - PATRONO - José Alves de Figueiredo
OCUPANTE: Pe. Nerí Feitosa
- 4 - PATRONO - Alexandre Arraes de Alencar
OCUPANTE: Edméia Arraes de Alencar
- 5 - PATRONO - Mons. Pedro Esmeraldo da Silva
OCUPANTE: Vaga
- 6 - PATRONO - Dr. Irineu Nogueira Pinheiro
OCUPANTE: Pe. Antônio Gomes de Araujo
- 7 - PATRONO - Antônio Barbosa de Freitas
OCUPANTE: Vaga
- 8 - PATRONO - Álvaro Bomilcar da Cunha
OCUPANTE: Dr. José Newton Alves de Sousa
- 9 - PATRONO - Dom Francisco de Assis Pires
OCUPANTE: Prof. Rubens Gondim Lóssio
- 10 - PATRONO - Pe. Emlidio Leite Cabral
OCUPANTE: Thomé Cabral dos Santos
- 11 - PATRONO - Raimundo Gomes de Matos
OCUPANTE: Vaga
- 12 - PATRONO - Leandro Bezerra Monteiro
OCUPANTE: General Raimundo Teles Pinheiro
- 13 - PATRONO - Dr. Otacilio Macedo
OCUPANTE: Cláudio Martins
- 14 - PATRONO - Manoel Rodrigues Monteiro
OCUPANTE: F. S. Nascimento
- 15 - PATRONO - Dr. Leandro Chaves Ratisbona
OCUPANTE: Vaga
- 16 - PATRONO - Pe. Francisco Pitta
OCUPANTE: Aécio Feitosa
- 17 - PATRONO - João Brigido dos Santos
OCUPANTE: Nertan Macedo de Alcântara
- 18 - PATRONO - Raimundo Monte Arraes
OCUPANTE: Vaga
- 19 - PATRONO - José Alves de Figueiredo Filho
OCUPANTE: Mczart Soriano Aderaldo
- 20 - PATRONO - Senador José Martiniano de Alencar
OCUPANTE: Vaga

SECÇÃO DE CIÊNCIAS

- 1 - PATRONO - Dr. Barreto Sampaio
OCUPANTE: Dr. Napoleão Tavares Neves

EDITORIAL

Sai a lume o número 31 da revista ITAYTERA.

O esforço e o dinamismo da atual Diretoria se dirigiram, todos, no sentido de não permitir a interrupção da publicação desta Revista, que é uma tradição na vida cultural da cidade do Crato e da região. Vivemos época de dificuldades sem conta.

A própria Nação não encontrou, ainda, os seus definitivos caminhos.

O Estado vive problemas sem conta, que um jovem Governador, o Sr. Tasso Jereissati, tenta resolver.

Comércio e indústria — os meios empresariais — vivem instantes de expectativa, indecisão, apatia e recessão.

Tudo isso reflete no Instituto Cultural do Cariri, que vai conduzindo o seu barco em meio a essa procela.

Há 4 anos não temos recebido nenhum auxílio federal ou estadual.

Neste ano, a Prefeitura Municipal e a Câmara de Vereadores nos ajudaram com pequenas parcelas, para que ITAYTERA não deixasse de circular.

Temos contado, igualmente, com ajudas variadas, como da AGROVALE (e aproveitamos para agradecer a Herbert Aragão e João Grangeiro) — a do General Raimundo Teles Pinheiro, do Dr. José Newton Alves de Sousa e outros abnegados amigos que preferem ficar no anonimato, mas que acompanham a nossa atividade e estimulam a nossa obra. Mas não podemos deixar de mencionar o Dr. Rômulo Ayres Montenegro.

A Lei Sarney — de incentivos aos que investem na Cultura, não funcionou em Crato. Ninguém se habilitou, por esse meio, a nos ajudar. É uma pena.

Temos forte esperança no novo Secretário de Cultura do Estado, o poeta, escritor e deputado Barros Pinho.

É homem de imensa sensibilidade, idealista e voltado para a causa da Cultura. Esperamos, tão logo a situação do Estado se normalize, contar com a sua cooperação.

E temos fundadas esperanças na Universidade Regional do Cariri — a URCA — oficialmente instalada a 7 de Março de 1987, e que será uma nova clarinada de esperanças, para as cousas do espírito e da cultura em nosso meio.

Através da URCA, finalmente, Itaytera poderá ter a sua redenção e a garantia de sua sobrevivência.

No mais, é tocar adiante a difícil tarefa de executar os planos e metas do ICC, em meio a tantas vicissitudes, incompreensões e falta de apoio.

Mas temos fé. Muita fé. Isso é que nos tem impulsionado ano a ano.

CRATO LAMENTA A MORTE DE PEDRO GOMES DE MATOS

CRATO (J. Lindemberg de Aquino)

O falecimento do Dr. Pedro Gomes de Matos causou profunda lacuna nos meios intelectuais do Ceará, especialmente de Maranguape, onde viveu muitos anos.

Era um talentoso jornalista, intelectual e farmacêutico. Sócio do Instituto Cultural do Cariri, titular da Cadeira nº 11, tendo tomado posse em 6 de dezembro de 1970 — defende, ali, primoroso trabalho sobre Raimundo Gomes de Matos, seu irmão, o inolvidável advogado cearense, cujo centenário será comemorado em outubro próximo.

Pedro Gomes de Matos nascera em Crato a 12 de maio de 1909, filho de Pedro Gomes de Matos e Josefina de Matos. Casou-se a 18 de setembro de 1938 com Salaberga Torquato de Matos e desse casamento nasceram: Lúcia Maria, formada em Letras; Ângela Maria, Assistente Social; Ofélia Maria, formada em Pedagogia; Carmem Maria, professora; Maria das Graças, enfermeira; Raimundo, médico e Pedro Gomes de Matos Neto, jornalista.

Fez o curso de humanidades no Colégio S. João, de Fortaleza, matriculou-se em seguida na Faculdade de Farmácia e Odontologia do Ceará, formando-se em 18 de dezembro de 1948. Escolhido orador da turma, por sua privilegiada inteligência, discorreu sobre o Papel Social do Farmacêutico.

Mesmo quando Acadêmico, redatoriu a revista Polimatica, que só tratava de assuntos científicos. Formado, foi residir em Maranguape, onde teve farmácia e residiu mais de 30 anos. Foi Inspetor Escolar naquela cidade.

Colaborou em quase todos os jornais e revistas cearenses. É citado no dicionário de Raimundo de Menezes — Brasileiros de Ontem e de Hoje. Fez crítica literária no jornal O Estado de S. Paulo e no Jornal do Brasil.

Pedro Gomes de Matos foi, ainda, vereador em Maranguape, diretor do Ginásio Anchieta, dali, professor, e, sobretudo, um cidadão digno e prestimoso, zeloso pelas tradições culturais do Estado e da família.

São de sua lavra alguns trabalhos excelentes, como o Papel Social do Farmacêutico, Fitoterapia, um estudo sobre plantas que curam; Capistrano de Abreu, vida e obra do grande historiador — trabalho premiado em 1º lugar em concurso nacional, promovido pelo Congresso Nacional — Afro Tavares Campos, o homem e sua descendência; O ensino nos destinos da Nacionalidade; Maranguape, monografia

com aspectos históricos da cidade; Rodrigues de Andrade, trabalho lido na Escola de Farmácia e Bioquímica; Gomes de Matos, traços e episódios de sua vida; Cultural Brasileira e Desenvolvimento Nacional, etc.

Esse celebrado filho do Crato é citado em muitos livros de cultura e de pesquisa, editados pelo Brasil inteiro.

Homem simples, criou uma família exemplar e digna, que lhe honra o nome e lhe perpetua a memória.

Crato se sente mais pobre com a perda desse inolvidável filho, que, distante embora, da terra natal, nunca a esquecia, e enriquecia as páginas da nossa Itaytera com suas colaborações.

Os cratenses, certamente, haverão de lembrá-lo sempre.

(TC - 19-07-86)

ICC Lança N° 16 da Coleção Itaytera

A Coleção ITAYTERA, do Instituto Cultural do Cariri, composta de livros de autores regionais, editados pelo próprio ICC — está de parabéns, com a entrada em circulação, do seu número 16. Trata-se do livro de poemas da poetisa local Bernardina Vilar — Dandinha — em que ela enfeixou grande parte de sua produção poética de rara beleza, sensibilidade e inspiração.

O livro de Dandinha Vilar — MEUS VERSOS — está obtendo a maior repercussão em todos os círculos intelectuais e já recebeu elogios de críticos literários de diversos recantos.

A Coleção ITAYTERA — teve o seu número 1 editado em 1969 — era o ROTEIRO BIOGRÁFICO DAS RUAS DO CRATO, de J. Lindemberg de Aquino. O número 15 trata-se das memórias do advogado Raimundo Borges. O número 16, dos versos de Dandinha Vilar, em que ela extravasa todo o seu conteúdo poético de rara beleza e sublimada inspiração.

A autora foi homenageada no Rotary Club do Crato, em 22-1-87, quando fez o solene lançamento de sua obra.

Escritor Cratense na Academia no Rio

O festejado escritor e poeta João Luis Eugenio Pereira, natural do Crato, vem de ser empossado na Cadeira 26, da Academia Cearense de Ciências, Letras e Artes do Rio de Janeiro. João Luis, colaborador antigo de Itaytera, figura entre os luminares da inteligência carioca que ali se encontram.

A Academia tem patronos exclusivamente cearenses, como Adolfo Caminha, Alberto Nepomuceno, Américo Facó, Araripe Junior, Valdemar Falcão e outros. São 40 nomes. A Cadeira de João Luis é a 26 e o Patrono é José de Alencar.

TEU OLHAR

Não me prives
do teu olhar
pois dêle preciso
para viver
como uma planta
precisa do sol
para lhe aquecer.
Tu, que não me
reparavas e muito
me fazias sofrer
eu, que vivia na
escuridão e
vi o amanhecer
pois nossos olhares
por uma fagulha de
segundo encontraram-se
e foi como o sol
ao nascer
que rompendo as sombras
faz tudo viver
mas ao entardecer
empresta seus raios
para sua dama brilhar
e temos um novo reinado
na magia do luar
só existindo mais lindo
o teu olhar...

O VERDE

Ecológicamente sofremos com o mundanismo e a ambição disfarçados em progresso, de alguns homens que promovem o desmatamento e a destruição; Os homens cupins, como, acertadamente, os denominam os índios da Amazônia. Deus me perdôe por julgá-los, mas estão terrivelmente errados e é obrigação do ser humano consciente lutar contra o erro. Não nos revoltamos só por dentro de nós, revolucionemo-nos, ergamos os braços e vamos à luta!

À MIGO

Amigo, meu amigo
os destinos talvez
se descruzem...
Se seguirmos caminhos
diferentes, não esqueça
que eu não esqueço.
Não morrerão jamais as
idéias que me passaste
os argumentos que usastes...
Mas por traz da despedida
existe a consciência do
positivismo da relação.
Como ouvi numa canção:
Mesmo que o tempo e a
distância digam não
estarás, sempre, em
meu coração,
mesmo esquecendo
a canção...
Isso não são só palavras
ditas em refrão,
é o querer d'um irmão!

Pois a natureza,
em sua infinita grandeza,
apesar do que lhe fazemos,
ainda nos oferece a beleza;
Lutemos, então em sua defesa!
Contra os organismos
da destruição,
batalhemos com destrêza.
Haveremos de vencer, e
a coroação da luta
nos dará satisfação,
pois os louros da vitória
serão a preservação
de quem até sua cor traduz,
enigmaticamente, a esperança:
O verde!!!

JANELA DO MEU QUERER

Oiho através da janela
e me sinto melhor colorido
lá fora caem gôtas de chuva
que à manhã trazem o brilho
e eu me vejo lá fora

molhando-me por fora
já molhado por dentro
com gôtas de amor
que meu corpo deseja de ti
mas a realidade traz-me
para dentro
e eu me vejo sêco por fora
e também por dentro...

SARA CABRAL vai ocupar a cadeira N° 5 do Instituto Cultural do Cariri

A Cadeira n° 5, do Instituto Cultural do Cariri, vai ser ocupada, por estes dias, em solenidade a ser realizada pelo ICC, pela Professora Sara Esmeraldo Cabral.

A Cadeira tem como Patrono Mons. Esmeraldo e a última ocupante foi a Professora Maria de Lourdes Esmeraldo.

A vinda da Professora Sara será uma grande aquisição para o nosso ICC.

Saudade

Dandinha Vilar

Noites longas, tristes dias
De cruel acerbidade
Em que eu ví minhas alegrias
Transformarem-se em saudade

Saudade é como se fosse
Algo assim bem diferente:
Um sabor amargo e doce
A amargar dentro da gente.

Céu desnudo, azul profundo...
Lua em mar de claridade
Borrifando em nossos olhos
Os vislumbres da Saudade

Saudade! Flor que desabrocha
Pelos canteiros da vida
Perfumando amargamente
As horas de despedida

Saudade! Alguém que partiu,
Que se foi pra não voltar...
Que a gente nunca mais viu
Mas nunca deixou de amar.

Saudade! Uma rua triste...
A casa onde alguém viveu...
Que nos amou certamente
E a gente nunca esqueceu!

Tipografia e Papelaria do CARIRI
Meio Século em impressos...
RUA DR. JOÃO PESSOA, 386 — CRATO - CEARÁ

Novo Livro de Jurandy Temotheo

"O cômico, o satírico e o erótico na literatura caririense", eis o novo livro do Prof. Jurandy Temotheo, em circulação. Edição da CRATURISMO. O autor aborda essa temática difícil na sua obra, focalizando, sobretudo, José Carvalho, Dantas Quezado e Pio Carvalho, com dados inéditos. O livro vem tendo grande aceitação.

Alfabeto da Felicidade

MARIA DO SOCORRO PINTO SARAIVA

Exu - Pe.

Ame, o amor é a arma mais sublime para a conquista da felicidade. **B**usque sempre o melhor, lutando e plantando sementes úteis para a construção de um novo mundo.

Construa para um caminho real, alimentando e idealizando a esperança de crescer a cada dia.

Dificuldades são estímulos para os que sabem lutar. Por que estacionar diante delas?

Erga o espírito e prossiga sua caminhada. O importante é chegar ao topo da colina.

Fortaleça a idéia de que você é indispensável para o progresso do mundo. É muito importante essa conscientização.

Galgue todos os degraus e não esqueça o caminho que lhe leva até lá.

Hoje e sempre seja você mesmo; a máscara é o véu negro que nos conduz à frustração.

Idealize sempre a conquista de novos horizontes. A idealização é o veículo para a realização humana.

Julgue a si mesmo, antes de julgar a outrem. É indispensável conhecer-nos interiormente antes de apontar ou julgar as ações de alguém.

Lute com garra e afinco, mesmo que essa luta lhe pareça árdua. Lembre-se que através dos espinhos é que colheremos as rosas. E essa colheita dependerá de você.

Maldades devem ser apagadas e soterradas. Pela esperança e pela solidariedade. Elas maculam a alma humana e fazem minguar a nossa grandeza interior.

Nunca se desespere diante de um obstáculo. O desespero implicará numa reação trágica e angustiante. Enfrente-o e combata-o com a sua força e vitalidade de um jovem eufórico e triunfante.

Ódio e rancor são os responsáveis pela dispersão humana, porque destroem a possibilidade de uma vivência plena e de uma paz interior com o universo. Jogue-os na enxurrada que passa e elimine-os do seu coração.

Procuere eternamente razões sublimes para viver. Não esqueça que a vida é fundamentada num ideal. Enobreça sua alma e conquiste novas perspectivas de vida.

Quando tudo lhe parecer irresoluto e contrastante, quando todas as portas se fecharem para você, quando o mundo lhe parecer cruel, não desanime, busque a Cristo, ele lhe ajudará a convencer os corações cruéis e a esquecer a ingratidão do mundo.

Resolva seus problemas da maneira mais convicta e mais sensata. Lembre-se que eles são seus e lhe cabe solucioná-los sem agravar as situações e ocasiões da vida.

Siga em frente; não deixe que o passado ofusque a sua caminhada de hoje, jogando-lhe num mundo caótico e desordenado. Siga, mesmo que o caminho lhe pareça escabroso e difícil. Você chegará até lá.

Tombos e decepções são fenômenos normais quando tentamos escalar uma montanha, quando cumprimos a nossa jornada. Portanto, não deixe que isso venha se refletir na sua concepção de vida, como desestímulos ou desesperanças.

Una sua força de vontade à sua intuição e parta de frente erguida ao encontro da vida. Afaste de você as idéias nefastas e insensatas que debilitam a nossa capacidade espiritual. Nutra na alma a esperança de que sempre é tempo de recomeçar.

Vitórias e êxitos lhe chegarão quando você se conscientizar e incluir no seu manual, todas essas armas. Viva cultivando-as e procurando adaptá-las à sua forma de vida. Aí, exatamente aí, saberá o que significa **SER FELIZ**, pois a felicidade se conquista através do aperfeiçoamento humano.

Xingar não significa crescer diante dos outros, mas pode enegrecer o espírito. Ame as pessoas e saiba aceitá-las sem reprimi-las ou criticá-las. O importante para ser feliz é ser capaz de aceitar o mundo e as pessoas como elas são. A individualidade deve ser considerada.

Zombe construtivamente de seus próprios erros. Isso é maravilhoso para acertarmos na próxima jogada. Procure acertar sempre na roleta da felicidade, e, quando se sentir capaz de praticar todas essas instruções o mundo sofrerá a metamorfose de um **MUNDO-CÃO** para um **MUNDO-IRMÃO**.

URCA: Novos Dirigentes

Em Crato, dia 10-04-87, ocorreu a solenidade de transmissão dos cargos de Reitor e Vice Reitor da URCA — Universidade Regional do Cariri, aos seus novos dirigentes. Dr. José Teodoro Soares foi empossado como Reitor e Pe. Gonçalo Farias Filho empossado como Vice Reitor, em solenidade presidida pelo Secretário de Educação do Ceará, Dr. Paulo Elpídio Menezes Neto.

O ICC muito confia na nascente Universidade, para seus futuros programas de intercâmbio e extensão cultural.

A Invasão HOLANDESA — Vitórias de GUARARAPES

Gen. RAIMUNDO TELES PINHEIRO
(DO INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI)

Aos quatorze de fevereiro de 1630, grande esquadra flamenga com mais de 50 navios, com 1.200 canhões e 7.200 homens, defronta Olinda, desembarca tropas na região de Pau Amarelo, um pouco ao norte da cidade, as quais a investiram por terra e, não obstante a heróica resistência de Salvador Azevedo com um punhado de soldados, tomaram-na, fazendo o mesmo em seguida, no Recife, cujos naturais haviam obstruído a enseada do porto com velhos navios incendiando os trapiches com depósito no valor de 4.000.000 de cruzados, por ordem de Matias de Albuquerque, e retirado para o interior após tenaz resistência.

Foram criadas emboscadas e guerrilhas, que se organizaram a meio caminho entre as duas praças conquistadas, no local que se denominou Arraial de Bom Jesus, ao qual acorreram os guerrilheiros já notáveis como Luiz Barbalho Bezerra, Henrique Dias, Felipe Camarão, Lourenço Cavalcante e outros, iniciando-se então uma luta que, com maior ou menor intensidade, duraria de 1630 a 1654, e expulsaria o invasor batavo.

Dai, do Arraial de Bom Jesus, Matias de Albuquerque, embora com poucos recursos, hostilizou intermitentemente o inimigo, que foi forçado a abandonar Olinda, após incendiá-la e concentrou-se no Recife.

Em 1632, Calabar, mameluco disposto e profundo conhecedor da região e dos processos de combate dos patriotas, bandeou-se para o inimigo e, então dilatou-se o domínio dos invasores, com ataques e vitórias fáceis a localidades, seguidas de pilhagem e incêndios.

Nesse período, não podemos omitir a epopéia de Rio Famosa, em que Pedro de Albuquerque, com 20 combatentes e 2 velhos canhões, aos 07 de janeiro de 1633, escreveu uma página épica, resistindo a 600 homens (proporção de 1 para 20), até que ficaram só ele e seu parente Jerônimo de Albuquerque que retistiam, feridos, causando profunda admiração e respeito ao inimigo...

Mais tarde caíam Cabedelo em 1634, e os demais arraiais de emboscada em 1635, do Rio Grande do Norte a Porto Calvo e foz do rio São Francisco.

Desprovida de elementos, e de recursos para continuar a resistência, decidiu Matias de Albuquerque retirar-se de Serinhaem, apelando para que o acompanhassem os que desejavam ser fieis à Pátria e à Religião.

O Conde de Gagnuolo assumiu o comando das tropas restantes e, por dificuldade de unidades regulares, voltou a intensificar o sistema de guerrilhas, em que se distinguiram e se cobriram de glórias: o índio Felipe Camarão, o preto Henrique Dias, o branco Vidal de

Negreiros, Dias de Andrade, Sebastião Souto, Rabelinho e outros valentes filhos da gleba invadida e depedrada, que levaram a efeito ataque constantes e inquietantes aos holandeses, incursionando até às proximidades do Recife, destruindo tudo após si (politica da terra arrasada).

Decorridos 07 anos de reação e lutas constantes os filhos da terra não estavam submetidos ao Jugo invasor e este não tinha liberdade de locomoção nas terras conquistadas, porque nas vilas, nos engenhos destruidos e nos caminhos, deparava-se com a morte a cada instante na "ponta de uma flecha ou de uma bala partida de um arco ou mosquete emboscado"...

Entretanto, apesar da repulsa ao invasor, a população, por toda parte, manifestavam um desejo velado de paz e harmonia que permitissem o retorno ao trabalho e a prosperidade antiga.

E isso ocorreu, aparentemente, com o desembarque do principe Maurício de Nassau em Pernambuco no ano de 1637, onde foi recebido por todos como pacificador, governando com justiça e moderação, bem como auxiliando o restabelecimento das atividades agrícolas, pelo que conseguiu pacificar o território até o Rio São Francisco, onde fundou o forte de Penedo; Bagnuolo retirou-se para a Bahia.

Pelo mar, houve represálias e ataques a Salvador e no Recôncavo, que foram repelidos, entretanto, foi ocupado o Ceará após tenaz resistência da brava guarnição de 33 praças comandadas por Bartolomeu de Brito, no dia 26 de outubro de 1637.

Em 1639 chegou à Bahia o Conde da Torre, novo Governador Geral, que passou o ano em preparativos para atacar o grosso das tropas flamengas em Pernambuco, fazendo seguir para lá, por terra e sucessivamente os Contingentes de Dom Felipe de Moura, de Felipe Camarão e de Bagnuolo, partindo a esquadra luso-espanhola a 17 de novembro, que desembarcou um contingente em Alagoas, e prosseguiu a 14 de dezembro, batendo-se com a esquadra holandesa, que partiu de Recife, sucessivamente em Itamaracé a 10 de janeiro, na altura do Cabo Branco a 13, defronte de Cabedelo, a 14 e, finalmente, na foz do rio Potengi a 17, onde foram derrotados os luso-espanhois.

Um contingente de 1.300 homens desembarcados daquela esquadra na baía dos Touros sob o comando de Luiz Barbalho Bezerra, marchou pelo sertão invio lutando contra índios, batavos e contra tudo por 2.400 quilômetros até à Bahia, ombreando-se com os bravos das Termópilas e com os dez mil de Penofontes, e escreveu na história pátria outra página épica (Luiz Barbalho, Mestre de Campo e nas funções de Governador da Capitania do Rio de Janeiro, faleceu aos 15 de abril de 1644, sendo os seus restos mortais inumados na Capela do Colégio dos Jesuitas, e seu nome perpetuado no granito do Forte do Barbalho, na vetusta Salvador).

Com a notícia da restauração portuguesa, foi no Brasil, reconhecido rei de Portugal D. João IV em fevereiro de 1641, e como a Holanda fazia guerra à Espanha, parecia terminada a luta e foi celebrado um ajuste (18 de junho) entre Portugal e a Holanda pelo

qual seriam suspensas as hostilidades por dez anos, sendo estipulado no seu artigo 8^a que "nas terras e mares pertencentes ao distrito da Jurisdição concedida pelos Senhores de Ordens Gerais à Companhia da Índia Ocidental (no Brasil e na África) só iam começar a contar em cada lugar desde que aí fosse apresentada a ratificação do tratado", e, no 21^o, que ficava reconhecido ao Governo Holandês o domínio adquirido pela conquista", e foi assinado um tratado de aliança entre os dois países.

Procedeu-se, então, ao desarmamento e ao embarque para a Europa dos contingentes napolitanos e espanhóis, enquanto se aguardava o embarque dos holandeses.

Nassau, porém, quebrando o ajustado, prosseguiu nas operações e ocupou Sergipe em setembro e o Maranhão em novembro, sob os protestos do Governador Geral Marquês de Montalvão.

A deslealdade de Nassau calou fundo no ânimo dos luso-brasileiros, fazendo ruir o prestígio e simpatia que granjeara dos nordestinos, que, já também explorados pela ganância dos argentários Judeus e cristãos novos do Recife só pensavam na reação e expansão dos flamengos.

E surgiu providencialmente Vidal de Negreiros, arguto da idéia de redenção da Pátria Brasileira".

E, resumindo, para concluir essa guerra divina.

Em setembro de 1642, os maranhenses, reunidos em torno de Muniz Barceiros e inflamados por Vidal de Negreiros, rebelaram-se, auxiliados pelo Pará contra os dominadores flamengos e bateram-nos em fevereiro de 1644, forçando-os à retirada para o Ceará e Rio Grande do Norte, ao mesmo tempo que os índios cearenses, em fins de fevereiro do mesmo ano, trucidaram toda a guarnição holandesa no Ceará. (Enquanto isso, Maurício de Nassau embarcava para a Europa em 22 de maio de 1644 (Paraíba).

Encorajados pela vitória do Maranhão e animados por Vidal de Negreiros — a alma do movimento restaurador — formaram o "Grupo dos Independentes", com o compromisso formal de expulsar os holandeses do Brasil, apesar dos entendimentos, marchas e contra-marchas do governo Português que pretendeu atender a pretensão da Holanda, deixando-a com a preciosa posse da terra; e destacando-se Vidal de Negreiros, João Fernandes Vieira e o Governador Geral Teles da Silva. E seguiram-se as conspirações e preparativos que se sucederam ativamente...

Enviando os holandeses ao interior um destacamento para sufocar o que eles chamavam de insurreções enfrentou-os o Sargento-Mor Dias Cardoso e bateu-os, com a valiosa cooperação de João Fernandes Vieira, no monte das Tabocas, próximo à atual cidade de Vitória de Santo Antão, aos 03 de agosto de 1645. E desencadeou-se a tempestade. Para investir contra Olinda e Recife, os contingentes vitoriosos reuniram-se aos índios de Camarão e Rodela e do preto Henrique Dias; enquanto na Bahia, Vidal de Negreiros e Martins Soares Moreno

organizaram dois Terços, transportaram-nos para o mar, desembarcaram em Tamandaré, ocuparam Sarinhaem a 04 de agosto de 1645 e bateram os defensores da região. Do monte das Tabocas, os contingentes reunidos seguiram para incorporarem-se aos da Vidal de Negreiros no Cabo, para a captura do qual foi destacado Martim Soares Moreno, que o capturou exatamente um mês após a retumbante vitória do monte das Tabocas, aos 03 de setembro, cooperado por Vidal de Negreiros (Observe-se que o Mestre de Campo Martins Soares Moreno — fundador do Ceará — trabalhou e lutou no Brasil durante 46 anos de serviços ao Rei, à Pátria e à Fé, até recolher-se a Portugal em 1648, em consequência da avançada idade e dos achaques da vetustez. Merece ela todo o nosso respeito, reconhecimento e consideração).

E a tempestade se desencadeou por toda parte, sendo o flamengo batido sucessivamente na Paraíba a 11 de setembro, em Alagoas a 18 e 19 de setembro, em Olinda a 20 de setembro e no Rio Grande do Norte em outubro.

Os nossos estabeleceram, um pouco ao sul do primeiro, novo Arraial de Bom Jesus em 1646, de onde continuaram a hostilizar os holandeses circunscritos novamente à área do Recife. A partir de 1648 entrou-se na fase de decisiva da luta libertadora, depois do fracasso dos flamengos sobre Penedo e ilha de Itaparica...

Teles da Silva foi substituído por Teles de Menezes no Governo Geral e o Mestre de Campo Barreto de Menezes, com um reforço de 300 homens, foi enviado a Pernambuco para o comando Geral das Forças.

A 19 de abril desse ano, Barreto de Menezes informado de que forças de Van Schopp marchavam para o sul, precedeu-os nos montes Guararapes e bateu-os após violenta batalha, graças à bravura reconhecida e comprovada de Vidal de Negreiros, Felipe Camarão, Henrique Dias, João Fernandes Vieira e Dias Cardoso (Tivemos 84 mortos e 400 feridos de 2.500 combatentes, enquanto os orgulhosos flamengos de 7.400 combatentes, além da derrota completa, tiveram 1.200 mortos, 532 feridos, 180 oficiais mortos, feridos ou aprisionados e grande cópia de ricos despojos de guerra).

Com essa tremenda derrota, o flamengo passou a agir com a mais prudência em terra redobrando, porém, o esforço pelo mar: assolou o litoral da Bahia sem vantagens, e novamente ocupou o Ceará, onde Matias Beck lançou os fundamentos da nossa Fortaleza de N. S. Assunção aos 10 de abril de 1649.

Reunido o Conselho no Recife, opinou que seria de bom proveito uma invasão contra o Rio de Janeiro, pois, embora não conseguissem assenhorear-se da cidade, poderiam recolher despojos e pilhar fazendas e engenhos circunvizinhos; e decidiram, também que convinha fazer um esforço para levantar o sítio do Recife e seguir para o Sul. E com esse objetivo, procurando aliviar cada vez mais o apertado cerco da cidade Maurícia, deixaram-na em 18 de fevereiro de 1649, repeliram pequeno porto da Barreta e seguiram para o sul pela estrada que conduz aos montes Guararapes.

Barreto de Meneses informado do fato, seguiu-os e, no fim da jornada, tomou contato com os holandeses nos citados montes Guara-rapes que estavam na mesma posição em que se encontravam nossas Forças em 19 de abril do anterior ano de 1648.

Os flamengos supondo que os luso-brasileiros os atacariam na manhã seguinte naquela direção, cavaram trincheiras para o N e NE, durante toda a noite.

Barreto de Meneses, porém contornando os montes protegido pela escuridão, apresentou-se ao amanhecer pelo sul; o inimigo cuidou da nova frente; mas não sendo atacado até a tarde, decidiu regressar ao Recife, e quando abandonou as posições nos montes, foi atacado e decisivamente vencido pelos patriotas, que alcançaram brilhante vitória (os nossos 2.600 combatentes, contando apenas com a desmedida bravura e a divindade da causa, pagaram o preço de 45 mortos e 200 feridos, enquanto os 4.300 orgulhosos dolicos-louros flamengos e seus 400 índios aliados tiveram: a derrota completa, 955 mortos, entre estes o seu comandante, 4 tenentes coroneis, 4 majores, 35 capitães, 32 tenentes, 26 alferes e 49 sargentos, além de 90 prisioneiros e ricos desposos.

Primaram pela bravura, ainda, Vidal de Negreiros, Henrique Dias, Fernandes Vieira, Dias Cardoso, Bandeira de Melo e outros: O grande chefe indígena Felipe Camarão estava ausente; vencido pelos velhos achaques agravados pelas vicissitudes da guerra, o glorioso patriota havia entregue a alma a Deus na sua estância de combate em maio de 1648...

A partir daí a situação se tornou dia a dia mais premente para o invasor que com a presença da esquadra portuguesa do alucinante Pedro Jaques de Magalhães, perdeu também o domínio do mar, e foi levado à capitulação assinada a 23 de janeiro de 1654 na Campina do Taborda. Estavam restaurados Pernambuco e o Brasil... E Matias Beck, com todos os seus, deixou apressado as piagas cearenses das quais se apossou o capitão Alvaro de Azevedo Barreto...

"Reinóis como Barreto de Meneses, ilhéus como Fernandes Vieira, Mazombos como Vidal de Negreiros, índios como Felipe Camarão, negros como Henrique Dias, Mamelucos, mulatos, curibocas, mestiços de todas as naturezas e de todas as regiões combateram unânimes pela liberdade divina".

"Operara-se uma solda entre todos os elementos étnicos; e estava plasmado o espírito nacionalista brasileiro...

"As lutas contra os holandeses revelou o Brasil a si mesmo; expulsos esses, os brasileiros deram corpo e alma ao Brasil".

Brotara e se consolidara, de fato a nacionalidade e a generosa, forte e brava alma da gente brasileira...

(Excerto de Conferência proferida pelo então Ten. Cel. Raimundo Teles Pinheiro em 1955, para os oficiais candidatos à Escola de Comando e Estado Maior do Exército) —

FRANCISCO ZELO FILHO

MATERIAL PARA CONSTRUÇÃO EM GERAL



CANOS

CONEXÕES

TORNEIRAS

MATERIAL SANITÁRIO

AZULEJOS

CERÂMICA

CAIXAS D'ÁGUA

TINTAS EM GERAL

GRAMPOS

TELHAS DE AMIANTO



**TUDO PARA O BOM ACABAMENTO DE SUA
CONSTRUÇÃO**

RUA SÃO PEDRO, 794 — FONE : 511.2224

JUAZEIRO DO NORTE

—

CEARÁ

LUZEIRO REFULGENTE

VALDELICE ALVES LEITE

"O Estado do Ceará, adapta-se no seu contorno geográfico, à forma de um coração, embora dentro de outro coração maior — o BRASIL".

Este é o dizer de um de seus luminares, ilustre homem de letras, de cuja inteligência refulgente a mocidade brasileira absorveu preciosidades de cultura nos setores da ciência, da religião e das artes: Cônego Misael Gomes da Silva.

Desse torrão natal, simbolizando amor e de uma cidade originariamente lendária chamada MILAGRES, surgiu a 21/09/1885, Misael, filho do Cel. Antonio Gomes de Lacerda e Josefa Maria do Espírito Santo.

A trajetória de sua vida social, cultural e religiosa, foi um exemplo de persistência no trabalho, e de espírito cristão em suas benemerências no campo da educação.

Tendo estudado no Seminário Episcopal de Fortaleza de 1900 a 1903, concluiu o Curso Superior em Roma, onde permaneceu até 1910.

Aluno do Colégio Pio Latino Americano, em Roma, fez parte da Academia Portuguesa B. Inácio de Azevedo, da qual recebeu o Prêmio Distinção Honrado Cearense Brasileiro.

Concluiu os cursos de português, latim, francês, italiano e espanhol.

Em julho de 1907, foi laureado Doutor em Filosofia, História e Língua Hebráica pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma. Pela mesma Universidade, recebeu o diploma de Teologia Moralis Universa.

Tendo se ordenado sacerdote em 28 de outubro de 1909, celebrou a primeira missa no Colégio Pio Latino Americano, a segunda missa na Cripta da Basílica de S. Pedro e a terceira diante da Santa Cruz de Jerusalém, em Roma.

Em 1910, regressando ao Brasil, permaneceu no Rio de Janeiro como coadjuvante da Paróquia de S. Joaquim. Dois anos depois veio para Fortaleza. Foi capelão da Santa Casa de Misericórdia, a partir de 1912. Com Monsenhor Quinderé e Padre Climério, fundou o Colégio Cearense (1913). Lecionou no Liceu do Ceará, a partir de 1918 e em 1925 fundou a Igreja de S. Gerardo. Como professor da Escola Preparatória de Fortaleza (Colégio Militar), ingressou nas fileiras do Exército (1925). É mister que se registre o que foi escrito a seu respeito: "Depois de Santo Antonio de Lisboa, que foi general honorário do Exército brasileiro até a proclamação da República (e a separação entre Igreja e Estado), o Brasil ficou quase cinquenta anos sem um sacerdote oficial superior de suas Forças Armadas.

Quem reatou a tradição — que vem da Idade Média em Portugal com o bispo de Opas ("Eurico o Presbítero") e dos cardeais de Lorena, de Richelieu e de la Valette — foi um cabeça-chata do vale do Cariri: o Padre Misael Gomes da Silva, uma das mais admiráveis figuras do Ceará de hoje".

Pertenceu ao Instituto do Ceará (1930), ano em que foi escolhido para compor a diretoria do Colégio Castelo Branco. Foi um dos fundadores da Associação Cultural Franco Brasileira (Aliança Francesa), 1943.

De 1951 a 1965, exerceu o seu apostolado na igreja de Santa Teresinha (hoje Leste-Oeste). Tomou parte no Congresso Interamericano de História e Arte Religiosa, em Buenos Aires, como delegado do Brasil (1952). No mesmo ano foi eleito para a Academia Cearense de Letras ocupando a cadeira nº 13. Patrono: D. Jerônimo Tomé da Silva. E eis então que em 1958 presenteou a sua terra natal, Milagres, com a magistral obra de sua criação, a Escola Normal Dona Zefinha Gomes (nome de sua santa mãe), de onde tantos jovens, através dos anos, formam o conteúdo sadio e aprimorado de suas personalidades, e traçam os caminhos em busca de um ideal.

Distinguiu-se ainda como Pró-Vigário-Geral do Bispado, Juiz Auditor do Tribunal Aliança de Fortaleza, Capelão da Casa Nossa Senhora do Cenáculo e do Instituto dos Cegos (Fortaleza).

Como vemos, batina e farda envergou o nosso ilustre homem: Cônego Misael Gomes da Silva, sempre em evidência nos setores múltiplos da atividade humana.

Recebeu inúmeras condecorações e honrarias muito merecidas, como sacerdote, militar e educador; "haverá maior forma de caridade que educar?" Educar com amor e alegria, difundindo a paz...

Entre as condecorações por ele recebidas, figuram: Medalha de Prata comemorativa do cinquentenário da proclamação da República. Diploma de Gratidão da Diocese de Limoeiro, Medalha de Ensino do Exército da Escola Militar de Resende (Rio de Janeiro). Medalha Marechal Trompowsky, recebida do Instituto dos Docentes Militares, Medalha Gustavo Barroso, título de Doutor Honoris Causa da Universidade Federal do Ceará, Diploma de Amigo do Colégio Militar de Fortaleza, e Medalha Justiniano de Serpa, outorgada pela Secretaria de Educação do Estado do Ceará.

Publicou diversos trabalhos, entre outros, citemos: "As mais fortes características do povo romano" (1920). "Primeiras Lições" (1924). "Discurso ao Dr. Washington Luis" (1926). "O Pontificado Romano" (1929). "Influência do Mundo Oriental na Civilização do Ocidente" (1934). "A ciência da História" (1934). "História e Literatura" (1937). "Discursos de Recepção" (1938). "Dever, Pátria e o Instituto" (1943). "Monsenhor Furtado através das minhas reminiscências" (1954), e "Ceará e Paraíba" (1969).

Cultuando e grandemente honrado pelo Clero, pelo Exército e pela Sociedade, pleno das glórias terrenas, não esqueceu a sua MILA-

GRES, encravada no sul do Estado, que hoje continua, na suavidade da brisa que perpassa nos coqueirais, a executar a sinfonia do eterno agradecer, ao filho cujo brilho refulgente de sua personalidade, iluminará sempre os seus destinos.

Aos 99 anos, 20/08/1984, padre Misael, que sempre cultivou a alegria, na paz de um sorriso tranquilo, expirou. Seus restos mortais repousam no túmulo destinado aos sacerdotes, no cemitério S. João Batista (Fortaleza).

"O homem não vive somente a sua vida individual; consciente ou inconscientemente participa também da vida da sua época e dos seus contemporâneos".

Por isso, o Padre Misael é digno do mais irrestrito respeito, pois teve horas crivadas de obstáculos a serem vencidos, no transcurso de seus dias. Mesmo assim, qual luzeiro refulgente, transmitiu aos contemporâneos e ainda aos pósteros, a celebridade da sua cultura e da sua fé cristã.

Na missa de corpo presente celebrada pelo arcebispo de Fortaleza, D. Aloísio, vi-o sereno, nas suas vestes sacerdotais, preparado para participar do cortejo celeste na casa do Pai Eterno.

DEUS o tenha.

FONTES DE PESQUISA:

Revista das Bodas de Prata do Patronato e Escola Normal D. Zefinha — Milagres-Ceará.
Jornal "O Popo" (Fortaleza).

Arquivos da família Gomes de Milagres (Ceará).
Raimundo Girão.

Uma liderança de MEIO SÉCULO!

Tipografia e Papelaria

- * Impressos
padronizados
- * Cartonagem
a seco e alto relevo

Do Cariri

onde a sua IMPRESSÃO causa uma boa impressão

Rua Dr. João Pessoa, 386
CRATO - FONE: 521-1223 - CEARÁ

CERÂMICA NORGUAÇU S. A.

A MAIOR EMPRESA INDUSTRIAL DO CRATO,
FABRICANDO LADRILHOS CERÂMICOS PARA
TODO O NORDESTE BRASILEIRO

NOSSOS PRODUTOS ESTÃO EM TODAS AS LOJAS
DE CONSTRUÇÃO



UMA INDÚSTRIA GENUINAMENTE NOSSA



CERÂMICA NORGUAÇU S. A.

UMA DEMONSTRAÇÃO DA CAPACIDADE
EMPRESARIAL DO CARIRI



AVENIDA PADRE CÍCERO – BAIRRO MURITY

CRATO – CEARÁ

Importância da ESAM no Crato

Marcus Vinicius Moreno dos Santos

A TRIBUNA DO CEARÁ publicou, em sua edição, de 27/02/86, interessante entrevista com o conceituado Engenheiro Luis Gerson C. Cunha, sob o título "Técnico da SUDEC sugere a criação da ESAM" (Escola Superior de Administração Municipal). Conhecedor profundo dos problemas interioranos entende o entrevistado ser "preciso desencadear um processo de trabalho efetivo no sentido de preparar a juventude e as populações, com seu futuro político, com fundamento e ordem, com reflexo no administrador municipal até aqui despreparado e incompetente, no rigor da expressão". Em suas afirmativas conclui: "Certamente, um técnico em Administração Municipal, não terá de ser sempre um político partidário e nem todo ele precisará ser Prefeito ou Vereador. Mas, ele será sempre um técnico ou um profissional competente nos assuntos municipais desde a sua formação acadêmica".

Em 13/11/76, na "Coluna Cariri", do estimado amigo Hélio Rocha Lima, nesta época pertencente a este importante Jornal, publiquei o artigo intitulado "Importância do Planejamento Municipal" que reproduz na íntegra para reforçar mais ainda a sugestão daquele competente Engenheiro Agrônomo.

"Passando o dia 15/11/76, estará definida a sorte de 140 municípios do interior do Estado do Ceará com a eleição de seus representantes ao poder executivo e legislativo. Poucas serão as comunas que elegerão candidatos em condições de assumir os cargos para os quais foram apontados.

O País passa por um processo de desenvolvimento bastante acentuado, onde os problemas técnicos e administrativos são encarados com muita seriedade, pois são deles que nascem as soluções para a melhoria das condições de vida e bem estar social da família brasileira. Os grandes projetos econômicos e sociais, atualmente em execução no Brasil, são oriundos de diagnósticos e planos elaborados por equipes de planejadores de bom nível técnico. Nenhum órgão da área federal ou estadual libera recursos para as prefeituras interioranas sem um prévio estudo e elaboração de planos que justifiquem a sua viabilidade. A maioria dos administradores não entendem e nem desejam entender o que seja o Plano de Metas. As prefeituras municipais precisam, através de seus representantes, definir quais os pontos mais importantes a serem atacados no município em favor da comunidade e deles partir para a elaboração de um documento básico que sirva de roteiro para os Srs. Prefeitos e Vereadores. O Plano Municipal deve ser lido e discutido e as suas metas postas em execução sem ferir os seus objetivos. Com isso, acreditamos que muitos dos administradores municipais não sofram interrupções em seus mandatos, pela má utilização dos recursos financeiros destinados às Prefeituras. Quando houver uma mudança radical de mentalidade e os administradores estiverem conscientizados da importância e necessidade de um Plano de Metas

Integrado estarão as comunidades, consequentemente recebendo maiores benefícios dos órgãos públicos. Este trabalho de conscientização deve ser intensificado por órgãos como Conselho de Contas do Município, Secretaria para Assuntos Municipais e SUDEC. Atualmente, os responsáveis pelo início de um processo de planejamento, isto é aqueles que solicitam a elaboração do Plano, só os encomenda quando pressionado por determinadas circunstâncias, pois sem este documento não obterão financiamentos oriundos de investimentos federais e estaduais. Algumas vezes, para solucionar, de imediato, problemas críticos da cidade, recorrem a equipes de técnicos para elaborar Plano de Metas, do qual eles não tem noção do que seja para executá-lo, na realidade.

As observações acima referidas servem apenas para elertar aos Srs. Prefeitos e Vereadores da importância e necessidade de serem definidas, para as suas comunas, uma política de ação, compatível com a sua infra-estrutura. Não nos cabe aqui criticar os executivos e legislativos escolhidos pelo voto popular, pois, em geral, são pessoas bem intencionadas, desceiosas em solucionar os problemas da comunidade e aprender novas técnicas. Embora se sintam decepcionadas quando impedidas de realizar aquilo de que estão convencidas, mesmo que não seja o mais viável.

Os órgãos de orientação aos municípios tem a perfeita consciência das dificuldades que encontram com a autoridade municipal, mas a eles cabem a difícil tarefa de conscientizá-la e orientá-la a resolver os seus problemas de forma racional, apontando soluções compatíveis com a realidade local, que comprovem o aperfeiçoamento do processo de planejamento, atualmente em vigor.

Diante do exposto entendemos ser oportuno e de toda conveniência, viabilizar a implantação da Escola Superior de Administração Municipal, em Crato, pelas facilidades que o Município oferece, principalmente agora, com a instalação da Universidade Regional do Cariri-URCA.

O seu funcionamento, naquela cidade, não requer custos elevados, em face das condições físicas favoráveis ali existentes. O Conselho de Contas dos Municípios, o Tribunal de Contas do Estado, a Superintendência do Desenvolvimento do Ceará-SUDEC, o Instituto Brasileiro de Administração Municipal — IBAM, a Fundação Getúlio Vargas, o IAPAS, a Secretaria de Articulação dos Estados e Municípios — SAREM, a Secretaria de Planejamento e Coordenação — SEPLAN, a Secretaria do Interior e a SUDENE poderiam assegurar o sucesso da citada Escola, com a cessão de técnicos para integrar o seu corpo docente.

Vale salientar que a ESAM, em Crato, atenderia aos municípios do Cariri, de outras regiões inclusive comunidades dos Estados do Piauí, da Paraíba e de Pernambuco, principalmente aquelas beneficiadas pela nova estrada asfaltada "GONZAGÃO", ligando, pela serra do Araripe, Crato e Exu.

As lideranças do Crato, agora orientadas pelo Reitor da URCA, Dr. Antônio Martins Filho, devem submeter a proposta em referência a consideração dos órgãos Federal, Estadual e Municipal, a fim de torná-la realidade, em curto espaço de tempo.

FARMACIA VASCONCELOS

**A MAIOR E MAIS COMPLETA FARMACIA
DA CIDADE**



**AMBULATÓRIO COMPLETO COM ATENDIMENTO
DIA E NOITE**

**GRANDE SORTIMENTO
MEDICAMENTOS SEMPRE NOVOS**

**15% de DESCONTOS em qualquer nota de sua compra
Entrega também seus medicamentos a DOMICÍLIO**



FARMACIA VASCONCELOS

RUA BARBARA DE ALENCAR Nº 901

TELEFONES: } 521-1717
 } 521-2016

C R A T O - C E A R Á

F. J. PIERRE E IRMÃOS

**VARIADO SORTIMENTO DE MÓVEIS E
ELETRODOMÉSTICOS**

— ◡ —
ONDE A TRADIÇÃO SE CASA
COM A QUALIDADE DOS PRODUTOS

— ◡ —
EXCELENTES PREÇOS E CONDIÇÕES DE
P A G A M E N T O

— ◡ —
R U A S A N T O S D U M O N T N º 6 0

T E L E F O N E : 5 2 1 - 0 0 1 4

— ◡ —
C R A T O — C E A R Á

A PROVINCIA DO CARIRI NOVO

José Aurélio Saraiva Câmara

Nomeado Presidente da província do Ceará por Carta Imperial de 23 de agosto de 1834, o Senador Padre José Martiniano de Alencar, após mais de três anos de fecunda administração, deixou o governo em 25 de novembro de 1873, passando ao vice-presidente João Facundo de Castro Menezes.

Vindo dirigir a província natal como delegado da Regência Trina Permanente, foi no cargo mantido pela Regência Una de seu amigo e correligionário padre Diogo Antônio Feijó, de quem sempre se manteve no Ceará fiel e devotado representante.

Com a ascensão de Araújo Lima à chefia da Nação como novo Regente, em 18 de setembro de 1837, foi Alencar demitido. Não esperou no governo o seu substituto, o engenheiro militar Manoel Felizardo de Souza e Melo, nomeado em 16 de dezembro do mesmo ano.

Do seu sítio Alagadiço-Novo, em Messejana, partiu com a família para o Crato, de onde, após curta permanência, seguiu pelo interior para a Bahia. Ali tomou um navio para o Rio de Janeiro.

A parte terrestre da viagem, isto é, o percurso de Fortaleza a Salvador, seria de decisiva importância para a motivação literária do seu primogênito, o futuro escritor José de Alencar. É ele próprio quem diria mais tarde que "a inspiração do *O Guarani*, por mim escrito aos 27 anos, caiu na imaginação da criança de nove, ao atravessar as matas e sertões do norte em jornada do Ceará à Bahia." (1)

Embora houvesse realizado uma administração das mais expressivas da história do Ceará, — combatendo o banditismo, abrindo estradas, realizando obras públicas, importando mão-de-obra e técnicos estrangeiros, fundando um Banco, moralizando as finanças, estimulando a agricultura e pecuária —, deixava Alencar inimigos rancorosos e adversários intolerantes.

A atividade político-partidária foi a marca principal de sua vida pública. Exercia-a sem escrúpulos, dentro dos primários figurinos da época. Não condescendia com os adversários, e nem sempre seu gênio altivo lhe permitia perdoar ofensas ou reconhecer direitos contrários aos interesses do seu partido e do seu governo.

Essa rudeza de ânimo aliada à intransigência partidária, haveria de, necessariamente, provocar animosidades e ódios que eram ostensivos

(1) ALENCAR, José Martiniano de — *Como e porque sou romancista*, Salvador. Bahia, Progresso, 1955. p. 6 e 7.

e, não raro, incontrolláveis. No seu segundo governo do Ceará, em 1840, chegou a ser alvo de um atentado em Sobral, de que participou parte da milícia policial, e do qual só a bravura pessoal demonstrada permitiu-lhe escapar ileso.

No seu substituto Manoel Felizardo ecoou fundamente o ruído daqueles ódios concentrados.

O novo Presidente, ou porque houvesse recebido instruções para isto, ou porque se deixasse influenciar pelo que ouvia na provincia, não tardou muito a permitir e até a perfilhar perseguições políticas e policiais contra os partidários do Senador.

Mas estes, que eram aguerridos e inconformados, não silenciaram na estacada. Enquanto Alencar no Senado e seus deputados na Câmara verberavam contra as arbitrariedades do Presidente — que não deviam diferir muito das que o próprio Alencar praticara no seu governo contra os adversários —, os seus correligionários da provincia fundavam em Fortaleza um jornal para dar combate a Manoel Felizardo.

Em 11 de outubro de 1838 surge, na capital cearense, a *Sentinelá Cearense na Ponta do Mucuripe*, jornal hebdomadário de opposição á administração provincial, e que no editorial do primeiro número, editado naquele dia, avisava ao público que o jornal "durará somente enquanto durar na presidência o Exmo. Sr. Manoel Felizardo de Souza e Melo." (2)

Essa determinação foi cumprida; no dia 15 de fevereiro de 1839 assumiu o governo o novo presidente João Antônio de Miranda, e na véspera, dia 14, a *Sentinelá* circulava pela última vez, iniciando seu editorial com essas palavras —: "Raiou enfim o dia prometido e há muito desejado pela *Sentinelá*! Esse inimigo da razão, esse terrível destruido da moral, esse governo odioso a todo homem que pensa, e que sente o coração palpitar pela ventura do seu País, deixa de pesar sobre nós." (3)

Além das retaliações do seu jornal, os partidários de Alencar publicaram, sob a principal responsabilidade do major João Facundo, Joaquim Barbosa e Dr. José Lourenço de Castro e Silva, um longo e severo relato das atividades administrativas do governo de Felizardo. (4)

Não ficaria, entretanto, restrita à área jornalística e publicitária o combate que Alencar e seus correligionários desencadeavam contra o governo provincial.

No Senado o chefe liberal cearense apresenta um projeto de lei destinado a, se aprovado e pôsto em prática, reduzir grandemente a área geográfica do Ceará e, portanto, a zona de ação dos adversários, ao mesmo tempo que criava para si próprio um pequeno império no sul da provincia.

(2) *Sentinelá Cearense na Ponta do Mucuripe*, Fortaleza, Tip. de Acursio Rua Direita Nº 31 11 out. 1838. Nº 1.

(3) *Idem* 14 fev. 1839. Nº 20.

(4) QUATORZE MESES DE IMORALIDADE cu a administração do sr. Manoel Felizardo de Souza e Melo, ex-presidente do Ceará.

Fortaleza, Tip. Patriótica de Acursio, 1839. 20 p.

Pois é sob este aspecto que deve ser encarada a sua idéia da criação ali de uma nova província — o Cariri Nôvo.

Elevar a região onde nasceu e onde viviam seus familiares à dignidade de província, criar um suporte geográfico-eleitoral para sua atuação política, minimizar a área onde mandavam e desmandavam seus adversários, parece ter sido o tríplice objetivo daquela idéia do político sagaz e atilado que era o senador Martiniano de Alencar.

O primeiro objetivo revelou-se o menos importante, visto como quando em 1840, com a Maioridade, veio êle a ter notável ascensão política, trocando o ostracismo pelas posições de mando, deixou o assunto morrer melancolicamente nas gavetas do Senado.

Pelo que se lê nas *Atas do Senado* de 1839 e 1840, uma proposta de criação danova província teve o nascimento, vida e morte que se espelham nos documentos a seguir transcritos e analisados.

Na sessão do Senado de 16 de agosto de 1839, Alencar apresentou à consideração de seus pares o seguinte Projeto de Lei — :

"A Assembléa Geral Legislativa decreta:

Art. 1º — Fica criada uma província que se denominará Província do Cariri Nôvo, cuja capital será a vila do Crato.

Art. 2º — Esta província se formará:

§ 1º — Dos municípios do Riacho do Sangue, Icó, Inhamun, S. Mateus, Lavras, Jardim e Crato, da província do Ceará;

§ 2º — Dos municípios do Rio do Peixe e Piancó, da província da Paraíba;

§ 3º — Do município de Pajeú das Flores e dos compreendidos no antigo Julgado de Cabrobó, na província de Pernambuco;

§ 4º — E do município de Piranhas, da província do Piauí.

Art. 3º — As autoridades gerais, que em virtude da Constituição e das Leis existentes, houverem de ser criadas nesta nova província, terão os mesmos ordenados que têm os da província do Ceará.

Art. 4º — Logo que esta lei fôr sancionada, se tirará por sorte, na Câmara dos Deputados e no Senado, dentre os oito deputados e quatro senadores do Ceará, quatro deputados e dois senadores para representarem a nova província.

Art. 5º — Na primeira eleição geral que tiver lugar depois que esta Lei fôr sancionada, se nomearão mais dois deputados e um senador pela nova província, ficando ela desde então representada na Assembléa Geral por seis deputados e três senadores.

Art. 6º — A Assembléa desta nova província constará de 28 membros.

Art. 7º — Ficam revogadas tôdas as Leis e disposições em contrário.

Paço do Senado, 14 de agosto de 1839. — José Martiniano de Alencar, Antônio Pedro da Costa Ferreira, José Bento Leite Ferreira de Melo, Nicolau Pereira de Campos Vergueiro, Diogo Antônio Feijó, João Antônio Rodrigues de Carvalho, Francisco de Lima e Silva, Manoel Inácio de Melo e Sousa." (5)

(5) ACTAS das sessões da Câmara dos Senadores do Império do Brasil, ano de 1839. Rio de Janeiro, 1839. Vol. I p. 24 e 25.

O Projeto foi mandado imprimir para encaminhamento à Comissão de Constituição.

Como se vê, era ilustre e prestigioso o rol dos signatários, pois dos oito, três eram ex-Regentes e Feijó ocupava, no momento, a presidência do Senado.

O fato mostra em si o prestígio pessoal e político de Alencar no seio da Câmara vitalícia, de que era destacada figura.

Da representação cearense, entretanto, só assinaram Alencar e Rodrigues de Carvalho. É lícito esperar que não fôsem das melhores as relações do primeiro com Costa Barros e o Conde de Lajes, o que explicaria a omissão dos dois, além das vinculações de ordem política que deveriam existir entre êstes e a situação dominante no Ceará.

A Comissão de Constituição não levaria mais de uma semana para remeter à Mesa o seu Parecer.

De fato, na sessão de 23 de agosto do mesmo ano aquela Comissão assim se manifestava sobre o assunto:

"A Comissão de Constituição examinou o Projeto apresentado pelo nobre Senador, Sr. Alencar, no qual propõe desmembrar da antiga província do Ceará uma outra província com a denominação — do Cariri Nôvo —, cuja capital seja a vila do Crato; não encontra a Comissão disposição alguma na Constituição que se oponha a essa medida; mas antes no Artigo 2º Título 1º é expressa a faculdade para semelhantes subdivisões, quando assim peça o bem do Estado: ora que êle seja conveniente, supõem-se, já pela razão geral, de que semelhantes distritos, por mui longínquos, escapam à ação e à vigilância do Administrador, e da parte dos governados, mais se lhes dificultam os recursos, já em especial, porque a idéia desta subdivisão tem a seu favor a experiência e os conhecimentos práticos do nobre Senador, que acaba de presidir aquela província: todavia, não tendo a Comissão bases suficientes para julgar por si só da conveniência e proporções da regulação dos limites aqui traçados e assinados, entende que deve ser ouvida a êsse respeito a Comissão de Estatística, que se encerra na de Colonização e Catequese.

Paço do Senado, 19 de agosto de 1839. — Visconde de S. Leopoldo, Marquês de Paranaguá, Vasconcelos." (6)

O Parecer foi aprovado e remetido à Comissão de Colonização e Catequese, de que era parte a Comissão de Estatística.

Do expediente da sessão de 30 de agosto consta uma "Representação da Câmara Municipal da vila de São Mateus, da província do Ceará, pedindo a criação de uma nova província, sendo a sua capital a vila do Crato." (7)

O fato não ficaria isolado, atendendo, certamente, a um plano elaborado.

Na sessão do Senado de 26 de setembro seguinte, dão entrada quatro Representações idênticas das vilas do Crato, Jardim, Lavras e São João do Príncipe, do Ceará. Em tôdas era expressa a solicitação de que a capital da nova província fôsse a vila do Crato.

(6) Idem, p. 43 e 44. - (7) Idem, p. 51.

Em data anterior, porém, isto é, na sessão de 16 de setembro, a Comissão de Estatística apresenta seu longo Parecer vazado nos seguintes termos:

"Foram presentes à Comissão de Estatística: o Projeto AH do corrente ano, apresentado pelo nobre Senador o Sr. Alencar, no que se propõem a criação de uma nova província denominada — Cariri Nôvo — desmembrando-se para êsse fim algumas povoações das províncias do Ceará, de Pernambuco, da Paraíba e Piauí, designadas no mesmo projeto; o Parecer da nobre Comissão de Constituição, que achando o mesmo Projeto legal e conveniente, exigiu o Parecer da Comissão de Estatística sôbre a conveniência e proporções da regulação dos limites indicados; e uma representação da Câmara Municipal da vila de São Mateus, da mesma província, requerendo a dita criação, e dando algumas informações a respeito.

A Comissão de Estatística aderindo ao Parecer da nobre Comissão é o canal seguro por onde sobe ao Governo o conhecimento dos recursos, que tem de administrar, e o meio que tem o Governo de fazer descer aos Povos as providências e benefícios da sua administração, facilitar-lhes o uso de seus Direitos Políticos, e afiançar-lhes a segurança individual e de suas propriedades e fiscalizar mais convenientemente a arrecadação e aplicação dos dinheiros, com que êles concorrem para as despesas de interesse público. Estas vantagens que a menor experiência e raciocínio mostram verdadeiras não podem, contudo, algumas vêzes levar-se a efeito sem grave dificuldade; pois facilitar a cada um dos cidadãos, como convém, o recurso a Autoridades, e o uso cômodo de seus direitos; e facilitar à Autoridade a ação pronta e eficaz para conseguir seus fins, combinando ao mesmo tempo estas considerações de primeira ordem com as que dizem respeito à economia pública. é um problema de solução difícil, maiormente em um país como o Brasil, onde as províncias foram designadas e criadas, pela maior parte na beira mar, com fundos incertos para desconhecidos sertões, depois de abertos e penetrados por homens temerários ou ambiciosos, e sem regularidade, resultando que umas mais se entendessem, e circulassem outras; aonde a povoação está tão pouco em harmonia com a extensão do território; aonde as distâncias são tão desiguais, e as comunicações entre elas as mais das vêzes difíceis; e sobretudo aonde há uma escassez lamentável de dados estatísticos e topográficos.

Procurou a Comissão com todo o cuidado informar-se do estado e circunstâncias da província do Ceará e de suas limítrofes, em vista dos mapas, informações e escritos existentes e particularmente de uma memória feita pelo desembargador Veloso, em 1819, sôbre a criação de Bispados no Brasil, e à qual juntou mapas da população de tôdas as Comarcas do Império, fundados em outras enviadas pelos Ouvidores ao Desembargo do Paço em diferentes datas, e pelo exame feito se convenceu a Comissão da utilidade e necessidade da criação da província do Cariri Nôvo, e deduziu as seguintes observações:

1ª) — Que a província do Ceará, depois de desmembrada a parte indicada para nova província, ainda conserva a mesma extensão de mais de 80 léguas de L. a O. e mais de 60 léguas de N. a S. com a população de 150.000 habitantes, e com pequena diferença de renda,

tanto geral, por consistir na maior parte em rendas das alfândegas da Fortaleza e Aracati, por onde continuarão a passar os gêneros de importação e exportação da nova província, como da renda provincial; porque sendo sabido não avultar a dos lugares remotos da capital, por falta, de ação do Governo, qualquer pequena diferença ficará compensada com a cessação da despesa provincial nesta parte desmembrada, e que talvez a exigisse maior para sustentação da ordem e tranqüilidade pública.

2ª) — Que a povoação e território de Piranhas se acha situado aquém da serra Rachada ou Hipiaba, (8) que divide a província de Piauí da de Ceará, não é de considerável população para tornar sensível essa pequena parte ao extenso território da província do Piauí, de cuja capital dista 100 léguas pouco mais ou menos, quando fica em distância do Crato somente 54. Em semelhantes circuntâncias se acham as duas vilas do Rio do Peixe, ou Nova do Sousa, e a do Piancó da província da Paraíba, em distância da capital mais de 100 léguas, quando para o Crato distam apenas de 30 a 40 léguas; e da mesma sorte as de Flôres e do antigo Julgado de Cabrobó da província de Pernambuco, pela conhecida extensão do seu território, por ser província das de maior população e renda, acrescendo ficarem distantes de Pernambuco 100 a 200 léguas, e do Crato menos de 50 a 80 léguas, e algumas como a do Ixu (*sic*) 10 léguas somente.

3ª) — Que a nova província do Cariri Nôvo criada com as povoações designadas no Projeto, ficará limitada a uma extensão de 120 a 130 léguas de N. a S. e de 50 a 60 de L. a O., com a população de mais de 140.000 habitantes, e com renda suficiente para suas despesas, maiormente se a arrecadação das rendas se estabelecer com os oficiais necessários para desempenhar uma escrituração simples e não aparatosa; e que tendo interinamente por capital o Crato, fica o Governo na proximidade do centro da província, e mais perto das povoações que se acham nnas divisas das outras províncias.

Por tôdas estas razões, e as mais que poderão em tempo apresentar-se, parece à Comissão que o Projeto deve entrar em discussão e ser aprovado.

Paço do Senado, 16 de setembro de 1839. M. I. de Melo e Sousa, A. P. da Costa Ferreira, José Rodrigues Jardim." (9)

Já se poderia prever o parecer favorável dessa Comissão, pois dos três opinantes, dois eram signatários do Projeto em discussão: Melo e Sousa e Costa Ferreira... Davam parecer sobre o que êles próprios haviam proposto!

Estava, assim, a proposição pronta para ser discutida em plenário.

De fato, na Ordem do Dia da sessão de 1º de outubro do mesmo ano, dava entrada o Projeto, com o respectivo parecer, sendo aprovado em 1ª discussão e mandado à 2ª. (10) Esta tem lugar no dia 7 seguinte.

(8) Assim está no original. Parece incrível que, mesmo naquela época, senadores brasileiros ignorassem o nome de uma serra histórica e geograficamente importante como a Ibiapaba.

(9) Idem, vol. V. p. 32 a 35.

(10) Idem, vol. VI, p. 4.

Em relação ao Art. 1º, foi apresentado um requerimento do senador Cunha Vasconcelos, da representação da Paraíba, pedindo "o adiamento da discussão até que o Governo mande informar os presidentes das províncias que vão ser divididas, ouvindo êstes as Câmaras dos municípios que hão de ficar pertencendo à nova província." (11)

Esse requerimento não foi aprovado, não havendo mais dificuldade para a aprovação do artigo em discussão.

Com referência ao Art. 2º, o senador Marquês de Barbacena apresentou um requerimento do seguinte teor:

"Requeiro o adiamento dos §§ 2º, 3º e 4º do Art. 2º, até que se recebam informações do Governo, ouvindo aos presidentes da Paraíba, Pernambuco, e Piauí, de cujas províncias se pretende tirar uma parte para unir à nova província do Cariri." (12)

O requerimento foi aprovado, bem como o § 1º do Art. 2º e os Arts. 3º e 4º do Projeto.

Com relação ao Art. 5º, o próprio autor da proposição, senador José Martiniano de Alencar, apresentou requerimento de adiamento da votação até que se obtivessem as informações solicitadas pelo Marquês de Barbacena. (13)

Na sessão do dia seguinte Alencar dava entrada a novo requerimento, nos seguintes termos:

"Requeiro que, para as informações que se exigem do Governo acêrca do Projeto para a criação da nova província do Cariri Novo, sejam ouvidas as Câmaras daqueles municípios que se pretendem tirar para a mesma nova província, e que se peçam com urgência, a fim de que venham até o princípio da Sessão do ano seguinte." (14)

Era claro o objetivo de Alencar: era provável que os presidentes de província a serem ouvidos, de acôrdo com o requerimento de Barbacena, opinassem contrariamente à sua pretensão. As Câmaras municipais com certeza opinariam favoravelmente.

Naquele ano de 1839 não mais se ventilou o assunto, oficialmente, no Senado. Nem haveria tempo para tal: vinte e três dias depois Sua Excelência o Regente Araújo Lima encerrava solenemente a Sessão Legislativa anual.

O requerimento foi aprovado, bem como o da sessão anterior, relativamente ao adiamento da povoação do Art. 5º. Na mesma sessão foram aprovados os Arts. 6º e 7º do Projeto.

Mas o autor da idéia deve ter utilizado as férias parlamentares para movimentar em seu favor os amigos e correligionários das províncias do Ceará e Pernambuco.

A Assembléia Provincial cearense manifesta-se favoravelmente àquele Projeto de Lei, e se dirige ao Senado em condições que êste julga exorbitante das atribuições daquele órgão.

(11) Idem, p. 20.

(12) Idem, p. 20.

(13) Idem, p. 21.

(14) Idem.

A Câmara da vila da Boa Vista do Rio São Francisco procede de modo idêntico.

É o que se conclui do parecer da Comissão de Atos Legislativos das Assembléias Provinciais que deu entrada na sessão do Senado de 4 de junho de 1840. Ei-lo :

"A Comissão dos Atos Legislativos das Assembléias Provinciais, examinando a Proposta feita pela Assembléia Provincial do Ceará, que tem por objeto a criação de uma nova província com o nome de Cariri Novo, tendo por capital a vila do Crato, entende que semelhante Proposta não cabe nas atribuições das Assembléias Provinciais conferidas pelo Ato Adicional, pelo que apenas poderá ser encarada como uma Representação que, segundo a Constituição, podia a mesma Assembléia dirigir ao Corpo Legislativo Geral, e nesta consideração é a Comissão de parecer que fique a mencionada Proposta sobre a Mesa para se lhe dar a importância que merecer, assim como a Representação também junta da Câmara da vila da Boa Vista do Rio de S. Francisco, pertencente à província de Pernambuco, sobre o mesmo objeto, quando novamente entrar em discussão um Projeto que sobre o mesmo objeto foi apresentado na Sessão do ano passado, e que ficou adiado em 8 de outubro, por se haver pedido informações ao Governo.

Paço do Senado, 4 de junho de 1840. — Francisco de Sousa Paraíso, Visconde de Congonhas do Campo." (15)

Dois meses depois, na sessão de 4 de agosto, o 1º Secretário lê um officio do Ministro do Império, "remetendo as informações que lhe foram pedidas sobre a criação de uma nova província, que se denominaria Cariri Novo." (16)

Mas o interesse pelo assunto havia desaparecido. Pode-se mesmo dizer que, da parte do autor do Projeto, êle morrera.

É que desde 23 de julho desaparecera o ostracismo do senador Alencar com o advento da Maioridade, realizada através de uma revolução parlamentar de que fôra êle um dos principais artífices. Ia começar a colhêr o fruto do que vitoriosamente arquitetara. Por Carta Imperial de 10 de setembro daquele ano era nomeado pela segunda vez Presidente do Ceará, e a 20 de outubro assumia aquelas funções em Fortaleza. Não lhe interessava mais mutilar a província que ia governar, e, se houvesse de sua parte um interesse superior no andamento da proposição, era aquela a hora de fazê-lo, pois sobravam-lhe prestígio e autoridade no plano nacional.

Em 1846, através de uma Representação datada de 14 de agosto daquele ano volta a Assembléia Legislativa Provincial do Ceará a dirigir-se ao Senado e Câmara dos Deputados sobre o mesmo assunto. Solicita, entretanto, que os representantes da Nação reflitam sobre a conveniência de uma alteração no rol dos municípios que devem compor o território da novel província.

É o que está claro nesse trecho da Representação — : "A Assembléia Provincial, Augustos e Digníssimos Senhores Representantes da Nação, julga ter-vos apresentado razões poderosas para suplicar-vos

(15) Idem, 1840, vol. III, p. 6 e 7.

(16) Idem, vol. V, p. 7.

a aprovação do projeto de lei mencionado, devendo somente refletir que da divisão proposta para a formação da nova província, convém excluir o município do Riacho do Sangue desta província, o qual por sua posição será mais vantajoso que continue a pertencer a esta mesma província." (17)

Refere o historiador cearense Paulino Nogueira que "diz também o Dr. Theberge (no seu *Esbôço Histórico*) que a 10 de julho de 1828 a Câmara Municipal do Crato endereçou uma representação ao Governo no sentido da conveniência da criação de uma nova província no Cariri, com povos limítrofes de Pernambuco e Paraíba". (18) Entre aquela Câmara e o presidente Antônio de Sales Nunes Berford, que governou o Ceará de fevereiro de 1826 a abril de 1829, chegou a estabelecer-se uma troca de mensagens, revelando-se o Presidente favorável à idéia.

Vê-se que onze anos antes da proposição de Alencar ao Senado do Império, já os cratenses, e com bem maior autenticidade, batalhavam pela sua província.

E prosseguiram nessa peleja. Em 1855 o jornal *O Araripe*, ali fundado e com João Brígido como redator-chefe, fazia do movimento pró província do Cariri o *leit motiv* de sua existência. Recentemente, na década de 50, deputados daquela região terçaram armas pela idéia no plenário da Assembléia Estadual do Ceará.

Nenhum cearense pode concordar com a perda do Cariri, mesmo sabendo-o elevado às altitudes de Estado federado. De tal modo sua história se vincula à do Ceará que perdê-lo significa uma lamentável mutilação. A Geografia dá-lhe, talvez, o direito a essa pretensão, mas a História a condena. Repetimos aqui o que já escrevemos alhures: "A elevação do Cariri a Estado, sendo uma temporização às insinuações da Geografia, não receberia o beneplácito da História, que a repeleria sem apêlo." (19)

(17) PROVÍNCIA dos Cariris-Novos. *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza, 6: 225, 1892.

(18) *Idem*, nota nº 2 de Paulino Nogueira, p. 223.

(19) CÂMARA, José Aurélio Saraiva — "O Estado do Cariri".

In: — *O Tempo e os Homens*. Fortaleza, Imprensa Universitária, 1967. p. 114.

O INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI
e ITAYTERA
saúdam a Tipografia e Papelaria do CARIRI,
pelo seu Cinquentenário.

Conheça o Brasil pela CRATURISMO



CRATURISMO

CERTEZA DE BONS MOMENTOS

Reg. EMBRATUR 02581-00-42-7
Rua Dr. Irineu Pinheiro, 251
FONES : (085) 521-3077 e 521-0587
PIMENTA - 63.100-CRATO - CEARÁ

UMA RUA. 3 ACONTECIMENTOS

UMA DATA.

Gen. RAIMUNDO TELES PINHEIRO
(Do Instituto Cultural do Cariri)

Há em Fortaleza, entre a rua General Sampaio e a Avenida Tristão Gonçalves, uma rua denominada *24 de Maio*, que assim o foi em justa homenagem ao grande feito da *libertação dos escravos em Fortaleza* (24 maio 1883), fato que conquistou para o nosso Ceará a honrosa designação da *Terra da Luz*, como acertadamente a batizou o vigoroso tribuno José do Patrocínio em entusiástica e arrebatadora proclamação.

A homenagem-clarinada reboando sob os céus do Brasil e do mundo é plena e distintamente aceita porque a manumissão dos míseros escravos negros no Ceará foi antecipada de quatro anos à Lei Áurea de 13 de maio de 1888 (Acarape, prioritariamente, 01 janeiro 1883, Pacatuba e Itapagé 02 fevereiro 1883, Aracoiaba 04 março 1884, Baturité e Icó 25 março 1883, Tauá 25 abril 1883, Maranguape e Messejana 20 maio 1883, Aquirás 23 maio 1883, *Fortaleza 24 maio 1883*... finalmente *todo o Ceará 25 março 1884* (também nome de rua em Fortaleza).

El sentimo-nos muito bem em recordar e proclamar os cintilantes nomes dos que empenharam o conforto, os bens e a vida pela sublime causa: Pedro Pereira da Silva Guimarães, José do Amaral, João Cordeiro, Antonio Bezerra, Pedro Artur de Vasconcelos ("No porto de Fortaleza não se embarca mais escravos"), José Napoleão, Francisco José dos Nascimento (Chico da Matilde e "Dragão do Mar"), Barão de Studart, José Teles Marrocos, Alfredo Salgado, Justiniano de Serpa, Maria Tomásia, Eloisa Pinho, Sátiro Dias (Presidente da Província que assinou, com pena de ouro, o meritório e corajoso ato), general Tibúrcio etc. Igualmente recordamos as sociedades por eles criadas para permitirem e possibilitarem a luta. "Perseverança e Porvir" (08 outubro 1880), "Sociedade Cearense Libertadora" (08 dezembro 1880), "Centro Abolicionista" (19 dezembro 1882), e "Senhores Libertadores", e o vibrante jornal "O Libertador" (01 janeiro 1881)...

Complementando as hozanas cantadas em todo o país à data 25 de março de 1884 — a maior da nossa agitada e conturbada história cearense-remembremos como o proclamaram três grandes nomes, dentre outros: 1) — Joaquim Nabuco, de Londres, ao saber que nos preparávamos para o 25 de março de 1884. "Não há no nosso passado desde a Independência, uma data nacional igual à que a Província do Ceará vai criar. A imensa luz acesa no Norte há de destruir as trevas do Sul. Não há quem possa impedir a marcha dessa claridade. Os brasileiros hão de reconhecer no cearense o precursor da transformação nacional". 2) — André Rebouças clamava da Tribuna no Rio de Janeiro: "Deus te salve, ó Ceará, esplêndido farol de argonautas de novas liberdades! Quanta glória ó terra predestinada; ser primeira

entre as vinte irmãs, a Fenix imortal da sêca, vítima augusta da incapacidade governamental, da cobardia da política e da atroz ganância dos traficantes! Como és belo ó Ceará! Como é cândida e hialina citere, espuma das tuas ondas brilham quais diamantes as areias de tuas dunas... Mas, acima de tudo, ó Ceará, refulge esplendorosamente o novo simbolo da Redenção — a vela triangular e branca da tua jangada libertadora. 3) — Finalmente o mestre Capristano, dentre tantos outros: "O Brasil, há sete anos, deu ao Ceará o pão do corpo... Acrisolado pelo martírio, é o Ceará que dá ao Brasil o pão do espírito"...

Rememora, ainda, aludida rua, outro significativo acontecimento marcante da história pátria: a retumbante vitória das tropas imperiais e dos seus aliados na maior e mais sangrenta batalha de *Tuiuti*, na guerra do Paraguai (24 maio 1866), em que foi sacrificada a principal peça da vitória — o glorioso general cearense Antonio de Sampaio, patrono da Infantaria Brasileira, herói dos combates de Icó (alferes), da Cabanada, da Balaçada (capitão), dos Farrapos, da Praieira, de Monte Caseros (coronel), de Paisandu (coronel e a seguir Brigadeiro) e, finalmente de Tuiuti (8.000 mortos e milhares de feridos, entre estes o bravo dos bravos, que faleceu 42 dias depois)...

Recuando um pouco mais no tempo, deparamo-nos com outro acontecimento que a data e rua rememoram: *nascimento do cidadão general Antonio de Sampaio* (24 maio 1810), na Fazenda Victor, na então vila cearense de Tamboril; e faleceu aos 06 de julho de 1866. Mas Sampaio não morreu porque, como eu já disse alhures, em cerimônia cívica: "Sampaio, na paz, para forjar o instrumento da defesa de sua pátria, instruiu, educou, formou, em suma, bons soldados; na guerra teve a ventura de saber empregá-los com inteligência e bom senso, compreensão e bondade, com serenidade e bravura, e penetrou impávido no Panteão da imortalidade. O seu nome, sobre ser um exemplo, continua inspirando respeito, admiração, dignidade, nobreza, sacrifício, abnegação e renúncia; e revive na ambicionada condecoração *Sangue do Brasil*, cujos motivos heráldicos foram inspirados nos seus três gloriosos ferimentos; revive erecto no bronze indestrutível das estátuas, no colorido das placas das ruas e praças do seu amado Brasil; revive no Regimento da Infantaria que ostenta o seu nome, e, inspirado no seu magnífico exemplo, regressou coberto de glória; dos campos de batalha da Europa; revive, sobretudo, patrocinando a indômita Infantaria Brasileira, sua própria encarnação"...

E concluamos com o orador (Dr. José Lino da Justa) da inauguração da sua estátua aqui, na Praça Castro Carreira, em 1900. "Durante 36 anos foste soldado, percorrendo neste longo estádio toda a escala do dever e do heroísmo — viagem imensa de peregrinação pela pátria; é, por isso, que aqui, nesta glorificação, começa a vida ser epopéia, o soldado a ser herói, o túmulo ser altar e ser imortalidade a morte... Boa noite general, e a doce luz das constelações vele o noivado da tua apoteóse".

U S I N A B E Z E R R A

IRMÃOS BEZERRA DE MENEZES S. A.

COMÉRCIO E INDÚSTRIA

COMPRA E BENEFICIAMENTO DE ALGODÃO

End. Teleg. : B E M E N E Z E S

TELEFONES: 521-2722 e 521-2843

3 2 A N O S

**A SERVIÇO DA COMERCIALIZAÇÃO ALGODOEIRA
NO CARIRI!**

AVENIDA TEODORICO TELES Nº 502

CRATO - CEARÁ

Construtora LEIMO

O CONCEITO ALIADO
AO ALTO PADRÃO
DE CONSTRUIR



FONE: 521-2754

Rua Senador Pompeu, 293

Crato

-1-

Ceará

Almerinda Sabóia de Alencar Bezerra (MADRE PAULA)

JOSÉ DE ALENCAR BEZERRA

Depois de vários mandatos de madre geral da Congregação das Filhas de Santa Tereza, deixou a direção daquele sodalício, a madre Paula, sua sucessora foi a candidata que ela desejava: Madre Aurélia Gonçalves. Madre Aurélia é formada em Filosofia, foi diretora de vários colégios da congregação das filhas de Santa Tereza, e diretora da faculdade de Direito de Souza, na Paraíba, sua personalidade rica, de virtudes morais e qualidades intelectuais, a colocam à altura de substituir a madre Paula.

"MADRE PAULA (A PARENTA, A PROFESSORA E A FREIRA)"

A PARENTA: Foi minha companheira de infância, mais nova um ano do que eu, mas tinha grande liderança, quando chegava da escola lia o que estudava para mim, desde a cartilha até o quinto ano primário no colégio do professor João Clímaco, grande espírito de solidariedade, andava comigo por toda a parte sem nunca me humilhar, nem chamar a atenção para minha cegueira. Papai nos deixou pobres, e ela me dava dinheiro para bolos e frutas, eu tinha liberdade de lhe pedir o que queria, nossos brinquedos eram de grande pureza, bricávamos de novena, éramos comerciantes e agricultores, atividades mais invoga na nossa comunidade.

Não posso descrever numa ligeira desertação toda a ação social da madre Paula na família, protege os estudantes, consola os tristes e orienta a todos, às vezes convertia em enfermaria seu gabinete de madre geral para atender familiares. Quando vim para o Nordeste foi apenas para fazer uma pesquisa educacional em doze meses. Ela mandou uma freira no Rio de Janeiro conseguindo o prolongamento do prazo, depois o Reitor Martins Filho obteve minha transferência para a Universidade Federal do Ceará, enfim, direi apenas que ela no meio da família segue o lema do santo que adotou para nome de freira, "São Paulo", ser tudo para todos.

A PROFESSORA: Começou a sua obra de educadora ainda como aluna, no intercâmbio Crato-Pio IX, foi gigantesca, era uma mensageira da cultura cratense em Pio IX, levava modinhas, benditos, brinquedos

de roda, fazia verdadeiras reportagens sobre os times de Volley-Boo e os cordões do carnaval. A vida religiosa, a maneira de ser das freiras, a cultura do clero, junte-se isto a uma livraria selecionada. Tomei amor pela alimentação racional, extensão rural e higiene, ouvindo ler os livros que ela mandava para mim. Fazia verdadeiras exposições de trabalhos manuais. Como professora, à frente da escola agrupada Padre Ibiapina, citei apenas as instituições extra curriculares que fundou e fazia funcionar com grande dinamismo: Pelotão de Saúde (Tereza Simões; Cantofeão (Carlos Gomes); Clube Agrícola (Chiquinha Rodrigues e Biblioteca (Heli Bezerra).

Arranjava sementes com o fomento agrícola de Fortaleza e Teresina e criava nos alunos o hábito de plantar em hortas domiciliares. Vou encerrar com a letra de duas canções que fiz para seu aniversário que comemorávamos a 27 de novembro:

I

X X X

Aceitai mestra querida
nossa humilde saudação
ela é simples e porém sincera
porque partiu do nosso coração.

CORO

27 de novembro
festejemos a cantar
nossas almas jubilosas
vão seus hinos entuar.
Pio IX inteiro deve
nesta data se enfeitar
para sua grande mestra
bem honrar.

II

Em nossas almas juvenis
sempre procurastes plasmar
o amor de Deus e da Pátria
unidos no mesmo altar.

III

I

Para o bem sempre nos guiastes
pelo caminho da existência
formando o nosso caráter
e cultivando nossa inteligência.

Já no tempo de estudante
a Pio IX servia
mentalidade brilhante
que luz e fé irradiava.

A FREIRA : Continuou a sua ação de professora, já foi tudo na Congregação que abraçou as filhas de Santa Tereza, foi professora, diretora de colégio, secretária da Congregação e Madre Geral. Sempre foi designada pelos superiores para missões difíceis, e com seu espírito conciliador levou todas a bom termo. Como madre geral se interessava pelo bem estar de cada religiosa. Pode-se dizer que nela se realizou o conteúdo dos últimos versos do câoro do hino das filhas de Santa Tereza:

Cantai por tanto o hino da vitória
ó servas do Senhor que o amor conduz
ante os altares obteve a glória,
de ser para sempre esposa de Jesus.

M. DIAS BRANCO S. A.

Comércio e Indústria

FÁBRICA



FORTALEZA

DEPÓSITO REGIONAL DO CARIRI, EM CRATO

OS MELHORES PRODUTOS:

BISCOITOS, MACARRÕES E
MASSAS ALIMENTÍCIAS

TUDO DA MELHOR QUALIDADE!

AVENIDA PADRE CÍCERO, Km 2 — MURITY

TELEFONES: 521 - 1616 — 521 - 1766

CRATO — CEARÁ

LOJÃO N. S. APARECIDA

O Gigante do Crato

DE: VALDEMIR CORREIA DE SOUZA



UMA GALERIA INTEIRA DE NOVIDADES...

ARTIGOS PARA O LAR, VIDROS, CRISTAIS,
PRATARIA, GELADEIRAS E MÓVEIS DE TODOS
OS ESTILOS



Rua Dr. João Pessoa, 246 à Rua Santos Dumont, 39

TELEFONE: 521-1413

C R A T O

-

C E A R Á



AGORA COM FILIAIS EM JUAZEIRO DO NORTE,
IGUATU E FORTALEZA

OS JORNAIS DO CRATO

J. C. ALENCAR ARARIPE

Trinta e um anos, três meses e sete dias decorridos da circulação em Fortaleza do primeiro jornal impresso no Ceará — o *Diário do Governo do Ceará*, surgiu *O Araripe* na cidade do Crato, a 7 de julho de 1855. Foi o primeiro jornal impresso no Sul do Estado.

Fundou-o e dirigiu-o João Brígido dos Santos, que se tornaria, com o tempo, famoso jornalista e louvado cronista da terra cearense, que adotou como se fosse a sua de nascimento. Foi, assim, pioneiro da imprensa naquela amável região, circunstância de que poucos se advertem, pois o que sobreleva é o João Brígido de *Unitário*, de Fortaleza.

No livro *O Cariri*, do escritor Irineu Pinheiro, *O Araripe* sobressai como órgão de extraordinária expressão. "Folheando suas páginas, nota-se que ele foi magnífico lutador pelo progresso e grandeza da região em que floresceu. Provam-no suas campanhas em favor da criação da Província do Cariri, da intensificação da cultura agrícola, da fundação de boas estradas de rodagem, da defesa da saúde pública etc. Fundado e redigido por João Brígido, homem inteligentíssimo, dado, naquela época, a estudos da crônica caririense, publicou o velho semanário, além dos *Apontamentos para a história do Cariri*, de autoria do seu redator, documentos do tempo de nossa independência nacional, relativos ao Crato, de notável interesse histórico, atas da Câmara cratense sobre o movimento rebelionário do Joaquim Pinto Madeira, outros papéis concernentes à vida religiosa e civil da região.

Você quer saber, caro leitor, o que era a vida social e partidária no Sul da Província? *O Araripe* retratava-o em suas edições, sobretudo no tocante à política, a que João Brígido se afeiçoara como militante liberal, ferindo o adversário, como observa Irineu Pinheiro, em seus pontos frágeis, ou elogiando o amigo naquilo que mais o lisonjeasse.

O Araripe dava-se ao luxo de divulgar estatísticas relativamente a nascimentos, óbitos, casamentos e abatimento de reses para o açougue público. A marcha da cólera-morbo no Cariri era acompanhada pelo jornalzinho, que não se justou à proteção de aspectos repugnantes do que se verificou em Missão Velha, onde "mandavam as vítimas em matérias coléricas".

No tocante à constituição da Província do Cariri Novo, *O Araripe* reencetou campanha desfechada vários anos antes pelo senador José Martiniano de Alencar, que apresentou o competente projeto de lei, com apoio de personalidades de relevo da política do Império, e recebeu pareceres favoráveis nas Comissões do Senado pelas quais tramitou. O romancista José de Alencar, atuando então na imprensa carioca, registrou o aparecimento do *O Araripe* e fez a defesa, em mais de um artigo, da idéia de que seu pai fora o patrono.

O Núcleo de Microfilmagem da Secretaria de Cultura do Ceará acaba de microfilmear *O Araripe*, coleção de que é detentor Amarílio Cavalcante. Um acontecimento auspicioso, pelo significado como esforço para conservar a memória jornalística do Ceará.

O Araripe abriu clareira à evolução da imprensa no extremo meridional do Estado. O já citado Irineu Pinheiro, em *O Cariri*, editado em 1950, relacionou 121 títulos de jornais e revistas. O acadêmico F. S. Nascimento, infatigável pesquisador, em estudo estampado na revista *A Província*, em 1955, por ocasião do centenário da imprensa no Crato, vai mais longe na relação e aponta 162 publicações. entre jornais e revistas, vindas a lume no decorrer de um século, uns impressos, outros, simplesmente datilografados.

Para Irineu Pinheiro. os jornais que mais se destacaram na centúria foram *O Araripe*, de João Brígido. a *Gazeta do Cariri*, de Miguel Xavier. a *Cidade do Crato*, do coronel José Belém de Figueiredo, o *Sul do Ceará*, de Antenor Madeira e José Esmeraldo, e o *Correio do Cariri*, do coronel Antônio Luiz Alves Pequeno.

Os jornais de maior expressão tiveram, todos eles, inspiração política. Surgiram e se mantiveram ao sabor de interesses de grupos políticos que se digladiavam. Curiosa esta particularidade da *Cidade do Crato*: os seus correspondentes, em inúmeros municípios, eram os respectivos chefes partidários.

Tornou-se célebre a polêmica travada em fins de 1910 e começo de 1911, entre o *Correio do Cariri*, do Crato, onde atuavam o Dr. Raul de Sousa Carvalho, Juiz Substituto, e o farmacêutico José Alves de Figueiredo, e *O Rebate*, de Juazeiro, dirigido pelo padre Joaquim de Alencar Peixoto. E o motivo dessa polêmica foi o desentendimento entre Crato e Juazeiro, esta tentando emancipar-se daquela. Em consequência Juazeiro decidira não pagar mais impostos ao Crato. *O Correio do Cariri* atacava o padre Cícero Romão Batista. *O Rebate*, além de defender o sacerdote, investia contra o chefe político do Crato, coronel Antônio Luiz Alves Pequeno. A contenda ia acesa e nela se projetava, como defensor do padre Cícero, o Dr. Floro Bartolomeu. que três anos lideraria a rebelião que depôs o presidente Franco Rabelo.

Estava iminente a luta armada, quando figuras respeitáveis do Crato, não envolvidas nas disputas, tentaram a conciliação, afinal obtida. através da assinatura de documentos pelas partes em conflito. Os jornais suspenderam os doestos e Juazeiro se comprometeu a pagar os impostos logo que fosse elevada à categoria de vila e ganhasse foro de cabeça de município.

Entre as publicações cratenses, várias delas de conteúdo humorístico. o que se evidenciava a começar do título: *O Alfinete*, *A Isca*, *O Anzol*, *A Coisa*, *O Degas*, *Girumba*, *A Caipora*, *O Grillo*, *Tagarela*, *Vim-Vim*, *O Festeiro*, *O Martelo*, *O Pirilampo*, *A Tampa*, *O Diabo*.

Os três principais estabelecimentos de ensino do Crato tiveram os seus órgãos. de responsabilidade do corpo discente. O Grêmio 7 de Setembro, do Seminário, fez sucesso. em 1930. com o *Minarete*. Diz F. S. Nascimento que era um jornal de ótima feição e fartamente noticioso. Os jovens que o faziam não escaparam às seduções da

polêmica — uma coqueluche, e entreteram acesa discussão com o Diretor da *Gazeta do Cariri*, Dr. Otacílio Macedo. No melhor da contenda, o Bispo Diocesano, dom Francisco de Assis Pires, determinou a extinção de *O Minarete*. Os alunos do Ginásio do Crato editaram *O Alencarino*, *Juventude*, *A Coruba*, *A Pulga*, *A Lama*, *Cafuné* e *O Besouro*, jornalzinhos críticos, humorísticos e literários. O Ginásio Santa Tereza de Jesus, além de *Nova Vida*, um anuário de *Flâmula*, *O Sorriso* e *Avante*, deu-se ao luxo de imprimir um jornal em francês, o *Petit Journal*.

Nomes de inegável merecimento se projetaram nos jornais do Crato: José Joaquim Telles Marrocos, Manoel Soriano de Albuquerque, que tanta nomeada granjearia depois, Manoel Peixoto de Alencar, Irineu Pinheiro, Bruno de Menezes, Otacílio Macedo, J. de Figueiredo Filho, Antônio de Alencar Arripe, Celso Gomes de Matos, Thomé Cabral, padre Antônio Gomes de Araújo, Pedro Norões, Raimundo Esmeraldo, Raimundo Siebra de Brito, padre Leopoldo Fernandes, Meton Vieira de Albuquerque, cômico Manoel Feitosa, Antônio e Joaquim Pinheiro Filho, F. S. Nascimento, Alexandre Arraes de Alencar, J. Lindemberg de Aquino e José Newton Alves de Sousa.

Hoje, o único jornal do Crato é *A Ação*, fundado em 1939, pela Diocese, e que, por último, não tem circulado com regularidade. Como revista, *Haytera*, do Instituto Cultural do Cariri, que data de 1955 é uma excelente publicação, de alto nível intelectual e que faz honra aos padrões culturais da terra.

ECOLOGIA

JOSÉ DE ALENCAR BEZERRA

Precisamos levar a sério o reflorestamento nas margens das estradas e que cada agricultor plante a sua pequena mata com plantas da ecologia local. O plantio de cajú e maracujá são válidos. O que é desaconselhável é o projeto unicamente para a pecuária, porque destrói completamente a vegetação, a necessidade de pequenos bosques de lazer nas adjacências das cidades. Acho que seria interessante o replantio do caruá, planta que dá uma fibra útil para grande artesanato.

É preciso que o povo se liberte dos males do agro tóxico, os países desenvolvidos mandam para nós do terceiro mundo venenos que eles não usam nos seus. Há certos venenos que tornam a terra estéril e deixam resíduos nas frutas, legumes e cereais, causando ao organismo humano grandes males, precisamos aprender a conviver com eles sem estragar nossa saúde, para isto é preciso:

- a) Consultar os técnicos da EMATER, sobre a maneira de usá-los.
- b) Não usar agro tóxico em cultura de cereais, frutas e verduras.
- c) Cultivar os predadores que destroem os insetos, como cururú, minhoca e tamanduás.

d) Não destruir a ecologia, proteger as aves, que também ajudam a exterminar as pragas.



Café ITAYTERA

S Ó T E M G O S T O D E C A F É

PREFIRA-O EMPACOTADO A VÁCUO COMPENSADO

S E U S A B O R É T O T A L

ORGANIZAÇÃO **LEONOR LIMA COSTA S. A.**

INDÚSTRIA E COMÉRCIO

AVENIDA PADRE CÍCERO, S/N — Km 2

D I S T R I T O D E M U R I T I

T E L E F O N E S : 521-1511 e 521-2629

C R A T O

— C E A R Á

ISIDRO: UM JUAZEIRO DO NORDESTE

JOSÉ DE ALENCAR BEZERRA

Fez parte de uma plêiade de alunos que o mestre Antonio Bezerra (Dico) preparou culturalmente. Isidro foi um dos introdutores da gramática portuguesa em Pio IX, era o orador oficial das festas cívicas e religiosas, assumiu a chefia da família com 15 anos e ainda casou cinco irmãs. Fazer um casamento naqueles tempos na década de vinte a trinta era um esforço muito grande, porque tinha de dar uma festa, lembro-me que no casamento da minha irmã Posidônia, o porco que engordou-se para festa tinha caroço e Isidro teve que comprar outro a velha Cotó. O coronel Chico Major costumava dizer que Isidro não teve tempo de ser menino, é católico praticante e a sua fé serve de exemplo para a juventude, quando ia lá em casa visitar mamãe, depois de lhe tomar a bênção dirigia-se logo para o oratório, nunca o ví esmorecer, por difícil que seja a conjuntura a enfrentar. Como tabelião de Pio IX gozava da confiança de amigos e adversários, o povo dizia:

— Que nó que Isidro dá, ninguém desmancha !

Quando ele fervorosamente tirava a vi-sacra na matriz de Nossa Senhora do Patrocínio, o povo dizia:

— Não nega que é filho do major vitalino ! E se eu fizesse travessuras com a velha Josefa Viana, ela dizia:

— Não parece que é filho do major Vitalino !

Era o advogado do povo, nunca cobrou nada por consultas jurídicas, fazia sentenças para os juizes leigos de Pio IX, que eram confirmadas pelo Tribunal de Justiça do Piauí.

Casou-se em primeiras núpcias em 22 de novembro de 1925, apenas com 20 anos, pois nasceu a 1 de julho de 1905. Sua primeira esposa foi a prendada senhora Argemira Maria Bezerra, grande mãe e líder de destaque como presidente do apostolado da oração de Pio IX.

Casou-se pela segunda vez com a professora Antonia Moura Santos, esta jovem senhora personifica as virtudes da mulher piauiense. Sua primeira família consta de dois advogados; uma professora e uma tabeliã, todos bem situados na vida. Agora, ele e Antoninha, sua segunda esposa, estão travando a batalha da educação de 5 filhos. O casal os ajudava desde o primeiro até o curso secundário, a fazerem os deveres escolares, já estão todos cursando a universidade.

Eu, comparo Isidro com o Juazeiro do Nordeste, que dá sombra e vida. Atualmente sua residencia em Picos é um centro de resistencia,

que dá apoio aos doentes em hospitais, estudantes em férias, enfim, à ação social deste lar traz inúmeros benefícios a família e a sociedade.

Transcrevo aqui o discurso que pronunciou a 1 de julho de 1985, quando completou 80 anos e comemorávamos seu aniversário em Picos.

Meus caros parentes e amigos

Não é um discurso, mas sim uma simples mensagem de agradecimento que, neste momento, vos dirijo.

E como não confio na memória, peço permissão para lê-lo, embora minha vista já esteja muito prejudicada, pelo que peço-vos desculpardes as falhas.

Passar mais um ano no fio da vida do homem é um fato banal que cai sem estrépito no imenso espaço das coisas comuns. Tanto mais quanto o aniversariante que ora vos fala não tem uma vida pontificada com feitos notáveis e dignificadores.

Há, porém, um outro motivo particular que torna esta data um dia de júbilo para mim e para os meus familiares.

É que estou completando 80 (oitenta) anos, bem vividos, com relativo conforto moral e material e cercado da consideração de meus familiares, alguns dos quais vieram de três capitais longínquas para me proporcionarem alegria no transcurso deste evento.

Agradeço em primeiro lugar a Deus, por ter me concedido uma vida longa quando muitos morreram tão cedo, inclusive alguns dos meus irmãos.

Em segundo lugar, agradeço a minha dedicada e bondosa esposa ANTONINA, que ao longo de vinte e quatro anos de feliz convivência conjugal me tem proporcionado o máximo conforto moral, material e espiritual, especialmente, agora, na velhice, quando ela redobra a assistência cuidadosa e afetiva, visando a amenizar as deficiências inerentes a idade, como sejam: afastamento de cargos, dos amigos e até dos próprios familiares, e, também as inibições que acompanham a velhice; visão e audição prejudicadas, passos vagarosos, insônias e doenças.

Ela é portadora de maturidade humana e modéstia espiritual, que, só quem com ela convive de perto, conhece e sente os seus benéficos efeitos.

A ela, pois, aqui e agora, quero manifestar minha eterna gratidão.

Rogo a Deus Todo Poderoso que lhe conceda muitos anos de vida, com saúde e recursos económicos para terminar sua tarefa de educar todos os nossos filhos, vez que eu, talvez, não alcance a vitória de dizer: "Missão Cumprida".

Muito grato sou, também, a todos que aqui se encontram, movidos pelo amor, esse dom divino que se humaniza, porque Deus é Amor, como dizem as sagradas escrituras.

É esse sentimento sobrenatural, quase divino, que une o homem e a mulher; que mantém unidos — apesar dos choques — os membros de uma família.

É ele que alicerça a amizade e a fraternidade, extravessando, para além do ambiente familiar, um afeto que se estende a todos os membros da comunidade, sem limites nem prevenções.

É o amor entre os homens que gera o Bem, a paz e a Justiça — essa trilogia que esteia o Reino de Deus na terra, que identifica o homem com Cristo e, através da ação do Espírito Santo em nós, nos faz a todos irmãos.

Apesar dos desencontros e desenganos, apesar das desinteligências e choques dentro das famílias, dentro da comunidade, dentro dos Estados e dos Países, há um constante esforço para chegarmos a um mínimo de paz e justiça na manutenção e no aumento do amor entre os seres humanos.

Deus é amor, repito, e Amor é comunhão, criatura e Criador unidos, para a felicidade temporal e a bem aventurança eterna.

Entre os convivas — todos merecedores de minha estima e consideração — quero ressaltar a presença de minha dileta sobrinha Saboinha, hoje Madre Paula, essa sacerdotiza do magistério, cujos méritos transpuzeram as fronteiras do nosso Estado, para projetar-se no Colégio Santa Tereza em Crato-Ceará, onde ela fez o curso pedagógico, passando de mestra, da carteira de estudante para a cátedra, em cujo desempenho vem transmitindo a centenas de alunas os conhecimentos haurido naquele Educandário, de que o seu cérebro se acha iluminado.

Para difundir o seu Apostolado, filiou-se a Congregação das Filhas de Santa Tereza de Jesus, com séde naquela cidade cearense e hoje com filial em Fortaleza-CE..

Há vários anos, vem exercendo o cargo de Madre Geral — o mais alto posto na hierarquia daquela Comunidade religiosa — por sucessivas e honrosas reeleições.

Isso patenteia, de modo evidente, a sua competência, o seu dinamismo e espírito público que sabe governar com Amor, tornando-se credora da confiança, da amizade e da gratidão daquela Congregação.

Outra presença que não podia deixar de mencionar é a de meu irmão ZEZINHO — esse derrubador de barreiras — que não obstante ter nascido invisual e ficado órfão de pai aos quatro anos, lutou contra a própria natureza, e venceu, superando suas deficiências físicas com com as luzes de sua inteligência, com tenacidade e estoicismo.

O escritor Alberto Galeno, ao prefaciá-lo o seu terceiro livro "Memórias", disse entre outras coisas, o seguinte: "Ele embora privado da visão soube ver, participar dos acontecimentos e registrá-los melhor do que muitos que seriam dotados de cinco sentidos ou mais. E como não podia deixar de ser, a luta do próprio memorialista — um deficiente visual — para tornar-se vitorioso no meio social que o cerca, e desta forma melhor poder lutar em prol de seus irmãos de infortúnio. Alegra-nos dizer que Alencar Bezerra atingiu as duas metas, motivo pelo qual deve se considerar duplamente vitorioso". E eu acrescento "ELE É O HERÓI DA FAMÍLIA".

A TODOS E POR TUDO, O MEU MUITO OBRIGADO!!!

SOBRIL

Sociedade Bringei Irmãos Ltda.

MATERIAL DE CONSTRUÇÃO E AGRÍCOLA

MATRIZ: Rua Monsenhor Esmeraldo Nº 785 / 801

CAIXA POSTAL, 46 – TELEG.: **S O B R I L**

TELEFONES: 521 - 2416 – 521 - 2352 – 521 - 1422

FILIAL: PRAÇA FRANCISCO SÁ Nº 171 / 175

TELEFONE: 711 - 1160

I G U A T U – C E A R Á

SOBRIL – “a sua melhor opção”

CÂMARA CASCUDO

NOSSO DERRADEIRO ENCONTRO

FRANCISCO DE VASCONCELLOS

Foi na tarde de 28 de janeiro deste ano de 1986. Conforme vinha ocorrendo ultimamente, uma vez baseado no Recife nos meses de verão, dava uma fugida até Natal para rever o velho mestre e amigo. Desta vez, avisado com alguma antecedência o casal Cascudo aguardava-me com uma bateria de sorvetes e sucos feitos das frutas da ocasião.

No sobradinho da Junqueira Aires, refestelado numa espreguiçadeira, o autor de Vaqueiros e Cantadores aguardava-me com aquela paciência de quem sorve a vida em conta gotas.

Irremediavelmente surdo, enxergando cada vez menos, caminhava para a incomunicabilidade, para o hermetismo total, para o recolhimento absoluto. No entanto, o menos preocupado com esses fantasmas parecia ser ele, que de tudo procurava tirar partido, vivendo experiências novas, prazerosas em ser a cobaia de si próprio.

Já não escrevia, pois não aprendera a ditar nem a prescindir da máquina, alijada de seu convívio pela deficiência visual.

Exercitando cada vez menos a mente, perdera aquela memória estupenda, que fazia de sua paisagem mental ubérrima seara.

Apesar de tudo, a consciência do dever cumprido, a certeza de sua perenidade, o reconhecimento em vida de sua obra imorredoura, a levesa de seu espírito sempre pronto a moldar-se ao quotidiano da matéria cada vez mais decadente, permitiam-lhe manter a graça borbulhante, a brincadeira ágil e inteligente, aquela verve notável presente em seus livros, em suas cartas, em suas longas conversas de outros tempos.

Foi entre alviças que me recebeu em sua habitual simplicidade e bonomia. Nossa conversa não tinha o ritmo dos diálogos normais. Nossas falas eram picotadas pela necessidade que eu tinha de por em letra de forma o que pretendia lhe contar e pelo tempo de que ele necessitava para ler o que estava escrito. Fazendo blague, costumava afirmar que a leitura lhe parecia verdadeiro alpinismo.

Mas, juntando as nossas paciências, conseguimos recordar amigos comuns, relembrar fatos de nosso mútuo interesse e provocar recíprocas gargalhadas.

De repente abriram-se-lhe as vertentes dos tempos académicos vividos em Salvador, no rio de Janeiro e no Recife. As lembranças vinham a tona saltitantes com toda a força da juventude. Era de novo o moço de vinte anos, agitado, impetuoso, a debater-se entre a medicina e o direito. Nesse remexer de imagens antigas, nenhuma angústia, nenhuma revolta. Apenas discreta emoção e vaga saudade.

Para ajuda-lo recordei-lhe velhos nomes de logradouros públicos — rua das Belas Noites, Largo da Mãe do Bispo, Rocio, Campo da Lampadosa, Ladeira do Quebra Bunda, rua das Ninfas, rua das Virgens, etc.

Entre risos de satisfação repetia essas incomparáveis criações populares, saboreando cada sílaba, como se degustasse torrões de açúcar.

Naquele momento, os quarenta anos que separavam nossas existências, segundo a cronologia terrena, reduziam-se a nada. Eram dois espíritos velhos, duas almas irmãs que se compraziam nas mesmas libações intelectuais. Éramos ali parte da mesma energia que movimentou Sílvio Romero, Amadeu Amaral, Joaquim Ribeiro, Sílvio Júlio, Cortázar, Ambrozetti, Van Gennep e tantos outros.

Confortava-me a impressão de que minha presença lhe fazia bem e dele próprio obtive a certeza disso, quando ao chamar a companheira de quase sessenta anos, exclamou:

— Ô Dahlia, isso é que se chama uma visita terapêutica!!!

Mas em tempo de partir. Estendi-lhe a mão evitando que se levantasse. Mas ele, num ímpeto pôs-se de pé e abraçou-me longamente. Naquele momento os fluidos me confundiram que era a última vez.

Liberto da matéria, o espírito irrequieto e brincalhão de Mestre Cascudo voa a solta no infinito. E, para não perder o hábito já deve estar fazendo diabruras por aí. Esses tremores de terra em João Câmara devem ter o dedo dele.

Soube agora, pelo amigo comum Veríssimo de Melo, que há um movimento em Natal, para que se mantenha vazia para sempre a cadeira que Luis da Câmara Cascudo ocupou na Academia Nortério-grandense de Letras. Estou plenamente de acordo. O ocupante daquele acento é insubstituível. Mudem-se os estatutos, os regulamentos e regimes internos, mas preste-se-lhe essa homenagem. E mais: sobre a cadeira ponha-se um ramo de dalias, sua flor preferida.

ITAYTERA: A força expressiva da
cultura caririense.

A Fúria das Multidões

RAYMUNDO FARIAS DE OLIVEIRA

Com amável cartão do professor Fávila Ribeiro, da Universidade Federal do Ceará, recebi, já faz algum tempo, o volume 3, número 1/2, de 1981, da publicação NOMOS — revista dos cursos de mestrado realizados na Bahia, Ceará e Pernambuco.

Encontrei, na relação de mestres que compõem o corpo docente dos cursos, nomes que dispensam apresentações maiores, por se tratar de figuras que, de há muito, enriquecem a galeria da cultura jurídica e filosófica do país. Entre eles, Orlando Gomes, o próprio Fávila Ribeiro e Lourival Vilanova, coordenadores dos cursos na Universidade de seus respectivos Estados.

Dos ensaios e artigos publicados, todos da maior importância para quem se interesse pelos problemas da sociedade e das soluções oferecidas pelo Direito, destaco, nesta oportunidade, sob o peso das impressões que me causaram os acontecimentos de Presidente Venceslau (incêndio no Fórum e motim na Penitenciária) e, mais recentemente, o linchamento na cidade de Umuarama, no Estado do Paraná, onde a multidão "justiçou", com as próprias mãos, jovens delinquentes, o trabalho de Nelson de Souza Sampaio, da Universidade Federal da Bahia, que serviu de "Comunicação ao Primeiro Encontro Brasileiro de Filosofia do Direito, realizado em João Pessoa, Paraíba, de 28 de setembro a 3 de outubro de 1980", conforme verifiquei no rodapé da página 57 da revista.

Sob o título "A positivação das normas de conduta como demonstração da subjetividade dos valores", Nelson de Souza Sampaio, arrimando-se em Glotz, G. *La Cite Crecque; La Renaissance du Livre*. Paris, 1928 e Vartier, Jean, *Les Procès d' Animaux du Moyen Age à nos Jours*, Hachette, Paris, 1970, após considerar que toda sociedade manifesta suas preferências em relação aos "valores" nela existentes e depois de catalogar alguns desses valores, nos adverte: "Assim, somente a conduta humana pode ser qualificada de piedosa. Em geral, o mesmo também acontece com os valores "bom" e "justo". Dizemos "em geral", porque algumas sociedades têm julgado animais e, até, seres inanimados como maus ou injustos, chegando à instauração de processos judiciais contra bichos e coisas. Tais processos denotam uma mentalidade animista e mágica, ou resquícios de tal mentalidade em grupos mais avançados. Em povos primitivos, não faltam exemplos desse procedimento. Vemo-lo também nos primórdios da história ateniense, onde um tribunal se encarregava de julgar o assassino

desconhecido bem como o animal, objeto de pedra, ferro ou madeira que causou a morte de um homem. Depois do julgamento, tais objetos eram lançados além das fronteiras, a fim de purificar o território. Da Idade Média européia até tempos recentes, apontam-se casos de processos contra animais na justiça comum e na eclesiástica. No Brasil colonial, os cronistas citam processos dessa natureza, sendo o mais conhecido o instaurado, em São Luis do Maranhão, contra as formigas devastadoras de plantações. Na moral e no direito atuais, porém, é pacífico que os valores do bom e do justo somente fazem sentido quando dizem respeito à conduta humana."

Pois bem. O avanço da civilização implica na revisão e até na exclusão de certos valores, na medida em que vão desfilando novos costumes e novas doutrinas, umas de vida fugaz, outras longevas. As descobertas científicas têm a sua respeitável influência nessas formulações.

Na esfera do Direito, sobretudo do direito penal ou criminal, ninguém desconhece a notável discussão entre os defensores do determinismo e os defensores do livre-arbítrio para aquilatar a responsabilidade criminal em função da conduta humana, ensejando o surgimento de correntes defensoras de soluções conciliadoras (políticas e ecléticas).

Hoje, estão aí, aos olhos de todos, as influências do Cristianismo e da Doutrina Social da Igreja assinalando novas conquistas do homem na imensa picada aberta na intrincada mata da civilização, onde o Direito desempenha e desempenhará sempre o papel de farol orientador e tranquilizador, desde que conte para isso, com a chama que se chama Justiça.

Essa chama da Justiça, alimentadora da vida do Direito, não tem correspondido, nos tempos atuais, às expectativas das multidões e às exigências de segurança a que tem direito o ser humano. Vivemos uma época de grandes aglomerações, os campos salpicados de famílias em suas casas simples e as pacatas cidades provincianas já não existem mais.

O industrialismo amontoou os homens nas cidades, arrancando-os da privacidade em que viviam nos campos ou nas aldeias, para atirá-los na contundente promiscuidade em que hoje vivem nas "megalópolis". Salas de espetáculos totalmente ocupadas, restaurantes lotados, estádios cheios, trens e ônibus apinhados de gente, ruas e estradas entupidas de automóveis e caminhões. Nos aeroportos, as infalíveis filas e listas de espera. Nas igrejas, nem tanto, pois outros deuses andam povoando a cabeça e o coração da geração consumista.

Mas a vida social tem seus paradoxos e suas curiosidades que, às vezes, nos deixa perplexos. Seria no mínimo exótico, hoje, alguém desejar mover um processo judicial contra as formigas devastadoras de São Luis do Maranhão, ou de qualquer parte, ou processar a ariranha que matou o sargento, não faz muitos anos, em Brasília, ou a cascavel que matou o menino e, depois do julgamento, lançar

esses bichos além das fronteiras, a fim de purificar o território. As sociedades protetoras dos animais, os ecólogos e outros, viriam, sem demora, para as praças públicas protestar com faixas e megafones, exigindo providências das autoridades constituídas.

As multidões, cujo comportamento tem merecido aprofundados estudos de especialistas e pensadores, oferecem renovados espetáculos surrealistas onde o "consciente" ou "inconsciente" coletivo — eis aí outra questão — põe a nu a gravidade de um problema atual a pedir solução urgente. Às vezes, quero crer, a "psicose coletiva" nos transmite claros recados e óbvias mensagens que devem ser assimiladas, estudadas e resolvidas, sob pena de nos submeter à "justiça" dessas próprias multidões enfurecidas.

O incêndio do Fórum de Presidente Venceslau foi resultante da frustração popular ao sentir que não poderia aplicar a lei de Linceu ao criminoso do bairro da Casa Verde, em São Paulo, que, em parceria com outros meliantes, foram àquela região roubar, sob encomenda (!), uma camionete, que deveria ser remetida para Rondonópolis, se não me falha a memória. A vítima do roubo, venceslauense pacato e trabalhador, exemplar chefe de família, após despojado de seu veículo, implorava, de joelhos, no leito carroçável da estrada, aos facínoras que não o matassem, invocando o sentimento de seus filhos e de sua esposa. Não foi atendido e nessa posição, de joelhos, suplicando para viver, foi brutal e covardemente assassinado.

Pois foi ainda sob o pleno reinado destas lembranças tristes que os sentenciados da Penitenciária Regional de Presidente Venceslau, por suas lideranças, resolveram tomar como reféns vários integrantes do corpo administrativo do presídio para "negociar", sob inominável pressão física e psicológica, a sonhada fuga para a liberdade.

Disse, certa feita, o venerando Ulisses Guimarães que "não se faz política sem vítimas". A Polícia Militar e a Guarda do Presídio teve que fazer "vítimas" para resolver o conflito criado por alguns presidiários daquele estabelecimento penal. Depois disso — cruel ironia — a cidade tranquila e acolhedora, que é Presidente Venceslau, com seus quarenta mil habitantes, por obra e graça de um mórbido sensacionalismo de imprensa tão em voga nestes tempos, ganhou a fama de cidade violenta (!) como se a cidade e sua gente fosse acostumada a conviver com atos de vandalismo e de desrespeito à vida humana.

Agora, foi a vez da cidade de Umuarama, lá no belo Estado do Paraná, nome sonoro a recordar a musicalidade do idioma tupi-guarani, a fazer "justiça", linchando e queimando em praça pública, na fogueira dos pneus, os rapazes que mataram e estrupraram jovem casal daquela cidade.

Que lições devemos extrair de tais e terríveis episódios? De um lado, facínoras matando, estuprando, roubando, sequestrando e, de outro, multidões alucinadas, furiosas, incontroláveis, realizando a "sua" justiça?!

Parece-me óbvio que há, tanto de um lado — o dos criminosos — como o do outro — o das vítimas — uma descrença generalizada nos efeitos da ação da Justiça, como objeto e chama do Direito. O aparelho judiciário não vem funcionando de modo a mostrar a força e o prestígio da Justiça. Da Justiça que precisa ser eficaz e rápida para se fazer credora do respeito e do temor populares. Mas, além da morosidade dos processos, a sociedade vem-se defrontando com uma questão que já chega às raias da calamidade pública. Falo do cumprimento e da execução das penas. A lei, para ser lei, deve refletir os anseios e os postulados da sociedade. Dessa mesma sociedade que manda suas multidões bravias para as praças públicas de antigas cidades pacíficas na oferenda de espetáculos de violência. Linchamentos significa, nas condições atuais, o reconhecimento público da fraqueza ou da falência da Justiça.

Ora, não é preciso ser doutor no assunto para conscientizar-se da urgente necessidade de adequar-se o Judiciário, com seu dramático sistema penitenciário, ao atendimento das exigências de segurança ao cidadão e à disciplina rigorosa dos condenados. Os processos não de ser céleres, as decisões não devem e não podem ser procrastinadas e os condenados devem cumprir, à risca, suas condenações. A cada um o que é seu.

Só assim nos será dado ver refluir a fúria das multidões.

SERRA DO ARARIPE

Serra do Araripe, uma ternura
Envolve esse corpo de montanha;
Resvalando nas folhas, se pendura,
Réstia de sol, no orvalho que te banha

Acamada no meio da planura
Descansa a "Baixa Grande". Ela arrebanha
Os pingos d'água, leva-os prá fundura,
Armazendo-os na tua vasta entranha.

Rainha das chapadas do Nordeste,
Araripe, dominas a paisagem,
Riscando, lá de longe, o azul celeste!

Intérmino o horizonte te namora...
Pasma por envolver a tua imagem,
Enciumado, talvez, comigo, agora.

JOSÉ PEIXOTO JÚNIOR

TEU RISO

ÁLVARO BOMILCAR

A MINHA FILHINHA JURACY

Quando, aos beijos da luz, a passarada canta
A benção matinal, os madrigais da aurora,
Quem poderá guardar teu riso, em arca santa!
Quem poderá gravar essa canção sonora
Quando, aos beijos da luz, a passarada canta!

Que glória! Que prazer! Como a alvorada é suave!
Se um riso aureoreal boia em teu lábio em flor...
Minha asa de ilusão é como a tua, ó ave!
Minha alma voa aos céus nessa formosa nave...
Anjo do meu sonhar, filha do meu amor!

Teu riso matinal é um canto harmonioso
Cavatina de cmor que o lábio teu desata
Alegre os serafins no alto do céu formoso
Vale a pena ser pai, vale a pena esse gozo
De um anjinho possuir nesta existência ingrata!

Por isso eu rogo a Deus que aumente as alvoradas,
Guarde o sol por mais tempo e a noite diminúa
Para que eu possa, ó flor, ao som das madrugadas
Com beijos abafar teu riso quando estúa
Teu riso, Juracy, melhor que as alvoradas!

(Fortaleza, 1907)

O Deputado Federal

MANOEL VIANA

Saúda a intelectualidade
do Cariri ao ensejo do
lançamento de mais um
número de ITAYTERA.

CHRISTOVÃO LEYCESTER MALET

Médico da Municipalidade de Aracati

HÉLIO IDEBURQUE CARNEIRO LEAL

Ao lado da Igreja Matriz de Aracati, junto à calçada, do lado nascente, em alinhamento com a fachada daquele templo, existe um retângulo de cimento que assinala o local do sepultamento do Dr. Malet.

Não tem dificuldade se lê a indicação do ano de seu falecimento — 1853.

QUEM SERIA O DR. MALET ?

Contando com a orientação do Professor Geraldo da Silva Nobre, muito digno e ilustre Diretor do Arquivo Público do Estado, passamos a examinar, naquela Repartição, O LIVRO Nº 8 da Câmara Municipal de Aracati que, de acordo com o respectivo "Termo de Abertura", assinado pelo seu Presidente Francisco José da Costa Barros Júnior (datado de 9 de dezembro de 1838). "Há de servir para nele se lançarem as cópias dos officios" dirigidos "as diferentes authoridades desta Província", abrangendo os exercícios de 1838 a 1853.

E, ali, colhemos dados que nos levaram a conhecer melhor particularidades da vida desse médico, determinado espaço de tempo de sua estada na cidade, dificuldades verificadas quando de sua nomeação pela Municipalidade, seu conceito no seio da população, sua nacionalidade, até há pouco não esclarecida, e em parte, os motivos de sua peregrinação por estas terras longínquas.

EPIDEMIA DE FEBRE AMARELA, EM ARACATI, NO ANO DE 1851

É interessante assinalar, preliminarmente, que, em officio datado de 12 de novembro de 1851 (sob o Nº 26, Livro Nº 8, cit. p. 164), endereçado ao Presidente da Província, o Presidente da Câmara comunicara "estar havendo uma epidemia de febre amarela" naquele município e que, por isso, "está dependendo quantia superior à constante do orçamento" e que, em assim sendo, "solicita aprovação para a despesa com médico e medicamentos, distribuídos com a pobreza".

Observa-se que já então, a Administração Municipal se preocupa com o problema da assistência médica e farmacêutica às populações carentes. E que, portanto, não é nenhuma novidade o que se faz hoje nesse tocante.

EPIFANIO ASTUDILLO Y BUSSON

— Médico espanhol, encarregado do tratamento da pobreza pela Câmara de Aracati.

Em 22 de abril de 1852; o Presidente da Câmara dá conhecimento ao Presidente da Província de que "em sessão de hontem nomeou o médico hespanhol Epifanio Astudillo Y Busson e o encarregou do tratamento da pobreza". E insiste: "A Câmara faltaria ao primeiro de seus deveres qual he a conservação de saúde de seus municipes, se para curar os miseraveis não lançasse mão de homens que possuindo um diploma de huma Universidade da Europa.. reconhecida.. pela Academia de Medicina do Rio de Janeiro, cura com habilidade e tem o partido da generalidade das famílias desta Cidade e mesmo já goza de um crédito sempre crescente em diversos pontos da Província" (Livro N° 8, cit. p. 167).

Na parte final desse offico de N° 10, de 22 de abril de 1852, pede a Câmara de Aracati ao Presidente da Província (Dr. Joaquim Marcos d'Almeida Rego) "aprovação do seu acto", solicitando, ao mesmo tempo, "Ihe releve a presteza do seu proceder, como filha do seu zello e urgência das circuntâncias" (Liv. e loc. cits.), aduzindo, ademais, o Presidente da Câmara (Silvestre Ferreira dos Santos) que nas mesmas condições "se tem comissionado médicos e boticários em todas as Províncias do Império".

Não encontramos, nesse Livro N° 8, a resposta do Presidente da Província sobre o assunto. Mas, é de se admitir que Epifanio Astudillo Y Busson tenha prosseguido no seu trabalho humanitário de assistência médica aos mais necessitados, como era, aliás, desejo da Câmara, precisamente, porque precárias as condições de saúde da população de baixa renda.

"NESTA CIDADE JÁ SE ACHA UM MÉDICO O QUAL HE INGLES"

Aquela manifestação oficial a favor da nomeação do médico espanhol, acima aludido, ocorreu a 22 de abril de 1852.

E, inexplicavelmente, em 07 de julho do mesmo ano, menos de três meses decorridos, o Presidente da Câmara (agora, o Padre Tito José de Castro Souza Menezes e não mais Silvestre Ferreira dos Santos) comunica ao Presidente da Província: "Nesta cidade já se acha um médico, o qual he ingles; porém com as habilitações necessárias" (of. N° 13, Liv. N° 8 cit. p. 169v.), bem se vê, visando ao seu aproveitamento como "médico da pobreza".

O trecho seguinte deste offico de 07-07-52, nos faz presumir que a designação de Epifanio Astudillo Y Busson, para médico da Municipalidade, não fora aprovada: "e como entenda ella (a Câmara) ser mais em regra, suposto que dito offico de V. Exa. sob o N° 3 de 10 de maio de 1852 (officio não registrado no supra aludido Liv. N° 8) seja alguma couza terminante a tal respeito, ser de seu dever

participar a V. Exa., por isso o fas, para que possa proceder conforme V. Exa. determina" (Of. N° 13, de 07-07-52, in Liv, N° 8, e loc. cit.).

Um detalhe é de ser ressaltado, ou seja, que essa correspondência (Of. N° 13 de 07-07-52 — a que nos referimos na Parte I desta publicação) não menciona o nome do médico que, nessa data, "se encontrava em Aracati e é inglês".

BRASILEIRO PEDE PREFERÊNCIA PARA O LUGAR DE MÉDICO DA MUNICIPALIDADE

Mas, parece certo que, também neste caso (do dr. Malet), a Câmara de Aracati, do mesmo passo que fazia a comunicação da presença desse médico na Cidade à autoridade competente, autorizando-o a exercer suas funções junto às populações necessitadas, por quanto, no ofício, igualmente de N° 13 (com data de 28 de abril de 1853, um ano após o de N° 10 de 22 de abril de 1852). dirigindo-se ao Presidente da Província acusa o recebimento de seu ofício de 03 de março de 1853, acompanhado do requerimento do médico brasileiro (Aracatiense, segundo Abelardo Gurgel Costa Lima, in Terra Aracatiense, p. 133. Fortaleza, 1941), no qual "pede preferência ao lugar de médico desta Municipalidade que se acha exercido pelo Dr. Christovão Leycester Malet, invocando a seu favor o art. 179 § 14 da Constituição (Livro N° 8 cit. p. 182).

O art. 179 § 14 assim dispõe: "Todo cidadão pode ser admitido aos cargos públicos, civis, políticos ou militares, sem outra diferença que não seja a dos seus talentos e virtudes".

CHRISTOVÃO LEYCESTER MALET

"Entre a classe indigente é o nome do seu salvador".

Defendendo o ato da nomeação do Dr. Christovão Malet para médico da Municipalidade, a Câmara de Aracati diz que "faltaria a hum dever de caridade para com seus munícipes, se os privasse de de um médico tão hábil, tão zeloso, e sempre tão pronto a cumprir os deveres de sua profissão" (Liv. N° 8 cit. p. 182).

Informa, além disso, o Presidente da Câmara (Manoel José Pereira Pacheco); "Outrossim, quando a esta cidade chegou o Dr. Medeiros, já se achava nomeado o Dr. Malet, que tendo desempenhado as funções de seu ministério de hum modo tão digno de louvor, seria injustiça clamorosa se esta Câmara o demitisse desse lugar para dar a outro, que nenhuma outra razão allega que o ser brasileiro, circunstância que merceo muito pezo e esta Camara; como ella tem conhecimento que nas principais cidades do Império... se achão providos em estabelecimento de primeira ordem, médicos estrangeiros, logo que sua capacidade é reconhecida, entende pela mesma razão deve continuar a conservar o Dr. Malet como médico desta Municipalidade sem com isto offender o art. 179 § 14 da Constituição".

MÉDICO HUMANO E CARIDOSO

O mesmo documento revela que a Câmara de Aracati ao manifestar sua opção pelo Dr. Malet, declara insistir na sua nomeação por julgar "ter obrado com justiça", visto como o "Dr. Medeiros de cuja capacidade, posto que não tenha habilitações para avaliar, todavia, a sua clínica, zello e caridade ainda se não acham experimentados".

E, em finalizando seu arazoado, o Presidente daquele colegado enaltece a atuação exemplar do Dr. Malet e apoiando-o "como incansável em percorrer as ruas desta cidade e vários pontos deste município, sem atenção a horas nem distancias de posições sociais", tendo assim "granjeado a classe indigente o nome de seu salvador, por ter nelle encontrado um médico humano e caridozo" (Liv. e loc. c'its.).

QUANDO SE NOMEIA O MÉDICO APENAS SE LHE MANDA PARTICIPAÇÃO

Não satisfeito com as explicações expedidas pela Câmara de Aracati, o Presidente da Província (o Dr. Joaquim Vilella de Castro Tavares, que substituíra Joaquim Marcos d'Almeida Rego), em correspondência datada de 9 de maio de 1853, sob o Nº 18 (Livro Nº 8, cit. p. 184,v.), procura saber se ao tempo de reclamação do Dr. Antonio Manoel de Medeiros havia contrato escrito com o Dr. Christovão Leycester Malet.

O Presidente da Câmara, Manoel José Pereira Pacheco lhe faz ciente, no dia 21 do mesmo mês e ano (Of. Nº 1311oc./cit.) que "não existe contrato com o Dr. Malet para curar a pobreza do Município", esclarecendo, em seguida: "porém sua nomeação como tem acontecido com todos os seus antecessores, e lhe costume, quando se nomeia o médico apenas se lhe manda participação, com que entra logo em exercício, independente de qualquer título".

Ele conclui, o Presidente da Câmara: "Tendo esta Câmara levado a consideração do antecessor de V. Exa. a nomeação do Dr. Malet, elle se dignou de aprová-la, como consta do officio que dirigido a esta Municipalidade em 4 de agosto do ano passado sob o Nº 10. He esta a informação que a Câmara da a V. Exa. em satisfação a seu officio" (Liv. e loc. cit.).

O Dr. Malet conquistara, efetivamente a admiração e o afeto do povo e das autoridades do Município.

QUAIS OS MOTIVOS DA PEREGRINAÇÃO DE MÉDICOS ESTRANGEIROS POR TERRAS LONGÍNQUAS EM SITUAÇÕES TÃO ADVERSAS ?

Que estranha força estimularia pessoas de países tão distantes a procurar terras longínquas, em circunstâncias, por vezes, tão adversas, com referência aos meios de caesso, condições de vida, nível de cultura, sistema de segurança, costumes, clima, alimentação.

Análise Literária:

"ESMERALDA" - De Jurandy Temóteo

Levantamento vocabuár :

quebrar da barra — pôr do sol

úbere — tetas da vaca leiteira

aseia — asa da xícara

mourão — tronco grosso e liso localizado no centro do curral, utilizado para amarrar a vaca na hora da ordenha.

piqui — fruta verde com miolo amarelo. Nativa, semelhante a maçã muito estimulante e nutritiva.

baião-de-dois — arroz com feijão e tempero.

latada — cobertura com folhas de palmeira, tipo galpão todo enfeitado para festas.

Análise literária :

Numa primeira leitura o texto de Jurandy nos leva a classificá-lo como um conto. Apresenta, realmente, muitas de suas características e se tivéssemos que enquadrá-lo num dos gêneros literários estabelecidos, seria aí que ele encontraria maior respaldo para classificação.

Entretanto, depois de estudos mais profundos, descobrimos nele alguns aspectos que o levam a aproximar-se da estrutura da crônica.

Assim, concluímos tratar-se de um croniconto. Aproxima-se da crônica na subjetividade, no monólogo interior e nos devaneios em que o autor-personagem mostra sua visão pessoal e deixa o seu "eu" vir à tona.

"Chego também a pensar que é por refletir demais, ponderar os possíveis problemas"...

Ainda no prolongamento da narrativa e nos enxertos dissertativos "Esmeralda" deixa de comportar-se como um conto, cuja característica é a predominância do diálogo em detrimento da narração e dissertação.

Em contra-partida, não podemos lhe atribuir a leveza e fugacidade próprias da crônica. Os acontecimentos têm uma temporalidade, se alongam e perpetuam através da ação que gera o conflito.

"Ontem — por longos períodos — nossos olhos se encontraram"...

"Tento esquecer. Antevejo o desfecho de tudo"...

A análise deste croniconto começa com uma característica comum, literária... "Gostoso esse cheirinho de curral". É a história de um caso conhecido. Denota por parte de seu autor um conhecimento da realidade cotidiana.

Ele prepara a curiosidade do leitor para o desenvolvimento da história, fazendo com que o leitor desperte o interesse pela leitura.

"Esmeralda, sentada no alto da porteira observa-me. Nem se incomoda em cobrir as coxas grossas ou ajeitar os cabelos ainda despenteados" "...ao sorver o primeiro gole vejo sob a xícara um bilhete..."

A introdução pode ser sentida do começo até o oitavo parágrafo. Nela o personagem faz uma interiorização, uma volta ao "eu" lírico notadamente pelos verbos na primeira pessoa e o uso do pronome reflexivo: lisonjeio-me, iludo-me, lembro-me, inquieto-me. Muda de plano no nono parágrafo: "Ficamos conversando no alpendre até tarde da noite..." e vai até o final do penúltimo parágrafo antes da música: "...cantarolo para o animal..." a conclusão é feita através da letra da música "Esmeralda".

Notamos o fato de o personagem principal não ter um nome: Como explicar? Como ele se coloca ou é colocado em primeira pessoa, não há necessidade de dizer o nome, é um anônimo, idêntico a todos os que arriscam, depois de algum tempo ter conhecido a felicidade. "...chega com o moço minha filha, que o café tá esfriano..."

Ocorre metaplasmos de aférese: "tá por está" e síncope "esfriano por esfriando". Também é assinalado um erro por colocação pronominal, ocorre muito na linguagem cotidiana: "entre eu e sua filha?" por "entre mim e sua filha".

Encontramos algumas figuras de linguagem, como por exemplo: eufemismo (leite mugido), prosopopéias (o bule de alumínio quentinho a transpirar o cheirinho de rapadura, e seus olhos penetram-me).

Notamos muitas expressões regionais nordestinas, tais como: "quebra da barra", "ase'a", etc. Apresenta também pratos típicos do Nordeste, como: baião de dois, a manteiga da terra e a carne-de-sol.

Há a idéia de tradicionalismo, com a presença forte da figura paterna.

"Sentamo-nos os quatro. Dona Carolina preferiu ficar servindo: tomar providências para que não faltasse nada. Seu Alfredo ficou à testa da mesa, seu lugar de costume..."

Para a família tradicional é costume cada membro ter seu lugar certo na mesa, o dono da casa fica sempre à cabeceira da mesa, senta-se primeiro e indica o lugar dos convidados. À medida que todos estão reunidos, ninguém fica por fora da conversa, cada um participa e não se sabe quem é o patrão e o empregado.

O leitor não deve confundir certas expressões nordestinas como "...sem muito doce e forte; é café de homem..." com um tipo de machismo tradicional: Existe o café mais fraco e mais doce que é dado para as crianças e o café mais forte e semi-amargo para os adultos.

Este croniconto é tradicionalista: a maneira como os personagens se relacionam está dentro desse padrão.

Os encontros às escondidas, por exemplo é típico. Apesar dos dois se amarem, ela se casa(?) com outro, ao qual não ama, mas com quem firmou o compromisso. E não ousou quebrar a regra tradicional de romper o noivado pelo amor silencioso.

Quanto ao espaço, o conflito passa-se em uma fazenda agropecuária: "Gostoso este cheirinho de curral..." Já o tempo é mais psicológico que cronológico. O tempo cronológico é marcado pela chegada à fazenda (ante-véspera) e vai até a véspera do casamento. O tempo psicológico acompanha todo o conflito, do início ao fim.

Os personagens podem ser caracterizados separadamente: Esmeralda — Alguns diriam que as atitudes ousadas de Esmeralda foram ditadas pela ingenuidade, sem malícia: "sentada no alto da porta, observa-me; nem se incomoda em cobrir as coxas grossas ou em ajeitar os cabelos ainda despenteados...". Tais atitudes, à nível de enunciado não diriam nada, mas percebemos, à nível de enunciação que são atitudes provocadoras e maliciosas, feitas de propósito para chamar a atenção do rapaz sobre seus dotes físicos.

Esmeralda sente-se insatisfeita, pois está prestes a se casar com um rapaz que não ama. Conhece o moço da cidade, sente-se atraída por ele e tenta conquistá-lo por todos os meios. Ela sabe que é bonita, que chama a atenção, então, usa das armas que dispõe e inicia seu plano de conquista. Veste roupas transparentes, saias curtas, blusas mal abotoadas, olhares penetrantes que quase devoram o moço. Todas estas atitudes mostram que Esmeralda sente uma ansia muito grande em ser amada, acariciada, saciada. Notamos isto em cada gesto que dirige ao moço. Seu sorriso convidativo o faz pensar em bons momentos. Ela percebe que o objetivo de conquistá-lo, de chamar-lhe a atenção é alcançado. Então, para excitá-lo um pouco mais, passa-lhe um bilhete na hora do café.

O moço tenta a todo custo resistir a esta paixão. Percebemos isto quando caminham juntos e ela lhe pede para que cante a música com o seu nome, para que ele se identifique com a letra e tome uma atitude ousada e consegue, como podemos observar: "Seus olhos penetram-me; fervilha-me o sangue, torno-me impulsivo e inconsequente. O desejo de possuí-la torna-se mais forte; só a custo controlo-me." E mais a seguir: "Paramos. Ponho minhas mãos sobre sua cintura. Esmeralda deixa-se ficar. Assim, juntinhos, seu corpo parece maior e tudo agora cresce como se nada mais importasse além de nós mesmos."

Como vimos, Esmeralda não fez nada por ingenuidade, ao contrário, ela sabia muito bem o que queria. Alguém poderia dizer: mas por que ela não rompeu o noivado e ficou com ele? Porque apesar do moço ter despertado o amor e o desejo em Esmeralda, ela é uma moça submissa, presa as convenções sociais. Não se sente com forças para brigar por quem ama. Pelas convenções estas atitudes devem ser tomadas pelos homens e não pelas mulheres. Ela fez tudo para

levá-lo a tomar tal atitude, mas isso não ocorreu e ela submeteu-se ao papel social de aceitação.

Esmeralda é uma personagem redonda. Do diálogo escasso sentimos o vibrar das suas energias, da sua paixão e da sua sensualidade. Moço — O outro personagem principal é o autor, que se refere a si próprio como "o moço". Não usou nenhum pseudônimo. Ele nos disse que, ao escrever, não se deu conta disto. Mas vamos apenas analisá-lo como personagem da narrativa.

Ele é conquistado por Esmeralda, sente uma atração muito forte e quase não resiste aos seus encantos. No seu pensamento Esmeralda é só sua: "Alimento meu egoísmo, iludo-me pelo direito de posse". Ao mesmo tempo ele se sente inseguro. Gostaria de estravar os seus sentimentos, mas depara com várias barreiras: o noivado e o breve casamento de Esmeralda, a amizade e a confiança que a família dela deposita nele. "Inquietou-me. Sou convidado de férias, tratam-me com respeitosa afabilidade, consideram-me. Para eles represento o moço da cidade, gente fina, amigo de nosso filho. "Tudo isso faz com que os seus sentimentos entrem em choque com a razão que os fatos e as convenções sociais o obriguem a ter: "chego também a pensar que é por refletir demais, ponderar os possíveis problemas...". Após ter pensado e refletido muito, resolve que o melhor para todos é que ele se vá e deixa Esmeralda se casar com Albino. Contrariado, parte, deixando Esmeralda entregue a sua própria sorte, sentindo-se incapaz de tomar qualquer atitude. Muito triste canta a música que serve como lufa para sua situação.

Eis um trechinho:

*"...Quem devia casar com ela
Era eu, sim senhor,
Quem devia casar com ela
Era eu, seu amor..."*

Alguém poderia perguntar: mas se ele gostava tanto dela, se a queria tanto, por que não lutou para ficar com ela? Por que fugiu? O problema é que o moço também é tradicionalista, também está preso às conversações sociais. Apesar de gostar e desejar Esmeralda, ele põe a sua condição de moço comprometida e a confiança que a família tem nele acima de qualquer sentimento.

Prefere ir embora e mudar uma situação pré-estabelecida.

Albino, Dona Carolina, Seu Alfredo — Aparentemente eles não têm muita importância na trama da narrativa, mas é justamente por causa deles que o amor entre Esmeralda e o moço, não tem um final feliz. Eles representam o tradicionalismo, o compromisso e as convenções sociais.

Trabalho efetuado pelos professores:

Otávio Agueda Sobrinho — Nova Friburgo — Rio de Janeiro
Ana Maria Marcis — Lages — Santa Catarina
Kátia Marlowa Bianchi Ferreira — Lages — Santa Catarina

LOJAS AZTECA

TAVARES & ANDRADE LTDA.



HONRANDO O PRESTÍGIO QUE
DESFruta APRESENTA AOS
SEUS CLIENTES E AMIGOS UM
COMPLETO SORTIMENTO DE

Calçados

Bolsas

Cintos

Artigos para presentes

PREÇOS SEM COMPETIÇÕES

RUA Dr. JOÃO PESSOA, 359

Telefone : 521-1411

CRATO - CE.

ICASA

ONDE O SEU ALGODÃO TEM
MELHOR PREÇO...

Há muitos anos contribuindo para o progresso
industrial do CARIRI

Nossa homenagem aos intelectuais da Região, ao
ensejo do lançamento de um novo número da Revista

Itaytera

ICASA

INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE
ALGODÃO S/A

JUAZEIRO DO NORTE

—

CEARÁ

Vaga a Cadeira N. 11 do ICC

Com a morte de PEDRO GOMES DE MATOS, que ocupava a Cadeira N.º 11 do nosso sodalício, ficou vaga mais essa Cadeira.

O ICC já cuida de sua substituição, bem como das demais igualmente vagas.

Pedro Gomes de Matos, nasceu em Crato a 12 de maio de 1909, e faleceu em Fortaleza em 8-7-1986, filho de Pedro Gomes de Matos e Josefina de Matos. Casou-se a 18 de setembro de 1938, com Salaberga Torquato Gomes de Matos, os quais tiveram os seguintes filhos: Lúcia Maria (Formada em Letras); Ângela Maria (Assistente Social); Ofélia Maria (Pedagoga); Cármem (Professora); Maria das Graças (Enfermagem); Pedro (Jornalista) e Raimundo Gomes de Matos (Médico).

Fez o curso de Humanidade no Colégio São João, de Fortaleza, matriculando-se em seguida na Faculdade de Farmácia e Odontologia do Ceará, da qual recebeu o título de farmacêutico a 18 de dezembro de 1948. Escolhido orador da turma, discorreu sobre "O Papel Social do Farmacêutico". Estudou por esforço próprio. Quando acadêmico, redatoriu a revista "Polimática", órgão do Diretorio Acadêmico Raimundo Gomes, em cujas páginas versou assuntos atinentes à Química, Farmácia e Biologia. Iniciou a vida profissional na cidade de Maranguape, onde residiu e se estabeleceu com a "Farmácia Santa Terezinha", a frente da qual, passou mais de 30 anos. Exerceu a função de inspetor Escolar no governo do Des. Faustino de Albuquerque. Recusou convite para ocupar uma cadeira no Instituto Histórico do Ceará.

Colaborou na "Gazeta de Notícias", "Unitário" e no jornal "O Povo". Também foi correspondente da Rádio Uirapuru. É citado no Dicionário Biográfico Brasileiro, de Raimundo Menezes, no livro "Brasileiros de Ontem e de Hoje", de Afrânio Coutinho e no 6º volume da "História da Inteligência no Brasil", de Wilson Martins, que durante muito tempo, assinou o rodapé de crítica no "Estado de São Paulo", e agora está no "Jornal do Brasil" escrevendo dos Estados Unidos, onde é professor universitário.

De março de 1975 a março de 1976, lecionou Programa de Saúde no Ginásio Estadual Anchieta. Em solenidade levada a efeito no Maranguape Clube, a Câmara Municipal outorgou-lhe o título de Cidadão de Maranguape. A Academia de Letras de Uruguaiana, numa justa homenagem concedeu-lhe Diploma e Medalha de Prata do Mérito Cultural, em 19-12-73. Por ocasião da Semana da Cultura, levado a efeito entre 24 de abril a 1º de maio de 1982, a comunidade de Maranguape outorgou-lhe uma comenda (de Prata), de agradecimentos pelos serviços prestados à comunidade Maranguapense, no setor das letras e saúde pública.

Entre os muitos trabalhos publicados, destacam-se O PAPEL SOCIAL DO FARMACÊUTICO — Discurso de Formatura (Turma de 1948); FITOTERAPIA (As plantas brasileiras não curam, fazem milagres — Martius) — Separata da revista Polimática, 1948; Capistrano de Abreu — Vida e obra do Grande Historiador — Trabalho premiado em 1º lugar em concurso instituído pela Lei Nº 1.896, de 2 de julho de 1953 do Congresso Nacional, destinado a comemorar o 1º centenário de nascimento do insigne historiador (1953); AFRO TAVARES CAMPOS (O Homem e a Descendência), 1956; O ENSINO NOS DESTINOS DA NACIONALIDADE (Oração de Paraninfo) — Ginásio Santa Rita de Maranguape, 1957; MARANGUAPE (CE) — Aspectos Históricos e Geográficos, 2ª edição, 1966; RODRIGUES DE ANDRADE — Trabalho lido no Auditório da Faculdade de Farmácia e Bioquímica da U.F.C., por ocasião das comemorações do 1º centenário de nascimento de Rodrigues de Andrade, ocorrido em 20 de julho de 1967; GOMES DE MATOS — Traços e Episódios de sua vida — Palestra no Salão de Conferências da Casa de Juvenal Galeno, em 10-08-1968; GOMES DE MATOS — Um advogado que marcou época — Discurso de posse na cadeira Nº 11, do Instituto Cultural do Cariri, em 6 de dezembro de 1970; A POESIA EMOCIONAL DE PEDRO MAVIGNIER (Apresentação de 7 poemas) — 1970; A CULTURA BRASILEIRA E O DESENVOLVIMENTO NACIONAL (Palestra proferida primeiramente na Faculdade de Farmácia da U.F.C. e depois, na Escola Superior de Música de Fortaleza, como parte da Disciplina Estudos Brasileiros), 1972; DR. ARGEU HERBSTER — Apóstolo da Medicina, 1979 e SÍNTESE HISTÓRICA DA VIDA DO PADRE CÍCERO, 1984.

Face a esse memorável currículo literário, conseguiu ser membro das seguintes instituições: Instituto Cultural do Cariri, Sociedade Capistrano de Abreu, Associação Cearense de Imprensa, Academia Cearense de Letras (Sócio correspondente), Academia Internacional de Letras ("3 Fronteiras), Academia Internacional de Heráldica e Genealogia, Academia Internacional de Ciências Humanísticas, Instituto Histórico e Geográfico de Uruguaiana (Rio Grande do Sul), Instituto Genealógico do Cariri e Academia Cearense de Farmácia.

ITAYTERA

Uma Revista de Cultura
e de integração dos
intelectuais do CARIRI.

Câmara Presta Homenagem a Pedro Gomes de Matos

Maranguape (do correspondente) — Em sessão especial, a Câmara Municipal, ontem à noite, prestou homenagem póstuma ao farmacêutico e escritor Pedro Gomes de Matos, falecido no último dia 8 do corrente. Na ocasião falaram o vereador Aureilson Cordeiro de Abreu, líder da bancada do PFL, o farmacêutico Antônio Militão de Sousa, representando a Academia Cearense de Farmácia, o Presidente do Lions Clube deste município, Zacarias Batista do Nascimento e o médico Raimundo Gomes de Matos, filho do falecido, agradecendo a homenagem.

Ao reportar-se sobre a vida de Pedro Gomes de Matos, o vereador Aureilson Cordeiro, destacou a vida simples daquele farmacêutico, filho natural do Crato, mas adotou Maranguape como sua terra natal. Lembrou que por várias vezes, o Poder Legislativo, quis homenageá-lo em vida. A primeira, quando consignou, por unanimidade, o título de Cidadão Maranguapense, pelos relevantes serviços prestados à comunidade. Noutra quando por proposição do próprio vereador ao ser reverenciada a memória do historiador Capistrano de Abreu, que tinha em Pedro Gomes de Matos o seu primeiro biógrafo.

REGISTRO DA HISTÓRIA

Fazendo um paralelo entre o biógrafo e o biografado, o vereador pefelista disse que "enquanto Capistrano nos deixou o legado da História do Brasil, e tornou-se conhecido graças às pesquisas de Pedro Gomes de Matos, este nos deixa a história de Maranguape, em opúsculo pioneiro onde enfoca os aspectos históricos e geográficos do município desde a sua fundação, quando aqui esteve Matias Beck, explorador holandês em contato com a tribo indígena cujo cacique, Maranguab, o "sabedor da guerra", deu nome ao município". O farmacêutico Antônio Militão de Sousa, revelou que seu colega de profissão, deixa vaga a Cadeira N° 33, que tem como patrono o farmacêutico Alfredo Marinho de Andrade "aqui estamos representando a Academia, os profissionais que na confraria consolidam uma verdadeira irmandade". Finalizou dizendo que, certa vez, Pedro Gomes de Matos, discursando na Academia disse que "para ser honrado, para ser respeitado, humilde e benemerente, basta ser farmacêutico". O Presidente do Lions, Zacarias Batista do Nascimento, informou que seu clube de serviço já fez muito por Maranguape, mas ao longo de 35 anos, com certeza, o falecido, fizera muito mais, ao atender ricos e pobres, em sua Farmácia, durante o dia ou à noite, sem interesse pecuniário.

Por fim, o filho, médico Raimundo Gomes de Matos, vice-prefeito do município mostrou o legado que seu pai deixou para a família. Não amealhou riquezas, mas procurou educar os sete filhos, deixando-os

a lição de honradez e caráter. Reportou-se sobre carta endereçada ao Monsenhor Mauro Herbster, onde pedia como desejava ser enterrado: caixão não preto, de tampa removível e de segunda classe, levado por pessoas humildes e caridosas do município. De terno branco "como sempre viveu". Dispensava o luto e que o enterro fosse sem pompas. A estima, disse na carta, dispensada ao longo de vida é mais importante do que a presença de uma hora. Assinalou ainda que a morte é o cam inho natural da vida, senão uma bênção é a marca estampada de Deus na face dos homens.

Por fim, finaliza na carta datada de 1980, mas só tornada publicada após sua morte: "Confio na ressurreição, que a todos deve servir tanto de bálsamo como de consolação".

TC 18-7-86

Morre Pedro Gomes de Matos,

Escritor e Farmacêutico

Vitimado por acidente vascular cerebral esquêmico, morre na Casa de Saúde São Raimundo o farmacêutico e também escritor, Pedro Gomes de Matos. Já aos 77 anos, ele se encontrava hospitalizado há uma semana mas não resistiu, apesar dos muitos esforços médicos. Seu sepultamento ocorreu ontem pela manhã, saindo o féretro da Câmara Municipal de Maranguape, onde seu corpo foi velado.

Em vida, Pedro Gomes de Matos participou de ações políticas no vizinho Município de Maranguape mas nunca aceitou qualquer convite para ingressar na vida pública. Foi manipulador de fórmulas químicas, receitando medicamentos que ganharam, com o passar dos anos, o melhor respeito de pobres e ricos que freqüentemente o procuravam na sua Farmácia Santa Terezinha. Durante 35 anos atendeu uma vasta clientela, merecendo de todos o respeito e a confiança pela postura de homem digno e correto que sempre adotou.

Como escritor, Pedro Gomes de Matos colaborou durante muitos anos na Gazeta de Notícias, Unitário e jornal O Povo, sendo inclusive citado no Dicionário Biográfico Brasileiro, de Raimundo Menezes, e no livro Brasileiros de Ontem e de Hoje, de Afrânio Coutinho, entre outros. Foi professor na área de Saúde no Ginásio Anchieta e, juntamente com o ex-governador Paulo Sarasate e o ex-senador Almir Pinto foi distinguido com o título de cidadania maranguapense, além de ser possuidor de outras comendas, inclusive de outros Estados, como Medalha de Prata e Diploma da Academia de Letras de Uruguaiana, no Rio Grande do Sul. Cultor das Letras, Pedro Gomes de Matos deixa aos filhos um legado de honra e educação, coisas que sempre considerou como maiores riquezas do homem e de um povo.

Faleceu 8-7-86.

T. C. 10-7-86

PEDRO GOMES DE MATOS

HELIO MELO

Maranguape perdeu, no dia 7 do mês em curso, uma de suas figuras mais brilhantes, o Dr. Pedro Gomes de Matos. Nascido no Crato em 12 de maio de 1909, cedo, contudo, se radicou no vizinho município de Fortaleza, onde viveu a maior parte de sua vida. Conheci-o há mais de quarenta anos, por intermédio de seu ilustre tio, o professor e filólogo Eduardo Gomes de Matos. Desde então, mantivemos cordialíssima amizade e logo me habituei a admirá-lo. Frequentemente nos encontrávamos em nossa Capital e, em animadas palestras, gostava de ouvir-lhe a reflexão aguda e profunda sobre os homens e os fatos. A franqueza de suas atitudes, a lisura no trato dos negócios e a lhanza no convívio das pessoas faziam-no merecedor da estima e da admiração de todos que o conheciam. Assim, com ele se podia respirar um ar de sinceridade e confiança, tão difícil hoje no relacionamento dos homens.

Educou-se na melhor das escolas, a do trabalho. E foi na "Farmácia Santa Teresinha" que fez, por longos anos, seu apostolado e onde se comprazia em atender aos pobres e aos miseráveis. Não era só o farmacêutico. Fazia as vezes de médico e quantas vidas não salvou graças ao seu valor, experiência e dedicação. Não há dúvida de que foi ele um espírito destinado a servir à humanidade.

No campo cultural deixou um trabalho de muita importância: seu livro sobre Capistrano de Abreu, premiado pela Academia Brasileira de Letras. É obra de fôlego, que demandou anos de pesquisa e por isso mesmo indispensável a quantos desejam conhecer a vida e a obra do maior de nossos historiadores. Outros trabalhos teve oportunidade de publicar, evidenciando sua atividade intelectual que se fez presente também nos jornais de Fortaleza de que foi assíduo colaborador.

A última vez em que estive com o dileto amigo e conceituado farmacêutico foi em sua residência, em Maranguape, em companhia do Desembargador Raimundo Lustosa Cabral e do Dr. Sinésio Cabral e uma irmã desses dois ilustres paraibanos, Dona Heloísa. Recebeu-nos com a fidalguia que lhe era peculiar e logo se prontificou a atender-nos em nossa pretensão naquela cidade. Mais uma vez manifestou a sua vocação de ajudar, de ser útil. Entre os muitos méritos que lhe ornavam a personalidade estava a de servir.

Extremoso pai de família, soube, ao lado da digna e dedicada esposa, Da. Salaberga, educar os filhos dentro dos princípios morais e religiosos. inculcando-lhes, acima de tudo, o sentimento do dever. Ao fechar os olhos, encerrou com dignidade suas múltiplas obrigações de cidadão e de chefe de família, deixando a todos um modelo de vida honrada e exemplar. Não foi sem razão que uma cidade inteira chorou a morte de seu benfeitor que tamanha participação teve na vida de Maranguape.

Aqui fica a minha homenagem a Pedro Gomes de Matos, nestas palavras que falam sobretudo pela voz da saudade.

O Povo 21-7-86

JUAZEIRO:

GRANDE PELA SUA FÉ
IMENSO COMO OFICINA DE TRABALHO
GIGANTE PELA SAUDADE!

HÁ 53 ANOS ELE PARTIU, MAS DEIXOU A FORÇA
DE SEU EXEMPLO E A BELEZA DE SUA VIDA

JAMAIS ELE SERÁ ESQUECIDO PELO NOSSO POVO.
NOSSA HOMENAGEM,

PADRE CICERO

ADMINISTRAÇÃO MUNICIPAL DE
JUAZEIRO DO NORTE

Manoel Salviano

Prefeito Municipal

ANTOLOGIA

THOMÉ CABRAL

Esse filho do sul do Ceará, conquanto possa ser considerado um padrão de simplicidade, não pode ser apontado como uma pessoa qualquer. Seu ego é especial e sua personalidade encerra componentes muito fortes e definitivos. Austero, sem ser antiquado. Intelectivo, sem ser esnobe. Amigo, sem ser capacho. Religioso, sem ser fanático. Desportista, mais pelo esporte do que pelo atleta. Bancário, sem botar banca. Gerente, sem ser "besta". Inspetor, sem deixar de ser gente. Espirituoso, sem deixar de ser respeitoso.

Tomé Cabral nasceu no município de Barro (então Milagres), na fazenda Riachão, no dia 07 de julho de 1907 (e no sétimo dia da semana), filho de Tomé Coriolano Gomes dos Santos e Rita Cabral dos Santos. Cinco anos mais tarde, outra trinca de número marcava a data de sua primeira grande mudança na vida. Doze de doze de mil novecentos e doze foi o dia em que a numerosa família, tendo deixado para trás a fazenda Riachão, chegava ao Crato. A jornada envolveu 13 pessoas: seu pai, sua mãe, seus cinco irmãos, os dois bisavós, a avó, uma tia e uma prima. A nova cidade, embora parecesse tribal para os cratenses, aos recém-chegados parecia um despotismo.

Seu primeiro professor foi seu Biliu, um ex-seminarista, ex-bedel, e, na ocasião, zelador do Seminário do Crato. Ao seu Biliu sucedeu o prof. Zé Mendes (de triste memória), ao qual se seguiu D. Antônia Teixeira Mendes (Dona Antonina), professora maranhense, de Caxias.

Nascido numa época em que o distrito do Barro era palco de graves turbulências políticas, e que chegaram a atingir a pacata e honesta família Cabral dos Santos, o pobre Tomé ainda, com apenas 7 anos de idade, foi testemunha de parte da Revolução de 1914, entre Juazeiro e o Ceará. Duras foram as impressões do menino Tomé, ante uma cidade incendiada e saqueada, e sem uma razão inteligível. O que aconteceu ao velho Tomé foi o mesmo que experimentaram os demais chefes de família da região: ficaram a zero; perderam tudo.

Tomé sobreviveu a essa primeira intempérie e, ainda, às palmatórias escolares, à seca de 15, à bailarina, à seca de 19, à tracoma. Um dia conheceu um refrigério: uma escola nova e sem castigos. Era a Escola do Dr. Pedro Gomes de Matos. Em 1919, forçado pelas dificuldades de todos em casa, Tomé ingressou no comércio como balconista, quando experimentou o mando dos mais diferentes modelos de patrão, não apenas no Crato, mas também em outras localidades vizinhas. Nessas suas andanças, conheceu lugares: Assaré São José de Quincuncá, Santo Antônio de Quixará e Santo Antônio de Quixelô e outros.

Vividas todas as experiências de empregos e escolas menores — Além de sacristão itinerante — Tomé se encaminha para a abertura de novo e importante capítulo em sua vida. De São Mateus, voltou ao Assaré e, dali, em 1924, para o seu querido Crato. Exaustivamente e em vão, procurou voltar aos estudos, numa batalha pessoal em que escapou de ser padre e mesmo frade.

Inesperadamente, porém, o padre Joviniano (a quem havia pedido para ingressar no Seminário) mandou chamá-lo e encaminhou-o ao Banco do Cariri, onde era Vice-Presidente. Aprovado no teste de caligrafia, tomou posse no dia 14 de fevereiro de 1925, aos dezesseis anos de idade. Ordenado de 90 mil réis (90\$000) e expediente de cinco horas. Verdadeira salvação nacional.

Fez ainda o curso seriado, de 1926 a 1931, no Ginásio do Crato. Nos oito anos de Banco do Cariri, chegou até Gerente. Por concurso, ingressou no Banco do Brasil, servindo nas cidades de Aracaju, Crato, Cajazeiras, Fortaleza, Manaus e Iguatu, nas quais exerceu várias funções e comissões, de Caixa, Contador e Chefe-de-Serviço, até Gerente. Com 15 anos de Banco do Brasil, foi requisitado para servir na Superintendência da Moeda e do Crédito (SUMOC), hoje Banco Central.

Aposentado em 1964, foi servir no Banco do Estado do Ceará, até 1969, onde foi Supervisor Geral, Diretor-Executivo e Diretor. De garoto estudioso, adolescente aplicado, até os 25 anos de idade, esteve assiduamente presente em todos os movimentos esportivos e literários do Crato. Vimo-lo muitas vezes, no Crato Tennis Clube, empunhando a raqueta, orientando os principiantes do elegante esporte.

Estreou na literatura, em 1931, publicando "S 19", com os perfis versificados dos companheiros da primeira turma do Ginásio. Vai aqui o seu autorretrato escrito: EU

"Quando nasci, não era desta idade.

Era um bebê. Inda hoje me constranjo

Por tal motivo, pois minha vontade

Era nascer taludo e já marmanjo.

De mim faziam bela raridade,

— Em panos novos, um perfeito arranjo —

Se um olhava e dizia: que beldade!

Outro, meloso: é tal e qual um anjo!

E eu, anjinho, cresci. Como troféu

Deixei toda a beleza nos cueiros

— De feiura sou hoje um dos luzeiros.

Tenho a altura de um grande arranha-céu

Meus dotes não são bons, mas na algebeira

Trago... a muda expressão da quebradeira".

Em 1968, seu segundo trabalho: "A Europa é bem ali", um completo roteiro de sua viagem ao Velho Mundo. Tudo está narrado tin-tim por tin-tim o trocado em miúdo. Em 1970, publicou "Seu Méu",

uma homenagem ao centenário de nascimento de seu pai. Ainda em 70, outro trabalho, "Padre Emílio Cabral", discurso pronunciado por ocasião de sua posse na cadeira nº 10, do Instituto Cultural do Cariri (Crato-CE). 1973, foi a vez do seu "Dicionário de Termos e Expressões Populares", fruto de um trabalho de fôlego, força de vontade e acuidade intelectual. Dos muitos depoimentos críticos, sobre a obra, destacamos estes :

"Posso afirmar que Tomé Cabral fez obra que honra seu espírito intelectual, realizou plenamente a tarefa a que se propôs e que serve de exemplo para que se estabeleçam levantamentos iguais, para outras áreas do Brasil" (Evanildo Bechara, da PUC, do Rio de Janeiro)".

"O precioso dicionário de Tomé Cabral é uma garantia de que uma grande parte do insubstituível acervo da linguagem regional não se perderá. Afora a inegável ajuda aos estudiosos do idioma; afora os seus méritos óbvios de paciência, honestidade e respeito à autenticidade; afora isso, o dicionário do homem do Crato ainda tem outro mérito: é extremamente gostoso de se ler". (Rachel de Queiroz, da Academia Brasileira de Letras)".

Residindo em Campinas-SP, ali, em 1976, publicou "A Família Lima Verde", estudo da árvore genealógica dessa importante família cearense. Ainda em Campinas, escreveu e publicou as memórias de sua infância, sob o título "Patuá de Recordações".

O "Patuá" ganhou a judiciosa apresentação da imortal escritora cearense, Rachel de Queiroz. Comentando o novo trabalho de Tomé e suas páginas de memórias, ela acrescentou que "na sua singeleza, contam elas muito da vida — não só da pessoa Tomé Cabral — mas do homem do Cariri, quer no campo, quer na rua... A velha saga nordestina do sertanejo enfrentando praticamente de mãos nuas a terra ingrata — não dura e ingrata, é verdade, naquele Cariri Verde, quanto o é nos nossos ásperos tabuleiros do Quixadá".

Em 1981, em comemoração do jubileu de ouro dos 19 companheiros de ginásio, refundiu o trabalho de 1931, inserindo fotos e os dados biográficos dos seus jubilados. Em 1982, tivemos a 2ª edição do Novo Dicionário de Termos e Expressões Populares, recebido com o mesmo entusiasmo com que o festejaram em 1973.

Tomé Cabral casou-se, em 16 de outubro de 1937, com Maria Salma Lima Verde Cabral, na cidade do Crato. São seus filhos: Maria Neile, José Márcio, Neile-Ane, Paulo, Maria Noélia, Rômulo, Roberto e Guilherme. Tem 28 netos e 1 bisneto. É membro do Instituto Cultural do Cariri do Crato, do Centro Folclórico de Piracicaba e da Academia Piracicabana de Letras, e membro correspondente da Academia Cearense de Letra e do Instituto Cultural do Vale Caririense, de Juazeiro do Norte-CE, em 25-06-80, a Câmara Municipal do Crato concedeu-lhe o título de "Cidadão Cratense". Tomé Cabral reside, hoje, na Av. Santos Dumont nº 3665 — Edifício Bagatele, apt. 1103 — Fortaleza (CE). Fone: (085) 244-2874

(Boletim da Casa do Ceará em Brasília, nº 81)

Laboratório de Análises Clínicas

CÂNDIDO SANTOS

DIREÇÃO

TÉCNICA:

DRA. MARIA BERNADETE CÂNDIDO SANTOS

C P F 023.868.523-34

DIREÇÃO

ADMINISTRATIVA:

ANTONIO AUGUSTO LIMA SANTOS

RUA DR. MIGUEL LIMA VERDE, 550

TELEFONE: 521 - 0905

C R A T O

-

C E A R Á

CRUZ FILHO - Historiador

F. S. NASCIMENTO

Tendo dedicado a maior parte de sua existência à comercialização do livro, em 1977 Luís de Carvalho Maia assumia o papel de editor, revelando forte interesse pela reimpressão da *História do Ceará*, da autoria de Cruz Filho. Na intenção de viabilizar seu projeto, dirigiu-se à Companhia Melhoramentos de São Paulo, que lhe informara da cessão dos direitos autorais ao próprio Cruz Filho, desde 1963. Já falecido o autor, Luís Maia conseguia do seu herdeiro único, José Augusto Cordeiro da Cruz, a reserva de domínio do mencionado texto, passando a trabalhar pela sua editoração.

A proposta de "resumo didático", expressa no subtítulo desta *História do Ceará* publicada em 1931, levou alguns pedagogos locais a judiciosas considerações, à luz das modernas técnicas de ensino, sabendo-se haverem concluído pela inadequação desta obra aos currículos escolares da atualidade. E, efetivamente, escrita com a finalidade de ministrar ensinamentos "à inteligência infantil" de uma época de florescimento dos cursos de humanidades, o livro de Cruz Filho deixara de ser acessível aos jovens dessa escala etária em diante que hoje freqüentam os nossos educandários de 1º e 2º graus.

Este seria apenas um caso a mais de um livro preparado para o ciclo propedêutico e condenado a ser expurgado da escola média, em face da incompatibilidade do estágio intelectual do aluno de nossos dias com o nível do texto de 55 anos atrás. Na área do vernáculo, citaríamos a *Gramática Portuguesa*, de Alfredo Gomes, dirigida aos ginásios, colégios e escolas normais; a *Gramática Descritiva*, de Maximino Maciel, de igual destinação; a *Gramática Portuguesa*, de João Ribeiro, dita para o curso superior, mas elaborada para responder "às questões do programa do exame de português do Ginásio Nacional"; e a *Gramática Secundária da Língua Portuguesa*, de M. Said Ali, adotada pelo Colégio Pedro II e ginásios equiparados. Todos esses compêndios tiveram de sair da carteira do aluno, incorporando-se aos acervos bibliográficos dos cientistas da linguagem.

A *História do Brasil*, de João Ribeiro, figura entre os exemplos mais frisantes de engrandecimento de uma obra em razão do rebaixamento cultural da clientela para a qual fora dirigida. Editado em função do que chamavam de "curso superior" do Colégio Pedro II, esse texto passara a ser utilizado por sucessivas gerações de estudantes da escola média. Aparecido em 1900, "este pequeno livro", segundo o próprio autor, era enriquecido por um estudo preambular de Araripe Júnior, em que admitia ter sido o primeiro compêndio do gênero no

país com objetivos realmente didáticos. Para tanto, João Ribeiro assimilara metodologias em cursos frequentados na Alemanha, o que lhe permitiram sólida consciência programática nesta e demais áreas do conhecimento pelas quais perlustrara.

Ao contrário de João Ribeiro, que se preparara cientificamente para as inovações inseridas em seu compêndio sobre a formação da nacionalidade brasileira, Cruz Filho se valera tão-somente de sua prodigiosa organização mental para elaborar o "resumo didático" que os historiadores não tinham oferecido à mocidade estudiosa de sua terra. Melhor estilista do que o notável gramático sergipano, lembrando Castilho ou Herculano na manipulação da frase, o autor cearense revelava nesse perfeccionismo formal um aspecto desfavorável à comunicação didática, isso não chegando ao ponto de o estudante da época, leitor dos clássicos portugueses, necessitar de recorrer a dicionários para compreender integralmente a mensagem histórica expandida.

Observando-se como João Ribeiro sistematizou a sua *História do Brasil*, haverá de se reconhecer a segurança demonstrada por Cruz Filho no encadeamento dos mesmos episódios gerais, daí partindo para o estudo dos assuntos diretamente relacionados com a terra e a formação do povo cearense. Na distribuição temática, segundo a perspectiva histórica de João Ribeiro, os acontecimentos se projetaram de forma melhor esquematizada, mas pouco diferindo, em seu conteúdo fundamental, do norteamento didático estabelecido por Cruz Filho.

O quadro geral levantado por Cruz Filho sobre "A época das grandes navegações" (cap. I), tomando como um atestado de sua erudição acerca da matéria, haveria de funcionar como um dos pontos menos didáticos desta sua *História do Ceará*. Com maior objetividade, João Ribeiro reservaria apenas três páginas aos mesmos acontecimentos, seqüenciando-os com os únicos episódios que efetivamente nos interessariam: cap. 2 — "O descobrimento do Brasil pelo ciclo dos navegadores do oeste. Ianez Pinzon e Diego de Leppe", e cap. 3 — "Descobrimto do Brasil pelo ciclo dos nevegadores do sul. Pedro Alvares Cabral".

Mas, quando menos didático pelo intento de aprofundar as ações determinadoras das grandes conquistas ultramarinas que marcaram o século XV, Cruz Filho assumia a postura de ensaísta, versando com absoluta segurança os fatos históricos da época e questões posteriores. Como exemplo, leia-se no cap. II deste seu livro o que escreveu sobre a gênese da palavra *Brasil* e confronte-o com a versão de João Ribeiro, na obra citada. O que se verá é que ambos os autores pesquisaram o assunto, sendo mínimas as divergências quanto ao ponto-de-vista firmado por um e por outro.

Quanto à proposta básica de Cruz Filho, não nos pareceu boa iniciativa didática reunir num só contexto o "Descobrimto do Brasil e primeira explorações de seu litoral". Tendo sido acontecimentos distintos, não obstante correlatos e conseqüentes, melhor teria procedido

o autor se, como fez João Ribeiro, houvesse destinado ao assunto um capítulo específico, "As primeiras explorações", seguindo a mesma linha diacrônica, já a partir da carta de Pero Vaz de Caminha a el-Rei D. Manuel, e denominada por Capistrano de Abreu de "Certidão de Nascimento do Brasil".

Num esboço de nossa autoria, intitulado de "Formação Histórica de Pernambuco", dizíamos o seguinte a respeito dessas primeiras explorações: "No Tratado de Tordesilhas só faltou a palavra *Brasil*, porque tudo mais estava previsto em termos de *achamento de terra*. Tanto assim que os contornos de nossa grande orla continental já apareciam caracterizados na carta de Juan de la Cosa, terminada em fins de 1500. Quanto às expedições pós-cebralinas, estas tiveram início em 1501 através de uma armada com o objetivo de explorar a *nova ilha* de Vera Cruz, em cuja missão chegou a percorrer 2.500 milhas, da ponta oriental do Nordeste ao extremo da Cananéia, São Paulo. Em 1503, outra expedição, sob o comando de Gonçalo Coelho e a participação de Américo Vesputio, aportava à ilha de São João ou da Quaresma, no ano seguinte arrendada segundo uns, ou doada conforme a maioria dos historiadores, ao armador Fernão de Noronha, nome pelo qual ficaria conhecido o arquipélago que por muito representou o ponto mais avançado de Pernambuco, em sua projeção para o Atlântico".

Essas iniciativas pioneiras não foram suficientemente desenvolvidas por Cruz Filho, como incompletas se mostraram as referências a Cristóvão Jaques, excluindo-se até o papel desempenhado pela feitoria de Itamaracá nesses primórdios da colonização do território brasileiro. Já no resumo das ações de Martim Afonso de Sousa ficou bem explícita a sua meta principal, que era assegurar a conquista portuguesa e povoar a terra. Como decorrência desses propósitos, fundara à beira-mar a vila de São Vicente e, em suas incursões ao interior, promovera o assentamento da vila de Piratininga, na borda do campo, além da Serra do Mar, assunto de interesse maior dos historiadores bandeirantes, a exemplo de Paulo Prado, com a sua *Paulística* (Ariel, 2ª ed. 1934).

Se Cruz Filho se ocupara de tantos fatos que antecederam à penetração do território cearense, não entendemos porque omitira os ensaios mais importantes dessa fase pre-colonizadora, que foram as medidas preconizadas pelo primeiro donatário pernambucano. E justamente sobre ele, escrevíamos: "Comandando forte esquadra, Duarte Coelho Pereira entrava pela barra de Nossa Senhora da Conceição, da ilha de Itamaracá, a 9 de março de 1535. Em sua companhia a esposa D. Brites de Albuquerque, o cunhado Jerônimo de Albuquerque e outros numerosos fidalgos, troncos genealógicos de tradicionais famílias pernambucanas. Tornava-se Duarte Coelho senhor da grande área que se estendia, pelo litoral, desde o canal de Santa Cruz até a foz do rio São Francisco, porção de terra em que se incluía o atual Estado de Alagoas".

Deixando de registrar os marcos civilizatórios assentados por Duarte Coelho, também se omitira Cruz Filho de falar a respeito do seu primogênito e sucessor imediato, a quem se creditariam os primórdios da interiorização do Nordeste brasileiro. E sobre ele, anotávamos: "Para garantir a posse do seu valioso herdado, Duarte de Albuquerque Coelho teve de enfrentar os caetés, com o apoio do seu tio Jerônimo de Albuquerque sustentando com essa belicosa nação indígena uma luta de cinco anos".

"Essa guerra de extermínio aos caetés — adiantávamos — permitiu que Duarte de Albuquerque Coelho, à frente de mais de dois mil homens brancos, realizasse o primeiro contato com o interior de sua capitania. Além de Itamaracá, Igarassu e Olinda, outros povoados começaram a marcar a geografia pernambucana, como núcleos humanos, incluindo-se nessa categoria de focos originários o Cabo de Santo Agostinho, Paratibe e Várzea do Capibaribe. A luta contra os caetés teve início nas proximidades do Cabo de Santo Agostinho, onde os colonos eram constantemente assediados por esses indígenas, terminando às margens do rio São Francisco".

E mais adiante, concluindo: "A expansão colonizadora, ora margeando o litoral, ora se projetando interior adentro, se tornara irreversível possibilitando o surgimento das povoações de São Lourenço da Mata, Ipojuca, Sirinhaém, Porto Calvo, Alagoas (Marechal Deodoro), Goiana, Jaboatão e outros núcleos humanos. Data de 1587 uma das primeiras notícias sobre o Recife, quando já existia a ermida do Corpo Santo, edificada num banco de areia. Completavam a paisagem do chamado *burgo triste*: cordões litorâneos arenosos ou restingas, pântanos de água salobra, mangues, esteiros e camboas".

Ditas algumas palavras acerca do donatário omissos Antônio Cardoso de Barros, e consignada apenas quatro linhas aos oitenta e tantos anos de pirataria dos franceses na costa norte-oriental do Brasil, Cruz Filho se restringia a breve registro sobre um fato sincrônico da mais alta importância na formação histórica do Ceará, escrevendo: "Em 1581, por morte do cardeal D. Henrique, fora Felipe II de Espanha aclamado rei de Portugal, passando, assim, o reino com todas as suas colônias para o domínio espanhol. Morto Felipe II, subiu ao trono, em 1598, seu filho Felipe III, em cujo reinado foram feitas a conquista e colonização do Ceará".

Na verdade, o reinado de Felipe III de Espanha, ou Felipe II de Portugal, chegava ao fim em 1621, tendo se registrado até esse ano um único ensaio de colonização no Ceará, por iniciativa de Martim Soares Moreno. Numa síntese mais ampliada, dizíamos: "Em 1581, teve início o período de dominação espanhola em Portugal e, conseqüentemente, no Brasil. E foi justamente nessa fase, prolongada até 1623, que se deu maior ênfase ao processo de povoamento e colonização das terras então pertencentes aos donatários de Itamaracá e Pernambuco. Em 1584 se efetivava a conquista e ocupação do território da Paraíba,

por muito tempo em poder dos franceses. Em 1597 os pernabucanos consolidavam o domínio da costa rio-grandense, fundando, a 25 de dezembro de 1599, a povoação de Natal e lançando as bases do forte dos Três Reis Magos. Para o Ceará seguiam Pero Coelho de Sousa em 1603, e Jerônimo de Albuquerque em 1613, em ambas as expedições se fazendo presente Martim Soares Moreno, considerado o pioneiro da colonização em território cearense”.

Se por vezes limitado em sua perspectiva histórica, o próprio autor atribuía o fato à escassez de melhores fontes documentais. A condição de escritor organizado e atento, capaz de selecionar as informações mais diversas e transformá-las em boa matéria, ficava suficientemente comprovada em “As tribos selvagens do Ceará” (cap. III), “Etnografia indígena” (cap. IV) e “O nome Ceará” (cap. V), assuntos de permanente interesse escolar. “A frustrada tentativa de catequese dos jesuitas” (cap. VII) foi outro acontecimento bem desenvolvido por Cruz Filho, tomando essa epopéia em sua exposição grande força dramática.

Também versava o autor deste livro, em linguagem bastante acessível ao estudante da escola média, dois dos mais importantes capítulos da formação histórica deste Estado: “Martim Soares Moreno” e “Ceará holandês”. Preciso na cronologia e farto em pormenores, Cruz Filho deixava escritas, sem dúvida, as melhores sínteses a respeito do pioneirismo de Soares Moreno e das incursões batavas no território cearense, tornando-se suficiente ao educando de qualquer nível recorrer a esses textos para obtenção dos subsídios necessários aos seus trabalhos escolares ou acadêmicos.

Na elaboração do capítulo “Povoamento do solo”, Cruz Filho não teve outra alternativa senão a de repetir Tristão de Alencar Araripe, Pedro Theberge e Antônio Bezerra, este radical defensor da expansão colonizadora desta parte do Nordeste subindo pelos rios Jaguaribe e Acaraú. O autor de *Algumas Origens do Ceará* não admitia outra forma de ocupação do espaço geográfico do extremo sul deste Estado, indo ao ponto de considerar impraticáveis as entradas dos seus povoadores através da chapada do Araripe.

Essa a concepção histórica de Antônio Bezerra, que o autor deste resumo didático da *História do Ceará* reproduziu, ao escrever: “O povoamento era feito à medida que os exploradores iam obtendo datas de sesmarias (concessões de terras dadas pelo Governo, no sentido de nelas estabelecerem os sesmeiros fazendas de criação). A emigração que subiu os cursos do Jaguaribe e do Acaraú veio do Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco, entrando no Ceará pela costa e pela chapada do Apodi; a que se apossou da ribeira do Salgado e do vale do Cariri veio de Sergipe e da Bahia, subindo pelas margens do Jaguaribe e do riacho dos Porcos, que corre entre as serras do Icó e do Araripe, e pelas cabeceiras do rio do Peixe, na Paraíba”.

É incrível como Antônio Bezerra conseguiu meter nas cabeças dos historiadores de sua terra uma versão tão desconstruída e em parte inverossímil. Se verdadeiro que as migrações colonizadoras, procedemos do Rio Grande do Norte e da Paraíba, ascenderam pelo curso do Jaguaribe e demais componentes de sua rede fluvial, quanto aos portadores de datas de sesmarias, originários de Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia, as entradas destes pioneiros tiveram sentido oposto (São Francisco, riachos da Terra Nova e dos Porcos, rio Salgado, Jaguaribe), sendo hoje irretrucável esta versão histórica.

Quebrando a corrente dos apologistas da tese de Antônio Bezerra, João Brígido foi o primeiro a atinar para essa inversão das entradas colonizadoras, perspectiva histórica reforçada por Joaquim Alves. Mais tarde, num depoimento conclusivo, o padre Antônio Gomes escreveria: "Do Jaguaribe e do rio do Peixe, vencido o Salgado; de Pernambuco, pelos riachos da Terra Nova e da Brígida, vencidas as nascentes do riacho dos Porcos e a serra do Araripe, os currais convergiam sobre o Cariri Novo. E foi assim que Missão Velha nasceu sob o tropel dos gados de Bento Diniz Barbosa, Porteiras evoluiu de passagem e fazenda de criar para comunidade urbana, tendo idêntica origem as cidades de Brejo Santo, Milagres e Mauriti".

Em nosso pequeno estudo "Formação Histórica do Cariri", adiançamos: "Os colonos que subiram pelo Jaguaribe ou ascenderam pelo São Francisco, desviando-se pelo curso do riacho da Brígida, tinham, portanto, uma vocação definida: criar gado. E, no desenvolvimento de sua atividade, foram estabelecendo suas fazendas, até mesmo nas terras férteis do Cariri. Somente vencida essa primeira fase de ocupação do espaço geográfico do extremo meridional cearense, é que as tendências do colonizador foram se redefinindo, reservando os brejos e pés-de-serra ao cultivo da cana-de-açúcar, enquanto mantinha ou concentrava nos sertões um regime mais diversificado de exploração econômica, ocupando seus latifúndios com grandes roçados e extensas mangas destinadas ao criatório".

Todavia, estes confrontos não invalidariam o esforço didático de Cruz Filho, arguto noutros aspectos da ocupação do interior cearense, onde expedições armadas tiveram papel decisivo, mas impiedoso, na garantia da exploração da terra. Em a "Catequese e aldeamento dos selvagens", era amplamente registrado o trabalho empreendido pelos jesuítas e depois pelos capuchinhos no encaminhamento dos indígenas para atividades pacíficas e produtivas. Com alguns acréscimos bastante elucidativos, o capítulo "O Ceará capitania independente de Pernambuco" nos pareceu calçado em *Datas e Fatos para a História do Ceará*, do Barão de Studart, e "Montes e Feitosas" no *Ceará — Homens e Fatos*, de João Brígido, fontes, para ambos os casos, de reconhecida confiabilidade.

De "A Fortaleza em 1810", de João Brígido, extraia Cruz Filho

o material histórico para os 12 tópicos de "Tradições, usos e costumes" (cap. XV), trabalho em que o poeta se dispôs e medir-se com o ensaísta, criando páginas de sociologia urbana que ninguém perderá em conhecê-las. Voltando-se para a história política de sua terra, reassumia o estilo didático, escrevendo: "O Movimento Republicano de 1817", "O Movimento da Independência", "A Expedição Contra Caxias, no Maranhão", "A Confederação do Equador — o Grande Conselho", "A Confederação do Equador — As Expedições de Filgueiras e Tristão", "A Confederação do Equador — O Tribunal de Sangue" e "A Sedição de Pinto Madeira", matérias de relevante significação para qualquer nível de estudo.

Em nossa meninice, muitas vezes passamos pela frente da casa fotograficamente reproduzida na edição original desta *História do Ceará*, e em que residia a heroína Bárbara de Alencar, na cidade do Crato, demolida para dar lugar ao insignificante prédio da Coletoria Estadual. Também conhecemos, ainda em sua feição original, o imóvel em cuja sala principal fora julgado Pinto Madeira, como pisamos o chão do alto do Barro Vermelho onde esse extraordinário caudilho tombara fuzilado. E precisamente sobre ele concluía o poeta-historiador: "Esse assassinio jurídico constitui um dos crimes mais hediondos que se praticaram no Ceará e muito concorreu para empanar o brilho do nome do presidente José Martiniano de Alencar, acusado de cúmplice na monstruosa execução".

Os leitores desta nova edição da *História do Ceará* irão encontrar essa mesma linguagem, veemente e precisa, nos capítulos "Administração Provincial", "A Redenção dos Cativos", "Regime Republicano", "As Secas" e "Emigração Cearense". Já versando uma temática de sua própria área de atuação, Cruz Filho acrescentava os capítulos "Letras, Ciências e Artes" e "A Poesia Regionalista", fazendo o registro bio-bibliográfico dos nomes maiores da intelectualidade cearense, do senador Thomaz Pompeu de Sousa Brasil a Rachel de Queiroz e outros valores de sua geração. Para fecho do seu resumo didático, Cruz Filho escrevia "O Ceará Atual", numa visão de 1931.

Nas providências iniciais para a devolução desta obra aos estudiosos da história local, Luís Maia chegou a pensar na formação de uma equipe com a finalidade de atualizar o texto original, idéia a que nos opusemos, em consonância com idêntica reação do professor Sânzio de Azevedo, em face dos riscos de ser despersonalizado o trabalho de um dos mais notáveis intelectuais da terra. E tal como o escreveu Cruz Filho, a Secretaria de Cultura e Desporto decidiu reimprimí-lo, graças à elevada compreensão do seu titular, historiador Joaryvar Macedo. De nossa parte, não temos dúvida quanto ao êxito do empreendimento editorial, tamanho o interesse que continua a despertar este livro produzido há mais de meio século para consumo da rede escolar do Ceará.

MERCANTIL COMPRE BEM

18 ANOS DE BONS SERVIÇOS PRESTADOS AS
DONAS DE CASA DO CARIRI

1969 - 1987

Eugênio Leite & Cia.

UM MUNDO DE UTILIDADES PARA O LAR

PRESENTES,

PERFUMARIA,

COMESTÍVEIS,

PRATARIA, ETC.

PREÇOS SEM COMPETIDORES — O MAIOR E
MELHOR SUPERMERCADO DO CRATO

AGORA, NA SEDE NOVA, VERDADEIRO SHOPPING
AS SUAS ORDENS! O ORGULHO DA CIDADE!

RUA DR. JOÃO PESSOA, Nº 362

(Galeria com a Santos Dumont)

TELEFONES : 521 - 2152 e 521 - 0622 — CRATO - CEARÁ

VERSOS AGRESTES

RAIMUNDO ARAÚJO

VERSOS AGRESTES é uma abordagem de cunho eminentemente sertanejo. Fruto de uma inteligência fértil e criativa, a serviço do folclore, da cultura e das letras do "povão".

O autor neste seu 3º trabalho literário, fadado, evidentemente, ao sucesso, retrata com arte e engenho, um dos traços mais vivos da cultura popular nordestina. E exalta o sentimento da alma de uma raça que vibra e sente, ama e sofre.

No decorrer das versalhadas, o leitor há de convir com o prefaciador, que, a preocupação maior do bardo, não é outra senão, tornar público e notório, fatos, pessoas, costumes coisas, (abstratas e concretas) dando, inclusive, uma tônica toda peculiar às colocações adredemente esposadas na sua majestosa obra.

VERSOS AGRESTES é outrossim, um retrato fiel e colorido das pessoas e coisas do "mato", distante da escola e dos comportamentos citadinos que bem pode transportar a maioria dos leitores às suas origens rústicas. Nada de gravata e colêté. Não há verso besuntado, nem rima clorótica. Muito pelo contrário, tem cheiro das ruas e das "matas".

Por isso, deve ser lido e assimilado, à luz dos hábitos, usos, costumes e particularidades sertanejas. Afinal de contas, "o sertão é a terra, o homem e suas angústias".

Tudo isto é focalizado com muito acerto, aprumo e propriedade pelo neto do velho Galdino, o patriarca dos Bandeiras.

Fazendo nossas as palavras do grande sertanejo e preclaro escritor cearense, Padre Antônio Vieira, gostaríamos de colocar:

o sertão era inocente,
bom,
generoso
e gostoso.

Mas sertão deu para peralta,
para play-boy.

Virou menino de rua,
metido a sebo,
metido a sabido,
metido a sofisticado.

Conheci o sertão de antigamente
Tudo diferente de hoje.

Agora cheguei e perguntei:

— Cadê o sertão daqui ?

— O bicho comeu.

Para o Padre Vieira o sertão é :

o mugido tristonho das reses na porteira do curral;
a rolinha que chama insistentemente o companheiro
perdido;

o lento e alongado gemido do carro de boi, ao longe;
o cheirinho da terra molhada quando chove;

crianças brincando de fazer açude;
banho de chuva na biqueira da casa;
banho de açude com cangapé, etc., etc., etc.

Concluindo, diz o talentoso autor de 100 CORTES, SEM RECORTES:
"O sertão é como o amor. Judia a gente. Quanto mais aperta, mais
amor desperta. Quanto mais dá, mais exige".

Essas facetas do sertão agreste, magistralmente colocadas pelo
douto sacerdote da "terra do arroz", estão inseridas no VERSOS
AGRESTES do consagrado vate paraibano, filho por doação da terra
do Padre Cícero. SENÃO VEJAMOS:

"Quando escuto no sertão
o canto do sabiá
o meu véio coração
começa a se arterà
pois sinto na merma hora
muita lembrança de otrora
dos meus tempo de roceiro
o sertão qu'eu amo tanto
tá retratado no canto
do sabiá prazentero".

x x x

"Nordeste das vaquejadas
das corridas de mourão
das noites de cantoria
das festas de apartação
dos dias de adjuntos
das debulhas de feijão".

UM MANIFESTO POLÍTICO QUE DIGNIFICA O PASSADO DE JARDIM

NAPOLEÃO TAVARES NEVES

Ao folhear o Jornal barbalhense do começo deste século, "O Luctador", encontrei, na página 2, um vibrante e bem feito manifesto político que, por seus termos e por sua bravura, bem como pela ativa e liberal resposta do seu principal destinatário, CORONEL NAPOLEÃO FRANCO DA CRUZ NEVES, dignifica sobremodo o glorioso passado político de JARDIM, município de tantas tradições cívicas.

Para conhecimento das gerações presentes e futuras resolvi publicá-lo nas páginas de "ITAYTERA" como verdadeiro mostruário da grandeza política de JARDIM no passado.

Para os que não sabem, o CORONEL NAPOLEÃO FRANCO DA CRUZ NEVES é meu avô paterno, o CORONEL ANCILLON DE BARROS E SILVA é o tronco da numerosa e inteligente FAMILIA ANCILLON de JARDIM e regiões limítrofes e o CORONEL MILTÃO RODRIGUES DE CARVALHO é avô do Capitão Ariovaldo Carvalho, Ex-Prefeito de Crato e do meu colega e particular amigo, Dr. Carlos Barreto de Carvalho. Os três já são falecidos, obviamente. Eram

x x x

"Proquê no seu canto eu vejo
a água na cachoeira
o bodejá do fulejo
e a galinha ciscadeira
o piru fazendo roda
os pinto qui se incomoda
quando começa a chovê
tremendo e piando fino
como um bando de menino
pedindo a mãe pra comê".

Diga-se de passagem, o autor de CANTOS DA TERRA fez um trabalho de mouro, digno, portanto, de nota e de encômió. Aplaudamos o poeta João Bandeira. É mais uma valiosa contribuição para o nosso acervo cultural.

Você é um herói, João! Continue escrevendo poesia de ordem matuta. Poesia braba e agreste. Poesia dos cabras "valentes" e das cabrochas frajolas.

"Aos reis e poetas devemos veneração, não porque sejam deuses, mas porque são raros". Já pontificava Petrônio, o "árbitro da elegância".

"rabelistas" e se insurgiram contra os desmandos políticos do "aciolismo" em JARDIM.

Ei-lo na íntegra, na imponência de sua grandeza política, impregnado do espírito liberal dos que o arquitetaram, guardião já do sopro de liberdade e democracia que começava, em boa hora, a soprar na face autoritária da política jardinese de então, sempre desfigurada pela vaidade pessoal dos detentores do poder:

CIDADÃOS JARDINENSES !

Quando um povo abdica de sua liberdade e de seus direitos políticos, assegurados pela Constituição Nacional, torna-se escravo.

Todo o poder vem do povo, e sob este fundamento está assentado o nosso atual regime de governo.

Há 19 anos JARDIM é governado pelo arbítrio e prepotência dos que indevidamente se arrogaram de mandões políticos deste município, arvorados por si mesmos, em chefes políticos, e que infelicitaram o nosso belo e futuroso JARDIM.

Desde o advento da República que não exercemos o nosso direito de voto; que pagamos pesados impostos municipais, sem Leis Orçamentárias devidamente votadas e sancionadas; que vemos o nosso sangue consumido sem proveito algum para o Município; que a Justiça, que é o pão do povo e a alma das leis, desapareceu completamente; que os crimes se reproduzem e ficam impunes; e que, finalmente, não contamos com as garantias e segurança pública e individual, asseguradas pela nossa Constituição republicana.

Cumpre-nos, pois, reivindicarmos os nossos direitos civis e políticos, não por meio de violência e da força bruta, mas, por meio de uma evolução política legal.

Neste intuito, já aclamamos por nosso diretor político o nosso ilustre e distinto amigo, CORONEL NAPOLEÃO FRANCO DA CRUZ NEVES, que declarou-se penhorado, mas que só aceita o encargo pelo voto expresso e nominal do povo e de seus amigos.

AO VOTO, POIS, AO VOTO !!!

JARDIM, CEARÁ — 18 de Março de 1909.

ANCILLON LOPES DE BARROS E SILVA.

MILITÃO RODRIGUES DE CARVALHO.

(Publicado no jornal barbalhente "O Luctador", de 23 de Abril de 1909, sexta-feira, nº 47, Ano IV.)

DESTINO ARREPENDIDO

CORREIA COELHO

— Não José, não vá embora... Eu lhe peço. Você vem conduzindo muito bem os trabalhos em nosso sitiozinho, mesmo depois do desaparecimento prematuro do seu bondoso pai. Depois você é o meu único filho homem. Eu e suas irmãs lhe queremos muito bem e temos uma convivência imensamente boa e feliz. O nosso problema é sermos pobres, mas não demais. Todos da redondeza o admiram, porque você é realmente um rapaz trabalhador, honesto e sensato. Entendo do seu problema íntimo, mas me parece que ele não faz uma razão tão forte para você se afastar daqui. Há tanta moça boa e bonita em nosso meio e um rapaz como você não anda levando o "fora" à toa...

Estes, os argumentos de dona Genoveva, num apelo sentimental ao filho.

— É... Mãe, tudo isso eu já pensei e conjecturei, comigo mesmo. Como a senhora sabe, não deu certo o meu sonhado casamento com Altina. Não quero nem pensar em vê-la casada, nos braços de outro. Nosso amor criou raízes profundas nestes três anos em que nos gostamos mutuamente. Nosso amor, mãe, não é desse tipo comum que, com pouco tempo, está frio, desativado, ambos já pensando até em mudar de namorado. Às vezes penso e tento modernizar-me mais, isto é, segundo esses novos costumes amorosos que estão começando a chegar entre nós. Mas não posso, porque o instinto e o coração não conseguem funcionar neste sentido. Quero bem demais à senhora e às minhas duas irmãs. Adoro este torrão aonde nasci e me criei. Os campos, os pássaros, a juriti cantando à tardinha, com aquele arrulho tristonho e saudoso que ressoa em todo o bosque... Adoro os riachos, os caminzinhos estreitos, os morros, a serra e até as pedras... Até nem sei como suportar o suplício de uma saudade que irá invadir todo o meu ser, por ai afora. No entanto, o que me vem à cabeça é

ir-me embora para longe.

Na verdade, para José, sem Altina, tudo ficara desenchabido, sem graça, nas coisas de sua terra, onde antes ele sentia a vida com toda a força e o entusiasmo de uma mocidade forte, vibrante e alegre.

José, da classe média, boa linhagem familiar, 22 anos, compleição atlética, notável aparência física, tinha fama de bom, desfrutando de conceito admirável no meio em que vivia.

Altina, 19 anos, morena-clara, rosto largo, olhos grandes esverdeados, era uma lindeza de moça, cubiçada por gente boa, inclusive por ser rica. Toda a vizinhança torcia pelo seu casamento com José, por julgar um casal realmente certo, adequado e completo. Até romântico...

Seu pai, coronel Bevenuto Amaro, proprietário e latifundiário da fazenda "Boqueirão dos Amaros", homem enérgico, austero, caprichoso e interesseiro, se opunha formal e ostensivamente ao casamento da filha com José, alegando como motivo fundamental e quase único, ser ele um rapaz pobre e até arrimo de família, pelo que temia ser-lhe uma "carga" que viesse cair aos seus ombros, no futuro. E até nem se incomodava em ferir e trucidar os princípios sentimentais da filha, no seu profundo amor a José.

Tão forte a sua reação, que impôs a Altina a sua saída de casa para passar uns tempos em companhia de seu tio, Padre Otávio, vigário de uma paróquia distante, porém já com a pre-intenção do irmão-padre, com sua competência espiritual e por meios hábeis, pacíficos e diplomáticos, convencer a Altina a esquecer José e casar-se com algum rapaz de destaque social, familiar e financeiro de sua paróquia, onde exercia grande influência, fato que depois veio, realmente a acontecer, para regozijo do cel. Bevenuto.

José, pessoa ativa, de personalidade autêntica, considerava para si uma humilhação o procedimento hostil e reacionário do pai de Altina. Assim, dizia, consigo mesmo, que preferia suportar a rudeza do golpe nos seus sentimentos de amor, do que raptar e fugir com a amada, como ela sugerira, numa aventura que poderia ser desastrosa, não por medo ou falta de coragem, mas sim por consequências inerentes ao episódio.

Dentro desse quadro, José procurou, Altina para o último encontro, com a forte emoção de quem muito ama. Conversaram e dialogaram bastante e na despedida final disse para a amada: — "Vamos fazer de conta que a vida não continuou para nós dois, nos

nossos sonhos, e que os nossos destinos se bifurcaram numa encruzilhada taciturna e comovente e aqui pedimos a proteção de Deus para nós ambos.

Ao partir para terras longínquas, José assegurara à mãe chorosa e às suas irmãs moças Balbina e Catarina, assistência total de onde estivesse.

Ele foi se fixar em Maringá. Com tendência e vocação natural para a agricultura, procurou a zona rural e colocou-se numa grande fazenda pertencente a uma família tradicional do Paraná. Tornou-se logo um herói do trabalho e com as vastas possibilidades que o meio oferecia, bem ao contrário do que sucedia no pequeno sítio dos seus pais, começou logo a progredir e prosperar, com total sucesso.

Depois do casamento de Altina, engendrado pelo tio — padre Otávio, ele resolveu também casar-se e o fez com uma moça de boas procedências, filha de um fazendeiro da região.

Assim, José e Altina, bem distantes um do outro, passaram a se acostumar com a realidade da nova vida, sob os resquícios e as cinzas de um grande amor que deixara uma marca indelével em seus corações de jovens.

Antônio, esposo de Altina, a despeito de ser filho de família rica, veio morar e trabalhar na grande fazenda "Boqueirão dos Amaros", a convite do sogro, Cel. Bevenuto, que, por sinal, não tivera filho homem. Desenvolveu bastante a fortuna do sogro e vivia bem com a esposa.

José, por sua vez, quando queria ver sua mãe, mandava buscá-la para passar dias em sua casa, onde era bem recebida e bem tratada, especialmente pela nora.

Desse modo, a vida continuou para José e Altina, distanciados, trabalhando, criando e educando os filhos. Carlos foi o primogênito de José e Marinila a primogênita de Altina.

Tempos depois faleceu o Cel. Bevenuto e o genro Antônio passou a dirigir totalmente a fazenda. As más línguas murmuravam e recordavam o seu espírito interesseiro, com alusão ao caso de Altina e ainda diziam que a sua morte tinha sido mais motivada pelas ameaças da reforma agrária, ora em processo no País, sobre a qual o Cel. era contra e reacionário. José, lá em Maringá, soube do acontecido, indiferentemente.

Ao cabo de muitos anos, Carlos, já concludente da Agronomia, decidiu vir visitar a avó e seus familiares e conhecer melhor o berço natal de seu pai, pois aí só tinha vindo ligeiramente, algumas vezes, quando rapazinho, para levar e trazer dona Genoveva, sua avó.

Foi uma festa de alegria a sua chegada e ele, muito simpático e comunicativo, passou logo a se integrar com os habitantes da redondeza. Os mais velhos murmuravam: — “É o retrato jovem do pai”!...

Era noite de “São João”. Na casa grande do vizinho, uma animada festa. A “fogueira” e ao seu redor a praxe dos presentes a se tomarem como “compadres” e “comadres”, “padrinhos” e “afilhados”. Muito “foguatório” e os “busca-pés” correndo atrás e querendo subir sob a saia das moçotas... Trajes, comidas e bebidas típicas à vontade. Um conjunto sanfônico para ninguém botar defeito, animando a “quadrilha” e as danças, numa vibração contagiante e um gosto saboroso de viver para todos os participantes.

Em meio à grande animação, Carlos se depara, fortuitamente, com aquela lindeza de moça, moreno-clara, rosto largo e olhos grandes esverdeados. Era Marinila, o retrato jovem da mãe, — assim diziam os mais velhos. A atração, a simpatia e a manifestação mútua do amor envolveram, instantaneamente, as duas criaturas, numa ofuscante troca de olhares, como que houvesse, por traz desse feliz encontro, uma sombra psico-espiritual de um remoto romance amoroso que o vento levou. A aproximação, as primeiras conversas baixinhas de namorados e daí para a frente, só ventura, só felicidade, só amor...

Meses depois aconteceu o casamento, sem barreiras impeditórias e num clima de muita aceitação e inteiro gosto de ambas as famílias. Houve bonita festa. José veio também de Maringá com a família. Ele e Altina se encontraram e se cumprimentaram, sob uma recordação passageira de um tempo que passou, mas agora, de certo modo, compensados através da união dos filhos.

E o velho e virtuoso Padre Gerônimo, vigário da Paróquia, ao ministrar o ato religioso, proclamou, com certa ênfase naquela fala costumeira e entre outras palavras: — “É imensa a minha satisfação em fazer este casamento, porque além do mais sou amigo das duas famílias. Em tempos idos, o destino, em sua sanhá, destruiu e trucidou um grande amor. Mas esse destino, como que se arrependera, tanto e tanto, que agora está procurando sanar e se redimir dos efeitos dos seus caprichos, com a união matrimonial destes dois queridos e originais jovens. Evidente que tudo só poderá acontecer sob os desígnios de Deus. Muitas felicidades para Carlos e Marinila”!

UM LUGAR AO SOL

CORREIA COELHO

Na voragem das ambições humanas,
Todos lutam pela sobrevivência.
Uns ricos, até por formas tiranas;
Outros muito pobres... cheios de carência.

No contraste, em suas malhas desumanas,
Impera uma drástica concorrência.
Injustiças e opressões insanas
Sempre se sucedem com frequência.

Nos rumos para nova caminhada,
Que seja a boa paz o novo farol,
Pois aí está a meta desejada.

Que a Sociedade — já no seu escol,
Compreenda bem conscientizada:
Cada qual merece um Lugar ao Sol.

O BEM E O MAL

CORREIA COELHO

O bem e o mal são duas forças opostas
Que se chocam, a toda hora, fortemente,
Numa luta até por elas imposta,
Na qual vivem indefinidamente.

Nessa guerra nem aceitam proposta
Para uma simples trégua, infelizmente.
Apelos da razão não têm resposta:
São bem antagônicas, realmente.

O fato vem do começo do mundo:
Existirão sempre o bem e o mal,
Num desafio àquilo mais profundo.

Para o bem, uma vitória total,
Vencendo os males do sub-mundo,
Só no final dos tempos, o sinal.

DE REPENTE... FICOU MAIS BONITO SAIR POR AÍ!
PARATI PLUS – UMA AVENTURA EXCLUSIVA...

VOCÊ NUNCA DIRIGIU ASSIM
EXPERIMENTE!

VOYAGE – o carro que veio para ficar

VEJA AS CARACTERÍSTICAS DESSES CARROS E
OUTROS MODELOS DA LINHA

VOLKSWAGEN, NA SUA
REVENDEDORA EXCLUSIVA PARA O CARIRI

DRASA

**DISTRIBUIDORA REGIONAL
DE AUTOMÓVEIS S. A.**

RUA RATISBONA, 282/296

CRATO – FONE: 521-1450 – CEARÁ

FILIAL: AV. PADRE CÍCERO, 2030

JUAZEIRO DO NORTE

—

CEARÁ

RELAÇÃO dos Irmãos do Santíssimo Sacramento da Paróquia de São José de Missão Velha, no Período de 1791 a 1863 – conforme livro existente na Secretaria da Irmandade, de M. Velha

- 001 — Mestre de Campo Manoel Gonçalves Parente (sogro do Comandante José Pereira Filgueiras, grande combatente na Confederação do Equador) — tendo se associado em 23-04-1791.
- 002 — Capitão José Alves dos Santos — 23-04-1791
- 003 — Capitão José Francisco de Andrade — 23-04-1791
- 004 — Ten. Cel. Francisco de Oliveira Rocha — 23-04-1791
- 005 — Ten. Cel. Francisco Tavares Muniz — 23-04-1791
- 006 — Capitão Luciano Pereira da Silva — 23-04-1791
- 007 — Ten. Cel. José Pereira de Carvalho — 23-04-1791
- 008 — Ten. Cel. Gregório Pereira Pinto — 23-04-1791
- 009 — Manoel Gonçalves Martins — 23-04-1791
- 010 — João Machado Jorge — 23-04-1791
- 011 — Francisco Leite Rabelo — 23-04-1791
- 012 — Capitão Manuel Prudente do Espírito Santo — 23-04-1791
- 013 — Antonio Correia de Sampaio — 23-04-1791
- 014 — Ten. Cel. José Pereira Mascarenhas (filho do Capitão João Correia Arnaud, Fundador de Missão Velha) — 08-04-1792
- 015 — José Alenxandre Correia Arnaud (neto do Capitão João Correia Arnaud, citado) — 08-04-1792
- 016 — Sgt^o. Mor Gonçalo Dias Maior — 08-04-1792
- 017 — Antonio José de Carvalho — 08-04-1792
- 018 — José Pereira Carvalho Jr. — 08-04-1792
- 019 — José da Silva Pereira — 08-04-1792
- 020 — Ten. José Moreira dos Santos — 08-04-1792
- 021 — Félix de Souza Furtado — 08-04-1792
- 022 — Pedro Francisco Vasques — 08-04-1792
- 023 — Alferes João Bernardes Pereira da Silva (antigo proprietário do sítio Missão Velha, que vendeu, seus herdeiros, em 1836 a Antonio Correia Lima, por 355 mil réis) — 08-04-1792
- 024 — Capitão Francisco de Magalhães Sá Barreto — 23-04-1793
- 025 — Antonio Alvares de Azevedo — 23-04-1793
- 026 — José Suptério Barbosa — 23-04-1793

- 027 — Ten. Cel. Antonio da Cruz Neves — 23-04-1793
 028 — Capitão Custódio José Esteves — 23-04-1793
 029 — Capitão Domingos Paz Landim — 23-04-1793
 030 — João Tavares Muniz — 20-04-1794
 031 — Ten. Antonio Moreira dos Santos — 20-04-1794
 032 — João Francisco de Miranda — 20-04-1794
 033 — Francisco Antonio de Araújo Lima — 20-04-1794
 034 — Alferes Manuel Furtado Leite — 20-04-1794
 035 — Alferes Gregório do Espírito Santo — 20-04-1794
 036 — Ten. Cel. Antonio Paz Landim — 20-04-1794
 037 — Antonio Pereira da Silva — 20-04-1794 — res. nos Criolos
 038 — Alferes João de Sá Maciel — 20-04-1794
 039 — Joaquim José de Albuquerque Pita — 16-02-1795
 040 — Gonçalo da Cruz Neves — 16-02-1795
 041 — Simão Rodrigues das Neves — 16-02-1795
 042 — José da Cruz Neves — 16-02-1795
 043 — José Custódio Correia de Araújo — 15-04-1797
 044 — Manoel Joaquim de Amorim Castro — 15-04-1797
 045 — José Antonio Pereira da Cunha — 15-04-1797
 046 — Manoel de Freitas Fragoso — 15-04-1797
 047 — Ten. Antonio Pereira Pinto — 15-04-1797
 048 — Joaquim Antonio de Macêdo — 23-04-1791
 049 — Joaquim Manoel Calaço — 23-04-1791
 050 — Joaquim Aleixo de Mendonça — 15-04-1797
 051 — Lourenço Antonio Marreiros da Silva Costa Lima — 15-04-1797
 052 — Manoel Gonçalves Aleixo — 07-04-1798
 053 — Antonio José Correia — 07-04-1798
 054 — Francisco Pereira Pinto — 07-04-1798 — Salamanca
 055 — Nasário Carlos da Silva — 07-04-1798 — Riachão
 056 — Antonio Furtado Leite — 07-04-1798 — Coité
 057 — Manoel Furtado Leite Jr. 07-04-1798 — Coité
 058 — Vicente Pereira Grangeiro — 07-04-1798 — Santa Teresa
 059 — Antonio Paz das Neves — 07-04-1798 — Santa Teresa
 060 — Vitorino de Souza Marinho Falcão — 15-04-1799 — Rio Salgado
 061 — Alferes Manoel Ribeiro da Silva — 15-04-1799 — Missão Velha
 062 — João da Cruz Neves — 16-04-1800 — Sítio Estrela
 063 — M. R. Sr. Luiz Marreiros da Silva — 15-04-1799 — Milagres
 064 — José Ferreira da Conceição — 15-04-1799 — Missão Velha
 065 — João Rodrigues da Costa — 15-04-1799 — Missão Velha
 066 — Manoel da Cruz Neves — 15-04-1799 — Santa Teresa
 067 — Manoel José da Costa — 15-04-1799 — Genipapeiro
 068 — Nicolau José de Melo — 15-04-1799 — Missão Nova
 069 — Antonio da Cruz Neves Jr. 07-04-1800 — Serra do Mato
 070 — Thomaz Varela Lima — 07-04-1800 — Santa Teresa
 071 — José Antonio da Silva — 12-04-1801 — Livrameto
 072 — Gonçalo de Oliveira Rocha — 12-04-1801 — Serra do Bodocó
 073 — Luiz Furtado Leite — 01-04-1801 — Serra da Salamanca

- 074 — Manoel Alves de Matos Jr. — 01-04-1801 — Serra de Sta. Rosa
075 — Alexandre José de Oliveira — 01-04-1801 — Brejo de Sta. Teresa
076 — João de Pires da Silva Pimentel — 01-04-1801 — Salamanca
077 — Luciano Pereira da Silva — 01-04-1801 — Riachão
078 — Cap. José Joaquim de Santana Macêdo — 09-04-1803 — Serra de Santa Rita?
079 — Vig^o. Francisco Xavier de Vasconcelos Maltêz — 09-04-1803 — M. Velha
080 — Cap. Mor José Pereira Filgueiras — p/p. — 09-04-1803
081 — Alferes João Tavares Muniz Jr. — 09-04-1803 — Santana
082 — Capitão José da Cunha Pedrosa — 09-04-1803 — Salamanca
083 — João Marinho Falcão — 09-04-1803 — Missão Velha
084 — Manoel da Cruz do Nascimento — 09-04-1803 — Cerquinha
085 — Cosme Ferreira de Brito — 30-03-1804 — Serra de São Francisco?
086 — João Lopes Caminha — 01-04-1804 — Serra do Farias
087 — Gabriel José de Figueiredo — 01-04-1804 — Coité
088 — Ten. Gonçalo José — 03-04-1805
089 — José Ferreira Soares — 03-04-1805
090 — Antonio Francisco Pita — 29-03-1807 — Cantagalo
091 — Francisco da Silva Belém — 19-04-1807 — Missão Velha
092 — Inácio da Costa — 19-04-1807 — Genipapeiro
093 — Manoel Gomes Lima — 19-04-1807 — Cantagalo
094 — Alferes José Bento — Serra de Santo Antonio
095 — Capitão Luiz José Correia — 19-04-1807 — Salamanca
096 — Alferes Gonçalo José de Alencar — 19-04-1807 — Serra?
097 — José Rodrigues Vieira — 07-04-1808 — Santa Teresa
098 — Antonio Pereira Lima — 01-04-1809 — Cantagalo
099 — Gonçalo Coêlho Sampaio — 01-04-1809 — Burití
100 — Ten. Alexandre Pinto Ramalho — 01-04-1809 — Corrente
101 — Joaquim Pereira Lima — 20-04-1810 — Salamanca
102 — Alferes Antonio Moreira da Costa — 21-04-1810 — Salamanca
103 — Raimundo Pereira Lima — 21-04-1810 — Salamanca
104 — Pedro de Alcântara Ribeiro — 21-04-1810 — Missão Velha
105 — José Joaquim Ferreira Lima — 21-04-1810 — Serra do Mato
106 — José Inácio — 21-04-1810 — Sítio Tapera
107 — Joaquim Pereira de Souza — 21-04-1810 — Missão Nova
108 — Aleixo Pinto Ramalho — 14-04-1811 — Corrente
109 — Padre José Leite Rabelo — 28-03-1812 — Gameleira
110 — José Paz Landim — 28-03-1812 — Santa Teresa
111 — Padre Antonio Pinheiro Lobo de Menezes — 28-03-1812 — Porteiras
112 — José Pinto de Sá Barreto — 28-03-1812 — Barbalha
113 — Manoel do Bonfim Pereira Lima — 28-03-1812 — Salamanca
114 — Antonio Moreira dos Santos Jr. — 28-03-1812 — Serra da Gameleira
115 — Pedro Francisco da Cunha — 17-04-1813 — Milagres
116 — Alferes João Luiz Tavares — 17-04-1813

- 117 — Pedro de Oliveira Rocha — 17-04-1813
 118 — João Martins de Oliveira — 17-04-1813
 119 — Antonio Leite Rabelo — 17-04-1813
 120 — Francisco Leite Rabelo Jr. — 10-04-1814
 121 — Joaquim Gonçalves Landim — 25-03-1815
 122 — Francisco Antonio de Macêdo — 25-03-1815
 123 — Manoel Joaquim Macêdo — 25-03-1815
 124 — Pedro José de Albuquerque Pita — 25-03-1815
 125 — José Gonçalves Pita — 25-03-1815
 126 — Manoel Gonçalves Aleixo Jr. — 25-03-1815
 127 — Jerônimo José Pereira — 25-03-1815
 128 — Domingos Paz Landim — 25-03-1815
 129 — Joaquim Paz Landim — 02-02-1816
 130 — Januário da Silva — 02-02-1816
 131 — João Inácio dos Santos Leal — 05-04-1817
 132 — Joaquim Manoel de Freitas Fragoso — 05-04-1817
 133 — Manoel do Nascimento Sampaio — 05-04-1817
 134 — Francisco Xavier de Pontes Tavares — 05-04-1817
 135 — Manoel Pereira de Vasconcelos — 05-04-1817
 136 — Antonio Pereira de Vasconcelos Jr. — 05-04-1817
 137 — Joaquim José de Santana Arnaut — 05-04-1817
 138 — Joaquim Antonio de Jesus — 05-04-1817
 139 — Manoel Paz Landim — 05-04-1817
 140 — Francisco Antonio de Souza Malheiros — 05-04-1817
 141 — João Francisco Vasques — 21-03-1818
 142 — Pedro Francisco Vasques Jr. — 21-03-1818
 143 — João José Viardo — 11-04-1819
 144 — Antonio Leite dos Santos — 02-02-1820
 145 — Manoel Machado Jorge — 02-04-1820
 146 — Antonio Furtado Leite — 02-04-1820
 147 — Francisco Rodrigues Vasques — 02-04-1820
 148 — Joaquim Eloi Pereira — 02-04-1820
 149 — Manoel Tavares Muniz Maroto — 02-04-1820
 150 — João Antonio de Macêdo — 06-04-1821
 151 — Joaquim Antonio Bezerra — 06-04-1821
 152 — José Pereira de Vasconcelos — 06-04-1821
 153 — João de Caldas Campos — 14-04-1827
 154 — Félix Gonçalves de Matos — 14-04-1827 — Genipapeiro
 155 — Vicente Gonçalves de Matos — 14-04-1827 — Genipapeiro
 156 — Manoel Gonçalves Chaves — 14-04-1827 — Serra do Mato
 157 — Capitão Romão Pereira Filgueiras — (pai do Cel. Chico Romão de Serrita-PE.) — 14-04-1827 — Roncador
 158 — José Gonçalves Parente — 14-04-1827 — Serra do Saco
 159 — José Alexandre de Souza Ferraz — 14-04-1827 — Santa Teresa
 160 — Vicente Ferreira da Conceição — 14-04-1827 — Santa Teresa
 161 — Gonçalo Pereira da Cunha — 14-04-1827 — Venha-Ver — Salamanca

- 162 — José Joaquim de Santana — 14-04-1827 — Serra do Mato
 163 — Manoel Joaquim de Santana — 14-04-1827 — Missão Nova
 164 — Alexandre Pereira Alves — 14-04-1827 — Cafundó
 165 — Félix José Correia — 14-04-1827 — Lagoa — Salamanca
 166 — Manoel Inácio da Cruz — 14-04-1827 — Santa Teresa
 167 — Antonio Pereira de Carvalho — 14-04-1827 — Barreiras
 168 — José Luiz Coêlho — 14-04-1827 — Serra do Chamurro
 169 — Lourenço Antonio de Araújo — Serra do Chamurro — 14-04-1827
 170 — Joaquim Alves da Cruz — 14-04-1827 — Serra da Solidão
 171 — Joaquim José de Santana Jr. — 14-04-1827 — Serra do Mato
 127 — Francisco Ferreira da Mota — 14-04-1827 — Missão Velha
 173 — João do Espírito Santo Correia — 14-04-1827 — Salamanca
 174 — Francisco Xavier de Matos — 14-04-1827 — Barreiras de Missão
 Nova
 175 — Manoel da Cruz Neves — 03-01-1828 — Santa Teresa
 176 — Luiz Gonçalves Pita — 03-01-1828 — Timbaúba
 177 — Manoel da Silva Vieira — 03-01-1828 — Serra dos Mondés
 178 — Jacinto José Pereira — 03-01-1828 — Roncador
 179 — Manoel Antonio de Jesus — 18-04-1829 — Silvério
 180 — Miguel Leite Rabelo — 11-04-1830 — Milagres
 181 — João Dantas Rothéa — 11-04-1830 — Milagres
 182 — José Tavares Muniz Ribeiro — 11-04-1830 — Criólos
 183 — João Luiz Tavares Jr. — 11-04-1830 — Criólos
 184 — José do Nascimento Silva — 11-04-1830 — Criólos
 185 — Antonio Dias da Rocha — 11-04-1830 — Barreiras de M. Nova
 186 — João Ferreira Lima — 11-04-1830 — Barreiras
 187 — José Joaquim Carneiro — 03-04-1831 — Barro Vermelho
 188 — Roberto Correia de Araújo — 03-04-1831 — Cajueiro
 189 — Daniel Pereira de Azevedo — 01-01-1836 — Serra do Mato
 190 — Alexandre Pereira da Silva — 03-04-1831 — Icó
 191 — Manoel Joaquim Carneiro — 01-01-1836 — Mondés
 192 — José de Sá Barreto — 01-01-1836 — Serra do Caldas
 193 — João Gonçalves Aleixo — 01-01-1836 — Serra do Caldas
 194 — Luciano Gomes de Melo — 01-01-1836 — Serra do Caldas
 195 — Joaquim de Souza Colares — 01-01-1836 — Brijiño
 196 — Francisco de Oliveira Lima — 01-01-1836 — Serra do Caldas
 197 — José Gabriel de Figueiredo — 01-01-1836 — Serra do Caldas
 198 — Joaquim José da Silva — 18-02-1860 — Pau D'arco-Ribeira
 Genipapeiro
 199 — Joaquim da Costa Araújo — 23-04-1859 — Cajazeiras —
 Barbalha
 200 — Nicolau José de Araújo — 01-01-1836 — Serra do Caldas
 201 — Antonio Paz Landim — 01-01-1836 — Salamanca
 202 — Manoel José Correia — 01-01-1836 — Salamanca
 203 — José Paz das Neves — 01-01-1836 — Salamanca
 204 — Gonçalo Fernandes de Oliveira — 01-01-1836 — Salamanca
 205 — Vicente Gonçalves Aleixo — 01-01-1836 — Missão Velha

- 206 — Silvestre Barbosa de Lucena — 01-01-1836 — Missão Velha
 207 — Raimundo José Camêlo — 01-01-1836 — Barbalha
 208 — Severino Pereira Filgueira — 01-01-1836 — Barbalha
 209 — Antonio Pereira Grangeiro — 01-01-1836 — Barbalha
 210 — Mendo de Sá Barreto — 01-01-1836 — Barbalha
 211 — João José de Oliveira Cavalcante — 01-01-1836 — Missão Velha
 212 — Manuel José de Lavor (lavrou e assinou como testemunha a Escritura da Compra do sítio Missão Velha, citada) — 01-01-1836
 213 — José da Silva Lima — 01-01-1836 — Genipapeiro
 214 — Antonio Francisco Pereira — 01-01-1836 — Genipapeiro
 215 — Antonio Pimenta da Costa — 01-01-1836 — Genipapeiro de Dentro
 216 — João Antonio de Jesus — 01-01-1836 — Santa Teresa
 217 — Pedro Antonio de Jesus — 01-01-1836 — Santa Teresa
 218 — Manoel Pedro de Jesus — 01-01-1836 — Santa Teresa
 219 — Manoel José Ribeiro — 01-01-1836 — Barreiro
 220 — Joaquim de Figueiredo Arnaut — 01-01-1836 — Missão Velha
 221 — Luiz Inácio de Oliveira Rocha — 06-04-1836 — Sta. Catarina
 222 — Joaquim Ferreira Lima — 07-04-1836 —
 223 — Marcos Marinho Falcão — 07-04-1836
 224 — José Ribeiro da Costa Jr. — 07-04-1836 — Coité
 225 — Antonio Pinto da Costa — 07-04-1836 — Coité
 226 — Vicente Paz Landim — 07-04-1836 — Caldas
 227 — José Bezerra de Jesus — 09-10-1836 — Santana
 228 — Joaquim Manoel de Sampaio — 09-10-1836 —
 229 — José Correia Sampaio — 11-10-1836
 230 — Antonio Joaquim de Santana — 14-10-1838
 231 — José Alexandre de Santana — 14-10-1838 — Barreiro
 232 — Manoel Furtado Leite — 13-10-1838 — Nazaré — Milagres
 233 — Antonio Furtado Leite — 13-10-1838 — Nazaré — Milagres
 234 — Pedro Furtado Leite — 15-10-1838 — Fazenda Nova — Milagres
 235 — José Leite Rabelo da Cunha — 15-10-1838 — Milagres
 236 — Joaquim Ferreira Lima Barros — 27-12-1839 — São Pedro — Barbalha
 237 — Manoel Inácio dos Santos — 27-12-1839 — Cafundó
 238 — Manoel Francisco Pereira — 27-12-1839 — Cafundó
 239 — Manoel de Jesus da Conceição Cunha — 29-12-1839 — Brijinho
 240 — José Dantas Rothéa — 29-12-1839 — Brijinho
 241 — Joaquem Moreira da Cunha — 29-12-1839 — Gangorra
 242 — Marcelino José de Góis — 29-12-1839 — Gameleira
 243 — Manoel Furtado Leite Rosado — 29-12-1839 — Coité
 244 — Faustino Evangelista do Nascimento — 29-12-1839 — Coité
 245 — Luiz Furtado Leite Segundo — 29-12-1839 — Coité
 246 — Manoel Furtado de Lacerda — 29-12-1839 — Coité
 247 — José Gabriel de Lacerda — 29-12-1839 — Coité
 248 — Francisco Tavares Quental — 29-12-1839 — Santa Rosa
 249 — José Gonçalves Dantas — 30-12-1839 — Pinheira

- 250 — Antonio Furtado de Figueiredo — 30-12-1839 — Santa Catarina
 251 — Francisco Martins da Costa — 30-12-1839 — Ôlho D'agua —
 Milagres
 252 — Manuel Inácio de Oliveira — 30-12-1839 — Santa Catarina
 253 — José Luiz de Oliveira — 30-12-1839 — Santa Catarina
 254 — Antonio Luiz de Oliveira — 31-12-1839 — Santa Catarina
 255 — Bernardino Gomes de Araújo — Professor — 01-01-1848 —
 Missão Velha
 256 — Roberto Francisco de Alencar — 01-01-1848 — Missão Velha
 257 — Crispim Antonio de Azevedo — 01-01-1848 — Chabocão
 258 — Francisco Ribeiro de Castro — 01-01-1848
 259 — João Paulo de Moura — 01-01-1848
 260 — Joaquim Ferreira Nobre — 29-06-1850 — Queimadas?
 261 — Pe. José Modesto Pereira de Brito — Vigário 29-06-1859 —
 Missão Velha
 262 — Francisco Pereira de Vasconcelos — 29-06-1850 — Barreiras
 263 — Francisco Alves de Matos — 29-06-1850 — Gameleira
 264 — Isidório Mariano de Sá — 29-06-1850
 265 — Manoel Domingos Landim — 30-05-1852 — Santa Teresa
 266 — Manoel de Jesus Pereira — 30-05-1852 — Santa Teresa
 267 — Pedro José da Costa Homem — 30-05-1852 — Missão Velha
 268 — Antonio Bezerra de Jesus — 30-05-1852 — Barreiras
 269 — Manoel de Souza Grangeiro — 30-05-1852 — Brejo — Jardim
 270 — Vicente Ferreira Laranjeira — 30-05-1852 — Missão Velha
 271 — Manoel Antonio de Jesus Jr. — 30-05-1852
 272 — Antonio Joaquim de Souza — 30-05-1852 — Brijinho
 273 — Joaquim Domingos Landim — 30-05-1852 — Santa Teresa
 274 — Antonio Alves Monteiro — 30-05-1852 — Missão Velha
 275 — Luiz Gonçalves de Souza — 30-05-1852 — Missão Velha
 276 — Manuel Homem de Figueiredo — 07-04-1853 — Missão Velha
 277 — Pe. Félix Aurélio Arnaud Formiga — 30-12-1855 — M. Velha
 278 — Venâncio Pereira de Vasconcelos — 06-01-1857 — Tropas
 279 — Pedro Rodolfo Soares Barbosa — negociante — 06-01-1857 —
 Missão Velha
 280 — Francisco Alves de Lima — professor e funcionário —
 06-01-1857 — Missão Velha
 281 — Francisco Ribeiro de Castro Jr. — 06-01-1857 — Arraial
 282 — Manoel Jácome de Carvalho — ourive — 06-01-1857 — M. Velha
 283 — Manoel Joaquim Albuquerque Cavalcante — negociante —
 06-01-1857 — Missão Velha
 284 — Antonio Joaquim Brasileiro — negociante — 06-01-1857 —
 Missão Velha
 285 — Manoel Antonio de Sá Laranjeira — 17-04-1857 — Cajueiro —
 Missão Nova
 286 — Manoel Luiz dos Santos — 17-04-1857 — Riacho Seco
 287 — Paulino Correia de Araújo — Lojista — 25-12-1857 —
 Missão Velha

- 288 — Manoel Cardoso Moreira — 25-12-1857 — Artífice — M. Velha
 289 — Lourenço Ribeiro de Castro — 25-12-1857 — Cupim
 290 — Pe. João Marrocos Teles — 03-04-1858 — Crato
 291 — Manoel Lourenço de Araújo — 03-04-1858 — Pinheira
 292 — Felipe Benício Maris — 03-04-1858 — Sítio Mondés
 293 — José Gomes Pinto — 03-04-1858 — Cupim
 294 — Antonio Jacinto da Costa — 03-04-1858 — Sítio Cajueiro
 295 — Raimundo Nonato Saraiva — 03-04-1858 — Santa Teresa
 296 — João Marinho Falcão — 03-04-1858 — Missão Nova
 297 — João Quezado Filgueiras — 03-04-1858 — Roncador
 298 — Antonio Francisco Vasques — 03-04-1858 — Serra do Matos
 299 — José Francisco Pereira — 03-04-1858 — Cafundó
 300 — Antonio Furtado de Figueiredo Genro — 03-04-1858 — Caldas
 301 — José Raimundo Alecrim — negociante — 03-04-1858 — Barbalha
 302 — Francisco Luiz Santana — 13-06-1858 — Chamurro
 303 — Joaquim José de Santana — 13-06-1858 — Serra do Matos
 304 — José Joaquim de Jesus — 13-06-1858 — Brijinho
 305 — Manuel Joaquim de Jesus — 13-06-1858 — Brijinho
 306 — Manoel Joaquim Ribeiro — 01-01-1859 — Arraial
 307 — Pedro Lobro de Menezes — 23-04-1859 — negociante — Barbalha
 308 — Antonio Rdo. José Camêlo — 23-04-1859 — Barbalha
 309 — José Lourenço de Araújo — 23-04-1859 — Sítio Pinheira
 310 — Manoel Francisco da Cruz — 23-04-1859 — Pau D'arco
 311 — Capitão Antonio Teles de Mendonça — 23-04-1859 — Lobo —
 Crato
 312 — João Alves da Cruz — 23-04-1859 — Missão Nova
 313 — Manoel Nazareno Grangeiro — 23-04-1859 — Barbalha
 314 — Manuel Rodrigues Vieira — 23-04-1859 — Barbalha
 315 — Joaquim Manoel da Cruz — 23-04-1859 — Fco. Gomes — Crato
 316 — Manuel Tavares de Souza — 27-01-1861 — Riacho Seco (pai
 do Dom Joaquim Grangeiro de Luna)
 317 — José Joaquim de Jesus Pereira — 19-04-1862 — Santa Teresa
 318 — Francisco da Silva Lima — 19-04-1862 — Riacho do Genipapeiro
 319 — Semeão Correia de Macêdo — 19-04-1862 — Povoado da Venda
 (Pai do famoso Mestre Pelúcio Macêdo)
 320 — José Gonçalves Martins — 19-04-1862 — Timbaúba
 321 — João Emídio Tavares de Macêdo — 20-04-1862
 322 — Conegundes Gonçalves Parente — 20-04-1862 — Brejo Seco
 323 — Francisco Teles de Mendonça Quinho — 20-04-1862
 324 — Francisco Mascarenhas de Quental — 20-04-1862 — Santa Rosa
 325 — Manuel Jacób do Nascimento — 20-04-1862 — Chiqueiro de
 Cabras — Missão Nova
 326 — Manoel Antonio de Carvalho Caiana — 20-04-1862
 327 — Joaquim Roberto Correia de Araújo — 05-04-1863 — negociante.
 Do arquivo de: João Bosco André
 Rua Dom Bosco n° 910
 Missão Velha - CE.

Codema

Comércio de Madeiras Ltda.

- T Á B U A S
 - C O M P E N S A D O S
 - F Ó R M I C A
 - C I M E N T O
 - F Ó R R O
 - F E R R O
 - A R A M E F A R P A D O
-

M A T R I Z :

RUA BÁRBARA DE ALENCAR, 661/683

Caixa Postal, 84

FONES: 521-2544

521-2645

521-2948

521-2949

C R A T O - C E A R Á

F I L I A I S :

RUA SÃO PEDRO, 869

FONES: 511-1311

511-0773

511-0058

JUAZEIRO DO NORTE — CEARÁ

PRAÇA FRANCISCO SÁ, 171

FONES: 711-1140

711-1859

IGUATU - CEARÁ

ALIANÇA DE OURO S.A.

5 Lojas para melhor servir

OS MELHORES PREÇOS EM MATERIAL DE
CONSTRUÇÃO, ELETRIFICAÇÃO, IRRIGAÇÃO,
TRATORES, IMPLEMENTOS AGRÍCOLAS,
EQUIPAMENTOS INDUSTRIAIS, MÁQUINAS DE
ESCREVER E CALCULAR, APARELHOS DE TELEX,
MÓVEIS DE ESCRITÓRIO, ELETRODOMÉSTICOS,
REFRIGERADORES, FREEZERS, AR-CONDICIONADO,
BICICLETAS, BALANÇAS COMERCIAIS,
INDUSTRIAIS E RODOVIÁRIAS, POSTES E
LUMINÁRIAS PARA PRAÇAS E AVENIDAS.

ALIANÇA DE OURO S.A.

T E L E F O N E S :

(085) 511 - 0344

(085) 511 - 1888

(085) 511 - 1470

RUA SÃO PEDRO, 379 — JUAZEIRO DO NORTE-CE.

LIRA DOS VERDES ANOS

Publicam-se, abaixo, alguns poemas do sacerdote e poeta cratense, Pe. Francisco Ney de Alencar Arraes, residente no Rio de Janeiro. Ele pertence à ilustre estirpe dos Arraes. É filho do falecido Virgílio de Albuquerque Arraes, que foi Prefeito de Campos Sales, e de D. Marcionília de Alencar Arraes.

Em 1938, aos 11 anos, seguindo irresistível vocação religiosa, Francisco Ney, após os primeiros estudos em Crato, partiu para Baturité, onde, no Colégio Apostólico dos Jesuítas, iniciou o seu preparo para a carreira eclesiástica, que prosseguiu em Friburgo, no sul do País.

Ordenou-se Padre Jesuíta em 1964, em Washington, onde foi Pároco, até 1972 e onde exerceu o magistério superior, com grande brilho.

Hoje é pároco da histórica Igreja de Santa Luzia, no Rio de Janeiro.

São os sonetos que ora publicamos produções ingênuas e espontâneas dos seus 16 anos de idade (1943) e por ele denominados "Lira dos Verdes Anos".

Apesar da tenra idade do Autor, são versos de inspirada lavra, como veremos e especialmente interessantes ao mostrar seu entranhado amor pelo torrão natal e pelos laços familiares.

ALGUMAS POESIAS DO PADRE FRANCISCO DE ALENCAR ARRAES

Pe. Francisco Ney de Alencar Arraes é um conspícuo e ilustre filho do Crato onde nasceu, em 1927. Filho do falecido Virgílio de Albuquerque Arraes (que foi prefeito de Campos Sales) e de d. Marcionília de Alencar Arraes. Em 1940, aos 12 anos de idade, seguindo irresistível vocação religiosa, até 1949, fez os seus estudos para a carreira eclesiástica, na Escola Apostólica e no Instituto de Estudos Clássicos, ambos dos padres jesuítas. Aperfeiçoou-se, até 1956, com estudos completos de Filosofia, primeiro em São Leopoldo (RS) e depois em Recife, na PUC. Em 1956 foi para os Estados Unidos, onde cursou o Licenciado em Teologia, em Woodstock, Maryland, até 1959, quando foi ordenado Padre Jesuíta. Mais estudos: agora o Mestrado em Ciências Políticas, concluído em 1966, na Universidade de Colúmbia, New York. Depois dessa extensa e honrosa agenda de estudos passa o padre Francisco ao magistério em plagas americanas. Foi professor de Ética na St. John's University (New York), em 1965, e de Direito Constitucional Americano no St. Peter's College, de New

Jersey, de 1968 a 1972. Além do magistério, deu inúmeras conferências e seminários em universidades do Leste Americano (Maryland, New Jersey, Washington D.C.). Em 1974 retorna ao Brasil, e, hoje, é pároco na histórica Igreja de Santa Luzia, no centro do Rio de Janeiro.

As poesias publicadas a seguir são algumas das que produziu entre 1943 e 1953 (dos 14 aos 24 anos de idade). Fazem parte de uma coleção, que denominou, mui apropriadamente, de "Lira dos Verdes Anos". Inéditas até agora, em virtude da extrema modéstia do Pe. Francisco Arraes, que só a muito custo, consentiu na presente publicação. Lucramos todos nós.

ALFREDO DE ALENCAR ARRAES

Apresentação

...“lenit albescens animos capillus...”

(HORÁCIO, ODES)

É inexoravelmente, que à certa altura da vida — o mais tardar por volta da quinta década da nossa existência — que começam a se fazer ouvir, com insistência crescente, as vozes das nossas raízes atávicas e telúricas. Num “*crescendo*” intermitente mas firme, até atingir um “*forte*” inelutável, diapasionando o processo psicológico tão sutilmente delineado em *A Busca do Tempo Perdido* de Prent.

Curvando-me a êsse reclamo impertinente e imperioso da psique emoldurada pelo tempo, há algum tempo atrás decidí “escarafunchar”, nos velhos baús de ossos literários da mocidade — fruto dos devaneios e do dinamismo peculiares àquela doce e ingênua fase da nossa vida. E como no episódio do profeta Eliseu, de repente aqueles ossos já um tanto amarelecidos ganharam consistência e articulação. E houve como que um ressurgir orgânico, uma recomposição “gestáltica” daquelas hoje velharias, e que no entanto brotaram, estuantes de vida e frescor, de cintilações episódicas marcantes da trajetória da minha juventude no Seminário. Elas espelham fielmente o seu contexto e a sua rotina, reverberando-os e irisando-os no caleidoscópio panorâmico e vívido do período mais radioso e mais inesquecível da minha história...

Aqui as ofereço ao leitor amigo, como um eco fiel dos anseios, ideais, dúvidas, recúos, avanços, das peripécias enfim de um jovem levita, na típica moldagem dos seus “verdes anos”. Só o seu julgamento dirá se tudo foi ou não, literariamente falando, senão um lapso de tempo perdido...

PE. FRANCISCO DE ALENCAR ARRAES

M I N H A T E R R A

Minha terra! Mistério de poesia
Quando ao raiar do dia em ledó bando
As graúnas se vão aproximando
A cantar docemente em sinfonia.

E ao chegar da noite lenta, quando
Suspira a juriti na serrania,
Tem um preludio ao desmaiar do dia
Nas cigarras saudosas, concertando...

Há um mistério de amor pela floresta
Antes tão cheia de beleza e festa
Que mais encanta do que nos aterra.

E quando a lua vem, deusa saudosa,
Parece assim, tão doce e misteriosa
Uma hostia branca por detraz da serra...

T A R D E S D O M E U A M O R

Tardes do Carirí...
...Segrêdo indefinido...
Nuvens mutantes, de alí
 Esvoaçando
Num ofegar doído,
Doidivanas, tal e qual...
Branças aves, arribando
Dispersas ao vendaval...

Tardes da minha terra...
...Saudades incontidas...
Palmeirais verdes na serra,
 Murmurando,
A lastimar, pendidas,
Sua terna melancolia...
Tantas juritis em bando,
Chorando o morrer do dia...

Tardes do meu sertão...
...Tristeza indefinida...
Vacas pastando, em refrão,
 Ruminando,
Na placidez caída,
O treno das orfandades...
E os boiadeiros, cantando
O abóio de mil saudades...

Tardes da minha aldeia...
...Sussurros na amplidão...
Ovelhas à lua cheia,
 Solfejando,
Balindo na solidão...
Ficando a tarde vazia
Pr'as notas da Ave-Maria,
E os ecos do coração...

D E S P E D I D A

Meu Crato amigo, eternamente adeus !...
Vou partir, no albor da mocidade
Deixando em tí todos os sonhos meus
Envolto numa espuma de saudade...

Não mais verei esses teus lindos céus
Que a luz do sol dominadora, invade,
Nem o belo Cristo, o teu marmóreo Deus...
Adeus joia do sul, loira cidade !...

Vou seguir um ideal que é tão lindo:
Vou morrer com meu Deus na mesma cruz
Em que por nós morreu de amor infindo...

Meu Crato amigo, adeus ! — pesar imenso ! —
— Ao longe, o rio calmo que reluz,
É um triste olhar de mãe que tange um lenço...

R E C O R D A Ç Ã O

Lembras-te mãe, quando eu partí sorrindo
Na minha azul e gaia primavera ?
Tinha no coração um gôzo infindo
E no olhar relampejos de quimera...

Seguí... hoje porém vivo carpindo
Minhas desilusões... ah ! quem me dera
Ver de novo, mamãe, teu rosto lindo
Que para mim suave bálsamo era !...

Recordo agora o teu perfil risonho
Irisado de amor, feito do sonho
Mais nobre e acrisolado desta vida...

Hoje o meu céu de moço está tão triste !
Se da infância no azul tu refulgiste,
Doura outra vez meu céu, vem mãe querida !...

M ã E A U S E N T E

É tarde... sombras mansas no poente...
Já o horizonte fulvo se adelgaça,
Do céu azul, tão límpido, perpassa
Um pálio de tristeza afro e pungente...

Só uma saudade me domina a mente
Nesta hora de tristeza, morna e lassa
Que a alma tôda em nostalgia abraça:
— a saudade sem fim da mãe ausente!...

O olhar de minha mãe! quanta saudade,
Quanta tristeza o coração me invade
Ao lembrá-lo assim, ao entardecer!...

O firmamento chora... A Natureza
Chora comigo e geme de tristeza...
Pois não tem mãe — e sabe o que é sofrer...

O A D E U S D E J E S U S

Longo tempo ficou ela abraçada,
E como o pranto em seu olhar reluz!...
Seu Jesús ia partir... e desolada
Ela ia vê-lo a padecer na cruz...

Separaram-se enfim... a frouxa luz
Dos ocasos, pungente, era chegada...
E ela ficou chorando, contristada
A contemplar o vulto de Jesús...

Sumiu-se o Filho além... Soluça o vento
Um profundo e tristíssimo lamento
Que foi repercurtir na serrania...

Descamba o sol... e a natureza, triste,
Em liturgia de mistério assiste
À agonia da tarde e à de Mraia...

DESPEDIDA DE BATURITÉ

Um derradeiro olhar de despedida !
Ah ! como tudo é triste e entristece
Nessa hora amargurada da partida
Halo de dores que a existência tece...

"Um olhar em cada canto"... Alí fenece
Vaga lembrança de ilusão perdida...
Aqui a mão de Deus, sem que eu soubesse,
Meu destino mudou e minha vida...

Ó ninho meu de amor, ó santa Escola !
Quanta vez meu pensar a tí se evola,
Nas horas mansas em que morre a luz !...

É que em tí julgo ver — como quem sonha,
Uma outra Nazaré, alva e risonha,
Com todo o encanto meigo de Jesús...

INSONTE

As estrêlas, serenas e dormentes
— olhos trementes no negror da treva,
Têm um mistério sideral, que enleva,
Enchendo a alma de ilusões frementes...

E o nosso peito, prêsa então de ardentes
Sonhos e imagens, como que se eleva...
— Lá vai a lua com as estrêlas... leva
Ao redil seus rebanhos refulgentes...

Silêncio em tudo... no alto céu, grinaldas,
Constelações virentes de esmeraldas,
Iluminam, sutís, a terra nua...

E ao meu olhar de sonhador insonte
Um fino raio, por detraz do monte,
Mandou serena, a piedosa lua...

A M U S I C A D E U M O L H A R

Não sei que de mistério invade a gente
Quando vemos chegar a hora saudosa
Em que o sol já no ocaso esmaecente
Pinta as nuvens, no céu de côr de rosa...

A luz do ocaso banha suavemente
O velório da aldeia alva e formosa.
E a sombra do cruzeiro, majestosa
Estende os braços num rezar dolente...

Na capelinha branca do caminho
Soluça a voz de um sino de mansinho
Tranquila e cheia de melancolia...

Parece mesmo a voz da Virgem pura
Descendo a nós, repleta de ternura
No suave planger da Ave-Maria...

S T E L L A J U V E N I S

S. João Berch

Um jovem vejo em angelica postura
Há nos seus olhos um fulgor sem par
A refletir dos anjos a candura
E a claridade meiga do luar.

Nessa pureza de anjo singular
Reflete em si de Deus a formosura
Nunca outra face eu contemplei mais pura
Nem mais doce sorriso ou terno olhar.

Foi como em sonho que eu o vi um dia.
E ao fulgor dos seus olhos tanta luz
Em mim se irradiou, que não podia

O meu olhar que assim tal anjo vira
Fugir jamais do olhar do meu Jesús
Pra fitar do pecado a sombra dira.

A U R O R A B O R E A L

Na tristonha algidez dos polos frios
Quando a noite desdobra o véu funéreo
Sobre a terra a tremer em calafrios,
Tudo parece um enorme cemitério...

Mas quando chega a meia noite, e o etéreo
E atro manto dos páramos sombrios
Descerra a aurora boreal, o império
Da fulva luz vence os ermos vazios!...

Aurora boreal! Gênio da vida!...
Armas castelos, torreões dourados
Na fria solidão dos sáfáros gelados!...

...Nos ermos da minha alma, ó Mãe querida
Do frio entregue aos gélidos açoites
Sê a aurora boreal das minhas noites!...

N A T A L D A V I R G E M

E a terra tôda irisou-se de encanto,
E o céu formoso se enfeitou de gala...
E o ar se fez todo harmonia, enquanto
Que o turbulento mar prendeu sua fala...

Sente-se agora como a flor trescala,
E como o passaredo afina o canto...
Que evento é êste que assim tanto cala
Em tôda a natureza e a exorna tanto?

Que se estará passando agora ali
Naquela aldeia humilde que sorri
E onde parece que a ventura mora?

É que hoje, ao nascer do sol, mansinho
Num eflúvio de amor, todo carinho,
Acabou de nascer Nossa Senhora!...

M ã E D O I D E A L

Quando Maria — a virgem peregrina
De amor, se encaminhava bem ligeira
— raio de sol retalhando a neblina,
A visitar sua prima, — uma esteira

Diz uma lenda — que ficava à beira
Da vereda que andava a mãe divina,
De plantas mirras, que a doce romeira
Ia chamando à vida, na campina...

Ó Juventude! Águia feita p'ra altura
Mas que o pecado inda prende à planura,
E contra quem abutres mil removem,

Fitai Maria, a divinal estrela!
Só ela salvará o Ideal, porque ela
Só ela é a mãe eternamente jovem!...

O C E G O

Pobre do cego que a existência passa
Sob o estigma cruel da sorte dura!
Abantesma da Dor, em cada praça
Encontra sempre a Rua da Amargura...

Não tem consólo em sua desventura!
Do seu destino a amargurada taça
Transborda de mil lágrimas — tortura
Que em sua face a via-crucis traça...

Malfadado Tobias sem destino,
Não tem um amigo, um Rafael divino
Que lhe amenize e encurte o duro trilho...

Seus olhos — que não vêem mas que choram —
Nunca viram os sóis que no céu moram
Nem os dois sóis dos olhos do seu filho!...

O H O R T E L Ã O

O hortelão, coitado, não descansa,
Quotidianamente age e trabalha.
E a sua benfazeja ação não falha
Semelhante a u'a mãe, que se não cansa...

Pela manhã, à matutina dança
Das folhas, quando o vento uiva e farfalha,
Do pomar cuida a mais humilde talha:
— Aquí rega, alí colhe, além deстранça...

É assim o hortelão... são seus amigos
Os cumentos, alfaces, todo o bando
De rubros pomos e dourados figos...

E de manhã, sua maior ventura
É quando corre a brisa fresca, ondeando
O seu mar infinito de verdura...

A L M A S S E M L U Z

Que multidão de cegos não tateia
Pela estrada da vida! E a caravana
Dos seus ideais vai sumindo na areia
Em poz tanta miragem que os engana...

E em escaramuça aterradora e insana,
De mil tormentos transtornantes cheia,
A luz das almas a descrença empana
Tornando a vida desvairada e atéia...

Ai!... nem o remorso — sino abandonado —
Ressoa mais no templo já arruinado
Dos corações que já não sabem crer!...

Seu terno som ecos não mais acorda
Na alma descrente, que amputou a corda
Da fé, que o velho sino ia tanger...

S O N H O R E D I V I V O

(Resposta a Augusto dos Anjos)

Erguí um dia ao sonho um templo altivo
No coração... e à luz da minha crença,
Em seus altares — rouxinol cativo —
Soltei mil trinos de harmonia intensa...

Mas u'a noite o fantasma da descrença
Passou por lá... e de um golpe incisivo,
Deitou por terra aquela nave imensa
Sepultando o meu sonho, antes tão vivo!...

Foi então que um Nume de amor, mansinho
Qual doce luar surgiu em meu caminho
E transformou meus dias tão tristonhos...

E eu ví como ela — a minha Mãe do céu
Num prodígio de amor, de novo ergueu
Pedra por pedra o templo dos meus sonhos!...

D E S I L U S ã O

Plantei no peito mil botões de rosas
Lindo vergel de perfumado odor,
Onde a Ventura — o meu primeiro amor,
Despetalava seduções viçosas...

E nas horas plangentes do sol-por
Vinha o bando sutil das mariposas,
Quimeras ágeis, lépidas, sedosas,
Encher de lenitivos minha dor.

Mas um dia... nessa felicidade
Surdiu, furtivo, o Gênio da Maldade
E o roseiral secou, em poucos dias...

Meu coração, coitado, de tristeza
Secou também, perdeu sua viveza,
Nunca mais teve aquelas alegrias...

M E S T O R E T O R N O

Plantei, pequeno, uma árvore viçosa
Num canto do quintal... com que carinho
Eu lhe regava a sêde tormentosa
Todos os dias de manhã, cedinho...

E comigo cresceu, devagarinho...
Mas em chegando a mocidade airosa,
Tive então de seguir outro caminho
E assim partí, numa manhã radiosa...

Voltando, anos depois, ao lar risonho
Fui logo a velha amiga ver, que em sonho,
Tanto sentira a transbordar de afeto...

Fui ao quintal, em sobressalto... e ali
No mesmo canto do jardim, só ví
Da árvore amiga o mísero esqueleto!...

I D E A L

Na leda infância, o tempo dos enganos
De mil ideais sementeira é plantada
No coração — vergel dos verdes anos,
E de carinhos e ilusões regada...

Mas em chegando a mocidade, dá-nos
A Vida em sua triste encruzilhada
Voz de partida... e a efetivar seus planos
Parte cada um à luz de uma alvorada...

E anos depois, voltando ao lar — o abrigo
Terno e bondoso, acolhedor e amigo
Dos seus primeiros passos e ideais,

Quantas vezes o jovem — águia ferida,
Lembrando chora a crença já perdida
Do seu Ideal, que não existe mais!...

Depois que o audaz Colombo, entre as asas das brumas
 Traçou no azul do mar a via-láctea de espumas,
 E a grande rota abriu gizada pelas naus,
 Da Europa ocidental as peregrinas velas
 Seguiram triunfais as mesmas sendas que elas
 Vencendo os furacões e os elementos maus...

E assim partiu Cabral nas asas da bonança...
 No céu azul, sereno, a estrêla da esperança
 Qual astro de Belém, guiava o seu roteiro
 Traçando o seu destino em signos milenares:
 — ser o Édipo feliz que da Esfinge dos mares
 Um arcano desvendasse — o Gênio brasileiro !...

A Antígona divina o roteiro guiava:
 Maria — a doce Mãe — que o pátio desdobrava
 Do céu garço de anil por sôbre os argonautas...
 O velo do Brasil a mais ninguém devia
 Patenteado ser, que aos de Santa Maria
 Filhos sempre leais — os lusitanos nautas...

Naquela augusta paz nunca antes navegada,
 Sob a tranqüila luz da abóbada estrelada,
 As ondas levantavam os caprichosos dorsos
 Interrogando as naus... e os buliçosos ventos
 E os céus, ao cavo som dos tredos elementos,
 — estranhando a razão de tão grandes esforços:

— “Velas pandas — diziam — vogando altaneiras
 Devassando do Mar Oceano as fronteiras
 Sem ter medo ao embate em que rola o tufão,
 Que destino levais nessas asas abertas,
 Pois velozes correis, como garças despertas
 Cavalgando as lufadas do atroz furacão ?...”

E as naus, cheias de fé: — “debalde a tempestade
 Roncará sôbre nós por entre a imensidade !...
 Deus nos deu passaporte entre os tufões e abismos
 Ao dizer: — Portugal! descerra os horizontes
 Contorna do Mistério os alterosos montes,
 Dá ao mundo outro mundo em sagas de heroismos !...”

"O passaporte é a Cruz que alçamos em pendão
A chave milenar da civilização!..."
Ó síntese final de tóda a nossa história,
Tu és tão rubra assim porque em sangue banhada,
Porque foste ao tinir de espadas conquistada,
Santa Cruz batismal de tóda a nossa glória!...

Cruz de Santa Maria!... Heróis antepassados!...
Cabral olha a cismar os astros despertados
Sonâmbulos de luz, esmeraldas do céu...
E lembra: D. Afonso... Ourique... a luta insana...
E contempla o Senhor, à gente lusitana
Dando a cruz batismal — idílico troféu...

Depois Aljubarrota!... Valdevez!... Trancoso!...
Os crismas triunfais de um povo belicoso...
Cabral vê Portugal — chão de Nossa Senhora —
Profeta — a anunciar Jesús aos quatro ventos!
Cavaleiro — a exaltar os últimos alentos
Por amor de sua dama, andante mundo afora!...

E as naus passaram então por sôbre as ondas invias
Num belo sonho ideal de brancas velas níveas
Em soberba teoria alvíssima de luz...
...E ao longe, muito além, na fímbria do horizonte,
Surgem então os azues contrafortes de um monte,
Sentinela constante a velar... O céu reluz.

E pouco a pouco as naus foram chegando à praia
A mesma praia linda onde canta a jandaia...
...Bordando o litoral, erguidos sôbre a areia,
Imensos coqueirais desfraldam as fiabeladas
Palmas, num aceno amigo às naus recém chegadas...
E o mar, beijando a praia, abemolando anseia...

A mansa viração trazia ecos do sul
E o sol, corcel de fogo em plena estepe azul,
Reverberando o céu de esplêndidos contornos...
E a maruja encantada, extática, subindo
Aos mastarêus e às gáveas... e o Brasil surgindo
Do seio tropical, arfando hálitos mornos...

— Esse primeiro olhar à terra americana!... —
Aureolado de sol, belo como um Hosana,
Ostentou-se o gigante em todo o brilho seu:
Dos Andes no infinito apoia o dorso hercúleo,
O infinito do Mar o embala em seu marulho,
E o infinito do Céu dá um manto sem labéu!...

Três infinitos juntos!... Sim, terra adorada,
Terra de Santa Cruz, tua sina abençoada
Te fez grandiosa assim mesmo porque primeira,
Sejas entre as nações o baldaquim de graças
Onde se elevará, na Hóstia de Três Raças
A Transubstanciação da Pátria Brasileira!...

Tu foste desde o berço, ó pátria, consagrada,
Imensa profecia aos astros desfraldada!...
Pois quando o Rio-Mar reflete o céu de anil
Ficando azul também à luz de claro dia,
Parece a fita azul do manto de Maria,
Engalanando o peito enorme do Brasil!...

* * *

E teve início então, na gleba americana,
O estrépito imortal da gesta lusitana
A estrugir no seu peito... e pela vez primeira
Os lusos viram a mão de Deus, benigna e terna,
Traçando em pleno céu, a benção clara e eterna
Dos astros do Cruzeiro, à pátria brasileira!...

Então, na solidão da praia augusta e imensa
A Cruz se ergueu, solene... O mar de espuma a incensa...
E abrindo os braços nus, na amplidão que se espraia,
Quedou-se a contemplar o Cruzeiro dos céus...
E o Cruzeiro do Sul, abrindo os braços seus
Também se debruçou a olhar a cruz da praia...

* * *

Se os séculos tornassem e o nosso ouvido ansiante
Pudesse, ó pátria amiga, ouvir naquele instante
O colóquio celeste em que passaram aquela
Primeira e sacra noite os dois Cruzeiros santos !
Tanta fulguração, tantos primores, tantos
Pátria não mais verás, nem noite assim tão bela !.

Falaram de Maria — a mãe sempre bondosa
Rainha do Brasil... como ela, carinhosa
Dera ao seu Portuga! a terra brasileira
Porque de Portugal saíram os argonautas
De Deus — e à *Symphonia Mundi* azando as pautas:
— Um Nóbrega, Anchieta e o gênio de Vieira !...

* * *

E quando a aurora veio, apagando as estrêlas
Com o extintor solar, tangendo as nuvens belas,
O Brasil — presta e audaz galera do Infinito,
Alçando a vela azul dos páramos celestes,
Onde fulgura a cruz das caravelas, prestes
Arrojou-se ao PORVIR — o seu eterno fito !...

ITAYTERA

Uma Revista cultural que
valoriza os intelectuais do
Cariri.

SABRA e CHATILA

ANA VALDEREZ AYRES NEVES DE ALENCAR

Nesta primavera, / o orvalho de todas as flores do mundo
derramou-se em lágrimas / sobre SABRA e CHATILA.

A garganta / dos rios do mundo, / nesta primavera,
sufocou soluços e gemidos / pranteando / SABRA e CHATILA.

Nesta primavera, / os regatos do mundo / abdicaram dos folguedos,
abraçaram-se / às flores das campinas / para chorar
SABRA e CHATILA.

Os mares / desta primavera / retraíram-se
aos beijos das brancas areias / recolheram-se fundo
nos abismos / para sofrer / SABRA e CHATILA.

Os abutres, / nesta primavera, / abrigaram-se na escuridão
das asas negras, / as hienas / farejaram / tocas inatingíveis
para fugir à comparação / com os celerados / de SABRA e CHATILA.

Nesta primavera, / os homens / não se envergonharam
suficientemente / dos homens-monstros
-- reencarnação das hidras / que boiaram no sangue / de Dachau,
Bergen-Belsen / Auschwitz, Birkenau —
emersos da essência do lodo / para esmagar / em SABRA e CHATILA
a credibilidade / do gênero humano.

Nesta primavera / todos os homens do mundo / tripudiaram
sobre os próprios irmãos / nos campos / de SABRA e CHATILA.

Dos campos / de SABRA e CHATILA
todos os homens do mundo / retornaram humilhados.

E humilhados permanecerão / até que procurem refúgio / no insondável
esconderijo do amor, / onde a lama se transmuda
em água transparente / e puro vinho / e veementemente
as mãos se dão / para festejar / na festa milagrosa
da redenção / a entrada da primavera.

Jardim, outubro de 1982.

SETE QUEDAS - ITAIPU

ANA VALDEREZ AYRES NEVES DE ALENCAR

Águias! / Turbilhão de asas:

crivo do sol e renda / e pedrarias, / o balé sem compasso
entre as noites / e os dias, / a luta do tempo / contra o espaço
e o cansaço. / A vertigem do impacto / as plumas desfeitas
em pedaços / refeitas em brocados / cintilantes
— brancas e frágeis — / para o voo rasante.

Amazonas! / Guerreiras turbulentas / a cabeleira solta
iluminada / ao vento! / Os fogosos corcéis
de branca espuma / o delírio infernal / da cavaigada
e o salto afinal / sobre as cores gritantes / do arco-íris
para a guerra mortal / contra os abismos.

Sete poemas épicos / em versos brancos / soltos e livres
como o pensamento! / As rimas em pedaços / o blow-up de imagens
a implosão, a explosão / o apelo da voragem
o ritmo e a cadência / o encontro, o desencontro / a violência
e a integração final / na liquidez da mais pura epopéia!

X X X

Itaipu: / a tecnologia em loucura, em delírio
em desvario / a magia infinita / sufocada
sob garras de ferro / e de cimento armado!

O que importa / o holocausto da beleza pura?
Toda uma gama / sepultada, morta
sob a tumba pesada / das comportas?

Ao carnaval / de kilowatts — hora / (quantos inertes no presente?
quantos?) / Assiste em transe / o sacrifício ingente / de uma geração!

Quando virão os frutos / do colosso? / a inundação
e o medo / e tanta angústia, / tanta angústia / tanta!
Pesada lâmina líquida / na garganta!

Jardim, 1982.

Subsídios para a História da Paróquia de SANTO ANTONIO de Barbalha

Documento N° 1: Requerimento de Francisco Magalhães Barreto e Sá à Igreja pedindo licença para construir em Barbalha uma Capela em louvor de Santo Antônio :

Dizem o Capitão Francisco Magalhães Barreto e Sá e sua mulher Ana Policena de Abreu e Lima, moradores no Engenho da Barbalha, desta Freguesia de São José dos Cariris Novos, que eles têm feito canonicamente patrimônio para a Capela que pretendem erigir de Santo Antônio no mesmo lugar da Barbalha, porque carecem para conservação de seus direitos de sentença por canônico o título do dito patrimônio, pedem a Vossa Reverendíssima, Senhor Visitador, seja servido mandar que o Reverendo Secretário da Visita lhes dê a dita sentença por certidão em modo que faça fé.

Francisco Magalhães Barreto e Sá

Ana Policena de Abreu e Lima

Documento N° 2: Concessão da supra-referida licença dada pelo Visitador Manoel Antônio da Roxa :

Julgo por sentença o patrimônio constituído na meia légua de terras e gados de que trata a escritura junta por suficiente, livre e desembargado para que o título dele se possa erigir a Capela de Santo Antônio no lugar da Barbalha desta Freguesia de São José dos Cariris Novos e concedo aos doadores e administração do dito patrimônio de cujos rendimentos por meio darão conta nas visitas desta Freguesia e para maior validade lhe interponho minha autoridade e decreto judicial e pago as custas.

Povoação de São José dos Cariris Novos, em visita aos 5 dias do mês de Março de 1778.

Manoel Antônio da Roxa

Visitador

Documento N° 3: Confirmação da supra-referida licença pelo Bispo de Pernambuco Dom Frei Diogo de Jesús Jardim :

Dom Frei Diogo de Jesús Jardim, por mercê de Deus e da Santa Sé Apóstólica, Bispo de Pernambuco e do Conselho de Sua Majestade Fidelíssima Que Deus Guarde etc.

Fazemos saber que por petição nos enviou a dizer o Capitão Francisco Magalhães Barreto e Sá, morador no Engenho da Barbalha da Freguesia de São José dos Cariris Novos que de nossa licença se havia erigido a Capela de Santo Antônio da mesma Freguesia de São José dos Cariris Novos no lugar decente e livre de toda comunicação como nos consta por certidão do Reverendo Pároco e tão bom de ser capaz para nela se celebrar o Santo Sacrificio da Missa e mais Officios Divinos, pedindo-nos por fim de sua súplica lhe mandássemos benzer. Atendendo a sua justa súplica mandamos passar a presente pela qual cometemos nossas vezes ao Reverendo Pároco da dita Freguesia de São José dos Cariris Novos para por nós e na forma do Ritual Romano possa benzer a dita Capela visto nos acharmos impedido para por nossa pessoa o fazermos, estando a dita Capela paramentada na forma da nossa Constituição e sem prejuizo dos Direitos Paroquiais.

Dado em visitação da Povoação de São José dos Cariris Novos sob o dito da chancelaria e sinal do nosso Reverendo Visitador Geral da Câmara do Ceará Grande, Bernardino Vieira Lemos, aos 6 de Junho de 1778.

Eu, Martins Pereira da Costa, Secretário da Visita o subscrevo, registrado no livro das Visitas às fôlhas 23 verso.

Documento N° 4: Provisão para benzer a Capela de Santo Antônio da Freguesia de São José dos Cariris Novos a favor do Capitão Francisco Magalhães Barreto e Sá e sua mulher Ana Policena de Abreu e Lima moradores na mesma Freguesia.

O Padre André da Silva Brandão, Vigário da Vara e Cura da Paroquial Igreja de São José dos Cariris Novos por sua Excelência e Reverendíssima.

Certifico que em virtude da provisão retro benzi a Capela de Santo Antônio erecta no lugar da Barbalha desta Freguesia dos Cariris Novos na forma do Ritual Romano e para constar passei a presente no dia 23 de Dezembro de 1790, dia em que benzi a sobredita Capela. Assim afirmo em fé de Pároco.

André da Silva Brandão.

Roteiro :

Em março de 1778 foi pedida a licença à Igreja por Francisco Magalhães Barreto e Sá e sua mulher Ana Policena de Abreu e Lima para construção de uma Capela em louvor de Santo Antônio no lugar denominado Barbalha, na freguesia de São José dos Cariris Novos.

Em Março de 1778, portanto, há 208 anos, foi dada a referida licença acima pedida pelo Padre Visitador Manoel Antônio da Roxa.

Em junho de 1778 referida licença foi confirmada pelo Senhor Bispo de Pernambuco, Dom Frei Diogo de Jesús Jardim através do Padre Visitador Bernardino Vieira de Lemos tendo como escrivão da Visita Martins Pereira da Costa, Secretário, portanto ainda há 208 anos.

Na véspera do Natal de 1790 foi dada provisão para benzimento da Capela pelo Pároco de São José dos Cariris Novos, hoje Missão Velha, Padre André da Silva Brandão, que a benzeu no mesmo dia, 23 de Dezembro de 1790, portanto, há 196 anos, Doze anos depois de requerida dita licença, do que se conclui que Francisco Magalhães Barreto e Sá, fundador de Barbalha, levou 12 anos para construir a Capela primitiva em terras que ele próprio doou com um patrimônio de meia légua em quadro.

(Dados colhidos nos arquivos do Advogado José Bernardino de Carvalho Leite).
Obs.: É natural que devam faltar palavras e até períodos porque referidos documentos foram transcritos várias e sucessivas vezes de papel manuscrito, ortografia antiga, velho e estragado, certamente com palavras ilegíveis.

Integração Regional pela CULTURA

NAPOLEÃO TAVARES NEVES

O Instituto Cultural do Vale Caririense, de Juazeiro, ultimamente tem procurado se robustecer com a admissão de novos sócios, inclusive de cidades vizinhas, procurando fazer a integração regional pela cultura, no que anda muito acertado.

Por um imperativo do progresso dentro de pouco tempo haverá aqui um grande e ativo conglomerado urbano resultante da conurbação de Crato-Juazeiro-Barbalha e o Instituto do Vale Caririense, pioneiramente, procura fazer a integração cultural do Cariri antes mesmo de sua integração urbana.

Dentro desta filosofia de vida foi que, recentemente, recebeu para integrar os seus quadros o Jornalista João Lindemberg de Aquino, de Crato e Presidente do Instituto Cultural do Cariri.

Entendemos que escolha mais acertada não poderia ter havido, pois J. Lindemberg de Aquino é um típico homem de letras, um beletриста na mais pura acepção do termo uma inteligência sempre dinâmica e criativa voltada para as artes em geral, para as letras, para a literatura, para o folclore, a cultura em um sentido mais lato.

Talvez por tudo isto sua eleição tenha se dado por unanimidade que significa consenso e, diga-se de passagem, em se tratando de Juazeiro e Crato o consenso é sempre difícil, convenhamos.

No meu modesto entender J. Lindemberg de Aquino é um dos mecenas da cultura regional e as futuras gerações deverão de ter mais consciência desta verdade do que as atuais gerações.

Jornalista de grande atuação na imprensa nordestina, sobretudo nos órgãos de comunicação de Fortaleza e especificamente nos de Crato, escritor de estilo ameno e objetivo, historiador nas horas vagas, genealogista da melhor cêpa, é sempre um impenitente preocupado com o Cariri, sua gente, seus problemas, sua história, seus costumes, sua cultura, sua imagem, enfim.

Alguns dos seus excelentes livros são leitura obrigatória de quem quer que queira penetrar no espírito do Cariri.

Sua crônica diária na Rádio Cidade do Crato é um modelo de concisão, elegância de estilo e objetividade, sem aquela costumeira melosidade das crônicas radiofônicas da região. Nela ele procura sempre plasmar sobriamente uma nova mentalidade na maneira cariariense de focar os nossos problemas à luz dos dias atuais em padrões de decência e equidade, com um profundo respeito pelo passado e por nossas tradições mais caras.

Secretário da Administração do Crato em duas gestões, Chefe do Escritório da Junta Comercial, J. Lindemberg de Aquino é o que se pode chamar de um intelectual nato com livre trânsito em todas as áreas políticas da "Princesa do Cariri".

Polígrafo e radialista, um "gentleman" na conduta social, J. Lindemberg de Aquino foi mais uma excelente aquisição feita ultimamente pelo Instituto Cultural do Vale Caririense que, ao incorporá-lo aos seus quadros, também abraça o Cariri num amplexo de compreensão, provando que o espírito não tem fronteiras geográficas e a cultura não abriga sectarismos municipalistas porque deve ser universal como o próprio homem feito à imagem e semelhança de DEUS!

Oração de Bôas Vindas, por Barbalha!

DR. NAPOLEÃO TAVARES NEVES

Pedi-me o nosso Vigário uma breve saudação aos nossos ilustres visitantes em nome da nossa comunidade.

Di-la-ei em poucas palavras brotadas do coração como diria Barbalha se falasse ela mesma.

Sejam benvindos a Barbalha que hoje lhes oferece sua maior festa religiosa de par com a maior cena folclórica a céu aberto do Cariri, corolário dos festejos do seu Padroeiro, SANTO ANTÔNIO.

Aquí hoje se mesclam o fato social por todos apreciado por suas oportunidades de lazer e confraternização; o fato artístico-cultural com nuances de agradáveis surpresas; o fato folclórico extremamente original e sobre todos eles paira aquilo que é fundamental: o fato religioso que deve ser e realmente é a base de tudo!

Na verdade a Festa de Santo Antônio, de Barbalha, não mais se pertence porque já extrapolou seus próprios limites, inclusive geográficos!

Aos que nos visitam pela primeira vez direi que no dia de hoje abrem-se as cortinas verdes dos pés de serra e de lá desce para a cidade todo o nosso rico folclore para apresentações públicas cheias de ingenuidade, mas plenas de autenticidade!

É a cultura popular tendo o seu espaço para aparecer e manifestar-se livremente, querendo ser vista enquanto é tempo de ser vista, sem atropelar a cultura clássica que precisa cada vez mais protegê-la contra a ação destruidora do progresso!

Aquí todos vocês terão oportunidade cada vez mais rara e difícil de sentirem os costumes do povo simples já em vias de extinção, como é o caso dos Penitentes que, fora da Festa de Santo Antônio, só poderão ser vistos no escuro das noites rurais, nas cruzes abandonadas de êrmas estradas ou nos abandonados cemitérios de vilarejos escondidos nas quebradas dos sertões ou na ondulada topografia dos pés de serra!

Aquí o povo sofrido dos sítios e fazendas, no dia de hoje, veste a sua melhor roupa, afasta a sua natural timidez e expande as mais puras emoções de sua alma ingênua e boa impulsionada por uma crença religiosa meio determinista e muito natural como única fonte dos parcos benefícios que a vida lhe dá!

É uma fé simples e espontânea hoje catalogada por religiosidade popular, fé que não busca razões nem causas mas existe de fato e é muito firme, mesmo inabalável, apesar de tudo!

É a alma dos sítios e fazendas que desata as suas pênas preconceituosas e vem à cidade cantar suas mágoas aos pés do seu

excelso Padroeiro, Santo Antônio de Lisboa, de Pádua e de Barbalha que em vida foi chamado de "O Martelo de Deus," tal a veemência de sua pregação, valendo-lhe, pelos séculos sem conta, um lugar de destaque entre os "Grandes Santos que abalaram o mundo"!

Pois bem, senhores visitantes que hoje nos honram com suas ilustres presenças dando um especial colorido à nossa cidade, a Festa de Santo Antônio, de Barbalha, é o imenso cadinho que reúne, mistura e funde tudo isto para ser visto de maneira compacta, com destaque, é óbvio, para o fato religioso, a crença do povo, razão maior desta festa!

Sejam bem-vindos a Barbalha cujo povo pacato e ordeiro os acolhe fraternamente ao peito entregando-lhes suas ruas, suas praças e seus próprios lares!

Hoje aqui vamos ver a tradição, que vive empilhada nas prateleiras dos pés do serra, aparecer para dizer alto e bom som que ainda vive, a despeito do progresso!

Por meu modesto intermédio a Paróquia e a comunidade como um todo e por suas forças mais representativas lhes desejam a todos feliz estada entre nós, com muita paz, muita alegria, muita participação e muita fé!

Meus Amigos!

A cortina se abre e o espetáculo vai começar!

Antes porém, recebemos as bênçãos de Santo Antônio, o verdadeiro dono da festa, nesta solene celebração do Santo Sacrifício da Missa onde os frutos da terra, simbolizando o trabalho do povo, serão dados em oferendas, cantados pelo estro magistral de Pedro Bandeira, o trovador que interpreta como ninguém as mais puras emoções da alma popular!

Predominarão os frutos da agricultura porque Barbalha industrializou-se sem renegar nem esquecer suas raízes fundamentalmente agrícolas.

Barbalha sabe fazer cimento de suas pedras, cerâmica esmaltada e vitrificada da sua argila e açúcar cristal tipo exportação de suas canas, mas ao mesmo tempo também oferece a visão dos seus velhos sobrados do século XVIII para mostrar raízes fincadas no passado e no seu chão dadivoso como sêlo de perenidade na sequência dos tempos!

É o esforço hercúleo da terra para conservar aquilo que é fundamental à vida de qualquer povo: a sua identidade cultural!

Barbalha progride mas conserva e cultiva as virtudes tradicionais das comunidades sertanejas e interioranas onde a hospitalidade abraça os amigos e visitantes, jornalistas, autoridades, artistas e comunicadores num amplexo apertado de fraternidade, comunhão, amizade e hospitalidade!

Sejam bem-vindos, pois, com as bênçãos de SANTO ANTÔNIO e a descontraída alegria do seu povo simples!

(Oração de Boas Vindas Aos Visitantes na Festa de Santo Antônio de Barbalha).

BARBALHA participa ativamente das iniciativas culturais da Região

A sua administração jamais negou apoio a todos os movimentos que visem elevar o nome do Cariri.

Por isso, vibramos com o novo número de Itaytera.

Pelas suas páginas, barbalhenses também colaboram nesse esforço gigantesco do ICC, de manter viva a ITAYTERA, agora no seu número 31.

Parabéns.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BARBALHA

Administração : JOÃO HILÁRIO CORREIA

Prefeitura Municipal de Assaré

A Terra de Patativa acompanha com alegria as vitórias do INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI e colabora para a divulgação das riquezas culturais da região.

ITAYTERA é bem uma expressiva mostra do nosso valor.

Parabéns, I C C.

DR. PEDRO GONÇALVES DE OLIVEIRA

Prefeito Municipal de Assaré

OS MILITARES NA TRANSIÇÃO DO REGIME MONARQUICO

LIREDA DE ALENCAR NORONHA

A guerra do Paraguai provocou uma mudança no posicionamento do exército brasileiro. As vitórias e as condecorações não lhes abriram as portas à participação na vida política do País. O próprio governo recejava tal participação e ordenava a volta dos militares aos quartéis. Quanto aos civis, num primeiro momento, demonstraram estes pouco apreço a esta Instituição. Os militares passam a protestar contra a ordem vigente e a envolver-se numa série de conflitos que despertam a consciência política.

Os civis republicanos instigam tais conflitos visando o enfraquecimento do império. Daí para frente, os militares apoiam a causa republicana, assumindo compromisso com esta. Aliás, é o único grupo que, de fato, abraçou a causa republicana pela oportunidade que esta lhe ofereceria de participação efetiva no poder.

Entretanto, o exército nem sempre se apresentou como uma corporação em razão da diversidade de pensamento que reinava no interior desta instituição. Mesmo assim, a Proclamação da República resultou da coesão das forças militares.

No decorrer do Império uma série de incidentes entre os civis e militares produziram um afastamento lento e gradual entre estes dois setores. A guerra do Paraguai, segundo Taunay, relaxou a tensão, para reacendê-la, ao término desta. Entretanto, se a guerra não criou as incompatibilidades (apenas as revelou, como diz Faoro), assinalou uma mudança na posição do Exército dentro da sociedade brasileira, principalmente, no que diz respeito à contestação da ordem vigente, aliada ao prestígio e aos meios de reação. O militar ressentia-se principalmente do seu alijamento da vida política brasileira e dos mecanismos de distribuição do poder. Por outro lado, as elites políticas não estavam propensas a acatar ou a sensibilizar-se com as reivindicações deste grupo (militar).

Durante a guerra do Paraguai, as Forças Armadas representaram o papel de "salvadoras da Pátria", cobrindo-se de glória. Após a guerra, havia por parte do governo, um claro receio em relação a esse gigantesco e triunfante exército que voltava cheio de idéias novas, depois de ter entrado em contacto com outros povos de culturas diferentes. Necessário se fazia fragmentá-lo e despi-lo de glória. A

reação não se fez esperar: a redução do Exército ao antigo padrão gerou insatisfação no seio da oficialidade brasileira. Sentindo-se ludibriados pelos civis e percebendo o pouco apreço que estes lhe devotavam, passaram os militares a questionar a ordem (discutindo inclusive, os atos do governo prepotente) e a envolver-se em uma série de conflitos que ajudariam no processo de formação política do oficial, dando-lhe uma consciência política.

A década de oitenta encontra um Exército coeso nos seus gostos e reivindicações, espiritualmente estruturado em valores tradicionais e sob uma auréola de prestígio advindo da guerra. É nesta circunstância que o movimento abolicionista (a primeira grande questão nacional após a guerra), encontra no Exército um clima favorável a apoiá-lo. Este apoio manifesta-se pelo sentimento anti-escravagista mas também por terem os militares oportunidade de entrar na arena política, levados pelos abolicionistas civis. Estes passam a apoiá-los, incentivando-os na participação destes conflitos e tirando proveito da situação que se apresentava favorável aos seus propósitos (de apoio à causa abolicionista e posteriormente à Republicana). Na realidade, alguns civis tentaram usar o Exército, atizando estas contendas, visando enfraquecer o Império.

Instigados pelos civis, e devido ao pouco apreço do governo imperial, os militares passam a se sentir inseguros o que os leva à criação do Clube Militar. Segundo um oficial da época, tinha este por objetivo a defesa dos direitos da classe; há inclusive, a tentativa de formação de um partido político representativo da instituição militar.

Daí para frente, os pequenos incidentes se multiplicam e o desabono a um membro do exército atinge, naquele momento, toda a corporação (embora entre eles não houvesse a devida coesão). Exemplo disso é o caso Cunha Matos. Utilizando-se esse coronel da imprensa para se defender contra as acusações a ele imputadas pela Câmara dos Deputados, provocou séria reação por parte da alta hierarquia militar determinando com isso o rompimento final da classe com o governo.

O apoio à causa Republicana será uma decorrência natural desses incidentes, não por amor ao ideal republicano, mas porque a República daria oportunidade da participação política que a Monarquia havia lhe negado. Não podemos nos esquecer que estas indisposições do Exército com o governo civil e este conseqüente apoio ao republicanismo, têm suas raízes, por um lado, na falta de sensibilidade do governo imperial para com o poder militar e por outro, no anseio dos militares de expressarem-se publicamente e de poderem participar ativamente da vida política do país.

Os civis, das mais diferentes tendências, tentaram ora apoiar o Exército, ora instigar as querelas contra o governo civil. Foram os

republicanos que primeiro perceberam que a transição da Monarquia para República só se efetivaria com o apoio dos militares; daí o seu irrestrito apoio às questões militares.

A causa republicana foi abraçada pelos militares, principalmente os representantes da baixa oficialidade, discípulos do professor positivista Benjamin Constant. A alta oficialidade reluta em aderir ao republicanismo. Para essa facção do Exército, "o soldado é um profissional"; entretanto, apesar desta relutância, é a alta oficialidade através de Deodoro que legitimará a Proclamação da República.

Para a efetivação desta, conjugaram vários grupos seus interesses e insatisfações contra o regime vigente. De um lado os civis, representados por um grupo de cafeicultores paulistas, que apesar de pouco se interessarem pela República como forma de governo, interessavam-se pela autonomia provincial ou seja, o federalismo que deveria advir desta; de outro, os fazendeiros de culturas não dominantes, que, por se sentirem pouco protegidos pela Monarquia apoiavam a República.

À Igreja também interessava a República, como forma de desatrelar-se do Estado e, finalmente os militares, em busca de suas identidades, serão os parceiros ideológicos da República, e por isto a sustentarão, como única forma de participar do poder. É portanto o grupo militar o único a ter um compromisso de fato com a República. Aos outros satisfazia a Monarquia, desde que adotasse a forma federalista, ou então que recebesse maior atenção do governo. Após a Proclamação, esses grupos que almejavam o fim da Monarquia e que usaram a República como estratégia para atingir seus múltiplos interesses, já não têm em comum nenhum interesse, ao contrário, divergem. Só os militares têm um compromisso com a República que proclamaram.

Na análise do movimento Republicano percebe-se a falta de uma elite dominante de âmbito nacional, que tivesse liderado o movimento e pudesse assumir o poder. As elites ou grupos, são de âmbito regional, cujos interesses ali estão localizados. O Exército é o único grupo da sociedade que estando organizado e comprometido com a República pode assumi-la, mesmo porque, detinha o poder no sentido de manutenção da ordem.

Deodoro assume o poder e com ele os militares. A participação ou influência do civil neste primeiro governo é pouco significativa, senão nula. Os civis que ocuparam pastas limitaram seu poder à área fora dos interesses militares. Assim, na transição do Império para a República ficará em poder dos militares o controle da vida política e econômica da nação.

O quinze de novembro e mais tarde a Carta Constitucional de 1891, legitimou o militar no poder. Foi uma experiência nova para o homem da caserna, que apesar de ter lutado para participar ativamente do poder, tinha pouca convivência com este. Assim, os governos

militares na tentativa de recuperar e manter o poder, tornaram-se centralistas. Por não estarem familiarizados com o governo, foram incapazes de exercer o poder, sem ter que recorrer à violação da liberdade individual ou pública.

Além disso, a centralização imposta pelos militares não teve de fato, o respaldo das Forças Armadas, uma vez que essas não se portavam, como corporação. Houve dissensões internas dentro do Exército e também entre os civis manifestações de descontentamento para com o governo basicamente militar, que eles próprios haviam ajudado a estabelecer de vez que os militares não puderam interferir de forma inovadora na República. Por não se constituir o Exército uma corporação, não teve a ideologia industrializante proposta pelo grupo no poder, o respaldo de todos os militares. A necessidade de um governo forte e estável leva os representantes do Estado economicamente mais poderoso, São Paulo, a organizarem-se; habilmente oferecem os paulistas apoio à Floriano e em troca, asseguram a eleição do civil Prudente de Moraes. Sem ter atrás de si uma corporação e nem contar com o apoio civil, os militares foram incapazes de manter o poder.

Verifica-se, portanto, na primeira década republicana, uma instabilidade nas instituições em decorrência de uma crise constitucional. Os grupos que ajudaram a proclamar a República confrontam-se e disputam através da Constituição, a distribuição do poder. Na verdade, os golpes e as sublevações que marcaram este período que a estrutura de poder ainda se achava fluida e que o modelo de exercício do poder não havia sido definido. A crise constitucional só foi superada quando os grupos agrários economicamente mais fortes — São Paulo e Minas Gerais — foram capazes de se organizar e através de alianças impor um modelo político-econômico capaz de preencher de fato o poder.

B I B L I O G R A F I A

- CORONE, Edgard. *A República Velha. Evolução Política: 1889 — 1930*. S. Paulo, Difel, 1975
- CARVALHO, José Murilo de. *As Forças Armadas na Primeira República: O Poder Desestabilizador*. In: FAUSTO, Boris, dir. *História Geral da Civilização Brasileira*. S. Paulo, Difel, 1977, t. 3, v. 2, p. 183-234.
- FAORO, Raymundo. *Os Donos do Poder*. Porto Alegre. Ed. Globo, 1979, v. 2.
- HAHNER, June Edith. *Relações Entre Civis e Militares no Brasil: 1889 — 1890*. S. Paulo, Pioneira, 1975.
- PINHEIRO, Paulo Sérgio. *Classes Médias Urbanas: Formação, Natureza e Interpretação na Vida Política*. In: FAUSTO, Boris, dir. *História Geral da Civilização Brasileira*. S. Paulo, Difel, 1977, t. 3 v. 2. 9 — 37.
- SAES, Décio. *Classe Média e Política na Primeira República: 1889 - 1930*. Petrópolis. Ed. Vozes, 1975.

FARMACIA SABIN

ABERTA DE 7 DA MANHÃ ÀS 10 DA NOITE

COMPLETO ESTOQUE DE MEDICAMENTOS E

EFICIENTE SERVIÇO DE AMBULATÓRIO

TUDO COM PREÇOS REAIS, ATENDIMENTO RÁPIDO

E EFICAZ NO BALCÃO E À DOMICÍLIO



RUA BÁRBARA DE ALENCAR Nº 858

TELEFONE : 521-0290 — CRATO - CEARÁ

SEJA BENVINDO À SUA FARMÁCIA E BOA SAÚDE

Construtora Justo Junior Ltda.

CONSTRUÇÃO CIVIL EM GERAL
CÁLCULOS E PROJETOS



Entregue a sua
construção à

Construtora Justo Junior Ltda.

e tenha a certeza
de uma construção sólida,
segura e bonita.

Rua Madre Ana Couto. S/N
Crato – Fone: 521.2089 – Ceará

Lançado Livro sobre Gomes de Matos

Por motivo do Centenário do eminente cratense, Raimundo Gomes de Matos, foi lançado livro em sua homenagem, com muita cousa escrita pelos amigos, sobre sua personalidade.

Desse livro transcrevemos a APRESENTAÇÃO, feita por Martins Filho, e a Introdução, feita por Thomaz Pompeu Gomes de Matos, seu filho.

* * *

Apresentação

ANTÔNIO MARTINS FILHO

Transcorrerá no dia 10 de outubro de 1986, o primeiro centenário de nascimento de RAIMUNDO GOMES DE MATOS, que em vida foi grande como professor, acreditado como criminalista, respeitado como homem público e bastante aplaudido como orador.

Superando esses atributos o professor Gomes de Matos foi maior ainda como pessoa humana, extremamente dedicado que era aos seus familiares e de inexcedível fidelidade aos seus amigos, que eram muitos.

O evento pela significação de que se reveste, não poderia de forma alguma passar despercebido. Representaria inexplicável esquecimento deixar a efeméride sem um registro especial, capaz de exprimir a reverência e o respeito devidos à memória de tão destacada personalidade, mercê de serviços inestimáveis prestados ao Ceará e, particularmente, a esta cidade de Fortaleza, onde sempre viveu.

Daí a idéia da publicação desta monografia, constituída de depoimentos de mais de vinte e cinco intelectuais, que conviveram com o Mestre e que se beneficiaram de suas lições, Lições que lhes foram propiciadas através do intercâmbio de idéias ou no exercício diuturno das lides forenses, nas atividades da Cátedra como também no relacionamento cotidianamente mantido com o conhecido Gomez — um homem bom, na mais ampla significação do termo.

Os pronunciamentos de que se compõe o presente volume, pela justeza dos conceitos em que são vazados, constituem um painel de grandes proporções, no qual se projetam com destaque a inteligência do mestre Gomes de Matos, a inteireza do seu caráter, a jovialidade do seu espírito e, bem assim, as extraordinárias dimensões que a sua popularidade logrou atingir, seja como criminalista ou como profissional de comprovada honorabilidade, seja como homem de bom senso e digno.

Advogado de projeção nacional, professor de vasta cultura jurídica, jornalista político dos mais vibrantes que já militaram na imprensa

Cícero Romão Batista.

O ponto central de homenagem consistia na inauguração da estátua, em corpo inteiro, do afamado Patriarca do Juazeiro, representando o evento a manifestação de apreço que lhe tributava o sertão nordestino.

Para funcionar como porta-voz dos responsáveis por iniciativa de tamanho porte, decidiu-se que seria escolhido um orador de reconhecidos méritos e, acima de tudo, de real evidência no cenário intelectual do Ceará.

O convite foi dirigido ao Dr. Raimundo Gomes de Matos, professor da Faculdade de Direito, causídico de justificado conceito em todas as esferas sociais da Capital cearense e, além disso, figura simpática de pessoa jovial e altamente credenciada no meio cultural em que vivia.

Recordo-me perfeitamente do grandioso espetáculo daquela tarde histórica, quando o professor Gomes de Matos assomou à tribuna, então erguida na Praça Alexandrino de Alencar, em frente ao monumento a ser inaugurado. Gradativamente o orador conseguiu empolgar a grande assistência que superlotava aquele logradouro. E o fez com a sua eloquência o seu timbre de voz metálico, com a beleza e relevância das imagens concatenadas ao longo de sua peça oratória. Mas o que, principalmente, comoveu aquela multidão que se aglutinava à volta do orador foi a judiciosidade do julgamento que ele fez acerca da pessoa, da obra, da influência e do prestígio regional (e nacional) do Padre Cícero. Este, de cabeça baixa, numa postura que sugeria humildade e recolhimento, recebia aquela consagração pública, por todos considerada a maior e mais expressiva homenagem ocorrida em todos os tempos, na Região onde soberanamente pontificava o carismático vigário de Juazeiro.

O meu segundo encontro com o professor Gomes de Matos ocorreu em Fortaleza, quando freqüentávamos o Banco da Opinião Pública. Trata-se do segundo desse gênero, que era presidido por Irineu Filho e freqüentado por Clodoaldo Pinto, Jäder de Carvalho, Humberto Fontenele e vários outros integrantes do grupo, sempre ávido em comentar as ocorrências de todos os gêneros, de preferência as novidades no campo político.

O renomado Gomez era uma das figuras centrais do Banco, tornando agradáveis aqueles encontros diários, que marcaram época nesta cidade de Fortaleza.

Por último, passei a usufruir da convivência diária, e muito cordial, do Mestre Raimundo Gomes de Matos. Isso ocorreu a partir do momento em que ingressei interinamente como professor da Faculdade de Direito do Ceará. É que nós, ambos, ministrávamos a disciplina Direito Comercial, da qual era ele titular da primeira Cátedra.

Foi meu examinador quando, depois de muitas diligências, consegui a realização do concurso respectivo, de cuja Banca Examinadora foi presidente o professor Gomes de Matos.

Recebi não só a sua aprovação mas, principalmente, a sua confiança, na condição de professor catedrático efetivo, de que fui investido pela Congregação da Faculdade de Direito.

Por todos esses motivos, senti-me sumamente honrado com o convite que me foi feito, pelo Dr. Thomaz Pompeu Gomes de Matos, filho do nosso ilustre homenageado, para fazer a apresentação deste livro.

Estou convencido, entretanto, de que esta monografia prescinde de apresentação. Ela realmente vale e se torna necessária pela alta qualificação dos depoentes e pela comovida homenagem que decidiram prestar a um homem notável sob todos os títulos e que em vida se chamou RAIMUNDO GOMES DE MATOS.

* * *

Introdução

THOMAZ POMPEU GOMES DE MATOS

No momento em que a gente cearense celebra o Centenário de Nascimento de Raimundo Gomes de Matos, procuramos reconstituir o itinerário de sua agitada vida extraíndo-o das histórias de terceiros por eles mesmo narradas. Todos os que participam desta monografia foram ou são personagens atuantes da construção de nossa história política e cultural e, ao mesmo tempo, contracenaram com Gomes de Matos, sensibilizaram-se com sua figura carismática, responderam à sua presença.

Toda uma geração rememora a sua trajetória. Falam familiares, amigos, ex-alunos, correligionários, companheiros de lides advocatícias, etc., todos revivendo, recriando e reconstituindo o vasto painel de uma época ainda recente e marcada por grandes transformações sociais.

A proposta básica do livro terá sido a de legar às gerações futuras um documento o mais fidedigno possível acerca de uma vida bem vivida, um testemunho inigualável do trabalho bem orientado e da fé inquebrantável nas boas causas.

A palavra dos depoentes deixará sentir que o querido GOMEZ é um valor que integra o acervo cultural do Ceará, uma figura ilustre do nosso querido torrão alencarinino, um bem inestimável que nós todos, seus amigos, tivemos o privilégio de possuir.

Somos penhoradamente agradecidos a todos os colaboradores deste trabalho. Cumpre destacar a boa vontade e atenção inexcedível do Magnífico Reitor José de Anchieta Esmeraldo Barreto e do Professor Agerson Tabosa Pinto, Diretor da Faculdade de Direito do Ceará, sem os quais esta obra não viria à lume. "Last but not least" o obrigado à Patrícia Diogo Gomes de Matos, bisneta do que se homenageia e talentosa estudante pelo trabalho de datilografia e pelas sugestões apresentadas.

Banco Industrial e Comercial S/A

**O BANCO AMIGO QUE NASCEU NO CARIRI
PARA SERVIR AO CARIRI, AO CEARÁ E AO BRASIL**

Resolva todos os seus negócios bancários e todos os
seus pagamentos pelo **B I C** — e conte com a certeza
de excelente atendimento e mais — rapidez,
eficiência e pontualidade

B I C — O BANCO ONDE TUDO É MAIS FÁCIL

AGÊNCIA EM CRATO:

RUA BÁRBARA DE ALENCAR Nº 836/844

FONES: 521-0244 — 521-2550 — 521-2455

C R A T O

—

C E A R Á

Thomaz Osterne de Alencar S.A.

COMÉRCIO — INDÚSTRIA — AGRICULTURA

RÁDIOS — RADIOFONES — MÓVEIS — MATERIAL
E L É T R I C O

MATRIZ: RUA DR. JOÃO PESSOA Nº 393/419
TELEFONE: 521-1304

FILIAL: RUA BÁRBARA DE ALENCAR Nº 796
TELEFONE: 521-1022

LOJINHA PARA PRESENTES

RUA DR. JOÃO PESSOA, 401 — FONE: 521-3235

ENDEREÇO TELEGRÁFICO: **O S T E R N**

CAIXA POSTAL, 16 — CRATO - CEARÁ

FILIAIS DE JUAZEIRO DO NORTE :

RUA SÃO PEDRO Nº 814 — FONE: 511-1656

RUA SÃO PEDRO, 1348/52 — FONE: 511-4476

100 ANOS DE GOMES DE MATOS

J. LINDEMBERG DE AQUINO

O universo cultural cearense festejou em 10 de Outubro de 1986 o Centenário de nascimento de um dos seus mais notáveis filhos, o advogado, criminalista e professor Raimundo Gomes de Matos

Foi figura notável na história das letras, da advocacia e do ensino em nosso Estado. O esplendor de sua inteligência, a beleza do seu espírito, o invulgar talento com que se alcandorou à admiração de todos, — tudo se reuniu em Gomes de Matos para torná-lo uma das maiores cerebrações do Ceará, no campo do Direito e do Jornalismo.

Descendente de uma das mais tradicionais famílias do sul do Estado, muitos foram os seus irmãos — entre os quais enumero o filólogo Eduardo Gomes de Matos e o jornalista Celso Gomes de Matos.

A cidade do Crato, berço de tantos valores da vida cearense, orgulha-se de tê-lo como filho.

Abriu os olhos ao mundo em 10 de Outubro de 1886, filho do casal Raimundo Gomes de Matos-Claudiana de Matos Leite.

Além de Celso e Eduardo, figuraram entre seus irmãos Francisco Gomes de Matos (Dr. Chiquinho) bacharel em Direito, como ele e que foi amigo de Capistrano de Abreu; Dirceu Gomes de Matos, pecuarista; Alfredo Gomes de Matos, que foi oficial da Força Pública no Ceará; Artur Gomes de Matos, alto funcionário da antiga R. V. C. Jorge Gomes de Matos, professor; Foram suas irmãs Raimunda Gomes de Matos (Mundoca) casada com Joaquim Bezerra de Menezes; Maria (Mariinha) casada com o dr. Eduardo Dias Nogueira; Adélia, casada com Antônio Cândido de Figueiredo; Cecília Gomes de Matos, casada com Joaquim da Silva Pimentel; Otilia e Julieta Gomes de Matos.

Ainda menino, foi levado pelo Pai à escola do prof. Joaquim José Teles Marrocos, que lhe ensinou as primeiras letras e que nele enxergou invulgar talento e inteligência. Com Marrocos aprendeu ele rudimentos de letras, ciências, matemáticas e se iniciou no aprendizado de latim.

Muito jovem, foi para João Pessoa, Paraíba, onde concluiu o antigo curso primário. De lá transferiu-se para o Recife, onde obteve os preparatórios e a habilitação para cursar Direito. Nessa época, todavia, estavam se iniciando os cursos jurídicos da Faculdade de Direito do Ceará o que fe-lo voltar para a Terra da Luz, matriculando-se na nossa Salamanca em 1904, fazendo ali seu brilhante curso de Direito que viria a concluir em 8 de Dezembro de 1908.

Foram seus colegas de turma na Faculdade fundada pelo velho Acioly: José Carlos de Matos Peixoto, Antonio Galeno da Costa e Silva,

Alvaro Bomfícar da Cunha, este, também, filho do Crato e esplêndida floração mental de escritor e humanista; José Pompeu Pinto Acioly e o notável Henrique de Alencastro Autran, que foi notável matemático.

Gomes de Matos formou-se aos 23 anos e cedo desportou com a sua primorosa inteligência, nos embates do Juri. Logo começou a advogar, a aceitar causas por todo o sul do Ceará e Piauí.

"Se, nos seus primeiros tempos de causídico — diz Clodomir Teófilo Girão, um dos que lhe estudaram a personalidade — não lhe era ampla e profunda a cultura jurídica, ele sabia suprir as falhas com o poder do seu talento robusto, com o seu inusitado humor, com o seu desprendimento, com a sua intrepidez, numa palavra, com o valor mental que Deus lhe deu".

Aos 25 anos fez-se professor substituto da Faculdade de Direito do Ceará, que o diplomara 2 anos antes, na Cadeira de Direito Comercial. Já em 1916 — aos 30 anos, integrou a banca examinadora do primeiro concurso da sua querida Escola jurídica, ao lado do ex-colega de bancos escolares, Matos Peixoto. Sendo aprovado nesse exame para catedrático o prof. Eduardo Henrique Girão.

Este seria, por 35 anos, seu colega na Cátedra e seu amigo pessoal

Gomes de Matos teve uma fulgurante carreira de professor, chegando à Direção da Escola de Direito.

Raimundo Girão assim se expressa: "Gomes de Matos foi homem das boas rodas e sua inteligência fulgurante cintilou por mais de meio século na vida cearense".

"Durante cinquenta anos, dos vinte aos setenta — diz Clodomir Girão — viveu intensamente! soube viver!" e acrescenta: "durante quase 50 anos lutou, batalhou, galvanizou as suas energias todas em defesa de um sem número de causas, cuja complexidade nunca o atemorizou. No nosso fôro, onde se elevou à condição de pontífice, ninguém o excedeu em zêlo, em esforço, na dedicação às causas que patrocinava. Por isso mesmo era sempre bem sucedido".

Tomando posse na Cadeira que o tem como Patrono, no Instituto Cultural do Cariri, Pedro Gomes de Matos teve, dentre outras, esta afirmação: "Dentre os de sua geração — Matos Ibiapina, Andrade Furtado, Dolor Barreira, Beni Carvalho, Matos Peixoto, Fernandes Távora, Eduardo Girão, Olavo Oliveira, Leiria de Andrade, a maioria dos quais já com seus nomes insculpidos na História, foi Gomes de Matos dos que mais se distinguiram, não somente pelo seu caráter, o fulgor de sua inteligência, mas, sobretudo, pela bondade do seu coração".

Era generoso a ponto de dar de esmola o último centavo que lhe restasse no bolso. Chefe de família exemplar, era adorado pela esposa, filhos, genros, noras e netos, que lhe cercaram a velhice de extraordinário carinho e amor.

Na sua longa atuação na Faculdade de Direito, pontificando ali 37 preciosos anos de sua existência, "não encontrou competidor, no dizer de Osmundo Pontes, e chegou a rivalizar com os mais notáveis penalistas nacionais".

Raimundo Gomes de Matos foi casado com D. Lea Pompeu Gomes de Matos e do casal surgiram os seguintes filhos:

Hildebrando Pompeu Gomes de Matos, falecido aos 31 anos de idade em 1943; Maria de Lourdes, casada com o general Antônio Hamilton Mourão; Dr. José Pompeu Gomes de Matos; Dr. Thomaz Pompeu Gomes de Matos.

Além de Professor e Diretor da Faculdade de Direito do Ceará, Gomes de Matos foi Secretário de Polícia e Segurança Pública, Consultor Geral do Estado, Delegado de Polícia da capital, Deputado Federal, Promotor Público e Juiz substituto em Jardim e Barbalha, (cidades onde iniciou sua vida jurídica). Ensinou interinamente, ainda, Geografia, na Escola Normal e respondeu alguns dias pelo cargo de Secretário da Fazenda. Foi ainda Juiz do Tribunal Regional Eleitoral do Ceará. Também fez parte de bancas examinadoras de diversas Faculdades de Direito de todo o país.

Ao falecer, às 23,30 horas do dia 10 de Maio de 1986, o Dr. Raimundo Gomes de Matos foi alvo de consagradoras homenagens póstumas. Tooa a imprensa registrou seu óbito, seguindo-se artigos, crônicas, comentários e estudos sobre sua pessoa, por dias seguidos.

Homem notável — diz a maioria dos seus biógrafos.

Carlyle Martins apontou a sua vida como "uma sequência de ações generosas e de benefícios aos seus semelhantes".

Homem que em vida cultivou a amizade e a admiração de Agamenon Magalhães, Nereu Ramos, Ademar de Barros, Assis Chateaubriand e muitos vultos de destaque da vida brasileira, o seu sepultamento foi uma consagração. O féretro, antes de ir ao Cemitério, passou em frente à sua querida Faculdade de Direito e no Cemitério, antes do sepultamento, falaram Hilário Gaspar de Oliveira, Vicente Silva Lima e Pedro Gomes de Matos.

Na administração do Prefeito José Walter Cavalcante a avenida 14 de Julho, uma das principais de Fortaleza, teve o seu nome trocado para Avenida Gomes de Matos. O Crato, sua terra natal, também o homenageou com uma rua, no bairro S. Miguel.

Homenagens lhe foram prestadas, ainda, na Assembléia Legislativa, Câmara Federal e Senado da República, Ordem dos Advogados do Brasil, Associação Cearense de Imprensa, Câmara de Vereadores de Fortaleza, Ideal Clube, Casa Juvenal Galeno e Instituto Cultural do Cariri, bem como na Academia Cearense de Letras e Instituto do Ceará.

A última visita que fez ao Crato foi em 1955, quando a 7 de Julho daquele ano pronunciou notável palestra a respeito do Centenário

do jornal O ARARIPE, primeiro órgão da imprensa interiorana, criado na Princesa do Cariri pelo extraordinário João Brígido. Naquela noite, no auditório da Escola Técnica de Comércio, fez uma das mais aplaudidas conferências de sua vida, e o auditório inteiro se levantou a aplaudi-lo ao final da sua magistral interpretação sobre o notável João Brígido

Foi aquela palestra uma promoção do Instituto Cultural do Cariri, que posteriormente criou a Cadeira nº 11 tendo-o como Patrono.

Quando comemoramos o seu Centenário de nascimento, sentimos que os espíritos de engalanam em todo o Estado, na justa homenagem que a História faz a um dos mais ilustrados filhos da Terra da Luz. É a voz da Justiça que vem coroar a memória de quem tanto a defendeu e pugnou pela sua exaltação, de maneira nobre e varonil, inesquecível e gloriosa, elevando a inteligência cearense aos píncaros da glória, dessa glória que é superior à eternizada no bronze, porque é a glória espiritual, inalcançável pela ação dos tempos, dominando sobre a paisagem das gerações e eternizada na gratidão dos pósteros!

(Palestra no Rotary Club do Crato)

*

O Centenario de Gomes de Matos

JOSÉ CLÁUDIO DE OLIVEIRA

CRÔNICA HEBDOMADÁRIA

No dia 10 de outubro de 1986 veremos transcórrer o Centenário de Nascimento do saudoso Professor Raimundo Gomes de Matos — Gomez — para os íntimos. Foi Catedrático da Faculdade de Direito, Advogado de grande prestígio, Secretário de Polícia e Segurança Pública, Interventor Federal e Deputado Federal na bancada do Partido Social Progressista.

Sua vida é um exemplo para os bons advogados.

Atuou, com destaque, na defesa do Dr. Virgílio Gomes, em memorável juri acusado da morte do jornalista Antônio Drumon, Diretor da Gazeta de Notícias, de Raimundo Augusto, de Lavras da Mangabeira; de Mozart Catunda; de Carvalho Pereira e do médico paraibano Nelson Queiroga Carreira, autor intelectual da morte de seu sobrinho, Carlos Gomes de Matos; dos Mororós, em Pacoti e de José Mendes Braga, de Maranguape, dentre outros.

Foi nosso Professor de Direito Comercial, na Faculdade de Direito. Era estimado pela mocidade acadêmica a quem dedicava paternal atenção. Orientador de muitos advogados e juizes, foi patrono de grandes causas, defendendo, com ardor os seus constituintes, muitos deles sem nada receber.

Intelectual, tinha a lucidez dos gênios.

Falava e escrevia fluentemente o francês. Sua biblioteca era um tesouro a ser preservada.

Casado com dona Léa Pompeu de Souza Brasil, sobrinha do Comendador Acioli, tinha, como irmãos, o jornalista Celso Gomes de Matos e o filólogo Eduardo Gomes de Matos.

O casal Léa-Gomes de Matos teve a seguinte descendência:

Hildebrando Pompeu Gomes de Matos, falecido em 1943, aos 31 anos de idade; Maria de Lourdes, casada com o General Antônio Hamilton Mourão; Dr. José Pompeu Gomes de Matos, Curador de Órfãos casado com Melânia Falcão Gomes de Matos, falecido e Dr. Tomás Pompeu Gomes de Matos, Advogado do Banco do Brasil, aposentado, casado com Maria de Jesus Ferreira Gomes de Matos.

Formado pela Faculdade do Recife, Gomez teve, entre seus colegas de turma, Agamenon Magalhães, Interventor, Governador de Pernambuco e Ministro da Justiça; Assis Chateaubriand, Senador, Embaixador e Presidente dos Diários Associados; Matos Peixoto, Presidente do Ceará, deposto em 1930 e Professor da Universidade do Brasil; Alvaro Bomilcar, sociólogo e Hildebrando Acioli, embaixador.

Ademarista, certa vez o Governador Adhemar de Barros veio de São Paulo só para comer uma "paçoca cearense" em seu palacete à Avenida 24 de Maio, onde hoje se ergue o majestoso restaurante do SESC/SENAC.

Na campanha presidencial de 1945, sendo o Secretário de Polícia, permitiu o comício de Luiz Carlos Prestes na Praça Fernandes Vieira, quando, na Praça do Ferreira se realizava um comício com a presença do General Eurico Gaspar Dutra, eleito a 2 de dezembro desse ano, Presidente da República. Seu gesto foi elogiado, pois era uma temeridade, aquele tempo, permitir ao "Cavaleiro da Esperança", preso na Ditadura recém-deposta, uma tribuna livre. Prestes, que dedicou a sua vida ao PCB, foi expulso do Partido a que deu o melhor de sua juventude.

Foi um político diferente. Manifestou-se contra a venda de votos e são muitos os episódios edificantes de sua vida. O Governador Gonzaga Mota vai homenagear a sua memória, outorgando-lhe, "post-mortem" a MEDALHA DA ABOLIÇÃO, num preito de muita justiça.

29 - 06 - 86

*

GOMES DE MATOS – O MESTRE

ANTÔNIO GIRÃO BARROSO

Dentre os mestres que tive na Faculdade de Direito — de 40 a 44, quando não havia ainda o Anexo atual, faço um destaque

para o Prof. Gomes de Matos, o querido Gomez, como era tratado na intimidade, e parece que ele gostava. Suas aulas de Direito Comercial, ministradas com exemplar regularidade, eram na verdade excelentes, dando lugar por isso mesmo a que nós, alunos, nem sempre muito disciplinados, prestássemos a melhor atenção a elas. Eu, particularmente, que nunca me senti uma autêntica vocação para os estudos jurídicos, pois do que gostava mesmo era de literatura e jornalismo, me lembro que acabei sendo um aluno não digo bom mas pelo menos razoável da sua disciplina, dado o interesse que ele, Gomez, despertava em nós, falando com desenvoltura e simplicidade sobre cada ponto do programa. Bons tempos aqueles, sem a menor, dúvida, antes da Reforma Universitária imposta depois pelo Governo, a gente cumprindo ano a ano (cinco ao todo) toda a seriação do Curso, ao lado sempre dos mesmos colegas e com os mesmos professores até a conquista do Bacharelato. Como outros mestres também muito queridos — Djacir Menezes, Otávio Lobo, na época Diretor da Faculdade, José de Borba Vasconcelos, Perboyre e Silva, Edgard de Arruda, Clodoaldo Pinto, Dolor Barreira, Eduardo Girão, Ibiapina Siqueira, Aderbal Freire, Teles da Cruz, Humberto Fontenele (a lista não seria pequena) — o Prof. Gomes de Matos deixou uma marca profunda nas nossas vidas, fazendo-nos acreditar no Direito como fundamento maior da convivência social e apanágio da vida dos povos, em todos os tempos.

(Do livro "Gomes de Matos — Itinerário de uma vida"

*

Comissão da Medalha da Abolição

Proponente : O Governador do Estado

Destinatário : Prof. Raimundo Gomes de Matos, post mortem

Parecer

Ainda há pouco, chamado a depor sobre a personalidade do professor Raimundo Gomes de Matos, relatei um fato pitoresco, posto profundamente significativo, assinalando, por isso, o meu primeiro contato com aquele que me seria mestre e guru durante toda a minha formação jurídica.

A ocorrência vale evocá-la se deu em meu ainda nascente Juazeiro, nos idos de 1924, por ocasião da festa inaugural da estátua do muito amado Patriarca da Meca Cariense. E teve como palco um descampado que se transformou no coração da florescente cidade que Cícero Romão Batista ergueu, com seu gênio e inigualável poder de penetração na alma de seus romeiros, entre os quais me insiro.

Lembro-me bem: no instante de abertura da solenidade, assistida por soma incalculável de amigos e devotos, vindos de todos os recantos do nordeste brasileiro, assoma à tribuna destinada à parte laudatícia

um sírio desabusado, querido mas metediço, disposto a extravasar ali, sua fervorosa devoção.

Floro Bartolomeu, tuxaua prepotente, barrou-lhe o ansiado propósito, esbravejando, impiedoso; "Desça dai! O orador é o doutor Gomes de Matos!"

O inusitado do incidente proporcionou-me a medida do talento e prestígio do jovem causídico a quem se confiara, com exclusividade, a interpretação do maior acontecimento por mim testemunhado até então.

Mais tarde, quando já ganháramos a mesma idade, pois Gomez não aprendeu a envelhecer, seríamos para sempre amigos, com muita coisa em comum nas nossas agitadas andanças por terras do velho Ceará sem-prensa.

Raimundo Gomes de Matos nasceu na bi-centenária cidade do Crato e foi, por inarredável vocação, profissional do Direito acima de tudo.

Promotor de Justiça, ainda estudante, desdobrou-se, depois de graduado, como Juiz de Direito, Procurador do Estado e advogado de larga clientela aqui e alhures.

O invencível pendor, no entanto, não o impediu de gozar a vida em sua plenitude e fazer-se o combativo jornalista ao lado de João Brígido, H. Firmeza, Adonias Lima, Matos Ibiapina, Renato Viana, Gustavo Barroso, Demócrito Rocha e Jáder de Carvalho.

Um dia, Beni Carvalho, convida-o para dirigir a Pasta mais complicada e complicante de qualquer Governo, a Secretaria de Polícia. E ele, que já fora delegado na descuidosa mocidade, marcou novo tento em sua útil e proveitosa militância, dominando-a com extraordinária proficiência e inimitável bom humor.

Foi, também deputado e Secretário da Fazenda, tendo exercido, por pouco tempo, nossa Suprema Magistratura, como Interventor.

Meu relacionamento maior a esse coestaduano de escol vincula-se à sua esplêndida atuação magisterial na Faculdade de Direito, de que foi Diretor magnânimo, ao longo de 10 anos.

Nós, os que tivemos o privilégio de ser seus alunos, nele encontramos, invariavelmente, um afetivo incentivador de vocações. Na verdade, o conselheiro, mais que docente.

Eis em resumo quanto me é dado recordar desse inesquecível cearense, a quem gerações sucessivas estão a dever salutar filosofia de vida.

A proposição do eminente Governador, professor Gonzaga Mota, não poderia ser mais feliz.

Sou pela concessão.

Fortaleza, 7 de julho de 1986

CLÁUDIO MARTINS

Presidente da Academia Cearense de Letras

FIGUEIREDO FILHO É NOME DE RUA EM FORTALEZA

COMUNICAÇÃO :

PREFEITURA MUNICIPAL DE FORTALEZA

GABINETE DO PREFEITO

Senhor Presidente,

Honra-me comunicar-lhe que por solicitação sua e do nosso amigo Prof. José Kleber Calou, enviei mensagem em Projeto de Lei à Câmara Municipal de Fortaleza, designando de J. DE FIGUEIREDO FILHO, uma artéria desta Capital.

Uma justa homenagem deste Poder, para com esse grande Cratense que se notabilizou em seus estudos e pesquisas, sempre valorizando e destacando os temas de sua cidade e de sua região.

Ao Ilustre Presidente e demais membros do Instituto Cultural do Cariri e em especial a família de J. de FIGUEIREDO FILHO, e ao povo do Crato meus protestos de elevada estima e distinguida consideração.

Atenciosamente,

DEP. FEDERAL CÉSAR CALS NETO

Prefeito Municipal

Ilmo. Sr. :

JORN. J. LINDEMBERG DE AQUINO.

DD. PRESIDENTE DO INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI.

C R A T O - C E.

PROJETO DE LEI Nº

DENOMINA J. DE FIGUEIREDO FILHO UMA
DAS RUAS DE FORTALEZA.

A CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA aprova e eu sanciono a seguinte lei :

Art. 1º — É denominado J. DE FIGUEIREDO FILHO uma das ruas de Fortaleza.

Parágrafo único — Cabe ao Chefe do Poder do Executivo do Município adotar as providências cabíveis para o cumprimento deste artigo.

Art. 2º — Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

MENSAGEM Nº 006

Senhor Presidente,

Tenho a subida honra de, por intermédio de V. Exa., submeter à douda apreciação da Augusta Câmara Municipal projeto de Lei anexo, que confere o nome de J. DE FIGUEIREDO FILHO a uma das ruas de Fortaleza.

Trata-se de merecida homenagem a ser prestada ao insigne cearense que se notabilizou nas diversas atividades culturais a que se dedicou.

Jornalista, escritor, historiador e professor, J. DE FIGUEIREDO FILHO espargiu luzes que o projetaram no cenário das letras nacionais, engrandecendo e glorificando o Ceará.

Nascido a 14 de julho de 1906, veio a falecer em 29 de agosto de 1973, após o decurso de proficuas atividades em prol do nosso Estado e de nossa gente.

Desde modo, consagrou-se às lides da imprensa, que sempre teve como trincheira das idéias por que se batia com intrepidez e denodo.

Formou-se, como Farmaceutico, em 1925, pela então Faculdade de Farmácia e Odontologia do Ceará, hoje integrante da Universidade Federal do Ceará, tendo sido o Orador da Turma.

Publicou, entre diversas obras, o romance regional **RENOVAÇÃO**, com prefácio de GUSTAVO BARROSO, lançado, em 1937, pela Editora Odeon de São Paulo.

Seguiram-se-lhe :

MEU MUNDO É UMA FARMÁCIA, publicado pela Editora Ipê, de São Paulo;

HISTÓRIA DO CARIRI, constante de cinco (5) volumes, sob o patrocínio da Faculdade de Filosofia do Crato;

CIDADE DO CRATO, editado pelo Ministério de Educação e Cultura, no centenário da aludida Comuna, em colaboração com **IRINEU PINHEIRO**;

ENGENHO DE RAPADURA DO CARIRI, divulgado pelo Serviço de Informação do Ministério da Agricultura;

FOLCLORE DO CARIRI, editado pela Imprensa Universitária do Ceará;

FOLGUEDOS INFANTIS CARIRIENSES, publicado pela Imprensa Universitária do Ceará;

PATATIVA DO ASSARÉ, divulgado pela Imprensa Universitária do Ceará;

NO ASFALTO E NA PIÇARRA, em colaboração com a esposa ZULEIKA PEQUENO DE FIGUEIREDO, editado pela Tipografia e Papelaria do Cariri — Crato-CE.

O ilustre intelectual pertencia à Academia Cearense de Letras, onde ocupava a Cadeira 34, que teve como Titular Dolor Uchoa Barra.

Sócio fundador do Instituto Cultural do Cariri, foi seu Presidente, tendo ocupado também a Vice-Presidência do Instituto do Ensino Superior do Cariri;

Integrou, ainda, as seguintes entidades: Sócio da Academia Piracicabana de Letras, Cadeira 35; Membro da Sociedade Geográfica Brasileira, com sede em São Paulo; Membro da Diretoria da Associação Brasileira de Professores Universitários de História, de São Paulo; Sócio da Associação Brasileira de Folclore, de São Paulo; Sócio da Academia Uruguaiana de Letras, no Instituto Histórico Uruguaiano; Sócio efetivo do Instituto Arqueológico Histórico de Pernambuco; Sócio da Academia Nacional de Farmácia, com sede no Rio de Janeiro; Sócio Correspondente da Academia Sobralense de Letras.

Exerceu o magistério em vários estabelecimentos de ensino secundário, normal e superior, inclusive como Titular de História do Cariri e de História do Ceará, da Faculdade de Filosofia de Crato, tendo sido um dos dinâmicos fundadores desta.

Enaltecido e exaltado, no ensejo de seu trespasse, pelo Senado Federal, pela Câmara dos Deputados, pela Assembléia Legislativa do Ceará, além de numerosas entidades culturais, associações de classes e órgãos outros, falta-lhe, todavia, a homenagem que o Município de Fortaleza ora se propõe a tributar-lhe, através dos seus Poderes Legislativo e Executivo, como legítimos representantes do povo de nossa Capital.

Anima-me a persuasão de que o projeto em análise contará com a habitual compreensão da Colenda Câmara Municipal para a sua rápida aprovação.

Preveleço-me da oportunidade para reiterar a V. Exa. protestos de elevado apreço e distinguida consideração.

PAÇO DA PREFEITURA MUNICIPAL DE FORTALEZA, em 22 de abril de 1985.

CÉSAR CALS NETO

Prefeito de Fortaleza

“Dona Tezinha, uma Heroína do Lar”

JOSÉ DE ALENCAR BEZERRA

Dona Gualterina de Alencar Lacerda (Dona Tezinha). Conheci-a nos idos de 1944, quando vim estudar em Fortaleza, neste tempo ela ainda estava realizando a sua maravilhosa obra de educação e trabalho, educou dez filhos, construindo uma família que se projetou pelo seu próprio valor em todas as classes sociais do Ceará. Lamentava sempre a morte de Maria do Céu, que morreu ainda jovem estudante, como diz a sagrada escritura “pelos frutos se conhece a árvore”. Falarei dos filhos :

Walkyria de Alencar Araripe, fez concurso para a Secretaria de Fazenda do Estado do Ceará, na qual fez carreira brilhante. Quando eu era aluno do Instituto dos Cegos do Ceará, muito me ajudou escrevendo meus trabalhos, eu costumava homenagear meus amigos com quadrinhas :

Walkyria inteligente
grande alma alencarina
sua ação faz bem a gente
tem a força que ilumina.

Walkyria tem um espírito de solidariedade humana extraordinário, com sua ação social ajuda muita gente, colaborando no cartório do sobrinho Dr. Samuel de Alencar Araripe.

Zuleica de Alencar Araripe Pinheiro, fez concurso para o Tribunal da Justiça do Trabalho do Ceará, foi funcionária destacada e como mãe também revelou-se uma excepcional mãe de família. Casou-se com o ilustre médico cearense, Mário Mamede Pinheiro. Também Zuleica muito me ajudou quando eu era aluno do Instituto dos Cegos do Ceará, escrevendo meu caderno de lembranças de mais de cem páginas, do qual tirou duas cópias.

Segue sua trova :

Filha e esposa dedicada
mãe bondosa e grande amiga
é Zuleica retratada
na minha humilde cantiga.

Luiz Gualter de Alencar Araripe, médico de destaque em Fortaleza, onde tem grande clientela.

Ossian de Alencar Araripe, formou-se em Direito e foi trabalhar num cartório em Crato. Casou-se com a professora Maria do Céu Vilar, filha do senhor José Vilar e de Dona Sinhazinha Alencar, cunhada de seu tio, Dr. Antonio de Alencar Araripe, foi prefeito de Crato tendo feito uma boa administração, é Deputado Federal, conseguindo se reeleger em várias legislaturas, A ação do Deputado Ossian Araripe foi um fator de grande progresso da família.

Jairo de Alencar Araripe, engenheiro, foi diretor do DNOCS, do Departamento de Estradas de Rodagem, construiu para o DNOCS o açude Quixabinha, foi presidente da CAGECE do Ceará, em todos os cargos que exerceu revelou sempre competência e alto espírito público, é um dos grandes engenheiros do Nordeste.

Jacira de Alencar Araripe Rocha, funcionária pública, mãe de família exemplar.

Jelda de Alencar Araripe Andrade, funcionária pública, competente, mãe de família exemplar.

Neidja de Alencar Araripe, funcionária por concurso da Justiça do Trabalho.

Maria de Fátima Alencar Araripe Amaral, médica, exerce a profissão no Rio de Janeiro.

Dona Tezinha deixou 37 netos e 46 bisnetos, quase todos tem curso universitário e os outros ainda estão estudando. Para realizar tão magnífica obra de educação contou com um casamento por amor na escola do trabalho e da disciplina, nela a palavra abnegação e solidariedade eram vividas na plenitude de seu conteúdo. Se muitas famílias agissem assim não haveria crise de educação, seu exemplo é o caminho que devemos seguir para que o Brasil seja uma das maiores potências do mundo.

Quero homenagear os netos de Dona Tezinha na pessoa dos Doutores Samuel Alencar Araripe e Ossian Alencar Araripe Filho, jovens de alto espírito público.

O HOMEM E O RIO

CORREIA COELHO

O homem deveria ser como o rio,
No percurso de sua vida aqui na terra,
Mantendo sua conduta, sem desvio
À semelhança daquele que não erra.

Saber viver é algo bem sadio,
No objetivo que a vida encerra.
Para não se deixar cair no vazio,
Contorne tudo aquilo que o emperra.

Descubra bem o lado positivo,
Nessas lições sábias do oráculo.
Torne-se forte, sereno e altivo

E veja como o rio faz, sem milagre :
Ele só atinge o seu objetivo,
Por saber contornar os obstáculos.

RIO GRANGEIRO

Tá vendo aquele vale fétido
Todo carcomido pela erosão ?
É o Grangeiro, o rio da integração.
Foi ao seu lado, na praça da Sé,
Que surgiu nossa querida Crato,
Quando frei Carlos fundou a Missão;
Extinguindo o antiquíssimo Curato,
Aldeando os índios em pleito de fé,
Na Mãe de Deus, Senhora Penha de França,
Eternamente fixa em nossa lembrança.

Este filho da Araripe, a Serra,
Nasceu a centenas ou milhares de anos,
E em desfiladeiro, rompendo rochas,
Derrubando árvores e cavando a terra:
Serpenteando-se tomou seu rumo,
Levando água límpida qual umas tochas
Cortando ladeiras em desaprumos;
Para à Missão água potável oferecer:
Aos frades e a indiada para beber
A seiva que sua Mãe lhe dar com prazer.

E a Missão sendo também Curato,
Scssenta e seis anos teve de durar
Pra tornar-se a Vila Real do Crato.
A primeira comuna de toda Zona Sul,
De lutas, derrotas e glórias e revolução
Pela Independência de nosso Brasil
Que Martiniano e muitos amigos seus
Quando do púlpito o brado alevantou
Liberdade ao Brasil em nome de Deus.

A Vila foi crescendo, crescendo
Até Cidade se tornar livre, autônoma.
E o Grangeiro muita água oferecendo,
Saciando a sêde da população somando
O número de muitas vezes mais de mil
Até quando seu curso desviaram aos reboques
E foi perdendo sua água cor de anil
Tornando-se barrentas paradas nos bosques
Com águas vagarosas correndo sutil
Presas em canais pra não darem choques.

Quem foi o Grangeiro que ontem se viu
Para o Grangeiro que hoje se vê !
Ontem rico de água pura e cristalina,
Hoje, coitado ! Servindo de sentina,
Sim, porque se então cheiroso foi,
Atualmente exala triste fedentina,
Mas continua o rio da Integração,
Porque se deu água pra cozer feijão
Recolhe os detritos da cidade inteira
Todo infestado e cheio de porqueira.

Os homens exprimeram seu curso
Aqui e ali, apertando-o em canais,
Mas quando o inverno vem cresce
Seu volume e sangando à cidade
Devolve, paus, pedras e detritos,
Por cada rua que a ele próximas ficam
Dando trabalho às administrações
E hajam garis para as vias públicas limpar
Demonstrando sua ira por muito tempo
A gente ver aqui, ali e acolá, seu nembro.

Grangeiro, meu Grangeiro, rio Histórico;
Córrego querido do meu coração,
Não há um cratense que não adore
De Frei Ferrara ao Prefeito atual,
Mas você não fala. Como foi a revolução ?
A bravura de Martiniano falando no púlpito
Tornando o Brasil Independente no Cariri,
Diga-me, por favor o que fez o público:
Sim, vivaram de alegria o ato do Diácono
Que o tornou imortal e lembrado aqui.

Pereira Filgueiras foi também independencionista,
Prometera como capitão-mor calar e observar
Até quando Leandro Bezerra e Pinto Madeira
Forçaram-no prender os revolucionários
Martiniano Tristão e Bárbara de Alencar
Você presenciou toda a história do Crato;
Fale-nos das ocorrências desde o Curato
Revele-nos as trajetórias recentes
Ensine-nos falarmos de povo tão decente !.
Queremos saber de tudo de nossa CRATO.

MOACYR GONDIM LÓSSIO

Joaryvar Cinquentenário

O dia 20 de Maio de 1987 assinala o cinquentenário de idade do escritor, pesquisador, historiador e linhagista Joaryvar Macêdo, ex-Vice-Presidente do ICC e que, Secretário de Cultura do Ceará muito realizou, dentro de suas possibilidades. Em homenagem ao querido amigo e grande colaborador, transcrevemos seus dados biobibliográficos, extraídos do livro de Dimas Macêdo — LAVRENSES ILUSTRES, onde os nossos leitores terão uma visão de corpo inteiro desse que é um dos maiores cearenses da atualidade.

Queremos, por oportuno, expressar o nosso reconhecimento por tudo o que tem feito pelo nosso ICC.

JOAQUIM LOBO DE MACEDO

Nasceu Joaquim Lobo de Macedo (Joaryvar Macedo) no Sítio Calabaco, a 08 quilômetros da cidade de Lavras da Mangabeira, aos 20 de maio de 1937, filho de Antônio Lobo de Macedo, político influente no município, e de Maria Torquato Gonçalves de Macedo.

Na terra natal estudou as primeiras letras com as professoras Teresita Bezerra, Irony Gonçalves, Adelize Macedo e Nícia Augusto Gonçalves, entre outras. Posteriormente, foi aluno do Seminário Diocesano do Crato, Seminário Arquidiocesano de Fortaleza, cursando inclusive Teologia nos Seminários Arquiepiscopais de Olinda, Recife e João Pessoa. Em 1965 ingressou na Faculdade de Filosofia do Crato, por onde licenciou-se em Letras, colando grau aos 07 de dezembro de 1968, sendo na oportunidade Orador Oficial da turma. Possui ainda curso de pós-graduação em Metodologia do Ensino Superior pela Universidade Católica de Salvador.

Depois de formado, abraçou a carreira do magistério, que tem exercido com afinco e sinceridade, como professor da Faculdade de Filosofia do Crato e de vários estabelecimentos de ensino de Juazeiro do Norte. Exerceu igualmente o magistério em Recife, e Cajazeiras no Estado da Paraíba. É autor do Hino do Colégio Agrícola de Lavras da Mangabeira e do Brasão de Armas do 2º Batalhão da Polícia Militar do Ceará (histórico e heráldica). Ensaísta e historiador, em 1974 fundou o Instituto Cultural do Vale Caririense, que dirige e do qual foi aclamado presidente perpétuo. Como pesquisador dedica-se aos estudos da formação étnica, histórica e cultural da Região do Cariri.

Como sócio honorário, efetivo ou correspondente, pertence, dentre inúmeras outras, às seguintes associações culturais: Instituto Paraibano de Genealogia e Heráldica, Instituto Genealógico Brasileiro, Instituto Histórico e Geográfico de Uruguaiana, Academia de Letras e Artes

do Nordeste Brasileiro, Academia Internacional de Genealogia e Heráldica, ICC, Clube da Poesia de Uruguaiana, Academia Internacional de Ciências Humanísticas, Centro de Folclore de Piracicaba, Academia Castro Alves de Letras da Bahia, Instituto Histórico e Geográfico do Ceará, Academia de Letras de Uruguaiana, Academia de Trovadores da Fronteira Sudoeste do RGS, Instituto Genealógico do Cariri, Instituto Argentino de Cultura Histórica, Academia de Ciências Humanísticas e Relacionais, Academia Sobralense de Estudos e Letras, Instituto Histórico e Geográfico do Piauí, Academia Piracicabana de Letras e Instituto Cultural do Vale Caririense.

Historiador dos mais lúcidos e penetrantes, de que tem dado provas fidedignas, no Ceará é, talvez, a maior expressão no campo dos estudos genealógicos. Entre outras é detentor das seguintes condecorações culturais: Comenda da Cruz de João Ramalho, Medalha Cultural Silva Leme, Medalha de Ouro do Mérito Acadêmico, Medalha de Ouro (simbólica) da I IHGU, Diploma de Intelectual do Ano de 1971 da CAJJUNOR, Diploma de Cavaleiro Benemérito da Ordem da Literatura de Cordel, Diploma de Gratidão da FFC, Diploma e Troféu do I Prêmio de História (IHGU), Diploma e Troféu do 1º Prêmio de Ensaio (ALU) e Medalha de Distinção Cultural da I SULAM.

Além de farta produção esparsa em jornais e revistas do Ceará e de outros Estados, publicou o professor Joaryvar Macedo os seguintes trabalhos: "Cadernos de Loucuras" — 1965; "Discurso de Orador Oficial da Turma de 1968" — 1968; "Apresentação de Fagundes Varela" — 1971; "Os Augustos" — 1971; "Otilio Macedo" — 1972; "Um Bravo Caririense" — 1974; "O Poeta Lobo Manso" — 1975; "Templos, Engenhos, Fazendas, Sítios e Lugares" — 1975; "A Estirpe da Santa Tereza" — 1976; "Pedro Bandeira, Príncipe dos Poetas Populares" — 1976; "Fagundes Varela e Outros Rabiscos" — 1978; "Influência de Portugal na Formação Étnica e Social do Cariri" — 1978; "Origens de Juazeiro do Norte" — 1978; "Presença Inconcussa de Norte-Rio-Grandenses na Colonização do Cariri" — 1979; "Composições Poéticas de Hermes Carleial" — 1979; "O Contingente Paraibano na Colonização do Cariri" — 1980; "Autores Caririenses" — 1981; "Lavras da Mangabeira — Dos Primórdios a Vila" — 1981; "Alencar Peixoto, Um Clássico" — 1981; "Pernambuco nas Origens do Cariri" — 1981; "Orações Acadêmicas" — 1983; "O Talento Poético de Alencar e Outros Estudos" — 1984; e "São Vicente das Lavras" — 1984.

Em começos de 1983 transferiu-se para Fortaleza, indo inicialmente ocupar as funções de Assessor Especial do Presidente do Conselho de Educação do Ceará, para depois ser escolhido Secretário de Cultura e Desporto do Estado e, por conseguinte, Presidente do Conselho Estadual de Cultura, funções nas quais ainda permanece. Igualmente em 1983, foi eleito para a Academia Cearense de Letras, onde ocupa a cadeira nº 04, que tem como patrono Antônio Bezerra, e que teve como ocupantes, sucessivamente, João Otávio Lobo, Antônio Furtado Bezerra de Menezes, Raimundo Girão e José Milton de Vasconcelos Dias.

Centenário do Instituto do Ceará

As glórias literárias e científicas do nosso Estado encontram-se em festas, com a passagem, em 4 de Março de 1987, do primeiro Centenário de uma de suas augustas instituições, cadinho famoso onde se juntaram, desde há um século, as maiores cabeças pensantes do Estado, responsáveis pelos seus estudos mais sérios e acurados e as pesquisas científica, social e humana da nossa formação — as mais profundas e importantes.

Trata-se do Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico, Antropológico) de tão largo conceito e tão extraordinária repercussão no Brasil e no exterior que enobrece a terra cearense por sua centúria agora comemorada.

Constituiu a equipe de fundadores, em 4 de Março de 1887: Paulino Nogueira, seu Primeiro Presidente, Joaquim Catunda, João Perdigão, Guilherme Studart, Julio Cesar da Fonsêca, Padre Dr. João Augusto da Frota, Antonio Augusto Vasconcelos e Antonio Bezerra — a que se juntaram, mais tarde, Virgílio Brígido, Juvenal Galeno e Virgílio de Moraes.

Em 6 de Abril de 29 faleceu o grande Thomaz Pompeu. Nessa data assume a Presidência Guilherme Studart, o Barão, alma, cérebro e coração, o maior pesquisador cearense, cuja vida e obra sintetizam a própria essência do Instituto, tanto que ele é o seu Patrono e Presidente Perpétuo. Vieira Fazenda o classificaria de "o Alexandre Herculano do Norte do Brasil". Em Setembro de 1938 falecia o Barão — a esta altura, desde 1931 o Instituto já estava enriquecido com as presenças de José Pedro Soares Bulcão, Martinz de Aguiar, Carlos Livino de Carvalho, José Carvalho, Leonardo Mota. Em 1939 passam a integrar seus quadros Dolor Barreira e Raimundo Girão.

Em 5 de Janeiro de 43 nele ingressam Antonio Martins Filho e Luis Sucupira, e, depois, Pe. Dr. Misael Gomes, Clodoaldo Pinto, Dias da Rocha, Dom Antonio de Almeida Lustosa, o grande Carlos Studart Filho, Fernandes Távora e Renato Braga.

Pelos nomes citados — a nata da intelectualidade pensante do Ceará — se tem uma idéia do Instituto, hoje presidido pelo espírito dinâmico de Martins Filho. E veja-se que não falámos em Mons. Bruno, Rodolfo Teófilo, Soriano Albuquerque, Álvaro Fernandes, Pe. Rodolfo Ferreira da Cunha, Álvaro Bomilcar, Waldemar Falcão, Djacir Menezes, Hugo Vitor, Demócrito Rocha. Plácido Castelo, Parsifal Barroso — desses, vivo só o Mestre Djacir — e mais, os modernos, de hoje, Vinicius Barros Leal, João Hipólito, Geraldo Nobre, Virgílio Távora, Guarino Alves, Cláudio Martins, Mauro Benevides, Fran Martins, Maria da Conceição Sousa, Florival Seraine, Tácito Teófilo, Itamar Spindola, J. C. de Alencar Araripe, Eduardo Bezerra Neto, Helio Melo.

QUANDO A VIDA É BELA

JÉFFERSON DE ALBUQUERQUE

"A vida é bela quando se tem amigos."

Mas,

a vida é mais bela
se os amigos
foram ou são feitos através de Rotary.

A vida é mais e mais bela,
se temos fé.

E,

mais ainda,

quando temos esperança.

A vida é bela

se podemos sorrir,

E

o é mais quando amamos.

Muito mais ainda é bela

quando somos amados.

A vida é bela

quando servimos

E,

mais e mais,

quando olhamos o próximo
como quando a um irmão olhamos.

POUSADA DO RIO QUENTE — GOIAS, 27 de setembro de 1986

Fernando Câmara, Aristides Ribeiro, General Raimundo Teles Pinheiro, Mozart Soriano Aderaldo, Eduardo Campos...

Imortal constelação que enobrece e dignifica o Ceará, a veneranda instituição vê decorrer seu primeiro século com quase 100 números de sua revista já publicados e inumeráveis coleções dadas à lume sobre a antropologia, a ciência, a geografia, o meio físico, tudo do Ceará e dos cearenses.

Muito nos orgulhamos do Instituto do Ceará e aqui trazemos aos seus membros e à sua Diretoria a expressão do nosso apreço, reconhecimento e admiração, que são, também, de todo o povo cearense.

O ICC sente-se particularmente grato em registrar essa efeméride, de marcante importância na vida cultural do Estado.

NA "CASA DO AMOR"

DR. ANTÔNIO MARCHET CALLOU

Todos sabemos que o Hospital-Maternidade São Vicente de Paulo é uma casa de saúde que recebe seus pacientes com carinho e devoção em face de seu espírito humanitário. Seu nome não se restringe apenas no seio da Região mas nos arredores, ampla moldura sertaneja dos estados que a circundam. Vai além; ecoa no ciclo hospitalar do país e até no estrangeiro.

Dr. Napoleão Tavares Neves, um dos seus clínicos, em uma das suas divulgações na Rádio Salamanca de Barbalha, definiu o São Vicente como sendo Casa do Amor. Este médico, cronista, jornalista acaba de escrever sua história recentemente.

Enquanto aguardo minha vez na sala das ações integradas de saúde, A. I. S., vejo dardejear uns vestígios de lembrança nos olhos de quem chega e outros de alegria nos dos que saem.

Observo o bom humor dos recepcionistas, médicos, enfermeiros, como se houvesse cristalizado nas suas mentes amor ao dever e a abnegação e a renúncia da sua diretora, Irmã Edeltraut Lerch, beneditina.

Embora seja verdade que quot capita tot sensus, todos trabalham como se fosse uma cabeça só, sem servidão, espontaneamente, no cumprimento do seu ofício. Tudo aseado, luzidio, como se dezenas de consulentes não penetrassem ali diariamente.

Antes de voltar, vejo de soslaio a unidade de terapia intensiva, U. T. I. Rio e penso: Deus me livre de você, que sou barroco: amo o céu mas gosto também do meu meio físico. Por enquanto não me quero ir dele. Penso que ninguém quer morrer, o que não deixa de ser instinto de conservação, aparente incoerência, vez que "morrendo é que se vive para a vida eterna", se cada um de nós souber nos haveremos aqui em baixo.

Por extensão, acode-me à lembrança os outros hospitais do nosso Vale. Então penso nos do Crato: Hospital-Maternidade São Francisco, filantrópico, o decano do Cariri; Casa de Saúde São Miguel; Casa de Saúde Joaquim Bezerra de Farias; Casa de Saúde Santa Tereza; Hospital Regional Manuel de Abreu; Hospital Infantil Monsenhor Rocha; Hospital Infantil do Crato (anexo ao Hospital São Francisco). São sete.

Os outros, no Juazeiro do Norte, com igual número; Hospital-Maternidade São Lucas, filantrópico, o decano daquela cidade; Hospital do Pronto Socorro do Juazeiro; Casa de Saúde Santo Inácio; Pronto Socorro Infantil do Juazeiro, P. S. I. C.; Instituto de Medicina Infantil do Juazeiro, IMUJUO; Hospital de Fraturas e Ortopedia do Cariri; Hospital Infantil Stefânia Rocha Lima.

Se os dirigentes da Nação, dos estados, dos municípios, resolverem a Política no seu verdadeiro conceito — A ARTE de Governar Bem — em vez de se preocuparem mais com a política dos seus interesses próprios o Cariri como em qualquer setor do seu desenvolvimento, fará muito mais em proveito da saúde do seu povo, consequentemente pela saúde pública.

Barbalha, 30 de janeiro de 1987

22 de Junho de 1987: Cinquentenario do Rotary Club do Crato

O dia 22 de Junho de 1987 será festivamente comemorado em Crato, pois assinala os 50 anos de funcionamento do Rotary Club do Crato, um dos mais antigos do Brasil.

Ao longo desses 50 anos, muitos foram os serviços prestados pelo Rotary, em nosso meio. Pode-se dizer que praticamente todos os atuais sinais de progresso da nossa cidade tiveram a participação direta ou co-participação do Rotary.

A campanha pela vinda da energia de Paulo Afonso, culminando com a sua chegada ao Crato em 28 de Dezembro de 1961, campanhas pelo Colégio Agrícola, emissora de rádio, Faculdades, Universidade, Distrito Industrial e centenas de outras, realçam o brilhantismo dessa atuação sem par.

Hoje, fundadas pelo Rotary, funcionam em Crato a Casa da Amizade, a Fundação José Horácio Pequeno e a Escola Rosamélia Oliveira (corte e costura e arte culinária) e a Escola Rotary do Lameiro.

C A R T A C O N S T I T U T I V A

A Carta Constitutiva do Rotary Club do Crato foi entregue, somente, a 18 de Fevereiro de 1938, por uma luzida comitiva vinda de Fortaleza, constituída por Carlos Ribeiro, então Governador do Distrito, Thomaz Pompeu de Sousa Brasil, Abnedago Rocha Lima, Edgar Dutra Nunes, Germano Ponte, Alberto Craveiro, José Thomé de Saboia, José Pompeu de Sousa Brasil e Raimundo Girão.

S Ó C I O S F U N D A D O R E S

Foram sócios-fundadores do Rotary Club do Crato :

Irineu Pinheiro, Presidente — Antonio de Alencar Araripe, Ivan Ramos, João Batista de Siqueira, Cândido Hermes Carneiro Monteiro, Hermes Paraiba. Plínio Cavalcante. Otacilio Macedo, José Barbosa da Costa Filho, Ernani Silva, Elmar Silva, Pergentino Maia, Décio Teles Cartaxo, José Eurico Ribeiro da Silva, Álvaro Esmeraldo, Jéfferson de Albuquerque e Sousa, Antonio Macário de Brito, Álvaro Garrido e Miguel Limaverde.

O Rotary Club do Crato é presidido, hoje, por Francisco Zelo Filho.

Eis a relação dos seus Presidentes, ao longo deste meio século de vida :

Presidentes do Rotary Club do Crato

Desde a sua Fundação

- 1937-1938 — Irineu Nogueira Pinheiro
1938-1939 — Antônio de Alencar Araripe
1939-1940 — Miguel Lima Verde
1940-1941 — Décio Teles Cartaxo
1941-1942 — Jéfferson de Albuquerque e Sousa
1942-1943 — Irineu Nogueira Pinheiro
1943-1944 — Antônio Macário de Brito
1944-1945 — Cândido Hermes Carneiro Monteiro
1945-1946 — José Eurico Ribeiro da Silva
1946-1947 — Antônio Macário de Brito
1947-1948 — Danilo de Brito Coelho
1948-1949 — Décio Teles Cartaxo
1949-1950 — Aldemir Pereira de França
1950-1951 — Darival Teles Cartaxo
1951-1952 — Orestes Costa
1952-1953 — Alexandre Sauly Mourão
1953-1954 — Raimundo de Oliveira Borges
1954-1955 — Thadeu de Paula Brito
1955-1956 — Cândido Hermes Carneiro Monteiro
1956-1957 — Aníbal Viana de Figueiredo
1957-1958 — Antônio Macário de Brito
1958-1959 — Jéfferson de Albuquerque e Sousa
1959-1960 — Orestes Costa
1960-1961 — Joaquim Pinheiro Teles
1961-1962 — José Elisio Nogueira
1962-1963 — Raimundo de Oliveira Borges
1963-1964 — Humberto Macário de Brito
1964-1965 — Antonio Correia Coelho
1965-1966 — Derval Peixoto
1966-1967 — Pedro Barros/Balduino Bezerra de Sousa
1967-1968 — Jósio de Alencar Araripe
1968-1969 — José Peixoto de Alencar Cortêz
1969-1970 — Juvêncio Mariano dos Santos
1970-1971 — Gutemberg Sobreira de Menezes
1971-1972 — Euclides Francelino de Lima
1972-1973 — Paulo Cartaxo Esmeraldo
1973-1974 — Solon Pinheiro Teles
1974-1975 — José Peixoto de Alencar Cortêz
1975-1976 — Antonio Valdir Oliveira

Moacyr Gondim Lóssio Lança Livro

O historiador, grande colaborador e amigo do ICC, Moacyr Gondim Lóssio, lançou, no Palácio do Comércio, seu mais recente livro — INICIAÇÃO À HISTÓRIA DO CARIRI, em 28-01-87. Fez o prefácio o Presidente do ICC, J. Lindemberg de Aquino.

Na solenidade, presentes, intelectuais, professores, familiares e amigos do Autor, falaram o Dr. Francisco Cunha, J. Lindemberg de Aquino e Moacyr Lóssio, depois da apresentação magnífica feita pelo Dr. José Peixoto de Alencar Cortêz. O livro é muito valioso para os que se interessam pela pesquisa da história regional e foi publicado pelo Departamento de Cultura da Prefeitura do Crato.

ADVERSIDADE

ANTONIO MARCHET CALLOU

Eu fico triste quando estou feliz,
Não sou feliz com a felicidade.
A rejeitei mil vezes porque quis.
Eu só sou gente na adversidade.

“És muito alegre” todo mundo diz
Ouço dos meus amigos da cidade
Mas fico triste quando estou feliz,
Eu não me dou com a felicidade.

Porém atualmente, apaixonado,
Estou feliz, feliz, que estou amando
Em frente ao sol do amor agora nado.

Vai pois, Felicidade, vai-te embora !!
Vai não, Felicidade, estou brincando
Quero é ser triste e muito triste agora.

-
- 1976-1977 — Luiz Barreto de Moraes/José Mauricio O. Lima — Padre
Gonçalo Farias Filho
1977-1978 — Eudoro Walter de Santana
1978-1979 — Geraldo Macedo Lobo
1979-1980 — José Humberto de Mendonça
1980-1981 — José Elisio Nogueira
1981-1982 — Audir Araujo Paiva
1982-1983 — João Correia Saraiva
1983-1984 — Paulo Cartaxo Esmeraldo
1984-1985 — Carlos Eduardo Esmeraldo
1985-1986 — José Vanderley Landim
1986-1987 — Francisco Zé'o Filho — Presidente do Cinquentenário.

De Crato, Portugal, a Crato, Ceará

J. L. A.

O Pe. Neri Feitosa, virtuoso sacerdote conterrâneo, colaborador da imprensa, sócio do Instituto Cultural do Cariri, foi à Europa em meados de 86. Antes de ir, fixou a idéia de visitar e conhecer CRATO, a cidade portuguesa do Distrito de Portalegre, cujo nome foi transplantado pelo mar para servir de nome à nossa cidade.

Munido de farto material sobre o nosso Crato, jornais, revistas que publicamos, folhetos, fotografias, livros, guias, albuns e roteiros, o Pe. Neri realizou a viagem que eu acho que cada cratense do Ceará desejaria fazer, conhecer o Crato-mãe, que inspirou os colonizadores portugueses a fundar uma outra cidade do Crato nome em terras da América. Ali o Pe. Neri entrou em contacto com autoridades e lideranças, distribuiu o material, tornou conhecida a cidade afilhada, ante os lusos. e fez esse serviço extraordinário de entrelaçamento humano e sentimental, que, de há muito, deveria ter sido feito.

O ilustre sacerdote munuiu-se, ali, de farto material sobre a Crato portuguesa, que lhe vai possibilitar fazer conferência em nossa terra, brevemente, para os interessados, sob o patrocínio do Instituto Cultural do Cariri.

E trouxe-nos algum material sobre aquela bela cidade de Portugal, que lá é chamada de "Vila do Crato", certamente em obediência aos usos e costumes dali e à classificação que se dá, além mar, aos núcleos urbanos.

É esse material que vem de ser incorporado aos arquivos do ICC e que se constituem motivo de curiosidade para quem se interessa pelo fato.

Estamos, por exemplo, com um Catálogo do Artesanato da Vila do Crato e seus arredores, ricamente ilustrado. Temos também uma publicação, de autoria de Alexandre de Carvalho Costa, denominado — CRATO Vila Concelhia do Distrito de Portalegre. Relata tudo sobre os gentílicos aplicados aos seus habitantes das diversas áreas municipais. Há também um fôlder — CRATO, PORTUGAL, impresso a cores, em off-set.

Mostra diversos aspectos da cidade, conventos, museus, bibliotecas, templos, pontos turísticos.

Temos também uma outra publicação — FORAL DA VILA DO CRATO, de M. Inácio Pestana, em latim e com tradução portuguesa e notas explicativas. Trata-se, talvez, do primeiro documento sobre o Crato português, datado de 1232.

Antes disso ali florescia uma povoação de origem fenícia, da idade média.

Prefeitura Municipal de Assaré - Ce.

ESTADO DO CEARÁ

Assaré, 18 de fevereiro de 1986

Caro Lindemberg,

A sua sugestão foi muito feliz em lembrar à nossa administração de que o Dr. Pedro Firmeza, ilustre filho desta terra, deve ter seu nome imortalizado em um logradouro público. Portanto, atendendo a sua sugestão, enviaremos mensagem à Câmara Municipal, solicitando autorização para homenagear o Dr. Pedro Firmeza, dando seu nome a avenida de entrada da cidade, para quem vem do Cariri.

Quero portanto, agradecer o seu esforço para adquirir os dados sobre a vida e obra do ilustre assareense Pedro Firmeza. E, parabenizar você e o Instituto Cultural do Cariri por mais um excelente número da revista Itaytera.

E ainda, quero agradecer as suas palavras honrosas à minha administração no Jornal Tribuna do Ceará.

Um abraço cordial,

Dr. Pedro Gonçalves de Oliveira

PREFEITO MUNICIPAL DE ASSARÉ

A coleção do Pe. Neri, doada ao ICC se completa com dois exemplares do moderno jornalzinho, ilustrado, da Câmara Municipal do Crato português. A Câmara, ali, parece que exerce o papel que a Prefeitura exerce pelos lados de cá. Relatam-se as obras concluídas e em andamento, os projetos, etc.

O Presidente da Câmara, ali é Antonio José Leitão;

E para arremate de um brinde tão expressivo, veio, para o ICC, uma Medalha grande, de bronze, cunhada pela Câmara Municipal do Crato português, comemorativa dos 600 anos da Batalha de Aljubarrota, um dos maiores acontecimentos históricos de Portugal. Veio em rico estojo, com diploma.

Afloram-nos à alma delicados sentimentos de gratidão, admiração e patriotismo, por nos ser dado conhecer aspectos do Crato português. Uma rica oportunidade, mesmo à distância, que o Pe. Neri nos proporcionou. E é com esse sentimento de latinidade que agradecemos tão obsequiosas ofertas.

Esperamos, doravante, estreitar os laços de amizade, companheirismo e intercâmbio entre as duas comunidades gêmeas de nome!

“ROTA BATIDA” e “GUERREIROS DO SOL” Reflexões em torno de dois livros

ANTONIO NIRSON MONTEIRO

Remetidos em meses diferentes, chegaram-me às mãos estes dois livros. Vieram de Recife remetidos pelo autor. “ROTA BATIDA” — Escritos de lazer e de Ofício” e “GUERREIROS DO SOL — O banditismo no Nordeste do Brasil” — Editora Massangana — Fundação Joaquim Nabuco.

Estes dois livros são de autoria de Frederico Eduardo Pernambucano de Mello. Frederico Pernambucano, como costuma resumir o autor seu extenso nome, não necessita de aval e ao escrever estas reflexões o faço por puro prazer. Autor da presente geração que está chegando para ficar, em Pernambuco não precisa de apresentação. Em bem pouco tempo estamos certos que o Brasil verá na sua obra nascente um trabalho científico indispensável na sua bibliografia de Ciências Sociais. Ocupa hoje o autor a Direção do Instituto de Recursos Humanos e Promoção Cultural da célebre Fundação Joaquim Nabuco. Falar destes livros e do autor, é falar desta magna instituição de Pernambuco, instituição não só desse estado, mas, do Nordeste e do Brasil. Com este sentido de universalidade além região, a criou o então deputado constituinte de 46, GILBERTO DE MELLO FREIRE, apresentando à Câmara Federal projeto em 1948 e o defendendo brilhantemente ao dizer que "...será principalmente um centro de estudo vivo, de pesquisa de campo, anexo talvez à Universidade do Recife e à da Bahia, e no qual se estude o homem regional das zonas rurais do Norte. Este estudo visará um conhecimento geral do homem regional das mesmas zonas: — antropométrico, etnológico, etnográfico, folclórico, sociológico, econômico". (Discurso de Gilberto Freire na Câmara Federal — sessão de 04.12.48 justificando a criação do então Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisa Social, com sede em Recife, transformado em 1930 na Hoje FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO). O homem pensou e a obra nasceu com a mercê inexcedível de Deus. É esta a grande instituição que tem florescido em Pernambuco como guardiã da memória regional e repositório do histórico regional. Não se fará História sem se guardar avaramente os fatos das diversas regiões componentes da nacionalidade.

Mas, vamos ao homem e ao caso, melhormente ao autor e aos livros objetos destas leves reflexões.

Fred Pernambucano, como era carinhosamente conhecido por seus colegas na velha FACULDADE DE DIREITO de Recife, é sangue novo dentro da famosa casa de Mestre GILBERTO FREIRE. O conhecemos nos bancos acadêmicos, colegas de turma e turno, e mais que isto, amigos. Havia entre nós, já naquele tempo, afinidades. Ele, de origem urbana e asfáltica. Mais que isto, nascido e criado ao som das ondas do mar da Boa Viagem. Eu, por meu lado, homem rural confesso, nordestino do sertão do Cariri do Ceará, nascido e quase criado ao compasso do chocalho de dois tons. Mas, os contrários de espírito, como na ciência física, se atraíam. O gosto do jovem pernambucano e Recifense pelos valores sertanejos do Nordeste aproximou e fez irmanar o matuto e o praciante.

Fred Pernambucano foi aluno brilhante e laureado da velha academia do Recife e terminou eleito por quase aclamação orador da turma de 1971. Nossos hábitos quase sempre secos no trato da personalidade alheia, pelo dever de ofício de Juiz, tenha de mim misericórdia Deus, não conseguem inibir o entusiasmo pelo jovem escritor. Aliás, tenho certeza real que este entusiasmo domina qualquer leitor atento de seus trabalhos. Chamo para testemunhar o Dr. Napoleão Tavares Neves, intelectual de valor no Cariri e que não poupou elogios ao trabalho deste jovem mestre. Para citar um dos vários leitores do livro "Guerreiros do Sol" no Cariri, pois já vi o livro em mãos várias no Crato.

Estudioso de nossos problemas; pesquisador consciente, investigador honesto, trabalhador incansável na busca da verdade, severo crítico das suas fontes e das mais variadas implicações factuais, teve sempre pendor para os assuntos sertanejos, principalmente o cangaço e seus liames.

Não esmoreceu ao ser admoestado por vulto da intelectualidade de Pernambuco que indigitou para a antiguidade clássica da História sua trajetória e seu pendor para a pesquisa, alegando que não valia a pena gastar energias com assunto de tão pequena monta como o banditismo rural nordestino. Vendo hoje seu trabalho esta pessoa de raro valor intelectual, passou a ser admirador e incentivador do autor de "GUERREIROS DO SOL". É que este trabalho segue a estrada real do regionalismo pitoresco e ao mesmo tempo preenche as lacunas da História Geral de um povo que só a visão regional tem cabedal para fazê-lo. É a história de um povo que se está retratando, quando de forma consciente se aborda o regional como célula do universal. Frederico Pernambucano está na trilha certa e de "Rota Batida" para o fato histórico científico. É depositário de manancial inesgotável de amor pelo sertão. Desde os primeiros anos de colegial intensificou suas buscas neste campo. Reuniu material. Fotos, documentos, filmes, objetos do cangaço, estórias guardadas pela tradição oral e cheçadas de forma minudente e crítica, entrevistas, reconstruções de fatos com presença em lugares onde eles se passaram.

Por várias vezes estivemos juntos nas buscas exaustivas nos velhos jornais do arquivo da Torre do Relógio da Faculdade de Direito do Recife.

Ali estivemos cotejando fatos, examinando referências e copiando como podíamos as amarelas páginas do "JORNAL PEQUENO" e do sempre respeitado "DIÁRIO DE PERNAMBUCO". Caturávamos notícias, telegramas, notas que envolvessem Lampião, as volantes e "persigas". Passávamos tardes debruçados sobre a preciosa coleção de jornais velhos, verdadeiro tesouro da memória nordestina. Ao encontrar comprovação na antiga imprensa para fatos que suas pesquisas de campo detectaram, era um alívio.

Frederico Pernambucano é homem do sertão. Chega a dizer que não gosta de viagens para o sul ou exterior. Gosta é de viajar para o interior, para o encontro com o habitante das brenhas. Homem da terra, é capaz de entreter diálogo com o sertanejo mais bronco e de linguajar estropiado, sem que o interlocutor fique desconfiado e nele perceba o bacharel bisbilhoteiro e carangueijo da pancada do mar. Conversa com coronéis de barranco e os deixa assombrados com sua sabinha das coisas sertanejas. É a embocadura para o ofício, já que a psicologia mais moderna não aceita vocação no sentido tradicional. Nos seus escritos demonstra familiaridades e conhecimentos de vária natureza, seja no campo erudito da antropologia, sociologia criminal ou das ciências especulativas em geral, como no campo da comunicação popular. Quem o ler descobrirá logo o humanista.

"ROTA BATIDA" reúne trabalhos publicados em jornais, revistas, conferências, discursos que já refletem a dimensão maior de sua produção futura. Quem conhece a linguagem sertaneja sabe que sair de "marcha batida" ou de "rota batida", é viajar sem pouso, sem descanso por longo tempo, sem botar a baíxo, léguas seguidas. Assim faziam os cangaceiros e cabras das contendas sertanejas quando havia necessidade de distanciar-se das volantes, dos macacos do governo. Assim declara Ângelo Roque da Costa, o "Labareda", chefe de subgrupo de Lampião em seu depoimento ao Prof. Estácio de Lima: "Siguimo di marcha batida pra Paripiranga".

"Guerreiros do Sol", por seu turno, é livro inteiriço que retrata as guerras sertanejas, principalmente as refregas do cangaço desde as manifestações mais distantes no tempo até o presente momento com as lutas de família por motivações políticas e de vingança cruenta. É uma espécie de História Geral do Banditismo Rural e Urbano do Nordeste.

Muito já se escreveu sobre o velho tema. Mas, quanta tolice; quanta opinião pessoal mudando o verdadeiro sentido da história regional; quanta inverdade sem o lastro da pesquisa científica e da verdade histórica. Alguns livros de ocasião chegam a ser verdadeiros repositórios de fantasia e lorotas de péssimo gosto. Daí surgirem as interpretações mais absurdas e as deslavadas inverdades. Ainda há nos sertões quem acredite que Lampião está vivo em Goiás ou Mato

Grosso onde se estabeleceu como abastado fazendeiro. Esta afirmação absurda se deve a informações distorcidas e pouco sérias da imprensa e de livros sensacionalistas. Recentemente revista de circulação nacional publicou dando foros de verdade a pretensa filiação de um certo "João Peitudo" a Lampião. Conhecemos de muito tempo em Juazeiro do Norte este pobre homem que sempre foi motorista de "praça" e nunca afirmou tal tolice até que um repórter sensacionalista o despertasse na sua pretensão doentia.

Pelo sim ou pelo não espalha-se no seio da população iletrada tal impostura e terminam por afirmar que em Juazeiro do Norte vive um filho de Lampião. A mentira foi confundida com a verdade e terminou difusa na mente popular. Tudo isto por publicação de histórias fantásticas e sem o lastro probatório.

Quem lê Frederico Pernambucano se mune da certeza do pesquisador consciente e não teme a afirmação verossimilhante, mas, o fruto de um trabalho de pesquisa. Passa a conviver com quadros da vida do seu Recife e do sertão pernambucano. Bem verdade que não é o alto sertão do Araripe mais Cratense que pernambucano, pelas influências sofridas pela presença cultural e econômica do Crato, onde muitos fazendeiros tem o seu "pernambuco", isto é sua fazenda do sertão pernambucano para despaste do gado.

Trata o jovem mestre ali mais do sertão limítrofe de Alagoas, isto no livro "Rota Batida", onde emoldura a personalidade dos Coronéis seus amigos e até de bandidos, que representam sua matéria prima de exploração e estudo sociológico. Ainda em Rota Batida nos retrata no capítulo 16 a imagem quase mística de JOAQUIM NABUCO. Por este trabalho sente-se que as novas gerações de universitários desconhecem figuras de relevo da pátria e se ouvem delas falar imaginam tratar-se de coisa do século passado e sem ligação com o presente. É a geração da cultura do X dos vestibulares recentes, mergulhada em Hibernação cultural e aguardando o diploma universitário que os habilita, mor das vezes, de forma superficial para o exercício de profissões lucrativas. Aliás, hoje até já está se tornando desestimulante esta perspectiva pela incapacidade de absorção do mercado de trabalho. Ser engenheiro, médico ou advogado já não abre portas para a fortuna. Daí a necessidade de um maior preparo cultural nestas profissões universitárias a fim de que o futuro médico ou o futuro engenheiro ou advogado, para citar só estes, possa estar possuído de um sentido crítico da vida que enfrentará e que não pode fundar-se apenas no argentarismo vazio e que não satisfaz a larga dimensão do espírito humano. Então, necessário se faz mudar a Universidade Brasileira cada vez mais alienada e vazia. Cada universitário deve se munir de vasta cultura para poder enfrentar as realidades do momento presente.

A Universidade não deve apenas fornecer como fábrica títulos de graduação a quem a procura. Deve antes ser escola de crítica e de conscientização de valores.

Em contato com a cultura de Pernambuco — Recife já foi o centro de atração cultural maior do Nordeste, vez que hoje está havendo uma descentralização face a melhora sensível das universidades da Paraíba e do Ceará — sentimos que em nossa terra, o Ceará, não há aquela força, aquele entusiasmo e amor pelo que é nosso. O humanismo telúrico no Ceará como que é inibido pela vergonha do que é nosso. Os valores primordiais da terra são substituídos por valores importados e nossa capital se contenta em ser centro turístico por suas ruas alinhadas e seus restaurantes de luxo. Isto que não passa de superficialidade e manifestação de colonialismo cultural, tem prejudicado muito nosso povo e nosso patrimônio espiritual. Bem verdade que a Universidade Federal do Ceará está hoje bem situada entre as demais do Brasil, mormente suas escolas de Engenharia e Medicina. Entretanto, em Pernambuco há centenas de jovens intelectuais pensando e produzindo a valorização do acervo cultural da terra. Nossos parlamentares são alienados e já não despertam confiança neste campo, para falar só neste.

Não há criatividade nem preocupação com nossos valores caboclos que são os genuinamente nossos. Não queremos polemizar. São apenas reflexões em torno destes questionamentos.

Em "GUERREIROS DO SOL" Frederico Pernambucano expõe tese singular e que já se afirma como ponto final na explicação da vida de cangaço.

Neste "país dos nordestinos" o homem recebe em seu livro marcos de referência tipo "homem pecuário", "homem gadeiro" e "homem pastoril". Isto é indicador básico da presença do boi na vida nordestina desde a colonização. Nosso interior foi forjado no coice da boiada e pelos extensos compáscuos com as "bebidas" certas nas fontes dos sopés das serras e com suas festas de apartação. Daí surgiu a violência como forma espontânea de submissão dos mais fracos aos mais fortes. Como forma de dominação e poderio econômico. O valentão, o cabra, o capanga, o pistoleiro profissional, o jagunço, enfim, o cangaceiro surgiram à sombra maior de famílias sertanejas que se armavam para a vingança de membros eliminados por outras por razões de honra e questões de limites. Limites de fazendas, glebas e sesmarias.

A tese do jovem mestre de Recife se funda na teoria do "ESCUDO ÉTICO". Para ele não houve no cangaço um sentido social dirigido para a solução de problemas sociais das populações sofridas do Nordeste do Brasil.

Diz-nos o autor em "GUERREIROS DO SOL" que "o cangaceiro vivia o presente preocupando-se tão somente com a sua existência imediata". (p. 62).

A vida de cangaço tinha por motivação a vingança por ofensas à honra e à vida de parentes. Antonio Silvino teve seu Desidério Ramos, um dos matadores de seu pai. Lampião teve o seu Saturnino das Pedreiras, para exemplificar só com estes dois. Mesmo que esta

vingança nunca se materializasse como no caso de Lampião. Não importava. Moralmente este fato era meio de tentar justificar a vida de desmandos que levavam estes bandidos.

Era a couraça moral que encobria outros desígnios malsãos tais como o roubo, a rapina, a violência animal e gratuita, a satisfação dos instintos bestiais pelo estupro e a desonra alheia. Como a moral sertaneja não aceitava tal conduta, o bandido reles e inescrupuloso procurava justificar sua vida invocando estes valores maiores do sertão: — a vindita do sangue e a limpeza da honra. Eram estas as razões. Nunca o social. Nunca o político ou outro motivo nobre.

Concluindo estas reflexões sem muita verticalidade, podemos dizer que o trabalho do Dr. Frederico Pernambucano de Mello é obra de fôlego que brevemente surgirá no cenário nacional como fonte obrigatória da nossa antropologia e da nossa sociologia criminal, como já se incorporaram a estes estudos especializados os trabalhos de HOBSBAWN, INGENIEROS, CHANDLER, citando estes três estrangeiros e no Brasil ESTÁCIO DE LIMA, NINA RODRIGUES, GILBERTO FREIRE, GUSTAVO BARROSO e muitos outros. É trabalho feito sem a pressa nem a improvisação bem ao gosto brasileiro, mas, obra amadurecida ao longo do tempo. Cada dúvida levantada era como muralha intransponível e que exigia pesquisa, investigação profunda, questionamento da verdade até que não restasse qualquer interrogação a menor que fosse.

"GUERREIROS DO SOL — O banditismo no Nordeste do Brasil" — marcará época como "Casa Grande e Senzala" marcou sua época, ficando assim garantida a continuidade das mais lídimas manifestações culturais pernambucanas.

POESIA POPULAR

*No Ceará é assim,
Quando não é oito é oitenta*

AURISMAR DE MORAIS

Quero chamar a atenção
para o clima de aflição
que o nosso povo atormenta
a coisa aqui está ruim
no Ceará é assim
quando não é oito é oitenta

Nós passamos cinco anos
de fome e desenganos
a terra ficou cinzenta
morria até o cupim
no Ceará é assim
quando não é oito é oitenta

Hoje as coisas estão mudadas
as cidades inundadas
causando grande tormenta
desde o tempo de Caim
que o Ceará é assim
quando não é oito é oitenta

Quando é para fazer verão
vem relâmpago e trovão
mas a chuva se ausenta
morre do milho ao capim
no Ceará é assim
quando não é oito é oitenta

Também quando é para chover
não há quem possa conter
rio enche, açude rebenta
levando tudo ao fim
no Ceará é assim
quando não é oito é oitenta

MADRE ALMERINDA SABOIA DE A. BEZERRA

(MADRE PAULA)

T U D I N H A

(JUVENTUDE DOS SANTOS)

* 28 outubro 1986 - Crato - Ceará

† 14 novembro 1901 - Exu - Pernambuco

O SENHOR DA MESSE colhe, neste 28 de outubro, um dos mais belos frutos da secular árvore da CASA DE CARIDADE DO CRATO.

A BEATA DELMINA recebeu das mãos de Miguel dos Santos, seu afilhado, que enviuvara de MARIANA, a filha TUDINHA, para dar-lhe carinho de mãe e a devida educação. Nasceu, em EXU-PERNAMBUCO, a 14 de novembro de 1901.

Forjada na virtude, na oração e no trabalho, clima natural da CASA DE CARIDADE, soube corresponder aos que lhe foram dedicados e testemunhar, com a vida, a imagem de uma moça cristã doada ao bem comum.

Passou mais tarde a residir, com a BEATA DELMINA, na Casa nº 144 (hoje 500) da rua Nelson Alencar, desta cidade do Crato-Ceará, que conserva a construção do seu tempo, sendo o seu anjo tutelar e recebendo jovens que vinham estudar e não tinham residência local. Como atividade característica confeccionava BATINAS para seminaristas e sacerdotes, mais como MISSÃO, do que como profissão lucrativa.

A Paróquia de Nossa Senhora da Penha enchia seus dias, operosa e atuante, através das Associações Religiosas a que se consagrou: Catequese, Irmandade do Santíssimo, Apostolado da Oração, Legião de Maria, Cruzada Carmelitana, Ordem Franciscana Secular (de que foi mestra exímia de Novícias), Zeladora da Capela Nossa Senhora do Sagrado Coração do Cemitério e Visitadora domiciliar, onde houvesse uma dor, uma alegria, como presença confortadora. Total despojamento...

Seu nome JUVENTUDE DOS SANTOS foi um lema bem vivido, pois, manteve quanto pode a jovialidade das almas retas e puras, vindo a pagar o tributo da fragilidade física, na idade octogenária de 85 ANOS.

DOM NEWTON, nosso BISPO AUXILIAR, na Celebração e Exéquias da manhã do dia 29, traçou o seu epitáfio:

"SUA VIDA NÃO MUDOU, PORQUE FOI SEMPRE UM CONSTANTE CAMINHAR PARA DEUS".

Quantos lhe foram familiares :

- * pela convivência e amizade
- * pelos benefícios recebidos
- * pela orientação segura e oportuna
- * pela doutrinação catequética
- * pela participação nos momentos fortes da vida de seu povo
- * pela vizinhança de rua procurada e venerada
- * pelo exemplo de serviço, mansidão e bondade

— CHORAM, por você, TUDINHA, uma lágrima de saudade e gratidão

— REZAM uma prece, em sua Igreja

— PEDEM não se esqueça de interceder para que reine o AMOR, em cada coração, em cada família, concretizado num gesto de UNIÃO de PARTILHA de FRATERNIDADE.

FRASES E PENSAMENTOS

AURISMAR DE MORAIS

O perdão é uma autoconscientização da verdadeira realidade, para quem o pede. É um ato de humildade e humanitarismo, para quem o concede.

*

Não conheço de perto a felicidade, pois quando a vejo, subitamente a tristeza me envolve com seu manto negro, e me recolhe ao passado.

*

Não sei em quem acredite. Se no profeta, ou no poeta. O profeta nos ilude, o poeta nos consola.

*

É bom ter a liberdade de sonhar, melhor ainda, é poder acordar para a realidade.

*

O homem exterioriza seus sentimentos mais íntimos, à medida em que o desejo supera o medo e a timidez.

*

Devemos procurar sempre transmitir em cada gesto, uma mensagem de amor. Por que negarmos um sorriso, se ele não nos custa nada mais que um pequeno esforço? É importante que façamos de cada atitude nossa, um estímulo de vida para o nosso semelhante.

Para atingirmos a verdadeira condição de pessoa humana, precisamos ter a coragem de dar a mão e perdoarmos àqueles que um dia, por um motivo ou uma razão qualquer, feriram a nossa sensibilidade.

MAX BRILHO - Serviços Ltda.

Empresa genuinamente cratense, com atuação em toda região do Cariri e até fora dela, com grande organização e oferecendo além de um perfeito serviço de emplacamento, limpeza e conservação de prédios comerciais e residenciais, um bem montado serviço de vigilância, dedetização, oferece também serviços de contínuos, cantineiros, mão-de-obra especializada temporária e atende aos públicos, notadamente a Bancos e repartições da área federal e estadual. Com funcionários capacitados e especializados para bem servir, a MAX BRILHO é um orgulho para a região.

MAX BRILHO - Serviços Ltda.

ORGANIZAÇÃO:

**LIANDRO AURÉLIO FEITOSA E
MARIA DAS GRAÇAS BARRETO FEITOSA**

MATRIZ EM CRATO:

**RUA SENADOR POMPEU Nº 286
FONES: 521-2851 e 521-1910**

FILIAL EM JUAZEIRO DO NORTE:

**RUA SÃO PEDRO Nº 1713
TELEFONE: 511-4929**



Comércio de Veículos Crajubar S/A

VEÍCULOS NOVOS E USADOS COM
OS MELHORES PREÇOS
E
COM MUITO MAIS FACILIDADES

VENHA VISITAR OS NOSSOS STANDS E CONHECER
TODA A CONSAGRADA LINHA FORD
AVENIDA PADRE CÍCERO, Km. 2 – (TRIÂNGULO)

TELEFONES :

511-1824

511-1543

511-1444

Telegrama: "CRAJUBAR"
JUAZEIRO DO NORTE – CE.

GREGÓRIO DO ESPÍRITO SANTO FUNDADOR DA UMBURANA E COORDENADOR DOS ÍNDIOS

MONS. RAIMUNDO AUGUSTO

A sueste de Mauriti, no sopé da Serra Velha, não lóngê da Serra do Urubu, fica pitorescamente situada a UMBURANA. Sede de um distrito do município e Vila simpática e atraente que, por muitos anos, marcou passo no caminho lento do progresso.

Sua única rua, formando um quadro em torno da igreja, com calçamento natural de arenito, ornado de canteiros de flores, sobressaindo as nictagíneas que chamam boas-noites, sempre foi de boa construção. Todas as casas, de alvenaria. Seus moradores, membros da família dominante.

Gregório do Espírito Santo foi quem a fundou. Sua esposa era filha do Tenente Coronel Luís Furtado Leite e Almeida, português da Ilha de São Miguel nos Açores, Portugal.

O Tenente Coronel passou pela Bahia, casou com Beatriz de Sousa da Silveira, de importante família da cidade de Pambu, estacionou em Cabrobó, Pernambuco, e veio lançar as raízes da Família Furtado Leite no Coité, também distrito de Mauriti.

Daqui Gregório tirou Isabel Furtado Leite, filha dele, casou e se estabeleceu nas terras férteis da Umburana, a 06 quilômetros do sogro. Sob o regime patriarcal organizou seu mini-feudo e legou a sua descendência um padrão de vida honrado, sedimentado no trabalho e em costumes rígidos, mantidos inalteráveis até nossos dias.

Nas cercanias mourejavam os camponeses prestativos, fiéis e obedientes ao patrão que exercia sobre eles um domínio quase absoluto mas não deixava faltar-lhes o necessário para a sua manutenção.

Dotado de excelente vigor físico e grande força moral, impunha-se sobranceiramente ao pequeno grupo social da região. Fazia-se respeitar e estimar graças aos belos sentimentos de cavalheirismo e respeito aos direitos alheios que sabia cultivar consoante aos ensinamentos da sua religião.

Estes dotes aliados a uma provada experiência dos negócios e da convivência com os homens lhe granjearam um conceito bem elevado que lhe proporcionou usufruir uma saliente posição no seio do povo.

Foi, por isso, escolhido para desempenhar a difícil e perigosa tarefa de dar combate à ação depredatória dos índios remanescentes encantonados num trecho acidentado coberto de matas no ponto de convergência dos três estados — Ceará, Paraíba e Pernambuco.

Eis a seguir o documento em que se baseia esta notícia, transcrito na íntegra, mantidos o estilo e a ortografia do original.

"Revista do Arquivo Público de Pernambuco — Secretaria do Interior e Justiça — Recife — Pernambuco — 1946 — 1º Semestre — pag. 34 a 36".

"Ilmo. e Exmo. Snr."

"Varios moradores da Vila do Crato me dirigirão ha pouco o Requerimento da copia inclusa, cujo narratorio se acha comprovado pela informação do Ouvidor da Comarca tambem junto por copia. Por falta de registros antigos nada consta nesta Secretaria a respeito do que em outras semelhantes ocasiões se tem praticado para expulsar o Gentio de que se queixão; mas a tradição geral combina exatamente com o que propõe o Ouvidor da Comarca na informação. Tenho portanto ordenado a Gregorio do Espirito Santo que passe a perseguir aquelle Gentio, prendendo os que puder colher, afugentando os outros. Dignando-se V. Excia. querer concorrer para o socego dos povos limítrofes das três capitánias de Pernambuco. Parahiba e Ceará, livrando-os daquelle flagello seria desejar que V. Excia. ordenasse ao Official encarregado por V. Excia. desta comissão, que se entendesse com o sobredito Gregorio do Espirito Santo, assim como também com o official, que da parte da Capitania da Parahiba tiver hua semelhante ordem. Deus guarde a V. Excia.

Ceará, 1º de Março de 1819.

Illmo. e Exmo. Sr. Luis do Rego Barreto

Manuel Ignacio de Sampaio

Respondido a 13 de Março.

Copia :

1ª — Illmo. Sr. Governador — Dizem o Capitam Manuel Joaquim Teles, Da. Paula Therezo Marreiros, viuva do Sargento Mor José Alexandre Correia Arnaud, João Martins de Oliveira Rocha, Da. Rosa Maria de Lima, viuva de Antonio Pereira da Silva, moradores no termo das villas de Crato e Santo Antonio de Jardim desta Capitania que elles têm suas fazendas de gados grossos cituadas de muitos annos junto dos limites ou extremas desta Capitania com a de Pernambuco e Parahiba junto aos quais se confina o geral em que estão entradas varias nações de gentio bravo que pellos estragos que fazem nas suas fazendas cituadas na Ribeira do Pajehu, e Rio de S. Francisco que ficam conjuntas ao mesmo geral, e ainda aos viandantes que pella estrada deste geral versam daquella capitania para esta e desta para aquella, por ordem do Illmo. Snr. Governador da Capitania de Pernambuco os andam conquistando com bandeiras, e vechados deste se vêm abrigar no mesmo geral junto ás fazendas dos supplicantes matando-lhes, e destruindo-lhes os seus gados, e até mesmo vaqueiros, como ha poucos dias matarão hum vaqueiro da suplicante Paula Thereza Marreiros, pello o encontrarem em occasião que elles estavam em matança de gado e p. q. semelhante prejuizo só se pode vedar sendo ditos Índios atacados com bandeiras, e só V. Excia. pode dar esta providencia; he o requerimento dos supplicantes que V. Excia. haja de distribuir ordens ao Tenente Gregorio do Espirito Santo e a Paulo

Pereira, moradores ali vizinhos por serem estes habeis para similhante empresa, para no caso de terem sciencia de estar o Gentio ali vizinho notificarem os soldados que lhes forem precisos para atacarem o dito Gentio e afugentarem-no e que havendo pessoa que conste se communique com o mesmo Gentio e o apoia para exercitarem as suas maldades, e o prendam e remetam a V. Exc^{cia}. para o punir portanto. Pedem a V. Exc^{cia}. seja servido por attenção ao exposto deferir aos supplicantes, com a justiça que costuma. E receberão mercê.

Despacho : Informe o Snr. Desembargador Ouvidor da Comarca do Crato.

Villa de Fortaleza, 23 de Dezembro de 1818. Com a rubrica do Illmo. e Exmo. Snr. Governador desta Capitania Manuel Ignacio de Sampaio.

Informação : Illmo. e Exmo. Snr. — He certa a narração dos supplicantes e são para desejar as providencias requeridas e que ao mesmo tempo fossem estes Índios batidos pellos dois lados confinantes das outras capitancias, pois só combinadas as bandeiras poderá aquella travesssia de 30 leguas ser livre de huns bárbaros, que tantos danos causarão. Deus guarde a V. Exc^{cia}.

S. Vicente Ferrer das Lavras, 3 de Fevereiro de 1819.

O Ouvidor do Crato José Raimundo dos Passos de Porbem Barbosa.

No impedimento do Secretário, o official da Secret. Vicente Ferreira de Castro."

*

Manuel Furtado Leite casado que foi com uma neta de Gregorio, occupou, mais tarde, cargo idêntico. Mas em condições outras. Já eram índios domesticados e estabelecidos em aldeia na Serra da Cachorra Morta ou do Espírito Santo sobre que se assenta hoje a aprazível Vila de Anauá.

Seu papel era conseguir do Governo, para eles, defesa, segurança, ferramentas e gêneros alimentícios.

Os índios o estimavam e traziam para ele e para sua neta Argina Leite de Moraes, depois Araújo Lima, avó do autor destas linhas, muitos presentes colhidos na mata espessa da serra. Ofereceram, certa vez, a ela um papagaio matizado de cores artificiais que jamais esmaeceram, o qual falava na língua indígena que seria então o idioma "cariri".

Na minha meninice sentia prazer em conversar com o velho Joaquim Caboclo, morador da fazenda de meu pai, filho de índios que fora, dizia-me ele, pegado no mato a dente de cachorro, ainda pequeno.

Uma vez, durante a Semana Santa, na Umurama, o Pe. João Martins de Moraes, neto de Gregório, por ocasião da celebração dos atos litúrgicos, cantava a ladainha de Todos os Santos e o povo respondia. Na invocação de S. Gregório, o sacerdote pronunciou :

— Sancte Gregore

A assembléia respondeu :

— Ora pro nobis.

Entrementes, um índio, transpirando o antigo ressentimento dos seus antepassados, gritou a plenos pulmões, do limiar da igreja, no mesmo tom :

— Padre quer apanhar.

E desabou na caatinga...

*

A Umburana mudou. Cresceu e floresceu. Tem novas ruas. O comércio se desenvolveu com um esboço de estrada inacabada ligando-a a Mauriti e a Conceição na Paraíba. A energia de Paulo Afonso abriu-lhe horizontes mais largos. A Vila se alinhou na senda do progresso vertiginoso dos novos tempos. Modernizou-se.

Bem haja o seu solo fértil e suas terras boas banhadas por um curso d'água volumoso e perene, alimentado por fontes permanentes jorrando águas potáveis excelentes, cristalinas e de agradável paladar.

Mas houve algo que ficou. A tradição religiosa do povo permaneceu firme e inalterável. A igreja ampla e bem construída convida à oração e estimula a piedade.

A Padroeira é Senhora Santa Ana, "Mãe da Mãe de Deus e Avó de Cristo" muito querida, estimada e venerada por uma gente de formação cristã bem alicerçada nos princípios sólidos do catolicismo tradicional que lhe presta um culto sincero de veneração filial que as novidades trazidas pelos meios de comunicação social não conseguem destruir.

A Festa de Senhora Santa Ana é muito falada em toda aquela redondeza e ainda mais concorrida. Uma verdadeira multidão afluí durante os dias do novenário, vinda de pontos distantes, de localidades limítrofes da Paraíba e de Pernambuco. Na última noite e no dia da festa a aglomeração é de admirar.

Vale bem relatar um costume excêntrico, curioso e imemorial ali reinante, que se observa de longa data, dos primeiros dias da vida religiosa e social da Vila.

O Dia do Hasteamento da Bandeira é extraordinariamente festivo. Celebrado com fé e entusiasmo. A banda cabaçal, logo cedo, dá os primeiros toques da animação. À tardinha, uma longa haste de madeira cortada nas matas subsistentes é conduzida processionalmente, com alegria, pelo povo, da igreja até o leito do riacho que passa vizinho, para tocar seu pé na torrente inesgotável. É um rito obrigatório e a sua inobservância trará prejuízos imprevisíveis para a população da ribeira.

Contam que, um ano, omitiu-se o rito tradicional e o resultado foi fatal. As fontes cessaram de jorrar e o riacho secou.

Nunca mais foi interrompida esta ingênua e interessante prática e as águas continuam a correr inalteravelmente abundantes, límpidas, serenas e abençoadas.

Crato, outubro de 1936.

FARMACIA E DROGARIA JUSTO CAVALCANTE

UM COMPLETO SORTIMENTO DE MEDICAMENTOS
E PERFUMARIA PELOS MENORES PREÇOS



A B E R T A D I A R I A M E N T E



Rua Barbara de Alencar N° 782

F O N E : 521 - 2551

C R A T O

—

C E A R Á



Prefeitura Municipal de Caririáçu

ADMINISTRAÇÃO :

Maria José Borges Machado

NOSSA EFUSIVA SAUDAÇÃO AOS INTELECTUAIS
DO CARIRI AO ENSEJO DO LANÇAMENTO
DE MAIS UM NÚMERO DE ITAYTERA, REVISTA
QUE É ORGULHO DA REGIÃO.

CARIRIÁÇU ESTÁ PRESENTE

ESTAMOS CONSTRUINDO UM NOVO
CARIRIÁÇU PARA A NOSSA GENTE

Maria José Borges Machado

PREFEITA MUNICIPAL

INSTALAÇÃO DA URCA MARCA NOVO TEMPO NO CARIRI

Em meio a intensas festividades e ao regozijo popular, foi instalada, dia 07 de Março de 1987, a UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI — URCA, concretizando antigo sonho do povo de nossa região, em possuir o seu organismo universitário, sonho alimentado por várias gerações.

HISTÓRICO

Depois de amplos e repetidos movimentos, durante mais de 30 anos, na região, em favor da Universidade, coube ao Governador Gonzaga Mota a iniciativa mais concreta. Em 14-05-85 constituiu ele uma Comissão para estudar a criação e as possibilidades de implantação da Universidade Regional do Cariri. Foi ela constituída pelos Srs. Antônio Martins Filho, Manoel Gonçalves, Silvio Bráz e Mons. Francisco Montenegro. Essa comissão fez os necessários estudos e com base em pesquisas e dados concretos concluiu pela viabilidade da URCA.

O Governador, em 1986, enviou mensagem com projeto de lei à Assembléia, criando a Universidade Regional do Cariri, que após acalorados debates, foi aprovada. A sanção da Lei, que tomou o número 11.191, criou a URCA, posteriormente autorizada a funcionar por Decreto nº 94.016 do Presidente José Sarney, em 11-2-87.

INSTALAÇÃO

No dia 7 de Março de 1987 o Governador Gonzaga Mota veio ao Cariri para as festividades de instalação. Na Praça do Triângulo em Juazeiro foram hasteadas as Bandeiras dos Municípios do triângulo (Crato-Juazeiro-Barbalha) e em seguida as autoridades se deslocaram ao SESI/Crato, em cujo pátio houve solenidade de hasteamento das Bandeiras dos Estados Nordestinos e de diversos outros Municípios da região.

A seguir, no Teatro Waldemar Garcia, ainda no SESI, teve lugar a Sessão Solene, com os Poderes de Assembléia Universitária, para a instalação oficial da URCA. O Prof. Dr. Antonio Martins Filho abriu os trabalhos e solicitou ao Governador Gonzaga Mota que presidesse a Assembléia. Tomaram assento à mesa: Antonio Martins Filho, Gonzaga Mota, Anchieta Esmeraldo Barreto, Reitor da Universidade Federal do Ceará, Prof. Helio Leite, futuro Reitor da UFC, Cláudio Regis Quixadá, Reitor da UECE, Walter Peixoto, Prefeito do Crato, Manoel Salviano, Prefeito de Juazeiro, João Hilário, Prefeito de Barbalha, Prof. Vicente Madeira, Vice Reitor da Universidade Federal da Paraíba, os deputados Raimundo Bezerra (federal) Humberto Macário, Carlos Cruz, Eudoro Santana e Nilo Sérgio Bezerra, Drs. Iranildo Pereira e Alberto Callou, Pe. Gonçalo Farias, Diretor da Faculdade de Filosofia e representante do Bispo Diocesano: Dr. Maurilio Peixoto, Diretor

da Faculdade de Direito, e Dr. José Bitu, Diretor do Centro de Tecnologia de Juazeiro do Norte; o cantor Luiz Gonzaga e o Dr. Clodomir Teófilo.

A Assembléia constou do seguinte :

Discurso do Dr. Humberto Macário de Brito, em nome da comunidade do Cariri. Discurso do Sr. José Newton Alves de Sousa, em nome da classe universitária; Declaração de Instalação oficial da Universidade, pelo Governador Gonzaga Mota, leitura de documento dos acadêmicos de Filosofia, pedindo a incorporação de sua Escola à URCA, palavra do Governador Gonzaga Mota, agradecendo e encerrando a Assembléia.

M E D A L H A

Todos se dirigiram, em seguida, à Prefeitura Municipal do Crato, onde o Governador Gonzaga Mota recebeu a Medalha Bárbara de Alencar, a mais alta comenda do Município, outorgada pelo Prefeito Walter Peixoto.

À noite, houve jantar festivo no Crato Tennis Clube, comemorando o evento. Falaram, ali, o Dr. José Newton Alves de Sousa, o Prof. Helio Leite e o Reitor Martins Filho, que ali recebeu, naquela oportunidade, uma Medalha de Honra ao Mérito da Comunidade Cratense.

D I R I G E N T E S

O Prof. Antônio Martins Filho é o Reitor "pro tempore" da URCA, e a Vice Reitoria ficou com o Dr. José Newton Alves de Sousa.

Esses nomes foram muito bem recebidos pela comunidade.

DECLARAÇÃO DE AMOR

CLÁUDIO MARTINS

Tantos cantaram já a minha terra
que tentar imitá-los não me atrevo.
Posto me sobreexceda o meu enlevo,
a ideia refoge, a pena emperra.

Todo o calor que o coração encerra
esvai-se e compreende que não devo
decantar em linguagem sem relevo
aquele meu querido pé-de-serra.

Mas registro teu nome, velho Crato !
e digo uma vez mais : por ti eu mato
ou morro se morrer for necessário.

Tuas ruas perdidas me legaram
o que fui, o que sou, e me ensinaram
a transformar em céu duro calvário.

(Ano da Urca, 7 de março de 1987)

MORREU DR. EDWARD

RAIMUNDO ARAÚJO

Aproveito o espaço que este periódico me concede, para dizer que o Cariri ainda não se refez do pesar com o desaparecimento do nosso estimado, admirado e querido Dr. Edward Teixeira Férrer. Esclareça-se, de passagem, o desaparecimento físico, o espiritual, este não ocorreu nem ocorrerá.

Presto, neste azo, justa homenagem póstuma a um preclaro e benemérito caririense, e rendo-lhe, de público, o meu livre e espontâneo tributo de amigo, de confrade e de admirador.

Faleceu, para tristeza nossa, na Capital do nosso Estado, onde se encontrava enfermo há vários dias, o douto Edward Teixeira Férrer, figura de relevo e de grande influência nos meios jurídicos, políticos, culturais e sociais do nosso Juazeiro.

O doloroso trespasse, que, sem sombra de dúvidas, cobre de "cipreste" e dor a todos que conheceram os nobres predicados de seu espírito de escol, e a sua longa, contínua e infatigável atuação em prol da comunidade a que pertencia, constitui grande e irreparável perda para a nossa terra.

Dr. Edward Teixeira Férrer, se projetou e se tornou conhecido no universo da Jurisprudência, da Política e das Letras. Era, portanto, sem favor, um intelectual de alto coturno, na mais lídima expressão da palavra. Inteligência lúcida, fulgurante e esplendorosa.

Formado em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito da Universidade Federal do Ceará, bem cedo se revelou aos olhos de todos nós como um autêntico defensor da sociedade, notabilizando-se como Promotor Público, quer em Jardim, quer em Caririagu, quer em Barbalha, e mormente na terra do Padre Cícero — seu segundo berço — onde funcionara por mais de duas décadas com verticalidade, destemor, altivez, brilhantismo e talento.

Em memoráveis júris no Forum local, se digladiou vezes "n", com advogados famosos da estirpe de um Aluísio Cavalcante, de um Raimundo Borges, de um Luís de Borba, de um Gregório Callou, (o mais brilhante) e de tantos outros.

Não obstante as dificuldades naturais do meio, na época, aprofundava-se dia e noite nos estudos e, paulatinamente, ingressava nos domínios da cultura e da pesquisa, ocupando mais tarde, por merecimento, posições de invejável destaque no campo do Direito, das Letras, da História Antiga e da Política.

Para dedicar-se de corpo e alma a uma vida filosófica e contemplativa, teve que se recolher ao seu refúgio nos Campos Elisios, vivendo ultimamente num ostracismo espontâneo, mas, em contrapartida, empolgado com a cintilância da cultura e do pensamento livre e abstrato, afastando-se logo que pôde das lides políticas e das refregas forenses.

São da sua lavra, vários trabalhos de ordem jurídica, e discursos, que permaneceram inéditos, por muito tempo, nos fastos da nossa História.

Insatisfeito com sua produção jurídica, mobilizou os intelectuais da terra, e fundou e presidiu o Centro Juazeirense de Cultura. Foi titular da Cadeira nº 36, do Instituto Cultural do Vale Caririense, cujo patrono é o Dr. Manuel do Nascimento Fernandes Távora.

Advogado dos mais conceituados da região, Professor, Consultor Jurídico da Prefeitura Municipal de Juazeiro do Norte, Vereador, Presidente da Câmara, Vice-Prefeito, Prefeito e Interventor Federal.

Sentindo profundamente, o seu passamento, lacuna irreparável, no nosso meio e no contexto histórico desta cidade, rendo ao inolvidável causídico, nesta hora, a homenagem da minha estima e da minha admiração, num gesto de imprecível saudade.

A G R A D E C I M E N T O S

Não poderíamos deixar sem um registro especial a ajuda de Cz\$ 5.000,00 que nos propiciou a Prefeitura Municipal do Crato, na pessoa do Prefeito Walter Peixoto, para a impressão do presente número da revista ITAYTERA.

O Prefeito Walter Peixoto mostrou-se sensível ao nosso empenho em fazer circular mais um número desta publicação, que leva bem longe o nome do Crato. Agradecemos também aos seus Secretários Francisco Cunha (Cultura) e Tibúrcio Bezerra (Finanças).

Agradecemos, igualmente, a ajuda que a Câmara Municipal do Crato, na pessoa do seu esclarecido Presidente, José Laércio de Sousa Vasconcelos, concedeu à nossa Revista, numa prova de elevado espírito público.

ITAYTERA - Uma Revista de integração cultural.

C O T I D I A N O

CATARINA BORGES (MARLY)

Renúncia, perda, dor, felicidade, são resíduos da vida que se extrai e que traduzem apenas pedaço do cotidiano. Renunciar o que e a quem? Prazeres, sejam afetivos, sentimentais ou materiais, diria que muitos. Prazeres de deslanchar uma vida onde o eu devesse ser consultado e acatado? Poucos. O eu foi substituído por sentimentos outros que efervecem no ser, ficando a ilusão do correto, do maravilhoso. Perda física ou afetiva. Quanto mais se doa tem-se a sensação da glória, embora nem sempre seja verdadeiro, porque este doar não é exatamente o esperado, e em vão exaure um amor puro sem correspondência. A discrepância entre o doar e receber só será entendida se falada, refletida, analisada. Falta às pessoas a coragem de externar seus sentimentos no momento certo. Agindo assim, o doar não se perde no silêncio da dor, mas é aceito sem reclamos, como sentimento próprio dos que amam, um amor sem dominação.

Unir renúncia, perda, dor, quem sabe traduzisse um pouco do viver, embora a dor grite mais forte, mais constante dentro do ser.

Possuído deste estado, busco da vida as coisas simples e puras, é o amigo que ouve, fala, chega, é o filho tímido, calado, piego, distante, mas presente, num olhar, num aceno. Filho que também é renúncia, dor, mas não perda. Filho que amo, afago, espero, com uma sensação do longe, mas possível. Paro, penso e encontro acalanto à minha desilusão porque em ti, filho, ainda respiro amor sem te sufocar.

A dor tem sido uma constante, não da renúncia, faria tudo outra vez, pois o fiz por amor, não da perda, vida é amor, é perda.

O homem é possuído da bravura de lutar e encontrar, ao longo do caminho, a vitória ou a derrota. A fortaleza é própria dos que sofrem, mas que conduz a estágios sublimares em face a tantos desafios. Esmagado pela dor da indiferença, da frieza, da petulância, do poder, da distância, caminho por um mundo de desilusão marcado pela angústia de não ter sido compreendido.

Deste mundo de renúncias, perda, dor, recolho forças para ver e sentir o pássaro leve a me dizer que felicidade é renúncia, perda, dor, é fazer com que nossa vida não se passe inutilmente. Sou feliz.

Crato, 10 de março de 1987

O REGRESSO

NICODEMUS LOPES PEREIRA

Presenciara o crime naquela manhã de dezembro, quando o sol incendiava a fachada branca da pequena igreja da cidadezinha. Sem poder interferir, vira o homem a cavalo desferir o relho no rosto do homem a pé, abrindo-lhe fundos sulcos, por onde o sangue jorrava abundantemente; vira e ouvira igualmente, o homem a pé, implorando pelo amor de Deus que o agressor parasse com tamanha violência. A multidão também não interferira, todos com medo da vingança futura do façanhudo capataz da Fazenda Aleluia, do major Tinoco.

Agora, quase um trapo, com a camisa em tiras e o rosto e o lombo em carne viva, o homem finalmente resolvera reagir de maneira inesperada e inusitada; num último esforço, sacara a peixeira de 10 polegadas e, num golpe agilíssimo, cortara a cilha da sela do cavalo, obrigando o cavaleiro a estatelar-se no chão poeirento. Então, num átimo, numa velocidade difícil de medir, saltara em cima do seu algoz e lhe desferira dezessete peixeiradas, a maioria no coração e a última na jugular direita, seccionando-a. O sangue incontido empapava a terra esturricada. Morte instantânea.

O cadáver, com a perna presa sob a sela, ficara de olhos abertos e dentes para o sol...

Benedito da Conceição permanecera longo tempo parado, observando as cenas que se seguiram: o matador sendo conduzido para a cadeia por dois soldados que apareceram como por encanto, assustados, portando velhos fuzis; o farmacêutico Boaventura fazendo os curativos de urgência, na base de tintura de iodo e ataduras; o dono da funerária "A CAMINHO DO CÉU", seu Maninho, com dois ajudantes, colocando o morto num caixão de pinho e levando-o para a casa anexa ao cemitério; o sangue que pingava do caixão formando pequenas poças, disputado por cães vadios, sob o zumbido de enormes moscas varejeiras, de cabeças vermelhas e torsos de azul cobalto; a chegada do major Tinoco, acompanhado de vários capangas, todos armados até os dentes, dispostos a fazerem justiça sumária, executando ali mesmo à sombra do paud'arco roxo existente na praça principal, o criminoso "traçoeiro"; a chegada do velho juiz, num fusca também velho e cansado, dizendo que o réu seria julgado de acordo com a lei e que ninguém se atrevesse a justicá-lo, a menos que passasse sobre o cadáver dele, juiz; finalmente, à tardinha, quando as libélulas, aquelas pequeninas borboletas do crépusculo adejavam sobre as touceiras de macambira, o corpo desceu à sepultura sem encomendação, sem nada, apenas com as repetidas juras de vingança do major Tinoco e seus capangas.

Ambrosino, o morto — soubera-o depois Benedito — jurara vingar-se de José do Caxito, o criminoso, pilhado que fora em romântica cena de amor atrás das bananeiras, com Maria Rosa, amante e protegida do temível capataz.

Daí a vingança, a desmoralização pública contra José do Caxito, a exemplo de outras vítimas flagradas usufruindo da beleza e generosidade de Maria Rosa, incapaz de desatentar a um olhar pídao e avaliador de suas curvas e requiebras.

Benedito estava de volta à casa paterna, depois de errar pelo mundo e comer o pão que o diabo amassou. Em São Paulo, operário da construção civil, foi explorado e quase morreu de fome; depois, meteu-se em greve quando já operário quase qualificado de metalurgia, terminou preso e torturado, pois em pleno período de repressão. Ainda hoje guardava as marcas da surra que levava, a cicatriz da unha arrancada e as manchas escuras nos testículos provocados por choques elétricos, tudo para confessar que integrava o "Movimento Revolucionário 8 de Outubro".

Mas conseguira escapar, enrijecer os músculos e a alma. Enfrentara outras dificuldades e mais outras, até que, descrente da justiça, terminara por envolver-se com a turma da pesada que, naqueles tempos, comandava a guerrilha urbana. Tornara-se um homem duro, implacável, frio.

Para ele, a morte era rotina: vira-a muitas vezes de frente e lutara com ela e ao lado dela, usando a inteligência, armas brancas, armas de fogo e explosivos até.

Agora, com suas cicatrizes e desilusões, alguns trocados e a velha mochila onde guardava pouca roupa, poucos objetos de uso pessoal, a inseparável escopeta calibre "12", desmontada, e a Colt-45, ambas companheiras fiéis de muitas refregas, era um homem esperançoso. Esperava não fazer uso das armas tão cedo, ou nunca mais. Iria, isto sim, plantar milho e feijão, jerimum e macaxeira. Tomar banho de açude. E casar-se. A Nova República lhe acenara com esse direito.

Mas se defrontou, logo de cara, com a violência. Ainda bem que não se envolvera. Apenas presenciara, sentindo, entretanto, uma estranha saudade que formigava, despertando compulsões adormecidas.

Horas a fio, sentado num banco, vira a noite cair de todo; os primeiros morcegos cortarem o céu acinzentado, a lua cheia nascer iluminando logo os serrotes e depois a rua poeirenta...

De repente, o tropel agredindo o silêncio. Cavaleiros surgindo da curva do caminho que desembocava na cidade. O reflexo do luar batendo nos rifles, nas cartucheiras e nos arreios dos cavalos. Não pôde contá-los.

Entraram sem a preocupação de abafar o barulho. Arrombaram a cadeia, deram tiros para o ar e arrancaram José do Caxito do catre onde estava encolhido e ainda sangrando, todos calmos e com a segurança da impunidade.

— Safado, levanta-te para morrer. Vamos fazer picadinho de você.

— Vamos dar tantos tiros em você que sua roupa vai pegar fogo.

Vários capangas, agora comandados pelo novo capataz, amarraram José do Caxito no tronco do pau d'arco roxo e se afastaram uns cinco metros, a fim de melhor fazer a mira.

— Vocês pensam que eu tenho medo, seus covardes? — gritou José do Caxito. — Acabaria com a raça de vocês se estivesse solto, mesmo ferido. Vamos, mostrem valentia, atirando num homem amarrado.

Não se fizeram de rogados. Engatilharam os rifles e apontaram para a testa, o coração, a barriga e partes baixas. Uma nuvem encobriu momentaneamente São Jorge e seu cavalo — para surpresa do dragão.

— Parem, seus cachorros sarnentos! Abaixem essas porcarias de rifles 44, senão estouro os miolos de você todos.

— Mas, quem é o sacana que ousa...

E o tiro da "12", carregada com chumbo 3-T, Velox, explodiu, de 03 metros de distância, nos peitos do capataz, cortando-o literalmente ao meio. Pedacos de vísceras se espalharam sobre as armas e o rosto dos atiradores, perplexos e imobilizados pelo medo.

O segundo tiro arrancou a cabeça de outro capanga, enquanto os cavalos, assustados e desembestados, varavam a noite, sem rumo.

Benedito da Conceição, agora acusador, juiz e executor, sentia-se leve e como que em transe; sacou a Colt-45 e deu no gatilho, despejando sete projéteis sobre o restante dos desordeiros, inapelavelmente dizimados.

A cena fora desenrolada em poucos segundos; ninguém apareceu, nem o velho juiz, nem o delegado, nem os soldados. O silêncio tomou conta da rua e cacos de luar se refletiam nas poças de sangue. Um galo cantou fora de hora. Um cachorro apenas rosou, ao longe.

— Legítima defesa de terceiro — ruminou consigo mesmo Benedito da Conceição. — Mas ainda falta um. Vou pegar o major Tinoco, responsável por toda essa violência. Acabo com a raça dele.

E exibindo um profissionalismo apaixonado e amadurecido em difíceis refregas, recarregou os dois canos da "12", substituiu o carregador da "45" e dispôs-se a olhar a cara dos mortos. Antes, cortara as cordas que prendiam José do Caxito, mandando-o embora sem uma palavra. E foi ver os cadáveres.

— Este lascou-se — pensou. A bala da "45" arrancara metade do rosto da vítima, deixando à mostra a fileira de dentes branco-amarelados e um resto de bigode manchado de nicotina.

— O cara que inventou a "12" merece um prêmio e também a fábrica que produz este cartucho 3-T, Velox — refletiu, satisfeito, — Infalível. Uma vez eu vi as forças da repressão espatifar uma porta com um tiro de "12" durante uma batida. Ainda bem que eu já estava escondido numa moita, nas imediações, costurado ao solo...

Olhou o terceiro cadáver e voltou a murmurar :

— Veja só que estrago. Nem esse tal de Rambo faria melhor. Tão bom que eu pudesse um dia pegar o cara que me torturou... Fico pensando, horas a fio, o que eu faria com ele. Dispararia na cara ou na barriga? Na barriga, acredito, somente para ver os intestinos serem jogados longe.

E continuou examinando os cadáveres cuidadosamente. Todos desconhecidos. Nenhum dos seus tempos de menino, quando seu pai possuía pequeno sítio nas vizinhanças da fazenda do major Tinoco. Foi quando a lua, despida de nuvens, mais clara, mostrando São Jorge em seu cavalo alanceando o dragão, que ele viu horrorizado o rosto do irmão Ugulino, ainda criança quando migrara para São Paulo. Morrera rindo. O projétil "Hollow point" da "45" lhe atravessara o tórax, abrindo um rombo nas costas de 10 centímetros de diâmetro.

— O que teria ocorrido, minha Nossa Senhora? — Gemeu. Ugulino, seu irmão caçula, se transformara em capanga do major. Mas, por que? Sobrevivência? As reflexões agora eram inúteis. Decerto, o pai e a mãe tinham já morrido. E as irmãs, onde estariam? Onde estaria Divina, a "Dadá"?

Não chorou, não se comoveu. Apenas leve estremelecimento lhe percorreu os braços e as pernas quando colocou sobre a sela de um dos cavalos que conseguira pegar, o corpo do irmão. Já fizera coisa semelhante em Caparaó, naquele arremedo de guerrilha, quando pusera nas costas o corpo esburacado de balas de Angelina, sua companheira de ideal (Ah, que idiotice, meu Deus) e fugira adentrando-se na mata. Daquela vez, chorara baixinho e jurara vingança, enquanto enterrava a jovem guerrilheira.

Agora, não. Apenas justiça fria e rápida, pois o maldito major era o culpado de tudo, inclusive por Angelina. Ele fazia parte do sistema que já agonizava, porém sistema!

Mal o cavalo se aproximara do casarão da Fazenda, os cachorros latiram e as luzes se acenderam. O major esperava ansioso o resultado da missão que confiara a seus homens.

— Boa noite, major.

— Mas, com todos os diabos, quem é você?...

E os dois canos da "12" dispararam de uma vez só. O clarão dos tiros iluminou por um instante ainda mais a noite de lua e o estampido ecoou nos serrotes e nos vales distantes. Na parede branca do alpendre ficaram grudadas as partes moles do corpo do major. Inteiras, sobram somente a cabeça e as pernas.

NICODEMUS LOPES PEREIRA — Nasceu no dia 20-01-1928, em Sapé, no Estado da Paraíba. Casado com América Elisabeth Gomes Lopes, com cinco filhos, todos formados. Curso de Direito concluído em 1955, na Faculdade de Direito do Recife.

Advogado da CHESF de 1955 a 1971, quando foi eleito Diretor Vice-Presidente da CELPE e em 1972 Diretor Presidente, cargo que exerceu até abriu de 1975. Chefe do Departamento Jurídico há 11 anos. É também advogado militante no Foro do Recife.

Na juventude foi jornalista profissional em João Pessoa e no Rio de Janeiro. Ex-professor da Universidade do Ceará e da Faculdade de Direito de Olinda.

O HERÓI ANTI-HERÓI

PAULO CALDAS

Quando Severino Inácio da Silva, mais conhecido pela valorosa gente da cidade de São José do Egito, sua terra natal, carinhosamente pelo vulgo de "Biu de Inacinho", alçou o degrau da idade adulta, isto é, completou suas dezoito primaveras bem contadas, jamais chegaria a imaginar o que de transformações iria se dar na sua vida a partir daquele momento.

Decorria o ano da graça de 1944. Não precisa nem dizer que o diabo da segunda guerra mundial já destruíra os homens e as coisas lá no outro lado do mundo. Por aqui, a tal guerrinha chegava mais em forma de notícias, ou pelos jornais — na época eram muitos, ou ainda pelo fanhoso som da velha PRA8.

Tempo vai, tempo vem, o Brasil sela sua participação no conflito, e lá se vem a convocação militar para a gloriosa Força Expedicionária Brasileira, e no meio do pega prá capar, Biu de Inacinho é incluído para, garbosamente, compor nosso contingente à frente de batalha.

Muito choro, muita recomendação em sua partida lá em São José. Afinal de contas não é todo dia que um honrado cidadão daquela comunidade recebe a nobre incumbência de defender a Pátria amada. Apesar da idade ainda pouca, Biu conseguiu reunir muitos amigos, parentes nem se fala, a turminha do bilhar com quem já se tornara hábil em caramboladas e tacadas, as meninas do Ateneu, do professor Rubem Lima, o clero representado por Pacheco, sacristão, juramentado por padre Dimas, neste dia ausente pastorando almas na zona rural; uma ou duas representantes do baixo meretrício, onde há pouco se iniciara — antes mantivera algumas experiências com animais: uma jumenta prá falar mais claro, e finalmente a presença do sargento PM Chico Walter, maior autoridade num raio de uns 200 quilômetros.

O caminhão que o transportaria até Arcoverde, um Cheba 36 de um tal Luiz Gonzaga, da vila de Tuparetama, foi contido duas vezes na saída da praça 15 de Novembro, por velhinhas beatas que queriam entregar para o nosso herói, santinhos, escapulários, lembranças do padre Cícero Romão e até um saquinho com ervas e raízes capazes de atenuar os ferimentos e outros traumas físicos tão comuns às guerras.

Depois das formalidades de praxe na progressista cidade de Arcoverde, Biu de Inacinho foi jogado num trem da Great Western e sacolejou a ossada durante quase 200 horas seguidas, rotina irritantemente quebrada a cada parada nas mais de 15 estações. Em Recife, sentia arrepios quando nisso pensava, ele teria que se apresentar na vigésima circunscrição de alistamento militar a um certo sub-Tenente Borborema, sujeito duro que só sino de igreja, segundo comentava na viagem o pessoal da Junta do Tiro de Guerra de Caruaru.

O desembarque foi celebrado a esporros, apitos e berros do oficial supracitado e mais meia dúzia de soldados engajados que se aproveitavam para descontar nos novatos sua ira contra os superiores.

A recepção na capital, como é fácil de notar, não foi o que se pode chamar de agradável para os então pretensos varonis soldados; Também, com uma comissão daquelas... Teve nego que levou cascudo, ponta pé no traseiro, bicudo nos calcanhares, um inferno.

Após uma sopa de arroz com um suculento osso de corredor, o contingente foi levado ao alojamento para o merecido repouso. No outro dia começariam os exames de rotina e imediatamente o período de adestramento ao objetivo final: a guerra.

No alojamento, mais de 200 machos, todos enfadados, cansados do percurso comprido, chateados com a chegada, barrigas cheias de sopa, espalharam-se por cima daquele monte de beliches e roncaram aos assobios até serem despertados ao som dos acordes do corneteiro Américo, um veterano de guerra, gordo e mal humorado: um "casca grossa".

Dispostos de cuecas e em fila indiana, diante do oficial médico, Capitão Osmino, os recrutas foram sendo examinados um a um. Uma vez aprovados, ou seja, aqueles considerados aptos, teriam que, das mãos do sargento Horácio, receber as roupas e coturnos; os outros: a sobra, vamos dizer assim, estava dispensada e tinha que se mandar logo para não dar problema de espaço.

Espinhela caída, peito aberto e pés chatos, foi o trinômio de defeitos físicos que o médico colocou no laudo do nosso ex-quase soldado Biu de Inacinho, ou seja: inapto, para quem quiser uma linguagem mais acadêmica.

Maleta na mão direita, guarda-chuva na esquerda, está o jovem Severino Inácio da Silva em plena praça das Cinco Pontas. Sozinho, sem conhecer bulhufas da cidade, mais perdido do que cachorro que cai de um caminhão de mudança. E agora? Pensava, o que diabos vou fazer nesse mundão de casas?

Munido do espírito da ousadia que todo sertanejo carrega dentro de si, Biu pegou o primeiro bonde que passou e haja rodar pela cidade. Meio abismado com a quantidade de gente, de carros, de prédios de até 7 pavimentos, o danado ia adorando o visual, enquanto o bonde dobrava as então estreitas ruas do Recife.

Muito satisfeito, Biu chega ao clímax do passeio, era a praça Arthur Oscar, o cais do porto, e ali, bem ali na sua frente: o mar. O tão falado Atlântico há tanto conhecido seu nos improvisos dos violeiros das feiras de São José do Egito. Foi a primeira vez naquelas últimas horas que lembrava de sua terra. Aquilo era o mar dos violeiros do Sertão!

— Ei moço, fim da linha.

— Falou comigo?

— É matuto, respondeu o condutor do bonde. Aqui tem que descer.

— Inhô sim, tá certo.

A mesma postura assumida na praça das Cinco Pontas era agora repetida em frente ao armazém 11 do cais do porto: maleta na mão direita, guarda-chuva na esquerda e aquele arzinho desconfiado...

— Procurando um hotel decente, moço?

Depois do condutor do bonde, foi a segunda voz que ouviu ser a ele dirigida. Era um tal de Arnaldo Melo, Melinho para os íntimos, conhecido gigolô dos bordéis do Recife velho. Homem habilidosíssimo na sinuca e no carteadado; morador do local e que vira na figura daquele mulatinho, uma perspectiva a mais para os seus ganhos.

— Ê, tô procurando inhô sim...

Assim respondeu o nosso Biu ao seu interlocutor e daí saíram conversando até chegarem ao sofrível quartinho de tabique, num 3º andar de um dos pardieiros da Rua da Guia, onde passaria a viver, dali por diante, o herói de São José do Egito.

O janelão do quarto dava pros lados do cais e o intenso movimento do comércio lá em baixo, o vai e vem das mulheres e outras atrações puseram Biu de plantão ali debruçado durante muito tempo.

Naquela mesma noite se deu o que, por certo, passou a ser o "modus-vivendi" dali por diante: bilhar, bebidas, mulheres, carteadado e a íntima satisfação de ter os pés chatos, a espinhela caída e o peito aberto.

Aquilo é que era vida, pensava quando diariamente acordava quase sempre após as 2 da tarde. Até cigarro americano já fumava, de resto só uma inquietação: todo dinheiro que conseguira trazer, inclusive aquele resultante da venda de sua querida jumentinha, estava chegando ao fim.

A bem da verdade, sua habilidade com as tacadas no bilhar e no manejo das cartas, uma surpresa para o esperto Melinho, havia lhe garantido uns cobres a mais, mas, a gente sabe que levando esse tipo de vida quanto mais se ganha, mais se gasta.

Dias depois, meio chateado, confidenciou para o Melinho: meu dinheiro tá quase nada! O fato preocupou o rapaz que a essas alturas já havia se transformado em seu "velho parceiro", e a solução encontrada foi recorrer à malandragem e à experiência de um francês, também ali residente, conhecido como Marcel Reinaux, gigolô militante e respeitadíssimo na zona.

Escreva e peça mais algum, foi o conselho dado pelo francês e imediatamente aceito pelo sertanejo. A dificuldade era o que dizer na missiva, o endereço, problemas também de pronto contornados pelo francês :

— Papier e tintá mon petit, ordenou para Biu. "Agorra" escreva aí: Itália, tanto de tanto de mil novecentos e...

— Minha mãe, estou passando necessidade, a guerra tá com a moléstia... é bala que só a gota; gente morta...

Aqui já era o Biu que se derramava em mentiras e a contar cenas das mais escabrosas com a valiosa ajuda do francês, é bom que se diga.

— E o endereço seu Renô?

— Põe o meu: Marcel Reinaux Agence, Rua da Guia 59 3º, etc., etc.

— Mas, que Agence? Esse não é o endereço daqui?

— Agence é prá tapiar, disse Melinho ali junto, atento; e o endereço é daqui da pensão mesmo. Você conhece lugar melhor?

O plano deu certinho, era só a grana afinar e tome carta:

Itália, tanto de tanto...

Mãe, a guerra aqui tá com a bobônica, manda mais aí uns 50 contos de réis. Apanhei uma constipação danada, as balas tão zunindo, é galego morto que só a miséria...

Itália, tanto de tanto...

— Mãe, manda mais, o frio tá cá gota. Tô ficando mofino...

Itália, tanto de tanto...

— Mãe, manda mais...

Bravos! bravos "mon ami", era o francês dando aquela força. E haja carta e tome dinheiro.

Como não há mal que não se acabe, conhecemos bem o provérbio, um belo dia de 1945, e que belo dia! A guerra acabou, e com ela se foi a fonte de renda do Biu de Inacinho. Agora tinha mesmo era que voltar e cuidar da vida que a morte é certa.

A chegada em São José foi um delírio. Quando desceu do caminhão foi uma ovação: a banda marcial do Ateneu estremeceu a rua com o rufar dos taróis, foguetes espoucaram adoidados no céu, o Grêmio Littero e Recreativo Cultural do Alto Pajéu apresentou um jogral, desfilou a Escola Paroquial, o Orfeon da Maçonaria entoou o Hino Nacional, abriram-se mais de seiscentas garrafas de aguardente, matou-se tudo que era de cabrito, e das galinhas de capoeira só escaparam as chocas. Uma buchada em cada casa de parente foi o menu do memorável dia. Mandaram buscar o famoso cantador Pinto do Monteiro para tecer loas ao herói da cidade; Padre Dimas se desculpava por não o ter abençoado na hora da partida, no entanto, garantia a grande quantidade de preces que havia feito com as intenções voltadas para o campo de batalha, lá na longínqua Itália lugar que lhe trazia boas lembranças do colégio do vaticano onde passara algum tempo. Enfim, foi o que hoje em dia poderia se chamar de "maior auê".

Bem, passadas as emoções da chegada triunfante, Biu tinha mesmo era que assumir a capa de herói e satisfazer seu povo, usasse ele o artifício que fosse. E não deu outra: apareceu até vereador propondo mudar o nome da praça 15 de Novembro para: Praça Bravo Expedicionário Severino Inácio, etc. etc...

Sentado à cabeceira da enorme mesa da câmara, e rodeado dos mais curiosos olhares do mundo, Biu teve que contar, e com detalhes, vale acrescentar, toda odisséia desde a chegada no Recife até a volta da Itália, aí foi danado.

Biu estava consciente que, por mais que se esforçasse, aqui ou ali podia dar uma escorregada, principalmente quando padre Dimas (o diabo já tinha estado lá), começasse a perguntar coisas que, por certo, não lhe saberia responder. Mas, já que estava dentro...

Sem cerimônia Biu soltou o verbo, era a turma perguntando e ele mandando mentira sem o menor constrangimento. Falou dos navios, dos aviões da armada nazista, mais rápidos do que um corisco em noite de trovoadas, das metralhadoras americanas que cuspiam mais de 10 mil balas por minuto, e saiu inventando feito um doido; fato que começou a levantar desconfiança no padre, inclusive por ser o único ainda não embriagado no recinto.

Se a narrativa de sucessão dos fatos mirabolantes agradava em cheio à macacada, mais deixava o padre de sua inveracidade. A turma vibrava com os lances de maior audácia descritos por Biu de Inacinho, principalmente quando registravam a atuação do próprio.

— E a vitória Biuzinho, conta aí como foi. Diz que vocês pegaram o tal de Hitler. Como tomaram o Monte Castelo dele?

Com essa pergunta feita por Maurício Almeida, vereador da situação, o padre retirou-se indignado, o que por sua vez estimulou a criatividade de Biu que só virou o corpo e não se fez de rogado:

— Foi quando mostramos nossa força —, continuou. Rendemos os guardas, botamos abaixo o portão do castelo, tomamos o terceiro andar onde ficava o gabinete dele, metemos o pé na porta, fomos invadindo e quebrando tudo...

— E num disseram que ele tinha corrido?

— Disseram mas mentiram, quer dizer, querer correr ele queria, mas nós não deixamos não.

— E quando ele te viu, o que foi que disse?

— Era covarde o safado; botou pra tremer que nem vara de marmelo e danou-se a gritar: Biu de Inacinho! Pelo amor de Deus, sei que tô derrotado, mas não acabe com minha vida por Nossa Senhora! Não me faça uma desgraça dessa pelo amor do padre Cícero do Juazeiro...

1º lugar: PAULO CALDAS — É economista e escritor. Iniciou suas atividades literárias em 1980, lançando em parceria com o escritor Evaldo Donato, o ensaio NO TEMPO DO NOSSO TEMPO, pelas edições Pirata. Em 1982 trouxe ao público ANATOMIA DO BAIXA RENDA, ensaio de abordagem social, e a primeira edição do livro ERA UMA VEZ UM QUINTAL, quando passou a ser conhecido como autor dedicado ao público infantil.

N. R. — Os dois contos acima foram os que obtiveram o 1º e o 2º lugares no Primeiro Concurso Interno de Literatura da CELPE — Cia. de Eletricidade de Pernambuco. O Dr. Nicodemus Lopes trabalhou muitos anos em Crato e Juazeiro do Norte, junto à nossa empresa de energia elétrica.

CETICISMO

ZÊNITH FEITOSA

DEUS, uma nordestina ora Te fala :
— é direito que em nossa linda sala
de visitas — Brasília — haja conchavos
e cada vez sejamos mais escravos?!
Antes (diziam...) era a ditadura,
mas hoje a vida continua dura.
Democracia, meu bom Pai, é isso
que então se vê? Tudo levou sumiço :
a carne, a luz, o leite, a água, o pão...
Todos com fome... Baixa-se a inflação,
às expensas do suor dos funcionários,
que dos seus já tão mínimos salários
sequer sabem notícias. No Ceará,
sei, com certeza, ocorre assim. Não dá!
Um homenzinho incompetente dita
a nossa sorte. Não! Nossa desdita...
E ainda apregoa : "finda o meu mandato
de consciência tranquila". Que barato!
O jeito é ironizar... Tal cidadão
deveria somar ao seu refrão :
"eu saio, sim, pelos braços de todos,
aos empurrões... Motivo: os meus engodos!"
Financeiros escândalos, toda hora
rebentam, mas ninguém mais se apavora.
De qualquer forma o povo é quem os paga,
ou os pagou, sendo explorado... E vaga,
tímida quase é a apuração do abuso
desses irresponsáveis; do mau uso
do patrimônio alheio... A fraude é tanta
que aperta o coração, sobe à garganta.

Existem no BRASIL novos senhores
mas são iguais a antigos opressores...
Dívida externa? Quem a contraiu?
— Não fomos nós, o povo... Onde se viu
gente sofrida, mísera, infeliz,
participar do CLUBE DE PARIS?
E com plena certeza afirmo aqui
também não fomos ao FMI...
Desculpa, DEUS, mas considero acinte
sequer lembrar a tal constituinte...
E um homem só e, por sinal, doente,
com tríplice função de presidente...
Que avidez de poder! Fez-me jurista
meu Curso de Direito, mas artista
prefiro ser. Há muito mais limpeza
nos ricos mananciais da Natureza...

Escutei, certo dia, a afirmação
de um estudioso, que dizia, então,
que mesmo em anos secos o NORDESTE
sustentou o BRASIL. — (CABRA DA PESTE!...)
Mas, se há uma emergência, parecemos
ante Estados que sempre enriquecemos,
— pobres mendigos... E esses tais Estados
dão "uma de bonzinhos"... Que.....!
Ministros nos destinam curta verba
e os incautos se iludem. Farsa acerba!

Sei que já sabes da última que armaram
contra o NORDESTE... Pois é, racionaram
nossa energia elétrica, alegando
que escasseia a "irmã água", vai faltando
de Sobradinho no reservatório.
Dizem que faltou chuva — é palavrório! —
nas cabeceiras desse nosso rio,
o São Francisco... Assim, agora envio
e por Teu intermédio, (me perdoa
o atrevimento, que a intenção é boa)
— recado a São Francisco: que Ele faça
a "irmã chuva" cair, em forte graça,
nas cabeceiras, sim. Desmascarando,
com o mensurável, esse tredo bando,
essa "raça de víboras"... Releva
o plágio, DEUS, pois nos ameaça a treva...
Porém, todo o enérgico problema
do NORDESTE é mais "uma" do sistema
que é discriminatório. Ainda outro dia
houve inauguração, festa, alegria:
— "Não mais faltará luz para o Sudeste!"
Raciona-se a energia do NORDESTE...
Faltaram verbas para a conclusão
de ITAPARICA, a nossa solução.
— Somos, acaso, enteados do BRASIL?!
Ah! correm por aí boatos mil
e são tão feitos, nem é bom pensar.
Em multinacionais... melhor calar.
E por lembrar, meu DEUS, a coisa pública,
— que há de novo na tal Nova República?!...
E se és TU, em verdade, brasileiro,
— liberta-nos do jugo do estrangeiro!

Fortaleza, 10 de março de 1987

Í N D I C E

Editorial	2
Crato Lamenta a Morte de Pedro Gomes de Matos	3
Alfabeto da Felicidade	7
A Invasão Holandesa — Vitória de Guararapes	9
Luzeiro Refulgente	15
Importância da ESAM no Crato	19
A Província do Cariri Novo	23
Uma rua. Uma data. 3 Acontecimentos	33
Almerinda Sabóia de Alencar Bezerra (Madre Paula)	37
Os Jornais do Crato	41
Isidro: Um Juazeiro do Nordeste	45
Câmara Cascudo — Nosso Derradeiro Encontro	49
A Fúria das Multidões	51
Cristóvão Leycester Malet — Médico da Municipalidade de Aracati	57
Esmeralda	61
Vaga a Cadeira Nº 11 do ICC	67
Câmara Presta Homenagem a Pedro Gomes de Matos	69
Antologia	73
Cruz Filho — Historiador	77
Versos Agrestes	85
Um Manifesto Político que Dignifica o Passado de Jardim	87
Destino Arrependido	89
Relação dos Irmãos do Santíssimo Sacramento de Missão Velha	95
Algumas Poesias do Padre Francisco de Alencar Arraes	105
Sabra e Chatila	121
Subsídios para a História da Paróquia de Sto. Antonio de Barbalha	123
Oração de Boas Vindas, por Barbalha!	127
Os Militares na Transição do Regime Monarquico	131
Lançado Livro sobre Gomes de Matos	137
Comissão da Medalha da Abolição	148
Figueiredo Filho é nome de rua em Fortaleza	150
Dona Tezinha, uma Heroína do Lar	153
Joaryvar Cinquentenário	157
Centenário do Instituto do Ceará	159
Na Casa do Amor	161
Presidentes do Rotary Club do Crato Desde a sua Fundação	163
De Crato, Portugal, a Crato, Ceará	165
Rota Batida e Guerreiros do Sol	167
Gregório do Espírito Santo Fundador da Umburana	177
Instalação da URCA marca novo tempo no Cariri	183
Morreu Dr. Edward	185
Cotidiano	187
O Regresso	188
O Herói Anti-Herói	192
Ceticismo	197

 **SULCEPA**

CIA. SUL CEARENSE DE PAPÉIS

**REGOZIJA-SE
PELO LANÇAMENTO
DO**

31.^o

**NÚMERO
DE**

Itaytera

**SINAL DO VIGOROSO
ESFORÇO DOS
INTELECTUAIS
C O N T E R R Â N E O S**

CEVEMA

ELBA 87. REVOLUCIONANDO O ESPAÇO INTERNO

O slogan "Mais é exagero, menos é pouco", é a mais precisa definição do Fiat Elba, lançado para atingir o segmento de veículos familiares de nosso mercado. A rigor o único exagero do Fiat Elba é a sua capacidade interna, sem dúvida a maior do país.

O Fiat Elba nas versões S e CS, apresenta porta direita com travamento externo, sinalizadores nas laterais do pára-lamas dianteiro, cinzeiros nas laterais traseiras (na versão S, só na lateral direita), painel lateral traseiro com apóia-braço embutido, novas cores e sistema de aquecimento opcional. A versão S apresenta entre outros opcionais, revestimento interno com veludo cinza-claro, faróis halógenos e pneus 165/70 SR 13. Já na versão CS, o acréscimo na linha de opcionais, ficou por conta do ar-condicionado, vidros climatizados verdes, e banco traseiro bi-partido, além da oferta de uma nova tonalidade de interior monocromático marrom.

PRÊMIO 87. O "CARRO DO ANO" MANTÉM-SE NA VANGUARDA

De concepção harmoniosa, ao gosto do brasileiro, o Prêmio é um veículo de linhas clássicas, agregadas ao avanço tecnológico.

Como novidade, a linha Prêmio 87 apresenta de comum, fechadura da porta direita com travamento externo, sinalizadores do pára-lamas dianteiro, cinzeiro nas laterais traseiras (na versão S, só na lateral direita), novas cores e aquecedor interno como opcional.

O Prêmio S, conta como opcionais, faróis halógenos e pneus 165/70 SR 13, e na versão CS, o acréscimo dos opcionais ar condicionado, vidros climatizados verdes, além da oferta de uma nova tonalidade de interior monocromático.

Veja esses e demais modelos da linha
FIAT no Revendedor Autorizado

CEVEMA

RUA LEÃO XIII - JUAZEIRO DO NORTE - CEARÁ

ALI ESTÁ O ENDEREÇO CERTO DO CARRO CERTO!